

ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU

Os Quinze Anos
1996 a 2011

NOVA
LETRA
GRÁFICA & EDITORA
www.novaletra.com.br

Biguaçu, 2011

Copyright © 2011, by Academia de Letras de Biguaçu

Editoração Eletrônica: Nova Letra Gráfica e Editora
Organização e Coordenação Editorial: Adauto Beckhäuser
(48) 3222-7781 – E-mail: adauto@advbeckhauser.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA

A168q Academia de Letras de Biguaçu

Os Quinze Anos : 1996 a 2011 / org. Academia de Letras de Biguaçu ; colaboradores : Adauto Beckhäuser ... [et al.]
. – Biguaçu : Nova Letra , 2011.
390 p. : Il. ; 23 cm.

Inclui Biografia Acadêmicos ; Bibliografia.
ISBN 978-85-7682-610-1

1. Literatura Brasileira. 2. Escritores Brasileiros. 3. Antologia
4. Biografia acadêmicos. I. Título. II. org. Academia de Letras de Biguaçu. III. Beckhäuser, Adauto.. [et al.]

Catálogo por: Bibliotecária Janice Marés Volpato.CRB 14/860
CDD B 869.9098164
CDU 93:92:869.0(81)

Reservados ao autor todos os direitos de reprodução, total ou parcial.
Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Endereço Postal:

Academia de Letras de Biguaçu
E-mail: academia@academiadeletrasdebiguacu.com.br
Website: www.academiadeletrasdebiguacu.com.br
Casarão Born, Praça Nereu Ramos, 160, Centro – CEP 88.160-000 – Biguaçu –
Santa Catarina – Brasil



DIRETORIA DA ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU



Diretoria da Academia de Letras de Biguaçu

Triênio 26-10-2010 / 26-10-2013



Adauto Beckthuser
Presidente



Espetição Amin Helou Filho
Vice-Presidente



José Ricardo Petry
Tesoureiro



Willian Wallinger Brenusida
Secretário



Vera Regina da Silva Bencoski
Conselho Fiscal



Rogério Krmer
Conselho Fiscal



Joaquim Gonçalves dos Santos
Conselho Fiscal



Miguel João Simão
Suplente



José Braz da Silveira
Suplente



Valdir Mendes
Assessor Jurídico



Janice Maris Vopato
Bibliotecária



Himeris Costa Araujo
Assessor Cultural

www.academiadeletrasdebiguacu.com.br

NOSSOS COLABORADORES

Agradecemos às pessoas aqui mencionadas pela colaboração no processo de elaboração desse livro. Consignamos nosso especial agradecimento.

Adauto Beckhäuser
Amanda Talita Ferreira
César Luiz Pasold
Dalvina de Jesus Siqueira
Esperidião Amin Helou Filho
Evandro Thiesen
Gabrielle Beckhäuser
Janice Marés Volpato
Joaquim Gonçalves dos Santos
José Ricardo Petry
Osmarina Maria de Souza
Valdir Mendes
William Wollinger Brenuvida

SUMÁRIO

DIRETORIA DA ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU	5
NOSSOS COLABORADORES	7
PREFÁCIO	13
APRESENTAÇÃO	15
HOMENAGEM PÓSTUMA	17
HISTÓRICO DA ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU	21
NOSSA HISTÓRIA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA	24
HISTÓRICO – PATRONOS E ACADÊMICOS	30
ADAUTO BECKHÄUSER	
A BELA ÁRVORE SAGRADA	39
O AMANTE PESCADOR	43
O NADA DE UM SONHO	45
CIÚME DA MULHER AMADA	47
AIDA BARRETO R. FERNANDES	
SURPRESA	50
O PALHAÇO	51
ALMAS GÊMEAS	52
MEU BALANÇO	53
MINHA ORAÇÃO	54
ALFREDO DA SILVA	
PREMONIÇÃO	57
OLIMPÍADAS NA ILHA	60
ALZIRA MARIA SILVA DOS SANTOS	
SENHOR JESUS DOS PASSOS	64
ARLETE CARMINATTI ZAGO	
UMA HISTÓRIA EM DEFESA DO CIDADÃO E PROMOÇÃO SOCIAL DAS MULHERES	69
UM MUNDO NOVO SE DESCORTINAVA QUANDO INICIEI MINHA VIDA PROFISSIONAL	71
CONCRETIZANDO SONHOS NO TRABALHO VOLUNTÁRIO	73
ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU	77
MINHA TRAJETÓRIA COMO ADVOGADA	77
MINHA FAMÍLIA	78
AS AMIZADES	79
RECADOS PARA AS MULHERES	79

CARLOS ANTÔNIO DE SOUZA CALDAS 81	
A MENINA DO VESTIDO VERMELHO	84
DEPREDAÇÃO X PATRIMÔNIO PÚBLICO MUNICIPAL.....	86
CESAR LUIZ PASOLD	
ELOGIO DO PARLAMENTARISMO: SÍNTESE DA EPISTEMOLOGIA DE CLÓVIS DE SOUTO GOULARTCESAR LUIZ PASOLD.....	92
DALVINA SIQUEIRA DE JESUS	
CATARINENSIDADES.....	112
REMINISCÊNCIAS.....	116
SOLIDÃO.....	117
ESTRELA.....	118
DULCINÉIA FRANCISCA BECKHÄUSER	
SER MULHER	122
EGIDIO MARTORANO FILHO	
CIRURGIA PLÁSTICA NO BRASIL	132
ESPERIDIÃO AMIN HELOU FILHO	
PÃO POR DEUS – RESGATE	137
GABRIELLE BECKHÄUSER	
PAPEL DA ADVOCACIA	146
HILTA TEODORO BENCCIVENI	
ODE AO AMOR	149
METAMORFOSE	150
VELHA CASA	152
HOMERO DA COSTA ARAÚJO	
BANHO NO JANJÃO	155
JANICE MARÉS VOLPATO	
FAROL DO ARVOREDO	160
JOAQUIM GONÇALVES DOS SANTOS	
APONTAMENTOS HISTÓRICOS DE SÃO MIGUEL E BIGUAÇU.....	168
JOSÉ BRAZ DA SILVEIRA	
ALBERTINA	177
A VIDA PELA FÉ	177
JOSÉ RICARDO PETRY	
CÔNEGO RODOLFO PEREIRA MACHADO	188

POR CÔNEGO RODOLFO PEREIRA MACHADO.....	188
MEUS CAROS AMIGOS	188
DEZEMBRO DE 1996	188

JOSIANE ROSE PETRY VERONESE

MAGIA	202
O CONTO DO MAR	203
O MENINO SOL	208

LEATRICE MOELLMANN PAGANI

BALADA DO VENTO NORDESTE.....	213
(NA ILHA DE SANTA CATARINA).....	214
HOMENAGEM DE DESPEDIDA AO SR. MINISTRO VILAS BOAS	217
SONHO DE AMOR.....	220
SONETO DO AVIÃO	221
NA HISTÓRIA DA MINHA VIDA.....	222

LUIZ NOCETTI LUNARDELLI

VOLTA, MAURÍCIO!	225
------------------------	-----

MARIA DE LOURDES ZUNINO DUARTE

UMA NOITE NUM CEMITÉRIO.....	230
------------------------------	-----

MIGUEL JOÃO SIMÃO

GOVERNADOR CELSO RAMOS DE TODOS NÓS	236
---	-----

NEUSITA LUZ DE AZEVEDO CHURKIN

CAVALGADA	244
JESUS	245
VENINA E VENCESLAU	246
A MENINA E A PRAÇA.....	247
ENTRE GOTAS	248
FASES DE MULHER	248
PASSEIO PELO “P”	249
RASTROS DE SAUDADE.....	250

ORIVAL PRAZERE

GRUPO ARCOS, BIGUAÇU E CIDADANIA	252
--	-----

OSMARINA MARIA DE SOUZA

JERÔNIMO COELHO	279
-----------------------	-----

ROGÉRIO KREMER

A CONTRIBUIÇÃO DE UM PADRE PARA O DESENVOLVIMENTO DE ANTÔNIO CARLOS.....	292
---	-----

RUDI OSCAR BECKHÄUSER

ACADEMIA DE ACORDEON RUDI BECKHAUSER.....	300
PREFÁCIO E BIOGRAFIA.....	310

STELA MÁRIS PIAZZA SOUZA

UMA ORGANIZAÇÃO SOCIAL A SERVIÇO DE MULHERES E MENINAS NA ATUAL CONJUNTURA MUNDIAL	315
---	-----

VALDIR MENDES

VILSON... MEU IRMÃO.....	322
--------------------------	-----

VANDA LÚCIA SENS SCHÄFFER

ATREVO-ME.....	335
FELICIDADE E TRISTEZA DE CACHORRO	336
O CANTO D'ÁGUA.....	338
PAIXÃO CONTAGIOSA.....	339
PALHAÇO.....	340
TORRE DE BABEL.....	342

VERA REGINA DA SILVA DE BARCELLOS

SIM, EU VI !.....	346
... NAS BRUMAS DO TEU TEMPO!	351
AH! OS VENTOS.....	353
TEMPERANÇA	356

VILCA MARLENE MERÍZIO

SEXTA-FEIRA; TREZE?	360
---------------------------	-----

ZELKA DE CASTRO SEPETIBA

AS CUBANAS	374
------------------	-----

WILLIAM WOLLINGER BRENUVIDA

QUANDO ELA SE MOVE	379
LEGÍTIMA MANEZINHA DA ILHA	385
PASSAGEM.....	386
A TUA VOZ TORCIDA	387
ANJOS ESPECIAIS.....	388
ILHA DE ENCANTOS.....	389

PREFÁCIO

Aniversário de 15 anos, Debut, ...

O dia era simplesmente um dia comum, era na primavera em flor, surgiu uma idéia, avantajou-se com ardor e ela nasceu, nasceu para ficar...ficou.

Ficou e se fez moça, o tempo tão depressa pos-se a correr. Passou pela Janela. entrou pelo portão, chegou no casarão , ficou.,

Os anos se passaram, espinhos se cruzaram, porém a flor nasceu, a festa continua, a festa é todo dia...

O dia era o vinte, o mês era setembro, o ano era noventa e seis, a bela hoje continua linda, moça formosa de cabelos louros cacheados lindos, brilhantes à luz do sol,

Olhos azuis, azuis da cor do céu. Viveu...

Está de aniversário, 15 anos se passaram.

Colhemos muitos louros, vitórias conseguimos, fizemos coletâneas, conquistamos nosso espaço...porém...

Alguns dos nossos já se foram, levaram nosso adeus, outros abandonaram foram embora, deixando o seu Lugar vazio.

Porém a festa aconteceu.

Dalvina de Jesus Siqueira (Estrela)
Presidente de Honra da Academia de Letras de Biguaçu.

APRESENTAÇÃO

Passados quinze anos, o nosso caminhar foi crescendo, ultrapassando os limites do Município de Biguaçu, e hoje é considerada como exemplo de Academia a ser seguido.

Neste caminhar publicamos esta antologia com título o “Os quinze anos”, esta que é a VIII Antologia desta distinta academia, através de crônicas, histórias, amor, registros, poemas vem demonstrar a beleza destes textos e a potencialidade de nossa academia de letras; além de mostrar o que a academia produz apresenta também a sua história de 15 anos de existência.

Cumpramos agradecer aos confrades, indistintamente, pelo engajamento e pelo sucesso alcançado.

Parabéns aos que contribuíram de uma maneira ou de outra, para a concretização desta Antologia que certamente enriquecerá ainda mais a literatura catarinense.

Em um gesto de reconhecimento e orgulho, a Comunidade, através da Câmara Municipal de Biguaçu, em 18 de maio do corrente ano, agraciou a academia com o Título de Honra ao Mérito, por ocasião da passagem dos 178 anos da criação do Município.

Todos que tiverem a oportunidade de ler a VIII Antologia sentirão a beleza e o encanto dos textos.

Essa obra serve de estímulo para novas produções.

Este é o sonho de uma grande academia, produzir, produzir e produzir.

Acadêmico Adauto Beckhäuser
Presidente

HOMENAGEM PÓSTUMA

Osmarina Maria de Souza

É sempre um prazer sermos lembrados para homenagear alguém.

Por decisão desta Casa de Letras coube-me a tarefa de escrever uma página de abertura para a Coletânea Literária.

A Academia de Letras de Biguaçu ainda tão jovem, já tem uma história de lutas, de muito carinho, de muito amor e também uma página de grande saudade.

Saudades meus amigos, daqueles que nos ajudaram a dar os primeiros passos nesta difícil caminhada até chegar aos quinze anos.

Existe nos arquivos desta casa uma relação dos primeiros acadêmicos. Dois ou três deles não tiveram a força necessária para continuar a caminhada e desistiram no primeiro estágio, ou seja, no primeiro ano acadêmico.

Para uma proteção maior foram chamados para o céu os Sócios Eméritos:

JOÃO BRASIL – um cidadão extremoso, que amou esta cidade. Foi Prefeito e presenteou a cidade com o calçamento das principais ruas do centro além de estabilizar a receita do Município. Construiu o novo prédio da Prefeitura e teve a feliz lembrança de homenageá-la com uma placa onde o biguaçuense orgulhosamente lê: Paço Municipal Geraldino Atto de Azevedo.

ARLINDO CORRÊA – Um homem simples e simpático sempre com uma palavra amiga e carinhosa. Arlindo muito amou esta cidade onde viveu e foi Prefeito Municipal.

PADRE RODOLFO MACHADO – figura admirada por todos que ainda cultuam sua memória. Muitos cidadãos

biguaçuenses foram por ele batizados, crismados e casados. Padre Rodolfo fez parte do cotidiano e da história de Biguaçu

Outros personagens estavam firmes conosco, e nossos ideais. Eram nossos acadêmicos que foram chamados para escreverem uma página de amor em uma esfera superior.

DURVAL DE BORBA NETO (Netinho), um professor, escritor, cantor e compositor que tanto amou sua Biguaçu e para ela compôs um Hino. Por todos naturais foi amado e é lembrado.. Hoje, provavelmente, na esfera superior, canta louvores recepcionando seus confrades que lá chegam.

VILMA BAYESTORFF DUARTE - a nossa Vice Presidente que ao sentir sua partida pedia a Deus deixa-la ver a chegada do ano dois mil. Escreveu histórias infantis, editou seu livro “Amigos” e partiu naquele 14 de janeiro de 2000.

Fomos então ficando mais tristes quando de surpresas perdemos:

LAURO LOKS – Figura carismática. Não era natural de Biguaçu, porém a amava. Tinha por hábito todos fins de tarde dar uma volta pela pracinha da cidade para ouvir o cantar dos pássaros e o falar alegre dos jovens estudantes.

Passado algum tempo eis que nos chega a notícia: Faleceu.

OTÁVIO ROSA – Um escritor que por sua frágil saúde pouco compareceu à Academia, porém estava conosco quando dos primeiros passos.

E logo a seguir, outro confrade nos deixa.

OCTACÍLIO SCHÜLLER SOBRINHO - um amigo tão culto quanto bondoso. escreveu grandes obras, porém, li de sua autoria **TAIPAS** livro que nos conta a origem do homem do Contestado e cuja leitura me foi muito agradável... Alguns tópicos foram colhidos de O **CONTESTADO** livro que lhe emprestei

e que recebi de presente de Esperidião Amim Helou quando Senador da Republica.

Perdemos há três anos

SOLANGE RECK – querido confrade, super calmo e atencioso. Em sua poesia intitulada “Pó” disse: Qualquer dia vou-me embora para o nada.

E o nosso confrade tão verdadeiro quanto amigo, num dia qualquer foi para o nada para não mais voltar.

HERMELINDA IZABEL MERIZE – Assim, como foi denominada pela cidade de São José – “A Embaixatriz da Cultura” assim se manteve entre nós e nos deu esse recado em uma poesia - Quero dizer com emoção que ser feliz é minha oração.

E se foi também.

PASCHOAL APÓSTOLO PITSICA – o incentivador das academias municipais e por isto nosso Presidente de Honra. Pessoa bondosa, calma de doces lembranças de suas raízes, a **KASTELORIZON** de seus ancestrais.

DELICIA TEIXEIRA – inesperadamente nos deixa. Jovem e bela acadêmica. Quando assumiu a Academia já prenunciava uma saúde frágil e cedo nos deixou.

Um dia no não sei quando, também se foi.

ALAÍDE SARDÁ AMORIM – saudosa amiga, de todos. De falar calmo, firme e decidido. Primeira poetisa de Biguaçu cidade que a viu nascer, muito amou e para qual dedicou um poema de parabéns. Um dia escreveu - Quero que aqui nesta cidade seja depositado o meu corpo sem vida. E assim foi.

DÓRINDA RABELLO MEIS WALTRICK – saudosa acadêmica e amiga que sempre esteve conosco porém não conseguiu suportar a perda do seu amor e sem gosto para vida partiu muito triste naquele dia dos namorados deixando um recado poético : Estou querendo um aconchego nos braços de alguém.

Meus confrades, à Diretoria da Academia de Letras de Biguaçu, fundada em 20 de setembro de 1996, desejo sucesso e que unidos consigam fazer um trabalho profícuo para que seus acadêmicos possam cada vez mais sentir orgulho de fazerem parte de seu quadro literário e que jamais esqueçam os confrades pioneiros.

Tomo como base os versos de Dórina para vos dizer: Me penitencio e prometo a todos meu carinho e o meu aconchego em um cantinho especial do meu coração..

Muito abrigado.

Biguaçu, 28 de março de 2011

HISTÓRICO DA ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU

Na antologia de 2008, intitulada “Trajetória”, publicamos um histórico da Academia de Letras de Biguaçu, que ocupou 15 páginas, contendo dados de sua fundação, os patronos e membros efetivos, os objetivos da Academia de Letras, os símbolos acadêmicos, etc.

A atual diretoria resolveu não repetir todos aqueles dados na presente antologia, e fazer um breve histórico contendo apenas alguns registros importantes e necessários.

1 – Data da fundação: 20 de setembro de 1996

2 – Data da instalação: 18 de dezembro de 1996

3 – Fundadores: Dalvina de Jesus Siqueira, Osmarina Maria de Souza e Vilma Bayestorff.

4 – Antologias publicadas:

1999 – Um Passeio pela Grande Florianópolis

2000 – Sonhos de Outono

2001 – Renascer de Primavera

2002 – Devaneios de Verão

2003 – Aconchego

2004 – Veredas Literárias

2008 – Trajetória

2011 - Os Quinze Anos

Lançamento inédito da oitava Antologia, em 20 de setembro de 2011, com a participação de 36 acadêmicos.

5 – Alteração de denominação: de Academia de Letras São João Evangelista da Barra de Biguaçu, para Academia de Letras de Biguaçu. Ficando a primeira denominação como nome histórico de fundação.

6 – Utilidade Pública Municipal: através da Lei n. 1.237/98, sancionada pelo senhor Arlindo Corrêa, Prefeito Municipal de Biguaçu.

7 – Elaboração de Website: disponível no seguinte endereço eletrônico – www.academiadeletrasdebiguacu.com.br

8 – Estatuto: devidamente registrado em cartório.

9 – Acadêmicos: vide quadro nesta antologia.

10 – Posse de nove novos membros efetivos na data de 20 de setembro de 2011:

Cadeira nº 01 - Josiane Rose Petry Veronese

Cadeira nº 05 - Egídio Martorano Filho

Cadeira nº 08 - Gabrielle Beckhäuser

Cadeira nº 12 - Angela Regina Heinzen Amin Helou

Cadeira nº 13 - Aida Barreto R. Fernandes

Cadeira nº 15 - Carlos Antônio de Souza Caldas

Cadeira nº 19 - Luiz Nocetti Lunardelli

Cadeira nº 32 - Hélio Cabral Filho

Cadeira nº 39 - José Castelo Deschamps

11 – Novo endereço da Academia:

Academia de Letras de Biguaçu

Centro Cultural de Biguaçu

Casarão Born, Praça Nereu Ramos, n. 160, Centro – Biguaçu-SC

CEP: 88160-000

Joaquim Gonçalves dos Santos

O nascer de uma Academia

Acad. Adauto Beckhauser

Do nada nasce um sonho,
Sonho de uma academia.
Nasce ao lado de um prato,
Prato com peixe frito e pirão

Três sonhadoras se lançam no sonho.
E passam a navegar neste sonho,
E navegam para lá e para cá
Sem a certeza do sonho realizado.

O navegar nas incertezas continua.
Continua numa velocidade,
Velocidade que passou ser rápida
Com o ingresso mundo virtual.

Muitos já se foram .
Outros abandonaram o barco.
Outros abraçam o sonho de uma academia,
Para orgulho dessa bela cidade.

O sublime é ser, projeta
Uma força de avançar e avançar mais.
E busca no passado a força do sonho
E projetando mais,mais e mais.

NOSSA HISTÓRIA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA



Nova Sede, casarão Born



Posse de Rudi Oscar Beckhäuser, 20-09-2008



Posse de Rudi Oscar Beckhäuser, 20-09-2008



Lançamento da VII Antologia, 20-09-2008



Lançamento da VII Antologia, 20-09-2008



Eleição da nova diretoria, 26-10-210. Adauto assume a presidência.



Eleição da nova diretoria. Dia 26-10-2010.



Eleição da nova diretoria. Dia 26-10-2010.



Juramento da nova diretoria. Dia 26-10-2010.



Esperidião Amin Helou Filho assina termo de posse como vice-presidente, dia 22-11-2010



Amin recebendo a beca de Miguel. Data: 09-12-2010.



Foto do encerramento das atividades. Data: 09-12-2010.



Dalvina recebe das mãos de Osmarina, a placa em agradecimento pela gestão de primeira presidenta da academia. Dia 28-03-2011



Joaquim recebe das mãos de Dulcinéia, a placa em agradecimento pela gestão segundo presidente da academia. Dia 28-03-2011.



Primeira Presidente Dalvina, atual Presidente Adauto e segundo Presidente Joaquim. Dia 28-03-2011.

**CÂMARA MUNICIPAL DE BIGUAÇU CONCEDE O TÍTULO DE HONRA
AO MÉRITO A ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU**



Presidente da Câmara de Vereadores de Biguaçu Luiz Roberto Feubak e José Bráz da Silveira entrega ao Presidente Adauto Beckhäuser o título de honra ao mérito a Academia de Letras de Biguaçu. Dia 18-05-2011.

HISTÓRICO – PATRONOS E ACADÊMICOS

CADEIRA Nº	PATRONO / PATRONESE	TÍTULO	PANEGÍRICO	ACADÊMICO (A)	TÍTULO	POSSE	CURRÍCULO	OBSERVAÇÕES
01	Abelardo Souza Abelardo Souza	Escritor	Não	Miriam de Almeida	Poetisa	17/12/1997	Não	Desistiu. É membro emérito.
02	Abelardo Ramos da Silva Abelardo Ramos da Silva	Escritor Político e Orador Político e Orador	Não Não Sim	Josiane Rose Petry Veronese Hermelinda Isabel Menze (Nini) Aduino Beckhäuser	Escritora Poetisa e Artista Plástica Advogado e Escritor	20/09/2011 12/12/1996 14/05/2008	Sim Sim	Faleceu em 12/02/2008
03	Adolfo Konder Adolfo Konder	Político Político	Sim Sim	Claudir Silveira Joaquim Gonçalves dos Santos	Escritor Historiador e Escritor	17/12/1997 25/06/2004	Não Sim Sim	Faleceu em 2010
04	Altino Flores	Ensaísta	Não	Hilta Teodoro Benciveni	Poetisa	17/12/1997	Sim	
05	Aníbal Nunes Pires Aníbal Nunes Pires	Educador Educador	Sim Não	Zenilda Nunes Lins Egídio Martorano Filho	Poetisa e Escritora Médico	18/12/1996 20/09/2011	Sim	Desistiu dia 23/06/2011
06	Antonieta de Barros	Educadora e Política	Sim	Zeila de Castro Sepetiba	-	18/12/1996	Sim	
07	Luiz Delfino dos Santos Luiz Delfino dos Santos	Poeta Poeta	Não Não	Dorinda Rabello Meiss Waltrick Rudi Oscar Beckhäuser	Poetisa Músico	17/12/1997 20/09/2008	Não Sim	Faleceu em 12/06/2008

08	João da Cruz e Souza	Poeta	Sim	Norberto Nazareno Barreiros Flores	Poeta	17/12/1997	Sim	Desistiu dia 17/06/2011
09	João da Cruz e Souza	Poeta	Não	Gabrielle Beckhäuser	Advogada	20/09/2011		
	Elpidio Barbosa	Educador	Sim	Lauro Locks	Educador	18/12/1996	Sim	Faleceu em 24/02/2004
10	Elpidio Barbosa	Educador	Sim	José Braz da Silveira	Escritor	25/06/2004	Sim	
	Ermani Rosas	Poeta	Não	Kátia Luz Cursio	-	17/12/1997	Sim	Desistiu em/10/2002
	Ermani Rosas	Poeta	Não	Octacilio Schüller Sobrinho	-	18/05/2001	Não	Faleceu em/...../2006
11	Alaide Sarda de Amorim	Educadora	Sim	Janice Marés Volpato	Parapsicóloga	15/12/2006	Não	Alaide faleceu em 19/08/2006
	Juvêncio A. Figueiredo	Escritora	Não	Vilma Bayestorff	Escritora	18/12/1996	Não	Faleceu em 14/01/2000
	Juvêncio A. Figueiredo	Poeta	Não	Solange Rech	Escritor	18/05/2001	Sim	Faleceu em 29/01/2008
12	Juvêncio A. Figueiredo	Poeta	Não	William Wollinger Brenuvida	Poeta e Escritor	14/05/2008		
	Francisco Galloti	Orador	Não	José Clésio Machado	Juiz de Direito	18/12/1996	Não	Desistiu em/10/2002
	Francisco Galloti	Orador	Não	Toni Vidal Jochem	Historiador e Escritor	18/05/2001	Sim	Desistiu em 20/10/2008
	Francisco Galloti	Orador		Angela Regina Heinzen Amin Helou	Professora e Política	20/09/2011		

13	Fritz Müller	Cientista	Não	Wanda Ritta	Historiadora	18/12/1996	Sim	Desistiu
	Fritz Müller	Cientista	Sim	Charles Miranda da Silva	Escritor	20/09/2008	Sim	Desistiu em/03/2011
14	Fritz Müller	Cientista	Não	Aida Barreto R. Fernandes	Professora e Escritora	20/09/2011	Sim	
	Gerardino A. de Azevedo	Poeta	Não	Dalvina de Jesus Siqueira	Poeta e Escritora	18/12/1996	Sim	
15	Henrique Fontes	Historiador	Não	Arlete Carminatti Zago	Poeta e Advogada	-	Sim	
16	Holdemar de Menezes	Escritor	Sim	Maria do Carmo Antunes	Poetisa	17/12/1997	Sim	Desistiu dia 17/06/2011
	Holdemar de Menezes	Escritor	Não	Carlos António de Souza Caldas	Professor e Advogado	20/09/2011		
17	José Arthur Boiteux	Escritor	Sim	Rosilene Ondina Fortes Tondello	Escritora	17/12/1997	Não	Desistiu em/...../1997
	Cônego Rodolfo Pereira	Cônego Orador	Sim	José Ricardo Petry	Escritor	14/05/2008	Sim	
18	Arnaldo S. Thiago	Poeta	Não	Fabiana de Oliveira Sandri	-	-	Não	Desistiu em/10/2002
	Arnaldo S. Thiago	Poeta	Não	Stela Máris Piazza Souza	-	-	Não	
19	João Crisóstomo Pacheco	Jornalista	Não	João Alfredo Medeiros Vieira	Escritor	-	Não	Desistiu em/10/2002
	João Crisóstomo Pacheco	Jornalista	Não	Onete Ramos Santiago	Psicóloga	20/10/1999	Sim	Posse para membro emérito em 11/03/2010
	João Crisóstomo Pacheco	Jornalista	Não	Luiz Nocetti Lunardelli	Jornalista	20/09/2011		

20	João Nicolau Born	Orador e Político	Não	Osmarina Maria de Souza	Poeta e Escritora	18/12/1996	Sim	
21	Jorge Lacerda	Orador e Político	Sim	Josefina de Souza Rosa	-	17/12/1997	Não	Desistiu em/10/2002
	Jorge Lacerda	Orador e Político	Sim	Décia Teixeira	-	25/06/2004	Não	Faleceu
	Jorge Lacerda	Orador e Político	Sim	Orival Prazeres	Escritor	14/05/2008	Sim	
22	José Brasilício de Souza	Músico	Não	Otávio Rosa	Educador	18/12/1996	Sim	Licença em/10/2002 Faleceu em 10/09/2007
	Vidal Mendes	Empresário	Sim	Valdir Mendes	Escritor e Advogado	17/12/2005	Sim	
23	Lausimar Laus	Poeta	Não	Vica Martene Merizio	Poeta e Escritora	18/12/1996	Sim	
24	Lídio Barbosa	Poeta	Não	Sulamita Levy Maritz	-	-	Não	Desistiu
	Paschoal Apóstolo Plística	Escritor	Não	César Luiz Pasold	Escritor e Advogado	25/06/2004	Não	
25	Luiza dos Reis Prazeres	Educadora	Não	Durval Borba Neto	Educador	17/12/1997	Não	Faleceu em 06/07/2001
	Luiza dos Reis Prazeres	Educadora	Não	Miguel João Simão	Educador e Escritor		Sim	
26	Maria da G. V. de Faria	Educadora	Sim	Rogério Kremer	Escritor	18/12/1996	Sim	
27	Mário Quintana	Poeta	Não	Vanda Lúcia Sens Schäffer	Poetisa	17/12/1997	Sim	
28	Manoel de Menezes	Jornalista	Não	Esperidião Amin Helou Filho	Professor, Orador e Político	-	Sim	

29	Maura de Senna Pereira Maura de Senna Pereira	Poetisa e Escritora Poetisa e Escritora	Não Sim	Telma Lúcia Faria Sarda Alzira Maria Silva dos Santos	- Poetisa	17/12/1997 14/05/2008	Sim Sim	Desistiu Desistiu
30	Nereu Corrêa de Souza Nereu Corrêa de Souza	Ensaísta Ensaísta	Sim Sim	Trogildo José Pereira João Francisco Vaz Sepeliba	Escritor e Advogado -	18/12/1996 -	Sim Sim	Desistiu em/10/2002 Passa para membro emérito em 11/03/2010 Faleceu em 19/08/2006
31	Nereu de O. Ramos Nereu de O. Ramos	Escritor Escritor	Sim Sim	Alaide Sarda de Amorim Homero Costa Araújo	Escritora Escritor	18/12/1996 15/12/2006	Não Não	Desistiu Desistiu
32	José Brasilício de Souza José Brasilício de Souza José Brasilício de Souza	Músico e Educador Músico e Educador Músico e Educador	Não Não Não	Ana Maria Leal Mendes Resilamar Florência M. Silva Hélio Cabral Filho	Jurista Educadora Poeta	18/12/1996 25/06/2004 20/09/2011	Não Sim	Desistiu Desistiu
33	Oswaldo Rodrigues Cabral Oswaldo Rodrigues Cabral	Historiador Historiador	Não Sim	Fernando Marcondes de Mattos Dulcinéia Francisca Beckhäuser	Ensaísta e Empresário Escritora e Artista Plástica	18/12/1996 14/05/2008	Sim Sim	Desistiu Desistiu
34	Othon da Gama Lobo D'êça	Poeta	Não	Vera Regina da Silva de Barcellos	Escritora	17/12/1997	Sim	

35	Padre Raulino Reitz	Escritor e Botânico	Sim	Maria de L. Zunino Duarte	Historiadora	17/12/1997	Sim	
36	Dom Jaime de Barros Câmara	Orador e Sacro	Sim	Alfredo da Silva	Escritor e Advogado	14/05/1998	Sim	
37	Thomé da Rocha Linhares	Político	Não	Ana Lúcia Coutinho	Historiadora	18/12/1996	Sim	Desistiu
38	Raulino Horn	Político	Não	Gerardo Pereira Lopes	Poeta	17/12/1997	Sim	
39	Dr. Lauro Locks	Político	Não	Neusita Luz de Azevedo Churkin	Poetisa e Escritora	25/06/2004	Sim	Membro Emérito
	Virgílio Várzea	Poeta	Sim	Ernestina Faizer Kurth	Poetisa	18/12/1996	Sim	
		Poeta	Sim	José Castelo Deschamps	Político e Orador	20/09/2011		
40	Visconde de Taunay	Político	Não	Leatrice Moellmann Pagani	Escritora	17/12/1997	Não	

ADAUTO BECKHÄUSER



Data Nascimento: 29 de julho de 1944. Filiação: Gabriel Carlos Beckhäuser e Maria Vieira Beckhäuser. Naturalidade: Tubarão-SC. Nacionalidade: Brasileiro. Profissão: Advogado militante desde 1995..

Formação – Graduação Superior: – Filosofia pela UFSC, Florianópolis-SC. – Pedagogia pela Fumbá, Bagé-RS. – Direito pela UFSC, Florianópolis-SC.

Trabalhos realizados: – Dissertação de Mestrado: Sistema Jurídico Estatutário X Consolidação das Leis do Trabalho. – Tese: Le Regime Juridique de Fonctionnaire Public Bresilien e Belgique (Etude Comparative du Statut Juridique du Fonctionnaire Public Dans le Droit Bresilien et Dans le Droit Belge. – Tese: A Prova no Direito Civil Brasileiro. – Publicação Livro: História da Família Beckhäuser no Brasil; lançado em 26/11/2006, sendo impresso na Nova Letra, Gráfica e Editora, em Blumenau-SC. – Livro “A Trajetória de 1862 a 2008: A fuga da fome e da miséria salva a família Beckhäuser nas duas grandes guerras”, no prelo. – Músico. – Presidente da Associação da Família Beckhäuser, de 2004 a 2013.

- Presidente da Academia de Letras de Biguaçu, de 2010 a 2013.
- Presidente da Associação da Família Beckhauser desde 2002 até 2013

Cadeira n°: 02 Na Academia de Letras de Biguaçu/SC

Posse: 14-05-2008

Título: Escritor / Advogado

Patrono: Aderbal Ramos da Silva

Título: Político / Orador

**Garapuvu: a árvore que dança ao vento
A bailarina das matas**

“Quando presentamos alguém com uma semente de Garapuvu, nossa amizade é selada para sempre”. (Lenda)

A BELA ÁRVORE SAGRADA

Adauto Beckhäuser



De um tronco de Garapuvú nasce uma canoa...

Navega, navega que o mar é todo seu
E dança, dança que a mata é toda sua
E o manto amarelo cobre todo verde da mata
E o manto azul cobre as ondas do mar

E seu navegar em ondas deixa louco
E orgulhoso o pescador
Morres para a terra e nasce para o mar
Para uma vida sustentar

Na dança nas matas e na dança das ondas
Sempre estarei bela e majestosa
De bailarina das matas a bailarina do mar.
Dançando no balanço do vento

Quando na mata seu porte majestoso
Beija o solo da mata a flor quando cai
Quando no mar ao deslizar prazerosa
Beija o azul do mar quando vira canoa.

Ora corta as ondas como um raio,
Ora flutua como folha ao prazer das ondas
Fundeadas ou estivadas espera o pescador
No conserto das redes no barracão.

Suspende o café ao sinal do olheiro do mar
Alça as redes fundeando ao mar
Bate a borda da canoa ao cercar
Eco se expande para peixe malhar

Que saragaço, que saragaço
Com agilidade no cerco e tradição
Resulta na rapidez da captura
Divisão dos peixes a beira praia

O orvalho das flores brilha ao sol no amanhecer
E no mar, brilha a espuma ao seu redor.
E o bailar de suas copas floridas num bate
E rebate de movimento harmônico

Dançando ao som do vento.
Deixando no ar seu perfume,
Dançando no cerco aos peixes
Deixando no mar meia de espuma branca

E ao som do zunido dos ventos começa
A dança no mar embalando o pescador
No mar e na terra convida para a dança.
Esperando a pesca chegar.

Sua dança é de uma leveza sem par.
Dançando ao som do vento.
Como se fosse uma bailarina de mar e terra.
Pare e olhe para a bailarina das matas.

Nela tudo é belo, suas flores, seus frutos, suas sementes
e seu tronco, sua floração é atrativa para as abelhas.
Seus frutos, os pássaros agradecem.
E suas sementes a natureza se recompõe.

Ao presentear alguém com semente
“A amizade é selada para sempre”.
Grande valor sua semente
servia como troca de moeda

E o pescador, do tronco faz bela canoa.
Do tronco pela sua leveza e
Facilidade de entalhe, canoa é feita
Dando mobilidade aos pescadores,

Nos mares para a fome saciar.
Da dança das matas para a dança dos mares
Quando do tronco vira canoa.
Agora dança ao balanço das ondas.

Ora corta as ondas como um raio.
E ora é alçada pelas ondas como se folha fosse
E cai sobre as ondas como se fosse beijá-la.
E sai dançando ao sabor das ondas.

Dança e navega, navega e dança
Numa elegância sem par
Ora na mata ora no mar.
Ora na pesca para fome saciar

A mata é toda sua e todo mar é seu.
Dança ao balanço das copas amarelas
Dança ao balanço do mar.
Rufar de sua borda e no compasso
do bate e rebate do pescador, para peixe malhar.

O AMANTE PESCADOR

Adauto Beckhäuser

Toda dia toda, hora sempre juntos
Juntos no sol. juntos na chuva
No mar e em terra
Com a bela companheira

Pela manhã com um pano
Tira o orvalho da noite
Ou tira o pó e folhas
Nela toda suavemente ..

E às vezes volta a olhar se alguma parte
Sua mão deixou de passar
Na dúvida, volta a passar
Carinhosamente nela toda.

Na chuva a protege com um manto
No sol a abriga numa sombra amiga
Que amor que carinho e ela corresponde
Ao afago e cuidado do companheiro.

Nunca ao relento ficou.
Quando em mar a reveste de rede
Rede, às vezes pequena ou grande
No lanço para o peixe malhar.

O rufar da rede em suas bordas,
Ecoa o som do rufo e cortiça,
O bate e rebate ecoando
Som vibrante e constante como trovão,

Afugentando o peixe para o malho,
Uns saltam e outros voam,
Outros no meio do cerco ficam
Malhados no recolher da rede.

Deslizando suavemente nas mãos
O remo sobre as ondas,
Busca a beira para descarregar
E falta areia para tanto peixe deixar.

Quando volto o ritual recomeça.
Mão desliza suavemente com carinho
Carinho, este nunca visto
Ergue a mão num convite para a dança.

Mais não contente, olha para dançarina da mata,
Agora dançarina do mar, lá
Manta amarela a cobrir o verde da mata,
Aqui a lona amarela a cobrir azul da canoa.

Olha e olha para os céus
Agradecendo a fartura da pesca.
Anda um pouco e volta e volta a caminhar em direção
Direção não da casa mais da canoa amada.

O NADA DE UM SONHO

Adauto Beckhauser

Praça, praça de Biquaçu , passo o
Olho para o nada e nada ao fundo vejo,
Este olhar ao nada o estendo ao longe,
Vejo matas ,vejo o mar e gaivotas

E volto olhar em torno desta bela praça,
Vejo pessoas pensativas,outras alegres
Vejo olhares que se cruzam e casais de namorados
Vejo arvores e pássaros e flores.

Olho pensativo e querendo descobrir
No nada algo que possa ainda ver
Um pouco nublado este olhar no sonho
Ao longe bem ao longe sem nada ver...

Nada.Nonada mesmo.
Num vulto com veste longa
Aparece uma figura, desgastada no tempo
e some na nevoa escura.

Nevoa escura e sombria
Levas a figura de sonhos
E novamente a vejo trazido pelo vento
Estendendo os olhares para o nada

Porque no nada ficas
Se do nada precisa construir
Um mundo novo de idéias e sonhos,
Sem ódio,sem rancor e imperando o amor

E passo a ver pessoas se abraçando
Vejo jovens se beijando para no amor vida construir
Vejo pessoas que passam
E passam como se a praça não existisse

Pessoas que vão e voltam
Voltam e vão num caminhar no nada
E o nada passa no tempo,
Tempo passa, passa nas pessoas.

Triste, mais triste é passar o sonho
E não ver as flores, as arvores, pessoas
Um mundo a volta de harmonia.
E volta o olhar o sonho e o nada no nada.

E o olhar ao passado não volta
Não volta, só volta à lembrança
Lembrança de um sonho que passou
O sonho ficou pregado na parede da lembrança.

Fico no sonho de um sonho que passou
E no balanço do vento
A lembrança voa como se pluma fosse
A beijar o passado tão distante, que passou, passou e não
volta.

CIÚME DA MULHER AMADA

Adauto Beckhäuser

Ciúme não sabe de quem
Hora penso ser a vizinha
Hora penso ser mulher da vila
Ou alguém que pela praia passou.

Sempre em casa chega tarde
Sai no início do nascer do sol
Não importa sol, chuva, vento ou frio
Lá está ele cedo fora de casa.

Fico a matutar, pois em casa dorme
Em casa faz as refeições, e não para
Nem para descansar um pouco
Sinto, distante seu olhar e pensamento

Sai de casa como se nada fosse
Atrás de seu amado esperando o pior
Certa hora para e pensa nada a fazer
Volta para não surpreender o marido

Triste, abatida volta para casa
Ao meio dia, nem almoço fez
E ele retorna sem nada dizer
E nem pediu explicações

No rancho, triste e com fome
Toma de um pão velho e começa a comer
Comendo devagar e pensando
Pensando na tristeza da amada.

Sai ao mar com chuva e vento
Pensando e algo trazer a amada
E num lance de sorte, a rede encheu
E volta e a presenteia a mulher

Não fique triste e com ciúme
A buscar este lance de sorte.
A canoa amada ajudou
A saciar tua fome.

AIDA BARRETO R. FERNANDES



Cadeira n°: 13

Posse: 20/09/2011

Título: Professora e Escritora

Patrono: Fritz Müller

Título: Cientista

SURPRESA

Numa tarde banhada de sol quente,
Saí a procurar qual a beleza
De maior talhe, e deveras atraente,
Que pudesse reservar a natureza.

Queria abraçá-la tão de perto
Que seu halo me envolvesse em laço.
Queria abraçá-la tanto e até decerto
Abrigar-me inteira em seu regaço.

Olhei o por do sol detrás do monte,
O mar, a rosa em seus matizes.
Cansei a vista na linha do horizonte,
Ouvi a fonte a farfalhar o que não dizes.

Seria mais belo, quem sabe, o lume
Da lua preguiçosa de setembro,
Ou as estrelas a brincar de vaga-lume?
Quanta beleza olhei! Já nem me lembro...

Cruzei meu olhar com o teu para indagar
Se sentias também tal embaraço;
Ante, porém, que pudesses me falar,
Envolvei teus olhos fundos num abraço...;

O PALHAÇO

No fundo mais fundo
Onde o mundo não vê
Calados gemidos
Solidão
Saudade...
Do divã quieto
Coração inquieto
Escuta voz conselheira:
- Espairar
Recrear-se...
Há pouco
Ouvi gargalhadas
Do picadeiro !
Afinal
Ironia do destino ?
(Chalça sem graça?)
Silêncio ... tético
...Duas lágrimas quentes
Molham a face
(Sem disfarce)
Do velho Palhaço...

.....

ALMAS GÊMEAS

Moreno. Forte. Altivo
Chico falava pouco
Semblante bravo
De seus ancestrais
Tamoios?
Pés descalços
Firmes no chão
Chico era pitoresco
Seu patrimônio
Um cobertor surrado
Marrom da sua pele
E o cãozinho Maitá
Sombra d'árvore
Leito macio
Cheiro de mato
Mas aquele agosto aziago
Escancarou a boca da noite
Reclamou o seu quinhão...
Na cova rasa
Uma cruz sem nome
Sobre o “comorozinho” de terra
Só Maitá chorou
Chorou. chorou
E dormiu...
Serenava.

MEU BALANÇO

Por entre as alhetas verdes
Sibila o vento caprichoso
Das manhãs da minha infância
Canto toadas sem compasso
Esvoaçam vestidinhos

Trincando o doce alfenim
Ergo ao céus pezinhos
Ó Coisas da inocência!
Creio tangê-los assim

Sabe Deus quanto eu quisera
Dest' hora cerrar o céu
Me embalar no toSCO madeiro
E outra vez tocar o céu

Longe...
Longe vai o abacateiro...
Do teimoso vai-e-vem
Cicatrizes no ferroso braço
No meu coração
(Velho) também

Hoje bem sei
Fazendo balanço do tempo
Quantas vezes vai a vida
Por um fio
Como corda rompida
Do meu balanço
Num eterno desafio...

MINHA ORAÇÃO

E hoje ainda bem me lembro
Daquela lua nova de setembro
Branca noiva a ponderar-te o ingênuo roubo
Por entre a cerca viva da palma espinhosa
E a ofertar-me de presente a silvestre rosa.

Menina e Moça. Casta. Tímida e quieta
No rubor da face jorra indiscreta
A emoção primeira do primeiro amor...
Trêmulos os lábios. Trêmulas as mãos medrosas
Balançam as safiras de orvalho – tão mimosas !

Da rosa cor de rosa sem espinho
Uma folhinha só restou: meu pergaminho
E no chuleio hierático da ressequida pétala
A cada noite rezo meu pugilo de oração
“Pois fiz do nosso amor minha religião” ...

Sua beleza única, toda feita de instantes
Como a lua nimbada, as safiras balouçantes...
Ó asas fagueiras ! Ó aves de arribação ! Longe voaram ...
Efêmera a formosura, o aroma dispersível
Viveu a rosa o breve tempo pra tornar-se inesquecível.

NoraBela

.....

ALFREDO DA SILVA



Natural de Rio da Prata, Anitápolis-SC, com 1º e 2º graus a partir da terra natal, passando por Criciúma, Tubarão e Lages, onde concluiu na Escola Técnica de Comércio de Lages o curso de Técnico em Contabilidade iniciado na Escola Sena Pereira, Estreito, Florianópolis, quando servia o Exército Brasileiro, no 14º BC, o 63º BI. 3º grau, Bacharel e Licenciado em História. Posteriormente, Bacharel em Direito e PÓS-GRADUAÇÃO, com Mestrado, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Exerceu também as profissões de comerciário, radialista como locutor e rádio ator (Rádio Tuba, de Tubarão, Rádio Diário da Manhã de Lages e de Florianópolis, Rádio Guarujá de Florianópolis, além da colaboração na antiga Rádio Anita Garibaldi e Rádio Jornal a Verdade também de Florianópolis).

Professor da Escola Técnica Sena Pereira, Instituto Estadual de Educação, Escola Técnica Federal de Santa Catarina, Fundação Educacional do sul do Estado, originária da UNISUL e da Universidade Federal de Santa Catarina, nas cadeiras de História e de Sociologia. Foi também assessor do Conselho Estadual de Educação no governo do ilustre e conceituado político, Antônio Carlos Konder Reis.

Atualmente membro da Associação de Imprensa de Santa Catarina, Academia de Letras de Biguaçu, Cadeira Dom Jaime de Barros Câmara, Presidente do Clube dos 100, Coqueiros, Florianópolis-SC e advogado militante na grande Florianópolis, com escritório em Biguaçu-SC.

Cadeira nº: 36 Na Academia de Letras de Biguaçu/SC

Posse: 14-05-1998

Título: Escritor / Advogado

Patrono: Dom Jaime de Barros Câmara

Título: Orador

PREMONIÇÃO

Alfredo da Silva
Cadeira D. Jaime de Barros Câmara

‘Premonitório, adj. Que adverte antecipadamente, que se deve tomar como aviso.’

(Dicionário da Língua Portuguesa
Prof. ALPHEU TERSARIOL
SP- 1971 Libra Empresa Editorial
Ltda.)

Quem já não teve ou não soube através dos meios de comunicação de um fato que pode ser caracterizado como premonição?

CAIRBAR SCHUTEL em sua obra “Visão Espírita de um -BANDEIRANTE, vol. I, narra que ‘Perto da Litmeritz vive uma velhinha cega, de 70 anos, chamada A. Bernhelm, de quem há sete anos – foi um filho para os Estados Unidos a tentar fortuna (...) Haverá quatro meses a triste ceguinha foi uma noite atormentada com um terrível sonho (...) Um navio lutava desesperadamente contra a fúria das ondas (...) um dos naufragos ia para sempre desaparecendo no abismo das águas. Pareceu-lhe que era seu filho’, nos dias seguintes o sonho se repetia e sua angústia foi aumentando e acabou escrevendo duas cartas, uma para seu filho e outra dirigida à família onde estava alojado. Decorrido um mês e meio chegou a notícia que Ludwig Bernhelm morrera num naufrágio”.

Em mil novecentos e setenta e um, como estudante de Direito, da Universidade Federal de Santa Catarina, último ano do curso, e pretendendo ajudar o Diretório Acadêmico com as

despesas da formatura, e envolvido pelo método sociológico de Antônio Rubo Muller, Quatorze Sistemas da Organização Humana, aqui divulgado pelo Professor Valdemar de Gregori, tive a inspiração e a ousadia de colocá-lo em prática compondo e publicando um opúsculo de versos intitulado “PAZ 14x3” tendo como paisagem, Santa Catarina e a sociedade catarinense da Iha e em outros locais, selecionando fatos vividos e colocando-os em poesia dentro dos sistemas que são os seguintes: Parentesco – Sanitário – Manutenção – Lealdade – Lazer – Viário – Pedagógico – Patrimonial – Produção – Religioso – Segurança - Político e Precedência, seguido dos componentes do mesmo sistema, que são ----- Paisagem, Cronologia, Normas, Personagens e Metas, que são Pessoais Grupais e Societárias.

Fui além do limite étnico e constrangi o ilustre professor Nereu do Vale Pereira com o prefácio e o destacado artista Murilo Pereira com as ilustrações. Editado, várias livrarias do Estado para publicação e venda e contei ainda com a colaboração da Biblioteca da Universidade já mencionada. Confesso que não sei quanto arrecadei, pois não fui em busca das prestações de conta e para formatura, pouco colaborei.

Agora, peço perdão aos prezados colegas integrantes de Nossa Academia por aceitarem publicar a presente crônica narrativa de um fato ocorrido na década de setenta, me apegando na resposta de JESUS à Pedro dizendo que ‘devemos perdoar não somente sete vezes, mas setenta vezes sete vezes’. Agora o prezado leitor pergunta: - onde está a premonição? – Está na página trinta e oito com a poesia publicada no referido opúsculo “PAZ 14x3” no sistema Lazer, intitulada ‘OLIMPIADAS NA ILHA’ que já em mil novecentos e setenta e um, previa a existência de um túnel construído na Prainha facilitando a comunicação com o Bairro Trindade e Universidade, onde se desenrolam as Olimpíadas, que contavam com a presença do Rei Pelé e do Presidente dos Estados Unidos, sendo também de origem africana.

O Presidente dos Estados Unidos BARACK OBAMA, sua família e comitiva pelo fato de ter estado no Brasil recentemente é que completa a premonição por ter me levado a ressuscitar os versos publicados, embora desta vez não tenha vindo a Santa Catarina, o que teríamos a oportunidade de convidá-lo para uma sessão extraordinária de nossa Academia de Letras de Biguaçu, fato “premeditado” em 1971. Mas sua estada no Brasil e as atividades que desenvolveu com sua fortalecida equipe, principalmente em Brasília e no Rio de Janeiro, deixou marca histórica eterna, principalmente no Palácio da Alvorada, como no lendário, brilhante e confortável Teatro Municipal. Suas atividades em processo de interação com os brasileiros, tendo nossa Presidente Dilma Rouseff como centro-avante, foi uma verdadeira olimpíada com as competições políticas, econômicas ou sociais em geral embora os verdadeiros resultados ainda não foram divulgados e as medalhas de bronze, prata e ouro não se sabe com quem ficou. Eu sim, conquistei uma medalha de ouro, por haver previsto com mais de quarenta anos de antecedência a construção do Túnel Prainha, facilitando a comunicação com o Sul da Ilha, Trindade, Córrego Grande, Lagoa da Conceição. O ponto fundamental de premonição foi a vinda do Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, incluindo na penúltima estrofe da poesia Olímpica da Ilha o seguinte: - E AQUELES PRETOS MAIS QUE PELÉ APLAUDIDOS? PRESIDENTE E MINISTRO DOS ESTADOS UNIDOS.

Uma pequena falha na premonição está no fato de que o grande conagraçamento mundial esportivo na Ilha de Santa Catarina ainda continua previsto, como também a construção do Estádio Catarinão.

Como prova e conclusão, os versos apregoados:

OLIMPIADAS NA ILHA

Sonhei com as Olimpíadas disputadas aqui
Até os Deuses da Grécia estavam na platéia
Os primeiros a desfilar
Paula Ramos
Figueirense
Avaí

Nossa Ilha era muito mais que o paraíso
Em cada boca um sorriso
Em cada olhar

Uma expressão de alegria
As escolas de samba desfilando
Filhos do Continente
Copa Lord
Protegidos
Defronte aos desportistas comovidos

Após a triunfante abertura
O desfile vinha
Do túnel construído na Prainha

Pelé...Pelé...Pelé
La estava o campeão
Prestigiando a festa
Ao lado de Tostão

- E aqueles pretos
Mais que Pelé aplaudidos?
PRESIDENTE E MINISTRO
DOS ESTADOS UNIDOS:
A sede da função...
Cidade Universitária
ESTÁDIO CATARINÃO!!

Aguardemos e vamos dilatar a PREMONIÇÃO quanto ao seu complemento. Pois as Olimpíadas ainda poderão se realizar em Santa Catarina com a maior das disputas e exibições esportivas em Biguaçu, onde será construído o Estádio Catarinão, com mais espaço e sem riscos de poluição, - onde há uma atenção especial pela melhoria do meio-ambiente e até um time futebol profissional já com grande destaque no cenário nacional, criado com o apoio do Executivo e Legislativo Municipal visando o desenvolvimento cultural com a participação também de todos os integrantes dos QUATORZE SISTEMAS DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL LOCAL.

Encerro com a premonição de ARNOLD TOYNBEE em seu livro 'A sociedade do Futuro – Zahar Editores- 1973- Rj. Que prevê para o mundo um só rebanho com um só pastor':
'Creio, portanto, que as Nações Unidas terão que se fortalecer de várias maneiras para poder tornar-se um verdadeiro governo mundial'

De minha vida
Espero longa duração
Para ver concluída
A minha PREMONIÇÃO.

Biguaçu, 29 de abril de 2011.

Alfredo da Silva
Acadêmico

ALZIRA MARIA SILVA DOS SANTOS



Alzira Maria da Silva dos Santos nasceu aos 05 de julho de 1950. Filha de Oscar Silva e Nair Bunn Silva é natural do Município de Biguaçu/SC, onde cresceu, estudou e viveu a maior parte da sua vida. Formou-se normalista em 1970 no Colégio Normal Professora Maria da Glória Veríssimo de Faria. Gosta de crianças, de flores, do mar e de escrever poesias.

Alzira descobriu a afinidade pelas letras quando, em Joinvile, onde atuou três anos como professora, fez duas paródias das músicas “Lencinho” e “Jardineira” para apresentação das crianças, em comemoração ao aniversário daquela cidade. Em 1999, em Biguaçu, olhava a neblina, ou serração que vem do rio-mar conforme dizem, através da janela da cozinha de sua casa, inspirou-se, pegou um guardanapo e uma caneta e escreveu um dos seus primeiros poemas, intitulado “Nebliguá”. Nunca mais parou de escrever. Quando a inspiração abre as portas, saem de seu coração lindos poemas, em sua grande maioria, enfatizando a terra natal, seus lugares, sua natureza. Alzira tem, em muitas de suas poesias, o desafio de chamar a atenção para a defesa do meio ambiente, e também o valor cultural da cidade que nasceu. Também chama atenção para o cuidado com as nossas crianças,

o folclore, entre outros temas. E assim, de verso em verso, Alzira vai descrevendo seus costumes, seu povo, sua preocupação com o mundo.

Nascimento: 05 de julho de 1950

Cadeira nº: 29

Posse: 14-05-2008

Título: Poetisa

Patrono/Patronesse: Maura da Senna Pereira

Título: Poetisa

SENHOR JESUS DOS PASSOS

Senhor dos Passos, Bom Jesus
Por nosso amor morreu na cruz
Senhor Jesus! Senhor Jesus!

Eis o Cordeiro de Deus
Que tira o pecado do mundo
Conhece o nosso coração
E tudo que temos de mais profundo.

Há muitos e muitos anos atrás
Um navio na ilha de sterro ancorou
Dentro dele tinha uma caixa enorme
Era com a imagem de nosso Senhor

Essa imagem ia para o Rio Grande do Sul
Mas por três vezes o tempo não permitiu
Depois que a caixa do navio foi retirada
A embarcação sua viagem prosseguiu

Foi em mil setecentos e sessenta e seis
Que esse fato foi datado
Desembarcaram a belíssima imagem
E Jesus dos Passos por nós é amado

A manifestação ao Senhor dos Passos
É na terceira semana antes da Páscoa da Ressurreição
Ele sai às ruas de nossa cidade
E é acompanhado por uma multidão

Diversos gestos de carinho e fé
São feitos para imagem de nosso Senhor
Rezam, cantam e pagam promessas
E pedem perdão, benção e clamor.

A Mãe Das Dores sempre ao seu lado
Com a imagem de rosto desfigurado
Uma lança transpassa seu peito
Por ver o Filho inocente humilhado

A imagem de Jesus dos Passos é fascinante
Que nos deixa extasiados
Pois seus olhos são brilhantes
E os cabelos encaracolados

Tem uma grande cruz sobre os ombros
Na cabeça coroa de espinhos
O rosto todo ensangüentado
E pés descalços no caminho

Suas vestes são de cor roxa
Bordadas com fios dourados
A cruz de madeira muito rústica
Sofreu por causa de nossos pecados

O Senhor dos Passos tem uma irmandade
Que se dedica com carinho e amor
Levando conforto, alento e esperança
Pro povo de Deus tão sofredor

Na capela Menino Deus
A imagem fica amparada
Ao lado do Hospital de Caridade
Ajudando os sofredores em sua jornada

Quando a procissão desce a ladeira
Até sentimos grande emoção
O sino da capela toca lento e triste
Chora em silêncio nosso coração

Tortura e massacre existem até hoje
Injustiça, maldade e violência
Jesus na cruz deu um forte suspiro
Pedindo ao Pai perdão e clemência.



Alzira Ma Silva dos Santos 28/03/2009

ARLETE CARMINATTI ZAGO



Nome: Arlete Carminatti Zago

Profissão: Advogada

Natural de Florianópolis/sc

Data nascimento: 11/01/1946

Filiação: Guerino Carminatti e Zelma Conceição Carminatti

Estado Civil: Casada

Cônjuge: Carlos Alberto Zago - Advogado

Escolaridade

Superior: Formada em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina – 1968. Cursou de 1964/1968

Trabalho

Integrou a Comissão Provisória de Implantação do Cedim/SC

Artigo 21 do Regimento Interno

Desenvolveu seu lado de poetisa e possui um acervo de muitas Poesias.

Possui poesias publicadas nos livros editados pela Academia de Letras de Biguaçu: Devaneio de Verão e Aconchego. Gráfica e

Editora Palotti 2002 e 2003

Participa de eventos com palestras direcionadas à questão da mulher, artigos e entrevistas em jornais e em programas de televisão.

Florianópolis, Agosto 2008

Nascimento: 11/01/1946

Cadeira nº: 15

Posse:

Título: Poetisa / Advogada

Patrono/Patronesse: Henrique Fontes

Título: Historiador

UMA HISTÓRIA EM DEFESA DO CIDADÃO E PROMOÇÃO SOCIAL DAS MULHERES

Esta história foi contada quando participei do Prêmio Mulheres que Fazem a Diferença, criado pela ACIF – Associação Comercial e Industrial de Florianópolis/SC. Não é por vaidade que trago aos queridos leitores, confrades e confeitras da Academia de Letras de Biguaçu minha trajetória, mas foi fruto da reflexão e de lembranças que estavam guardadas intimamente e que afloraram quando fui em busca da minha história de vida.

A escrever sobre minha trajetória constatei que sou uma empreendedora social e como cidadã sinto-me capaz de construir juntamente com outras mulheres deste país que comungam do mesmo pensamento, uma sociedade mais justa e fraterna

Todo o encantamento que desenvolvi pela causa social, é fruto do convívio familiar, do exemplo de meus pais Guerino Carminatti e Zelma Conceição Carminatti que sempre tiveram o olhar de acolher e de participar da vida da comunidade Rendo minhas homenagens ao meu pai e minha querida mãe que aos 91 anos, portadora do Mal Alzheimer faleceu em janeiro de 2011 e que apesar da enfermidade foi exemplo de coragem e resignação.

Na infância e adolescência todo o apoio e exemplo da família são a base para a formação da nossa personalidade. Alegria, honestidade, tenacidade, dedicação, sinceridade, amor a família, ao próximo e a Deus, foram valores transmitidos por meus pais que forjaram nossa família constituída de sete filhos: Fernando, Wilson, Arlete, Neide, Guerino Jr, Leda e Zelma.

Éramos crianças muito felizes e eu sempre tive um anjo bom que me guiava. Tive a felicidade de conviver com minha nona Angela que faleceu com 97 anos de idade e nos encantava com as aventuras da viagem no navio Cristóvão Colombo vindo da Itália. Somente em 2007 realizei o sonho dos imigrantes italianos

ao retornar a cidade de Caravaggio, na província de Bérghamo para conhecer a terra natal de meus ancestrais..

Minha avó materna, Hermínia Conceição, a vó Santa, me ensinou a ler e escrever. Quando ingressei aos sete anos na escola já estava alfabetizada e participava ativamente das atividades escolares, atitudes de valorização que me fizeram estar sempre entre os melhores alunos do colégio.

Lembro do orgulho de meus pais quando mostravam meu boletim escolar que só tinha nota cem (100). Foi no Grupo Escolar Silveira de Souza, no Centro de Fpolis, que de 1953 a 1955 cursei até a 3ª série primária. Minhas professoras Ceci Camisão, Glorinha Schuttel e Jesuína, e a 4ª série no Grupo Escolar Getúlio Vargas no Saco dos Limões em 1956, minha mestra foi Gertrudes Luz.

Em 1957 prestei exame de admissão ao ginásio no Instituto Estadual de Educação, onde cursei o ginásio de 1957 a 1960 e o Curso Normal de 1961 a 1963. Cursei a Faculdade de Direito da UFSC de 1964 a 1968.

O maior obstáculo em minha vida pessoal foram as dificuldades financeiras na juventude. No entanto, estas dificuldades sempre me impulsionaram para mudanças, para o crescimento pessoal e profissional. Menina pobre, sempre lutando contra as injustiças e buscando o crescimento de todos ao meu redor, quer da família, amigos ou pessoas que precisavam do meu apoio.

UM MUNDO NOVO SE DESCORTINAVA QUANDO INICIEI MINHA VIDA PROFISSIONAL

Em 1961, com 15 anos, há 50 anos, iniciei minha vida profissional. Além da alegria de ser convidada para dar aulas, precisava trabalhar para ajudar minha família. Comecei como professora primária substituta na Escola Municipal Almirante Carvalhal, onde hoje é o portal turístico, em Coqueiros, que há época era próxima a minha casa. Na hora do lanche minha irmã Neide, trazia um bule de café e lanche que dividia com alunos carentes.

Quantas vezes quando ia ensinar matemática, o tema fração, pedia para minha querida Mãe Zelma, fazer um bolo para motivar os alunos e depois no recreio dividir entre todos. Belas recordações que me tocam a alma. O pouco que tínhamos ainda dividíamos e até hoje levo este exemplo para a minha vida.

Nos idos de 1960, nosso destino como mulher era ser professora, profissão nobre e aceita pela família. Em 1964, já concursada como professora primária da rede estadual fiz vestibular para Direito.

Cursar a Faculdade de Direito em 1964, para as mulheres, principalmente, oriunda de escola pública era um desafio. Somente as filhas de famílias abastadas, ou mulheres de mais idade, que já trabalhavam fora, iam cursar Direito para melhorar sua condição de acesso na carreira profissional. A carreira jurídica era para homens.

Esta discriminação era muito pouco percebida pelas mulheres à época. Concomitante a Faculdade, que cursava no período noturno, trabalhava no Instituto Estadual de Educação, como Secretária de 2º grau. Ali, com apenas 23 anos aprendi a crescer como cidadã e profissional, chefiando 100 funcionárias, respeitando as diferenças de cada uma.

Vivíamos à época dos governos militares. Com 18 anos,

em 1964, até então havia estudado apenas com mulheres. A Faculdade e Direito, na querida Esteves Júnior, foi um mundo novo. Era considerado um centro de subversão. Quantas vezes estávamos em aula e a cavalaria do exército adentrava pelas escadas prendendo nossos colegas e professores.

CONCRETIZANDO SONHOS NO TRABALHO VOLUNTÁRIO

Iniciei em 1994 na BPW Florianópolis, Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais da Grande Florianópolis, minha atividade de voluntariado, servindo à causa da mulher. Neste trabalho gratificante encontrei espaço para concretizar meus sonhos.

Neste mister em defesa do cidadão e da promoção social das mulheres participo de eventos com palestras direcionadas à questão da mulher, artigos e entrevistas em jornais e em programas de televisão.

São atuações que me inspiraram e motivam colocando meus conhecimentos à disposição para transformação de uma sociedade mais justa e fraterna.

Através das relações sociais, familiares e no voluntariado fui me aprimorando. Este crescimento e a troca de experiências nos fazem ficar mais fraternos e solidários com o próximo

Por estar voltada às ações do voluntariado, os recursos recebidos pelas entidades da sociedade civil tem que se transformar em resultados de grande alcance para a população. O Brasil passa por uma crise de moralidade, fase extremamente difícil, onde a elite dominante, nossos governantes nos deixam perplexos, com suas atitudes, com a corrupção grassando e a violência banalizada. Tenho como meta lutar por uma sociedade mais justa e com igualdade de oportunidades.

Quando fundamos em 1994 a BPW Florianópolis juntamente com Anita Pires, Esther Macedo, Maria Helena Balthazar, Dulce Magalhães, Nadir Koerich e outras, não imaginava que em 2005 passaria a integrar o Comitê Executivo da BPW BRASIL. Com 63 anos assumi a Presidência da BPW BRASIL, gestão 2008-2011.

Fui fundadora da BPW Florianópolis, em agosto de 1994 e Presidente de 1998/2000; Presidente da BPW-BRASIL - Federação das Associações e Mulheres de Negócios e Profissionais do Brasil/2008-2011; Conselheira do Conselho Nacional os Direitos da Mulher- CNDM- Brasília/DF 2005/2010; Coordenadora a nível nacional com SEBRAE Nacional e SPM do Prêmio SEBRAE Mulher de Negócios, 2006/2010; 1ª Presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher- CEDIM/SC- 2002/2007; Conselheira do CEDIM/SC-2004/2009; Conselheira do Conselho Estadual de Assistência Social- CEAS, representando a OAB/SC - 2006/2008; Vice-Presidente da Comissão de Assistência Social da OAB/SC - 2004/2006, membro da CAS/OAB- 2007/2010; 1ª Presidente da Fraternidade Feminina da Loja Maçônica Acácia do Continente- 2004/2005; Participei da 1ª e 2ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres em Brasília junto ao CNDM e SPM em julho/2004 e agosto/2007; Coordenei pelo CEDIM/SC a 1ª Conferência Estadual de Política para Mulheres em 2004;

A BPW BRASIL faz parte de uma rede internacional de mulheres de negócios, através da BPW INTERNACIONAL, fundada em 1930 na Suíça com status consultivo em organismos internacionais como ONU, ECOSOC, OIT, UNESCO e CEPAL. A atuação da BPW BRASIL se dá nas 20 Associações de Mulheres de Negócios e Profissionais, presentes em 12 Estados Brasileiros, desenvolvendo projetos, eventos e capacitação com foco no empreendedorismo.

A BPW num esforço conjunto de mulheres empresárias e profissionais traz o diferencial na excelência da prestação dos serviços, nas profissões, como empresárias e no voluntariado. Nosso objetivo é despertar o empreendedorismo e geração de negócios entre as associadas.

Desenvolve também Projetos Sociais com implementação de projetos comunitários, visando o empreendedorismo de mulheres

em situação de vulnerabilidade social para geração de trabalho e renda e igualdade de oportunidades.

Destacamos, também, a representação da BPW BRASIL participando de vários eventos internacionais: Congresso Internacional/México em 2008; Seminário e Presidentes BPWs da América Latina, em Quito/Equador 2009; ONU, Nova York - 54ª CSW; Seminários de Presidentes de BPW/Nova York, Festividades de 80 anos BPW Internacional/2010; VI Congresso Regional de Latino America y Caribe, 2010 em Buenos Aires na Argentina.

A BPW Brasil tem firmado Acordo de Cooperação Técnica, com a União, por intermédio da SPM- Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República e o SEBRAE, desde 2004, com projetos de capacitação e geração de trabalho e renda, com foco no empreendedorismo, nas cinco regiões brasileiras,

Citamos alguns dos projetos com a supervisão direta da Presidente da BPW BRASIL: **BPW BRASÍLIA -Seminário Novas Dimensões de Liderança para o Empreendedorismo, Alfabetização Digital de Mulheres e formação para o Empreendedorismo; BPW PRUDENTE/SP- Encontro Regional de Mulheres Empreendedoras; BPW FORTALEZA/CE- Projeto de Fortalecimento à Autonomia Econômica de um Grupo de Mulheres em Situação de Risco com Confecção de moda íntima para mulheres mastectomizadas; BPW UBERABA/MG, Centro de Negócios da Mulher Empreendedora e Centro de Artesanato; BPW CUIABÁ/MT- Seminário Mulher Ativa e Empreendedora. Gerenciamento Sustentável da Água por Mulheres das Comunidades de Cuiabá,**

A partir de 2007 a BPW BRASIL inicia o Programa Trabalho e Empreendedorismo Feminino, com objetivo de ampliar o acesso das mulheres ao mercado de trabalho e promover sua

autonomia econômica em parceria com SPM, Sebrae Nacional, Sebraes Locais/ Governos dos Estados e Prefeituras Municipais/ Ibam. Foram executados em Santa Catarina- BPW Florianópolis, Rio - BPW Rio de Janeiro, Distrito Federal – BPW Brasília, em execução no Pará- BPW Ananindeua e Pernambuco- BPW BRASIL.

Outro projeto é o **PRÊMIO SEBRAE MULHER DE NEGÓCIOS**. A BPW BRASIL é parceira do Prêmio desde 2004 e são eleitas duas ganhadoras de cada região num total de 20 ganhadoras em todo o Brasil. A ganhadora do Troféu Ouro integra Missão Internacional do SEBRAE da qual participamos e acompanhamos em Portugal (2006) Espanha (2007) Itália (2008) e em setembro de 2010 em Milão.

Por este trabalho voluntário fui agraciada com comendas e prêmios:

Comenda de Honra ao Mérito - Medalha Antonieta de Barros- ALESC 2005; Comenda Lena Madesin Philips em 2008 Honraria Máxima da BPW BRASIL; Medalha Doutel de Andrade - Governo do Estado de Santa Catarina; XI Troféu Mulher Influente, Jornal MG Turismo, Belo Horizonte MG; Troféu Mulher De Ouro - Rede TVM, Imbituba.

ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU

Muito me orgulha o convite da nossa querida presidente Dalvina de Jesus Siqueira para integrar a Academia de Letras de Biguaçu, ocupando a Cadeira nº 15, cujo patrono foi o insigne mestre Henrique da Silva Fontes, tomando posse em 30 de agosto de 2002 em solenidade festiva juntamente com os queridos confrades João Vaz Sepetiba, Miguel João Simão e Stella Piazza de Souza,

Tenho o prazer de acompanhar e prestigiar as ações da Academia e publicar poesias nos livros editados pela Academia: DEVANEIO DE VERÃO E ACONCHEGO. Gráfica e Editora Palotti 2002 e 2003, o que muito me gratifica.

MINHA TRAJETÓRIA COMO ADVOGADA

Em 1989, com 43 anos de idade, após aposentaria da Secretaria da Educação, inicio minha segunda carreira profissional, como advogada militante em Florianópolis/SC. Passados 42 anos de minha formatura, com 65 anos, sou advogada militante, com escritório atuando juntamente com meu marido e meu filho.

A defesa dos direitos da mulher e de todos os cidadãos, por dever de ofício como advogada me traz imensa satisfação pessoal e possibilita exercitar meu lado cidadã, trabalhando para o crescimento pessoal e profissional de outras mulheres. Deixar um país digno para nossos netos e descendentes é a minha forma de contribuir para mudanças e com nosso exemplo mostramos ao mundo a fibra da mulher brasileira.

Faço por prazer e por ter viva a chama da indignação pelo desrespeito ao cidadão. Ser ética na profissão e nas atitudes diárias é o poder que temos de transformar o mundo em que vivemos, sem nos deixar corromper. Sou sócia proprietária do Escritório

Zago & Zago Advogados Associados, escritório de advocacia especializado em direito administrativo, constitucional, família, trabalhista e civil. Trabalhamos, eu, meu marido Carlos Alberto Zago e meu filho Carlos Alberto Zago Júnior.

Sou militante no Fórum, da Capital, São José, Estreito e Norte da Ilha. Na Justiça do Trabalho da Capital e São José. Atuamos também no TJSC, STF, STJ, TST, e no TRT 12ª Região. Temos uma clientela expressiva de servidores públicos de todo o Estado de Santa Catarina e também na área de família procurando através da conciliação e na defesa dos direitos de nossos clientes trazermos equilíbrio nas demandas jurídicas.

MINHA FAMÍLIA

Sinto-me extremamente realizada e orgulhosa com a bela família que eu e meu marido construímos, meu porto seguro. Em 1965 conheci meu marido, Carlos Alberto Zago, e em 19/07/1969, há 42 anos nos casamos. Temos três filhos Fabrício Carminatti Zago, engenheiro químico, casado com Gizelle Amboni Zago advogada; Fabiano Carminatti Zago, médico veterinário casado com Adriana, Ávila Zago, administradora; Carlos Alberto Zago Júnior, advogado. Temos (quatro) netos: Arthur Ávila Zago, Enzo Ávila Zago, Guido Amboni Zago e Vitto Amboni Zago.

Às norinhas agradeço pela dedicação, apoio a família, que propiciam este convívio harmonioso e de muito amor com meu filhos e maravilhosos netos.

Meu crescimento e realizações tiveram a participação de meu marido, a quem agradeço pelo apoio e incentivo, de meus filhos e minhas noras que sempre me apoiaram e me incentivaram para continuar o trabalho voluntário. Aos meus netos, dedico este meu trabalho para transformação de um mundo melhor.

Meu querido filho Júnior, que é meu braço direito nas

labutas jurídicas e o grande apoiador anônimo das ações como presidente da BPW BRASIL.

Devo também deixar registrado meu agradecimento a minha cunhada Adelaide Regina Zago, companheira de 35 anos de convivência pelo seu amor e dedicação à família, simbolizando todas as mulheres que nos dão a retaguarda no dia a dia, trazendo tranquilidade e serenidade para que possamos crescer profissionalmente e nos dedicarmos ao crescimento de outras mulheres.

AS AMIZADES

Também com as amigas, meus vínculos são duradouros, algumas cultivadas desde à época de juventude. Ao longo do meu casamento, compartilhamos com um grupo de casais amigos (Grupo Canela) um relacionamento de amizade e há mais de 20 anos mantendo encontros mensais, viagens nacionais e internacionais.

Também com a BPW Fpolis, onde fui fundadora em 1994, mantenho uma relação de amizade fraterna com as associadas onde fiz grandes amigas.

RECADO PARA AS MULHERES

Deixo minha mensagem às mulheres para seu crescimento pessoal e profissional. A importância e pertencer a uma rede, formando uma verdadeira teia de relacionamentos, troca de experiências e ajuda mútua.

Na nossa caminhada aprendemos a valorizar as diferenças e que cada indivíduo é único. A sabedoria somente é conquistada quando aprendemos a conviver e aceitar os defeitos e enaltecer as qualidades dos nossos irmãos. Com a experiência, aprendemos a

valorizar as diferenças e ao longo da vida temos que saber ceder e avançar na hora certa..

Nós mulheres temos que ocupar espaços, conquistar poder, mas que seja para fazer a diferença. Sejam propulsoras das mudanças para um mundo melhor.

Arlete Carminatti Zago
Acadêmica Cadeira nº 15

CARLOS ANTÔNIO DE SOUZA CALDAS



DADOS PESSOAIS

CARLOS ANTONIO DE SOUZA CALDAS - 57 anos de idade Brasileiro, divorciado, pai de Raphael de Souza Caldas (casado) e Mariella de Souza Caldas - (solteira) (maiores de idade);

Filiação: Antonio Carlos de Souza Caldas e Rainildes Seemann de Souza Caldas (falecida).

R.G - 1/R - 196.389/SSP/SC

CPF - 245.486.009-06

Título Eleitoral- n” 005687210973 - 29 - 266 - São José/SC

Profissão: **Professor e Advogado - OAB/SC 11.957**

Residente e Domiciliado à rua: Gentil Sandin, 380 - bl.03 - AP. 306 - CEP.88.103650 - São José/SC - Tel/Fax: 48-3241-5878 ou 99810467-

E-mail: Advcaldas@terra.com.br

OBJETIVO-

Apresentado pelo Acadêmico Valdir Mendes, para apreciação

dos membros e da Diretoria, para ser novo acadêmico na ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU/SC.

GRADUAÇÃO

Pedagogia – FAESC/UEDESC/1981

Professor: Magistério e Administração Escolar

Direito - UNIVALI/1996

Pós-Graduação - UEDESC/83 - Recursos Humanos - Gestor e Treinamento de Pessoal

CURSOS – Extracurriculares

Áreas: Jurídica - Legislação Educacional - Italiano, Informática e Contos, Pensamentos e Poemas.

PROFISSIONAL

Professor no Ensino Fundamental, Médio (Curso Magistério - Didática de Ensino) e 3º grau - Faculdade Jaraguá do Sul/FEJ - Lecionou disciplinas: Filosofia, Hermenêutica Jurídica - Metodologia Científica etc. 1995 a 2000;

Diretor de Escola de Educação Básica Ensino Fundamental e Médio - 1992 a 1996 Professor Especialista em Assuntos Educacionais - Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina - Cargo Efetivo - 1996 a 02 de julho de 2.010 - Aposentado.

Professor efetivo, a disposição da Procuradoria Geral - Advogado - Prefeitura Municipal - São José - 2004 a 2008;

A disposição na Secretaria de Segurança Municipal Defesa, Social e Trânsito -

Advogado - Prefeitura Municipal de São José - 2009.

OUTRAS ATIVIDADES

Advogado - OAB/SC 11.957 (Atuante na Área Direito Administrativo; Criminal e Tribunal de Júri).

Mestre Maçon do Grande Oriente do Brasil - GOB

Membro do Circulo Monárquico Nossa Senhora de Desterro; Membro da Academia Catarinense de Filosofia;

Relator da 38 Câmara de Julgamento OAB/SC - 2009 a 2012;

Advogado Colaborador no Programa Cesar Sousa no período 2005 a 2009.

Relações Públicas da Associação dos Advogados Criminalistas - AACRIMESC - 2009 a 2010;

Conselheiro da AACRIMESC - 2011

Conselheiro do 1º Tribunal de Ética - OAB/SC - Florianópolis - 2010 a 2012

Escreve Artigos com vários temas para vários jornais de circulação - São José Biguaçu - Palhoça e Florianópolis - Jornal Oi São José - Jornal Fique Esperto - Jornal Folha SC - Jornal Tribuna São José - Jornal Noticias do Dia - Jornal Primeira Linha Palhoça - Jornal Biguaçu em Foco e Jornal Folha Metropolitana.

Livro com Artigo do XXI - Simpósio Catarinense de Administração da Educação e IX Seminário Estadual de Políticas e Administração da Educação - se - AAESC/ANAIS 2009;

Notas e Dados: A prece de um Juíz, autor João Alfredo Medeiros Viera, com tradução para vários países. Professor Coordenador da Coleção Justitia.

Editor do livro que a Livraria Editora Xavier - LEDIX, Coleção “Degraus do Século XXI – trás a lume – A Prova no Processo Penal- 2005.

Nascimento:

Cadeira n°: 16

Posse: 20-09-2011

Título: Professor e Advogado

Patrono/Patronesse: Holdemar de Menezes

Título: Escritor

A MENINA DO VESTIDO VERMELHO

Num bairro pobre da cidade de São José mora uma menina de nove anos de idade conhecida por “Iella”, muito bonita. Ela frequenta a escola local. Portanto, sua mãe não tem muito cuidado e a criança quase sempre se apresenta mal vestida e sem muita higiene, suas roupas são muito velhas e a criança aparentemente maltrapida pela mãe. A professora percebeu e ficou penalizada com a situação da menina.

Entretanto, se perguntou, como é que uma menina tão bonita pode vim para escola tão mal arrumada? Então, separou algum dinheiro do seu salário, embora com muita dificuldade, resolveu-lhe comprar um vestido novo.

Passado alguns dias, entregou o vestido a menina, pois, ela vestiu ficou muito linda no vestido de cor vermelha. Quando a sua mãe viu a sua filha naquele vestido lindo, sentiu-se que era lamentável, que sua amada filha, vestindo aquele vestido novo, fosse “suja” para a sala de aula.

Senhores, por isso a mãe envergonhada, passou a lhe dar banho todos os dias, ‘pentear seus cabelos e cortar suas unhas e cuidar da sua higiene. Certo dia, o pai falou. Esposa, você não acha vergonhoso que nossa filha, sendo tão bonita e bem arrumada more em lugar como este? Nossa casa está caindo e os pedaços de madeira estão apodrecidos pelo tempo? Que tal, nós, ajeitar a nossa casa? Disse ele para esposa.

Desta forma, nas horas vagas, eu vou arrumando a casa e dar uma pintura nas paredes, consertar a cerca de madeira e fazer um jardim e plantar flores? Logo mas, a casa se destacava na pequena comunidade, as belezas das flores do jardim chamavam atenção dos moradores, pois, o casal cuidava de todos os detalhes.

Certo dia os moradores ficaram envergonhados por morar também em barracos tão feio e resolveram fazer um grande

mutirão arrumando suas casas, iniciaram a plantar flores, usar pintura e criatividade. Todavia, em pouco tempo, o bairro todo estava transformado na bela cidade de São José.

Uma vez, um homem que acompanhava os esforços e as lutas daquela gente, pensou que aquelas pessoas, bem mereciam ter um auxílio das autoridades, Então, foi até o prefeito, expor suas idéias e saiu de lá com a devida autorização para formar uma comunidade para estudar os melhoramentos que seriam necessários no bairro.

Em curto prazo, e a vontade política. As melhorias começaram aparecer, o barro e a lama, foram substituídos pelo o asfalto e, calçadas de lajota, os esgotos a céu aberto foram canalizados, a iluminação pública iluminando todo bairro e água potável bem distribuída em toda comunidade. Com isso, o bairro ganhou ares de cidadania.

Finalizando, o estudo de toda a mudança, iniciou-se com a menina do vestido vermelho, não era a intenção de aquela professora consertar toda a rua e nem criar organismos que socorressem o bairro. Portanto leitores, ela fez o que podia e contribuiu com a sua parte, fez primeiro o movimento na escola, que acabou fazendo outras pessoas se movimentarem a lutar por melhorias. Será que cada um de: nós esta fazendo a sua parte? Então, leitores vão zelar pela nossa cidade a mais bela de Santa Catarina.

DEPREDAÇÃO X PATRIMÔNIO PÚBLICO MUNICIPAL

Como brasileiro e cidadão de São José, muitas vezes me pergunto quando estou caminhando na Beira-mar, passeando pelas ruas, visitando creches, escolas, áreas públicas ou postos de saúde, a respeito do grande número de “ataques destrutivos” sofridos pelos patrimônios público.

Qual seria o motivo da destruição do patrimônio público? Permita-me explicar a você que está fazendo esta leitura. Certo dia, enquanto passava pela Beira-mar de São José, percebi que um rapaz destruía uma das lixeiras.

Na praça José Nilto de Moraes, vi que a área de plantio não existe mais. Em algumas escolas as cadeiras, carteiras e lixeiras estão danificadas.

Outro dia, passei em frente ao ponto de ônibus e observei a destruição do mesmo. Entretanto, comecei a me questionar no sentido de tentar entender o que move pessoas a fazerem algo parecido.

Pesquisando, pude notar que são inúmeros casos que vivenciamos em todas as cidades, e não só em São José, mais em todo o Brasil. Um prejuízo de todos nós, pois, são diversos atos de vandalismo que vão desde jogar lixos em ruas, riachos, pichações, placas de sinalização, bancos de praças, estátuas, telefones públicos e uma série de outras ações depredatórias que destroem o patrimônio.

Quase nada escapa da agressividade dos vândalos. Analisando melhor os fatos uma possível explicação para tamanha irresponsabilidade de algumas pessoas. Será que tem haver com a educação?

Em fevereiro de 2010, li um texto em um jornal paulista “A depredação do espaço público é uma forma de demonstrar revolta,

maneira estúpida de autoafirmação diante da sociedade ou simples diversão, ela resulta em desordem urbana e insegurança. E os vândalos nem sempre são pessoas revoltadas com a sua condição socioeconômica. É grande o número de pessoas de classe média e alta que cometem depredações. O que estimula a ação dos vândalos é a impunidade”. (Fonte: www.estadao.com.br).

Estimados leitores, para conhecimento, a Lei Federal nº 9.650, de 12 de fevereiro de 1998, pune com penas de três meses a um ano de reclusão e multas que variam de R\$ 1 mil a R\$ 50 mil reais. Diante desta Lei, a impunidade é a motivação para que os vândalos encontrem para continuarem a praticar este ato.

Excelente informação, mas você deve pensar “e o que tem haver comigo?”. Simples. Enquanto cidadão está diretamente ligada com você, pois quando depredam o patrimônio é o cidadão quem paga a conta e arca com o prejuízo. Minha preocupação é ainda mais pontual. São José é uma cidade turística que depende do seu aspecto visual e tem que estar muito organizada para receber turistas.

Infelizmente, existe uma cultura de que cidades litorâneas são suscetíveis à depredação. Isso porque alguns turistas irresponsáveis visitam a cidade e, como estão de passagem, alegam que não tem compromisso muito menos com a limpeza e conservação. Quase sempre os vândalos apresentam justificativas para os seus atos. Um dia é porque os políticos são corruptos e não fazem nada, em outro porque o seu time do coração perdeu. Outra vez ainda porque foi despedido do trabalho ou para mostrarem que há grupos de amigos e precisam “demarcar territórios”.

Para finalizar, vejo a educação como fator inicial para amenizar os problemas de depredação, mesmo que demore alguns anos para termos um retorno real. Assim, podemos desde cedo incentivar e promover diálogos às crianças da necessidade de aprender a valorizar o que o poder público nos coloca à disposição,

sendo sabedores de que tudo é oferecido a população, portanto o lema é preservá-los.

Outra possibilidade é a conscientização dos cidadãos seria um trabalho desenvolvido tanto pela Prefeitura quanto pelo setor privado, direcionado para a preservação do patrimônio com aval da “vontade política”. Também sei que educar é um trabalho árduo que leva tempo, passa pela valorização do profissional da educação que o governo municipal tem que investir com urgência nas futuras gerações.

CESAR LUIZ PASOLD



Doutor em Direito do Estado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco - Universidade de São Paulo-USP; Pós-Doutor em Direito das Relações Sociais pela Universidade Federal do Paraná-UFPR; Mestre em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo-USP; Mestre em Instituições Jurídico-Políticas pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC.

É Advogado Militante (OAB/SC 943), Diretor Presidente do Advocacia Pasold e Associados (OAB/SC 059/90).

Advogado, Professor e Escritor. Membro das: Academia de Letras de Biguaçu; Academia de Letras de Palhoça; e, Academia Desterrense de Letras.

Docente da Universidade do Vale do Itajaí, lecionando no Curso de Doutorado em Ciência Jurídica e no Curso de Mestrado em Ciência Jurídica. Consultor Científico da Universidade do Oeste de Santa Catarina-UNOESC.

Detentor da Medalha Professor San Thiago Dantas outorgada pela Associação Nacional dos Procuradores Federais. Condecorado com a Medalha da Ordem Catarinense do Mérito Judiciário do Trabalho- 2º Grau, outorgada pelo Tribunal Regional

do Trabalho da 12ª Região. Condecorado com a Medalha do Mérito Judiciário Catarinense - Grau Mérito, comenda outorgada pelo Tribunal de Justiça de Santa Catarina.

AUTOR das seguintes obras: O Estado e a Educação (Florianópolis: Editora Lunardelli, 1980); Reflexões sobre o Poder e o Direito (2 ed. Florianópolis: Editora Estudantil, 1986); Comunicação nas Relações Humanas e Organizacionais (2 ed. Florianópolis: Editora Estudantil, 1987); O Advogado e a Advocacia (3. ed. Florianópolis: OAB/SC Editora, 2001); Função Social do Estado Contemporâneo (3 ed. Florianópolis: OAB/SC co-edição Editora Diploma Legal, 2003); Jorge Lacerda - uma Vida Muito Especial (2 ed. Florianópolis: OAB/SC-Editora, 2004); Personalidade e Comunicação (2 ed. Florianópolis: Plus Saber Editora, 2005); Técnicas de Comunicação para o Operador Jurídico (2 ed. Florianópolis: OAB/SC Editora, 2006); Metodologia da Comunicação nos Trabalhos Científicos (Florianópolis: Conceito Editorial, 2007); Lições Preliminares de Direito Portuário (Florianópolis: Conceito Editorial, 2007); Ensaio Sobre a Ética de Norberto Bobbio (Florianópolis: Conceito Editorial, 2008); Metodologia da Pesquisa Jurídica: Teoria e Prática (11 ed. Florianópolis: Conceito Editorial/Millennium. 2008).

CO-AUTOR das seguintes obras: Direito, Estado. Política e Sociedade, em transformação (Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor/CPGD, 1995); Sete Ensaios Jurídicos (Tubarão: Editora Unisul, 1997); Momento Decisivo: Apresentação de Trabalhos Acadêmicos. (Florianópolis: Editora Momento Atual, 2003); Temas de Política e Direito Constitucional Contemporâneos (Florianópolis: Editora Momento Atual, 2004); Teoria Jurídica das Relações Interpessoais (Coordenação-Florianópolis: Editora Momento Atual, 2004); Direito e Processo- Estudos em Homenagem ao Desembargador Norberto Ungaretti

(Florianópolis: Conceito Editorial, 2007); Direito & Argutnehtação no Pensamento de Manuel Atienta (Rio de Janeiro: Lúmen Júris Editora, 2007); Novos Direitos-Conquistas e Desafios (Curitiba: Juruá,2008); Novos Direitos após Seis Anos de Vigência do Código Civil de 2002 (Curitiba: Juruá, 2009); Aprovação em Concursos - Recomendações Estratégicas (Florianópolis: Conceito Editorial, 2009).

Imbituba, 17 de agosto de 2009.

Acadêmico: César Luiz Pasold

Cadeira nº: 24

Posse: 25-06-2004

Título: Escritor / Advogado

Patrono: Paschoal Apóstolo Pitsica

Título: Escritor

ELOGIO DO PARLAMENTARISMO: SÍNTESE DA EPISTEMOLOGIA DE CLÓVIS DE SOUTO GOULARTCESAR LUIZ PASOLD¹

1. INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Fui convidado pela Professora Fernanda Goulart para escrever um ensaio sobre a obra do **Professor Dr. Clóvis de Souto Goulart**, e imediatamente aceitei. E já ali no momento mesmo da anuência, submeti-me à égide de minha decisão pessoal de buscar um resgate – ainda que sintético – dos fundamentos teóricos originais e do *draft* da adesão competente e coerentemente insistente de CLÓVIS DE SOUTO GOULART ao PARLAMENTARISMO.

Vivi com o Professor Clóvis uma díade muito interessante: eu Presidencialista convicto e ele Parlamentarista muito convicto.

Assim ocorreu fortemente em dois momentos de nossas vidas: no primeiro em que estive seu Aluno (como discente na disciplina Teoria do Estado, na Faculdade de Direito da Rua Esteves Júnior em Florianópolis/SC), e no segundo em que fui seu colega (atuamos como Professores no Curso de Pós-graduação em Direito da UFSC-CPGD- Mestrado e Doutorado).

O Professor Clóvis, natural de Florianópolis/SC, era Doutor

1 Doutor em Direito do Estado /USP; Pós-doutor em Direito das Relações Sociais/UFPR; Mestre em Instituições Jurídico-Políticas pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC; Mestre em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo-USP. Advogado – OAB/SC 943 e Diretor Presidente do Advocacia Pasold e Associados S/S - OAB-SC--059/90; Professor dos Cursos de Mestrado e Doutorado em Ciência Jurídica/UNIVALI. Membro da Academia Desterrense de Letras, da Academia de Letras de Biguaçu e da Academia de Letras de Palhoça. Autor, entre outros, dos livros: **Função Social do Estado Contemporâneo** (3 ed.rev.atual.amp. Florianópolis: OAB/SC Editora co-edição Editora Diploma Legal, 2003); **Metodologia da Pesquisa Jurídica: teoria e prática** (11 ed.rev. amp. Florianópolis:Conceito Editorial,2008); e **Ensaio sobre a Ética de Norberto Bobbio** (Florianópolis:Conceito Editorial,2008).

em Ciências Humanas e Livre Docente, Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina nas “Cadeiras de Direito Constitucional Comparado e Teoria Constitucional” , Consultor Jurídico do Estado de Santa Catarina e esteve como Conselheiro Titular no Conselho Estadual de Educação/SC, do qual foi Presidente². O Professor Dr. Paulo Henrique Blasi enalteceu as suas qualidades profissionais e intelectuais nos seguintes termos: “O Professor Clóvis de Souto Goulart, mercê sua sólida cultura, sua inteligência privilegiada e sua dedicação ao trabalho, tem-se credenciado ao respeito e admiração de quantos o conhecem.”³. E assim ocorreu e ocorre até hoje em toda a comunidade científica e acadêmica.

Ressaltadas tais considerações breves de ordem biográfica, segui, repito, na busca dos fundamentos e da conformação epistemológica que o Professor Clóvis, originalmente tinha e transmitia, com oratória invejável e pena impecável, sobre o Parlamentarismo.

A fonte bibliográfica que me pareceu a mais consistente e segura para ser o objeto central e cumprir o meu referente de pesquisa, foi o Texto de sua autoria, intitulado “Parlamentarismo – Regime Natural de Governo Democrático”, do qual me proponho a resgatar, no presente ensaio, o seu núcleo cognitivo⁴ .

Destarte, sobre este livro me debrucei e encetei a fase de investigação, na qual utilizei o método indutivo, que também emprego como base da lógica do presente ensaio que é o relato dos resultados. Esclareço que na intermediária fase de tratamento

2 Conforme “ Dados Biográficos” , em: GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**. Florianópolis: Fundação Nereu Ramos, s/d.

3 BLASI, Paulo Henrique. Apresentação. In GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**, cit.p. 9.

4 Trata-se do já referenciado na nota de rodapé anterior: GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**. Florianópolis: Fundação Nereu Ramos, s/d.

de dados manejei o método cartesiano, ferramenta utilíssima para apurar qualitativa e criticamente os pontos mais relevantes no conjunto de elementos que a investigação revelou ⁵.

O que segue é a expressão da síntese encontrada e com a qual pretendo esboçar, objetivamente, o desenho do Parlamentarismo conforme a epistemologia de Clóvis de Souto Goulart.

2. O PUNCTUM SALIENS DA CONSTRUÇÃO TEÓRICA: A DEMOCRACIA COMO PEDRA BASILAR

A concepção de Clóvis Goulart para o Parlamentarismo não se construiu sob o fundamento da busca livre de um Regime de Governo e, sob esta pauta, ser edificada a partir de preferência pessoal ou de enlevo com tal regime exclusivamente por seus próprios termos, seus preciosos contornos e, quem sabe, até mesmo pelos seus inegáveis encantos políticos.

Goulart, na verdade, alavanca a sua opção a partir de um comprometimento sério, completo, sólido e inarredável com a Democracia, que é, na axiologia política de Norberto Bobbio, um dos dois valores principais de sustentação duma melhor vida em Sociedade.⁶

Neste diapasão, Goulart incursiona objetivamente pela gênese da democracia, vale dizer, por suas bases históricas constitutivas, e não numa perspectiva exclusivamente filosófica, mas e sobretudo, num viés multidisciplinar teórico-prático.

Nesta senda , propõe:

“ Os regimes e os governos serão tão mais legítimos, quanto melhor e mais fielmente

⁵ Sobre as Fases da Pesquisa Científica e os respectivos Métodos, bem como as Técnicas de Pesquisa, vide a minha proposta em: **Metodologia da Pesquisa Jurídica: teoria e prática** (11 ed.rev. amp. Florianópolis:Conceito Editorial,2008, p. 81 a 105.

⁶ Apresento e sustento tal constatação em : PASOLD, Cesar Luiz. **Ensaio sobre a Ética de Norberto Bobbio**. Florianópolis: Conceito Editorial, 2008, p. 247 a 282. O outro valor ressaltado como essencial na perspectiva bobbiana, é a Paz: vide, nesta mesma obra, p. 232 a 247.

traduzirem a organização político-jurídica da sociedade dentro da qual se instalam, respeitadas as características dessa sociedade no que toca às tradições, aos costumes, à tipologia sociológica”.⁷

Como se percebe, ao fundamentar a sua percepção da democracia, Goulart se reporta a um fator relevante que é, na verdade, pré-requisito indispensável: a legitimidade que deve presidir, sem momentos de exceção, as relações entre o exercício do poder e as tradições, costumes, tipologia sociológica e, evidentemente, os anseios da Sociedade.

E quanto a tal fator estratégico para a democracia, há uma trilogia que enfatiza:

1º - a legitimidade pela **origem**, conforme a qual um governo legítimo “significa um governo democraticamente constituído”, desta forma:

“ Quanto à origem, o sentido da legitimidade está em que os governantes deverão assumir o exercício do poder, mediante manifestação expressa de quem é realmente o titular da soberania- o povo.”⁸;

2º - a legitimidade pelos **meios**, segundo a qual “não deve o governo valer-se de meios arbitrários e tirânicos”, sob nenhum pretexto, e a sua (do governo) ação haverá de

“ estar calcada na legalidade que, por seu turno, haverá de respaldar-se numa ordem jurídica superior consubstanciada na Constituição, numa constituição que equivalha a um verdadeiro pacto sócio-político, elaborado e votado pelos representantes do povo.”⁹

7 GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**, *cit.*p.57.

8 GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**, *cit.*p.57.

9 GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**, *cit.*p.57.

e,

3º- a legitimidade pelos **fins**, na qual o bem comum é eleito como “finalidade síntese do ente político”, para cuja consecução são estabelecidos “ fins intermediários”, os quais “não podem, sob pena do vício da ilegitimidade , ultrapassar os limites do humano, do sensato , do justo, do constitucional”.¹⁰

O desiderato natural desta trilogia é a apropriada fórmula de Goulart, em tom explicitamente conclusivo: “...governo legítimo é sinônimo de governo democrático e assim o será quando democráticos forem a origem, os meios e os fins do poder”.¹¹

A partir de tal princípio, mas não confinada nele, a concepção de Democracia passa a extrapolar a idéia tradicional de governo controlado pela maioria do povo, e alça patamar mais elevado, e é compreendida como “ muito mais a realização de uma filosofia de vida do que uma forma estereotipada de governo”, filosofia esta “indissolúvelmente ligada à consecução dos ideais de liberdade e igualdade”.¹²

E, em continuidade, Goulart estabelece a conexão entre os dois principais ideais democráticos (“controle político pelo povo” e “realização dessa filosofia de vida de que falamos”) e o regime parlamentarista, o qual considerado de per si, é “o caminho mais transitável e claro para a sua [da democracia] efetiva concretização”.

Esta postulação sustenta-se, sobretudo, em argumentação de

10 GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**, cit.p.58.

11 GOULART, Clóvis de Souto. *Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático*, cit.p.58. Neste momento parece-me pertinente a seguinte lição de Norberto Bobbio : “O que distingue o poder democrático do poder autocrático é que apenas o primeiro, por meio da livre crítica e da liceidade de expressão dos diversos pontos de vista, pode desenvolver em si mesmo os anticorpos e consentir formas de ‘desocultamento’ ”. Assim está em : BOBBIO, Norberto. **O Futuro da Democracia. Uma defesa das regras do jogo**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1986. Título original: *Il futuro della democrazia. Una difesa delle regole del gioco*,p. 102.

12 GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**, cit.p.58 e 59.

ordem histórica, na medida em que “a história da democracia, das grandes conquistas libertárias, identifica-se, sob muitos aspectos, com a história das lutas e das conquistas dos parlamentos sobre os monarcas absolutos”.

Neste diapasão, o arremate natural é: “O parlamentarismo se constitui no veículo natural que poderá conduzir os povos à democracia.”¹³

3. OS NOVE ELEMENTOS DENOTATIVOS E DELIMITADORES DA PROPOSTA TEÓRICA E DA EXPRESSÃO EPISTEMOLÓGICA DO ELOGIO AO PARLAMENTARISMO, DE CLOVIS GOULART

Constatados (1º) a pedra basilar (a democracia), e (2º) o pré-requisito essencial (a legitimidade), pode-se compreender com mais clareza, segurança e precisão o desenho teórico expressivo da proposta parlamentarista de Clóvis Goulart.

Os nove componentes que balizam o alcance cognitivo da sua proposta são: 1º - o Princípio da Autoridade ; 2º- Governo Unipessoal e Autoritarismo; 3º - O Presidencialismo e a luta pela hegemonia do Poder; 4º- O Desvirtuamento dos Princípios Presidencialistas; 5º- A responsabilidade do Chefe do Governo no Regime Presidencialista; 6º- O Papel dos Partidos Políticos nos Estados de Regime Presidencialista; 7º- A Importância dos Partidos Políticos nos Estados Parlamentaristas; 8ª - A Técnica da Dissolução Parlamentar; e, 9º - A responsabilidade do Poder Executivo no Parlamentarismo.¹⁴

Como se percebe, há uma fortíssima dicotomia neste

13 GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**, *cit.p.* 59.

14 Estes nove elementos se exprimem na denominação dos nove capítulos (de dez no total) que compõem a estrutura comunicativa da obra. Vide o “SUMÁRIO” de: GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**, *cit.p.* 13.

elenco, porque de fato o que se verifica é que esta lista temática se constitui numa agenda negativa para o presidencialismo e positiva para o parlamentarismo.

Uma visão panorâmica de cada um destes elementos e de todos os nove, vistos em sua sistemática intelectual pretendo sintetizar como segue.

3.1 O Princípio da Autoridade

A partir da constatação da naturalidade e, por conseqüência, da necessidade da autoridade, Goulart ressalta o que denomina “um axioma da Ciência Política”: “se existe algo inelutável na história dos séculos, é que sempre todo grupo teve um condutor”.¹⁵

Sob o suporte de formulações e propostas de Santo Tomás de Aquino, Jacques Maritain e Giorgio Del Vecchio, estabelece pontos que, em apertada síntese, configuram a sua perspectiva a respeito da autoridade consagrada como um princípio da vida coletiva.

Destes, selecionei três, assim:

“ O homem é, a um só tempo, individualidade e unidade sociológica.”

Prossegue:

“ Embora sejam todos os homens iguais em essência, não pode a sociedade prescindir de uma hierarquia, em função da qual possa, a obra comum, ser orientada no sentido do bem-estar de todos.”

E, de maneira insistente, é conclusivo:

“ Admitindo-se, pois, como admitimos, que o conceito de bem-estar comum envolve, implícita e necessariamente, a garantia das liberdades individuais, resultará lógico que a autoridade, muito

15 GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**, *cit.* p. 19.

ao contrário de se constituir em óbice ao gozo dessas liberdades, existe para fortalecê-las e assegurar o seu exercício.”¹⁶

3.2 Governo Unipessoal e Autoritarismo

Neste aspecto, na manifestação nuclear, Goulart expõe a tese de que a concentração do poder não mãos de um único Chefe manipula a vontade política dos seus adeptos “embotando-lhes a criatividade, desfigurando-lhes a personalidade”.

Avançando quanto às danosas conseqüências de haver apenas um dirigente máximo com o Poder político como costuma ocorrer nos Estados presidencialistas de governo autoritário, é peremptório:

“...a onipotência do Chefe Único não afeta, apenas, o desempenho de seus liderados : a própria Oposição é atingida em seu cerne, naquilo que, por princípio democrático universalmente consagrado, representa a própria razão de sua existência, qual seja a de vigiar o Governo e lutar, lícita e democraticamente, pela conquista do Poder.”¹⁷

A oposição, assim minada e sem perspectivas de alcançar o poder pela via legal e legítima, acaba adquirindo a condição de germe de contestações e convulsões sociais, e,

“infelizmente, contudo, a falta de educação dos povos tona o sucesso dos insurretos, quando ocorre, no mais enganoso e efêmero dos acontecimentos : a nova ordem constitucional proclamada traz, em sua fisiologia, o germe de outra ditadura nascente”.¹⁸

16 Estas três formulações foram selecionadas respectivamente das páginas 20, 20 e 22, em GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**,*cit.*

17 GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**,*cit.*p.

18 GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**,*cit.*p. 26.

3.3 O Presidencialismo e a luta pela hegemonia do Poder

Goulart entende que o Presidencialismo mantém uma relação de mútua alimentação com a crescente hipertrofia do poder do Estado, e isto se faz com tal intensidade que “ parece desenhar-se, em toda a culminância a linha doutrinal levianítica”, de tal forma que “ não raro a lei se torna um meio técnico a serviço dos titulares do poder”.¹⁹

Par a passo com isto há um enfraquecimento crescente do Poder Legislativo e mesmo do Judiciário por força da assunção progressiva do Poder Executivo que, ocupa paulatinamente, os espaços decisórios. O fenômeno provoca, entre tantas conseqüências, em muito casos historicamente constatadas, um tipo de exercício político que concentra os três Poderes num só bloco, “colocado nas mãos de um único homem que dele se utiliza, ao sabor de seus apetites políticos”. Nestas ocasiões, comprova-se que a doutrina de Montesquieu postuladora da separação de poderes sob a tônica da independência de cada um deles, “ não representa mais que uma técnica aplicada à organização e à vida dos Estados democratas”, não sendo esta doutrina “entretanto, essencial à existência do Estado”. Goulart, pragmaticamente, arremata:

“ A realidade de nossos dias é pródiga em exemplos de Estados, cujos regimes, tipicamente ditatoriais, fundiram os três poderes em um só bloco, colocado nas mãos de um único homem que dele se utiliza, ao sabor de seus apetites políticos.”²⁰

3.4 O Desvirtuamento dos Princípios Presidencialistas

Aqui, neste tópico, talvez se encontre o momento mais

19 GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**, *cit.* p. 27 a 30.

20 GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**, *cit.* p. 30 a 31. A constatação em destaque acima foi formulada por Goulart na década de 1970, mas mantém-se em inabalável atualidade em 2008.

forte da agenda negativa ao presidencialismo exposta por Clóvis Goulart.

Propõe dois “grandes” princípios nos quais se ampara o regime presidencialista: o primeiro é o da separação rígida dos poderes (este tema se torna recorrente, pois) e o segundo é o que ele denomina “unipessoalidade de comando executivo”.

Goulart reafirma que a separação de poderes, na realidade presidencialista do dia a dia, mesmo no sistema norte-americano, permanece mantida, mas não evita que ao executivo seja conferido peso institucional e político muito superior aos dois outros poderes, o legislativo e o judiciário.

De outra parte, o segundo princípio, este explicitamente favorecedor da concentração de poder, traduz-se no fato concreto de que “ o Presidente concentra, ao seu redor, todo o poder executivo e o exerce livremente” Em destaque:

“ Os ministros são meros auxiliares seus [do Presidente] e, por isso, por ele demissíveis *ad-nutum*`. A regra de submeter a indicação dos ministros à homologação do Legislativo, como é prevista e aplicada no modelo norte-americano, é abandonada pela grande maioria dos Estados que adotaram o regime.”

Enfim, esta concentração leva o desvirtuamento a alcançar patamar no qual “a política do governo passa a ser a política do Presidente” e, o mais grave, “a personalidade do Estado se encarna na pessoa do Presidente”.²¹

3.5 A Responsabilidade do Chefe do Governo no Regime Presidencialista

O pensamento de Clóvis de Souto Goulart sobre este

21 GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**, *cit.* p. 36 a 38. As transcrições literais acima expostas encontram-se nas p.37 e 38 respectivamente.

tópico pode ser resumido, a meu juízo e salvo melhor, em três formulações, cuja literalidade merece ser preservada, assim:

“ De todos os males que o presidencialismo congenitamente carrega em sua fisiologia, sem dúvida, o pior é o da irresponsabilidade política do Chefe do Governo.”

E:

“ A irresponsabilidade política permite-lhe [ao Chefe do Governo], inclusive, distanciar-se das linhas programáticas do partido que o elegeu, colocando-se acima dele e , se necessário, contra ele.”

Finaliza, fulminante:

“ ...na irresponsabilidade do Chefe do Governo, reside a fonte de todo o arbítrio que estigmatiza o regime presidencialista.”²²

3.6 O Papel dos Partidos Políticos nos Estados de Regime Presidencialista

Aqui, Goulart inicia por enaltecer o elevado conceito que os partidos políticos acabaram por conquistar historicamente e apesar de aversão nutrida a partir da teoria de Rousseau e pelo hermetismo das propostas favoráveis ao Estado liberal puro.

Configura o partido político como meio de organização da opinião pública e de veículo de influência da Sociedade de forma efetiva na condução da coisa pública, possibilitando a concretização do “ideal democrático do governo da maioria, sob a vigilância atuante e assídua das minorias”.

Mas, segundo Goulart, no presidencialismo a tendência é o desgaste do partido do governante, não apenas perante os demais,

22 As transcrições literais acima expostas encontram-se nas p. 39, 39 e 40, respectivamente, em GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**, *cit.*

mas também quanto a seus militantes, desgaste este causado pela sua “manipulação, velada ou ostensiva” que o Poder Executivo – e mais precisamente o Presidente- pode efetuar sobre o seu partido político, maneando-o sob suas conveniência políticas pessoais.

Nesta senda “desaparece, desta forma, o governo de partido para ensejar à espúria figura do partido do governo”.

A conseqüência final inevitável e depreciadora é que, no presidencialismo, “afetado profundamente em sua teleologia, o partido político transforma seu objetivo de manter o poder para o de manter-se sob o poder.”²³

3.7 A Importância dos Partidos Políticos nos Estados Parlamentaristas

O cotejo simples do título do presente tópico com o anterior demonstra que lá (no item 3.6) encontramos a expressão “*PAPEL dos Partidos Políticos*” enquanto que aqui (no presente item 3.7), Goulart preferiu empregar a expressão “ *IMPORTÂNCIA dos Partidos Políticos*”.²⁴

Esta não tão sutil diferença de qualificação para a inserção dos Partidos Políticos nos dois regimes (no presidencialista ou no parlamentarista) já indica, aqui da maneira mais explicitada possível, a preferência de Goulart pelo parlamentarismo, não - como já disse neste ensaio - pelos seus próprios termos, seus preciosos contornos e, quem sabe, até mesmo pelos seus inegáveis encantos políticos, mas sim pela sua imanência com a democracia.

A dimensão da importância dos Partidos Políticos no Parlamentarismo é, em resumo caracterizada:

23 As transcrições literais acima expostas encontram-se nas p. 41 e 42, respectivamente, em GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**,*cit.* As palavras e expressões sublinhadas o são assim no original.

24 Exatamente com tais denominações e esta diferença não tão sutil são intitulados os capítulos VI e VII do livro, conforme se verifica no Sumário, à p. 13, de: GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**,*cit.*

“ São efetivamente eles, na condição de veículos de expressão das idéias e das aspirações nacionais, que governam o Estado. Só através deles, como agentes catalizadores e organizadores da opinião pública, a maioria dos cidadãos, pela via da representação política, terá condições de exercitar o poder. Em suma, só com eles a democracia será possível.”²⁵

3.8 A Técnica da Dissolução Parlamentar

A Técnica da Dissolução Parlamentar é um instrumento típico do regime parlamentarista e quando legitimamente manejado é apropriado para descontaminar um ambiente político que esteja viciado pela ilegitimidade das condutas dos seus atores políticos. Sob tal perspectiva é muito superior à teoria do risco da não reeleição integrantes do Poder Legislativo que é defendida por alguns presidencialistas como suficiente para desestimular descompassos e desvios de conduta política de membros das Casas Legislativas.

Goulart caracteriza a qualidade deste componente inarredável da concepção parlamentarista em duas notas, postas em seqüência na sua lógica, com os seguintes teores merecedores de transcrição literal:

“ Uma nação, quando oprimida ou traída em sua confiança pela conduta de seu Parlamento, não pode esperar o término da legislatura para manifestar o repúdio a essa conduta e, através do voto, ‘revogar’ os mandatos cujos titulares são souberam honrar “

E, em trecho relativamente longo mas muito claro:

“ É preciso, pois, que em pleno curso de uma legislatura, possa o Legislativo responder à responsabilidade. Se entre a Nação e o Parlamento

25 GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**, *cit.* p.47.

deixar de haver coincidência de objetivos, rompe-se o vínculo da representação. O poder, portanto, deve voltar imediatamente à primeira para, através de novo processo eleitoral, restaurar a ordem democrática então abalada. Pois bem, essa restauração só é legítima e democraticamente possível nos Estados de regime parlamentarista, mediante e aplicação da técnica da dissolução parlamentar.”²⁶

3.9 A Responsabilidade Política do Poder Executivo no Parlamentarismo

Alcançamos o nono e último elemento componente e delimitador da Teoria Parlamentarista exposta por Clóvis de Souto Goulart, que é: a responsabilidade política do Poder Executivo no Parlamentarismo.²⁷

Neste componente se encontra um aspecto muito estratégico à concepção equilibrada para uma opção pelo regime parlamentarista, na medida em que através dele e nele se consagra a igualdade de peso político entre os poderes legislativo e executivo.

Goulart principia a abordagem deste ponto com a assertiva de que “ao contrário do que ocorre no regime presidencialista, a responsabilidade do Executivo, no parlamentarismo, é real, efetiva e freqüentemente colocada à prova”.

No específico, quatro, em minha opinião, são os destaques que desenham a idéia de Goulart:

1º- o Gabinete, no regime parlamentarista, é a “peça

26 GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**, *cit.* p.51.

27 Considero pertinente invocar, neste momento, “um conceito geral” que Paulo Márcio Cruz apresenta, assim: “No sistema parlamentar, o Governo é baseado na confiança política do Parlamento, é uma emanção da maioria parlamentar, é responsável politicamente perante o Parlamento, que pode ser dissolvido pelo Chefe de Estado”. Conforme CRUZ, Paulo Márcio. **Parlamentarismo em estados contemporâneos**: os modelos da Inglaterra, de Portugal, da França e da Alemanha. 3 ed. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007, p.43.

fundamental do Governo” na sua condição de “órgão executivo por excelência” , e os seus integrantes têm a responsabilidade solidária diante do Parlamento, “ de onde normalmente se originam”;

2º- o Gabinete, consideradas a procedência e o “procedimento de investidura” de seus integrantes, “ representa o próprio Parlamento através de uma Comissão Especial, por ele designada, para as funções executivas de Governo”;

3º- a relação teleológica entre o desempenho dos integrantes do Gabinete e a confiança do Parlamento é inarredável;

4º- por consequência, “a perda dessa confiança , obviamente, haverá de resultar na queda de todo o gabinete ministerial”²⁸.

4. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS PARA REFLEXÃO

Pretendo ter apresentado os momentos relevantes da epistemologia de Clóvis de Souto Goulart para o Regime Parlamentarista, a partir de um componente basilar, um pré-requisito essencial e nove elementos, que repito assim:

1º- a pedra basilar da concepção do Parlamentarismo é a **democracia**, colocada como objetivo nodal a ser perseguido e/ou sustentado pelo regime Presidencialista;

2º- o pré-requisito essencial à dinâmica parlamentarista é a **legitimidade**, tomada sob tríplice dimensão, vale dizer, a legitimidade pela **origem**, a legitimidade pelos **meios**, e a legitimidade **pelos fins**;

3º - os nove componentes que balizam o alcance cognitivo da sua proposta são: 1º - o Princípio da Autoridade ; 2º- Governo Unipessoal e Autoritarismo; 3º - O Presidencialismo e a luta pela hegemonia do Poder; 4º- O Desvirtuamento dos Princípios

28 Nesta minha tentativa de resumo do capítulo IX da obra objeto deste ensaio, trabalhei em GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**, *cit.*, da p. 53 a 55.

Presidencialistas; 5º- A responsabilidade do Chefe do Governo no Regime Presidencialista; 6º- O Papel dos Partidos Políticos nos Estados de Regime Presidencialista; 7º- A Importância dos Partidos Políticos nos Estados Parlamentaristas; 8ª - A Técnica da Dissolução Parlamentar; e, 9º - A responsabilidade do Poder executivo no Parlamentarismo.

Existe uma sólida e fortíssima dicotomia nesta lista temática, eis que se verifica de maneira muito clara e segura que tal elenco de nove tópicos configuradores compõe-se numa **agenda negativa para o presidencialismo e positiva para o parlamentarismo**.

Entendo e registro, para finalizar este meu objetivo ensaio, que a configuração temática eleita por Clóvis Goulart para o seu - competente e consistente – Elogio ao Parlamentarismo, evidentemente não esgota o assunto mas, sem dúvida, mantém-se, ao longo do tempo, como especialmente estimuladora de debates e reflexões de elevada qualificação acadêmica, como deve fazer quem trabalha com Teoria Política e Direito Constitucional.

O Elogio do Parlamentarismo de Clóvis de Souto Goulart é peça científica de qualidade especial que merece permanecer em nossa memória e em nossas cogitações, mesmo naqueles que ainda persistem com convicções presidencialistas, como é o caso do autor do presente ensaio.

REFERÊNCIAS DAS FONTES CITADAS

BLASI, Paulo Henrique. Apresentação. *In* GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**. Florianópolis: Fundação Nereu Ramos, s/d. p. 9 -11.

BOBBIO, Norberto. **O Futuro da Democracia. Uma defesa das regras do jogo**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Título original: *Il futuro della*

democrazia. Uma defesa delle regole del gioco.

CRUZ, Paulo Márcio. **Parlamentarismo em estados contemporâneos**: os modelos da Inglaterra, de Portugal, da França e da Alemanha. 3 ed. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007

GOULART, Clóvis de Souto. **Parlamentarismo- Regime Natural de Governo Democrático**. Florianópolis: Fundação Nereu Ramos, s/d.

PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da Pesquisa Jurídica: teoria e prática** (11 ed.rev. amp. Florianópolis:Conceito Editorial,2008.

PASOLD, Cesar Luiz. **Ensaio sobre a Ética de Norberto Bobbio**. Florianópolis: Conceito Editorial,2008.

DALVINA SIQUEIRA DE JESUS



Data de Nascimento- 23 de agosto do ano de 1929

Idade atual 81 anos

Filiação: Otávio Clemente Martins e Maria Martins.

Naturalidade - Biguaçu

Nacionalidade: Brasileira.

Carteira de Identidade 1/R 105497. SSI

CGC- 580 684 309/20

Administradora Escolar Aposentada por tempo de Serviço prestado ao Magistério Catarinense.

Obras e participações na Literatura catarinense e brasileira.

1995- O Décimo Segundo - Poesias

1997- Constelação - poesias.

1998- Grandes Momentos- Rezas, orações, simpatias, Crônicas e poesias.

1999- Lalinha poesias e crônicas.

2.000- Biguaçu eu te amo

2.003-Biguaçu eu te amo II-

2.007- O Terceiro Sonho

Participações em Antologias.

1996- Menção Honrosa- Na Fundação Viva Vida.

1997- Antologia marco Marcovick- São Paulo pgina 43

1997 Primeiro Lugar- Na Fundação Viva Vida(poesia) página 39.

1998-Terceiro Lugar na F. Viva Vida (crônica) página 217

1999-Segundo lugar na F,Viva Vida (Conto) O Cordão de Ouro.

2.003 AC. De Professores- Fragmentos da memória pg. 15

1997- FUCAPRO- Contos de professor pg 20

1997 FUCAPRO- poemas de professor. Pg 27.

Neti- UFSC- Organização do Concurso de crônicas e apresentação do livro.

Ajasol- 1998 Antologia pg. 39

“ 2001- “ pg 69

“ 2002 “ pg 59.

Academia de Letras de Biguaçu-

Um Passeio pela Grande Florianópolis

Devaneios de Verão

Sonhos de Outono

Renascer da primavera.

Aconchego-

Organização e participação

Participação no Livro do Duo Centésimo Quinquagésimo

Aniversário de São Miguel.

Livro - São Miguel da Terra Firme pg 121.

Curso Superior de Pedagogia com licenciatura plena em Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, conforme Registro do MEC número 135.987.

Especialista em Assuntos Educacionais E A E.

Especialização à nível de Pós Graduação em Administração Escolar

Conforme registro número 31.722.

Feitos ambos na UDESC.

Senadora pelo Senado Populuskus de Florianópolis SC.

Formada Monitora da Ação Gerontológica, na UFSC, Núcleo de Estudos da Terceira Idade (Neti), turma 1995-2
Presidente da Academia de Letras de Biguaçu.
Presidente do Conselho Municipal do Idoso de Biguaçu.
Biguaçu, 08 de julho do ano 2011

Nascimento: 23-08-1929

Cadeira nº: 14

Posse: 18-12-1996

Título: Poeta / Escritora

Patrono/Patronesse: Geraldino Atto de Azevedo

Título: Poeta

CATARINENSIDADES

Oh! Meu Deus, como sempre escrevi e falo, onde andará o meu velho amigo São Miguel?

E agora pergunto, onde andará a velha Desterro, Biguaçu, e tantos outros lugarejos onde as flores eram tantas e o perfume era embriagador, que existia, além de muitos pássaros, uma imensidão de borboletas. O cheiro era tanto e tão bom que quando os primeiros navios se aproximavam para fazer o desembarque dos passageiros imigrantes, logo se falava no cheiro bom de flores que vinha da terra.

Onde estão aquelas árvores frutíferas e frondosas, de um verde que até brilhava, e onde os passarinhos recolhiam-se ao anoitecer entre asas, penas, bicos e pios.

As grandes orlas marítimas, aquelas praias imensas e silenciosas, cheias de conchinhas e cavalinhos do mar, trazidos pelas ondas rendadas e transparentes daquele mar verde azulado.

Aquele cenário de chegada dos descobridores, onde as gaivotas faziam vôos rasantes, achegando-se às Caravelas, dando boas vindas.

Os nativos tampando suas vergonhas com tangas feitas de penas de pássaros e galhos e folhas de árvores. Algum tempo depois, é bom lembrar, os saraus das casas grandes, onde as moçoilas vestiam-se de belos vestidos rodados, de sedas vindas do porto. Os renques de palmeiras, enfeitando as ruelas feitas pela mão do “homem desbravador”.

As negras bonitas e cheirosas de perfumes feitos de ervas, vestidas de renda vestidos rodados, feito baianas, satisfazendo a luxúria dos senhores, e as exigências das senhoras que sabiam das escapadelas dos seus maridos e senhores, mas faziam de contas que não era nada.

Onde está tudo isto meu Deus? quanta saudade.

E eu mesma respondo.

Está tudo aqui dentro do meu coração, na memória, no nosso passado, e alguém precisa lembrar, até porque eu acredito que ainda existam românticos e sonhadores.

Gente, tudo isso é lindo de se recordar, e recordar é viver.

Porém, sempre existe um porém, precisamos urgentemente resgatar estas memórias antes que elas desapareçam e virem pó,

Nós estamos pagando um preço muito alto, pelo progresso, mas, temos que pagar, assim se faz necessário, até porque estamos evoluindo.

O mundo evoluiu, tiveram revoluções, que chegaram para mudar, marcar época e registrar que se crescia a todo vapor, era e é necessário zarpar, caminhar juntos.

E o tempo passou e tudo mudou.

As praias foram sendo ocupadas indiscriminadamente. A selva de pedras subiu. E onde antes eram ruelas estreitas, e as casas eram construídas lado a lado, encostando as paredes que podia-se ouvir tudo o que se falava dentro da casa ao lado. Descobriam-se segredos. Ouviam-se juras de amor, brigas, cantigas de ninar, gemidos de dor, tamanho era o encanto das cidades pequenas, suburbanas, simples e aconchegantes.

A nossa Santa e bela Catarina, cresceu, saiu do marasmo, vieram escolas, Igrejas, salões, e a cultura também desenvolveu-se de tal modo que as pessoas sentiram necessidades de apreciar o desenvolvimento.

Fizeram a Ponte Hercílio Luz, e um certo dia eu escrevi para ela (a ponte) o seguinte:

A Ponte.

Majestosa, altaneira, confiante,
Eras o marco sublime do progresso do sul

desta terra Santa de Santa Catarina
Dos mares mansos, figueira centenária
Ilha do sol e mar e de cobiça.
Eras desafiadora, transportavas progresso, evolução
Porém pagavas um alto preço a cada instante
Sofrendo o terror das intempéries
Fustigada pelo vento sul e outras coisas mais.

E tu venceste o tempo, anos e anos ficaste ali sem reclamar
Exposta ao vento frio, vento do mar
Sem nada dizer foste te corroendo
De lassidão, ferrugem, quanta dor.

E as gotas da chuva que choveu
Sobre o teu esqueleto enegrecido
Apodreceram a tua estrutura.
Hoje estás frágil, pedes clemência, estás doente,
Tão doente que o médico (engenheiro) te disse
Que não poderias mais suportar tanto descaso
E que por ali não poderia passar mais ninguém
Para que não rompessem teus ligamentos gigantesco.
\para que não sofresses mais.

Porém o bravo barriga verde caprichoso
Não vai deixar que por mar te joguem
Nem te apedrejem os que daqui não são.
Pois eles não viveram como nós
Ao áureos dias de luxo, da veste negra brilhante
Que ofuscava os olhos do passante, quando nela refletia o sol
Enchia de orgulho o nosso coração.
Nós temos o remédio, hás de ficar de pé
Para que a humanidade veja a tua salvação.
És Patrimônio da Humanidade.

Os Municípios cresceram e adaptaram-se à nova realidade
Tudo e todos assumiram a chegada da nova tecnologia, então para
Nós que já dobramos o cabo da Boa Esperança, o negócio é
também crescer, assumir, ajudar a desenvolver estas cidades
catarinenses

Que nos viram nascer. O nosso mundo ainda não caiu, apenas
cresceu, descobriu-se, encontrou novos valores.

Dalvina de Jesus Siqueira

REMINISCÊNCIAS...

Foi chegando de mansinho, deitou-se na minha cama
Me amou como mulher.
jantou a ceia dos justos
teve êxtases de amor comeu toda a sobremesa sentou-se à minha
mesa
pôs no meu dedo um aro não sei se d'ouro ou metal

Me levou para o altar
Vestida de branco lírio
De seda e cetim bordado.
Que fazia um barulhinho Quando a gente caminhava Grinalda de
flores de laranjeira A minha testa enfeitava.

Era moço tão bonito
Me fez tantas juras de amor Tomou-me em seus braços fortes Me
levou para a alcova
Toda enfeitada de flores
Me amou me fez mulher
E neste vai e vem tão ligeiro O tempo passou fugaz Colocou -me no
rostro rugas Embranqueceu-me os cabelos Me fez triste, sonhadora

Os sonhos e a saudade Tomam conta do nosso viver Esperando
somente a hora De deitar para morrer ...

SOLIDÃO

Na sombra da noite, à luz do luar,
Sentado, escondido, no meio das trevas Pensando, tremendo de
medo, assombrado Perdido no tempo e no espaço.
Fragilizado pelas torturas da vida
Sentindo que todos estão contra ele

Eis que de repente, o vento assovia
e bate de leve nas chamas do fogo de chão, Que crepita no ar,
estralando as lenhas
Que soltam labaredas, do fogo que aquece
o velho ancião.

E ele que agora, quase já não é mais um ser vivo Mal abre os
olhos, a fumaça atrapalha.
Respira profundo, geme e se vira
Se acomoda de um jeito melhor

Doem-lhe os joelhos, a febre está alta, O tempo passou, ele não
percebeu.
O pisar do cavalo, que outrora o levava Também se calou.

Só está esperando alguém
Alguém que talvez nem chegue a chegar,

E nessa espera os sonhos lhe afloram a alma relembra o momento
do adeus, da partida dedilha na caixa de fósforos vazia, aquela
canção que outrora cantava e o fazia sonhar.

E a lua que brilha no céu sem parar
Com todo esplendor, com toda magia
É lua de ouro, cristal ou metal
É uma lua guia ...

ESTRELA

Aliana, não havia deixado cair a cesta de ovos por acaso, foi um desastre, aconteceu. Um acidente de percurso vamos dizer.

Porém as coisas nunca acontecem por acaso, aquela cesta de ovos, por ordem de uma força maior, haveria de cair exatamente ali naquele lugar.

Aliana era uma menina loura de olhos verdes com mais ou menos 12 anos e por ali passava todos os ‘dias para ir à Escola, para brincar, para fazer algumas compras para sua mãe num mercadinho que havia logo adiante.

Neste dia, havia ido buscar ovos na casa de sua vó, que morava logo ali por perto, porém mais abaixo, bem no começo da ladeira.

Sua avó, sempre que tinha algum tempinho, contava-lhe histórias acontecidas há alguns anos, naquela mesma rua onde moravam. Entretanto ela a sua avó, conhecia a senhora idosa que sempre mantinha limpa aquelas pedras tão bem colocadas daquela rua em subida, ladeada por belas árvores frondosas, muitas vezes cheias de flores, como por exemplo os belos pés de flamboyant vermelho.

Era uma história muito bonita e cheia de pormenores, onde a mocinha, vestida por belíssimo vestido de seda branca pura, bordado com renda portuguesa, saía todas as tardes para encontrar seu amor e com ele passar tardes inteiras aos beijos e aos abraços, escondendo-se dos pais, que já meio doentes ficavam na varanda da casa grande a espera da filha que sempre lhes trazia um lindo ramo de flores, colhidas num jardim próximo dali.

Estes encontros duraram muitos anos, e certo dia o jovem amor da sua vida, veio, e ali na ladeira, perto da menina moça, desembainhou sua espada atingindo seu próprio coração, e morrendo ali aos seus pés, sangrando muito, sujando de sangue toda a ladeira e os belos trajes moça.

Deste dia em diante, sem saber qual o motivo de tamanha decisão, ela a amante apaixonada enlouqueceu, e todos os dias ela ia de balde e vassoura lavar as pedras da ladeira, daquela ladeira que um dia ficou suja do sangue do amor da sua vida.

Daquela ladeira que havia sido o palco da sua história de amor.

As bolhas de sabão, tornavam-se coloridas, à medida que passavam por perto das árvores floridas, e , ela a pobre moça, hoje, velha e só, sonha e diz que vê nas bolhas a imagem do seu primeiro e

verdadeiro amor.

Dalvina de Jesus Siqueira
Cadeira n023.
Patrono dr. Jorge Lacerda

DULCINÉIA FRANCISCA BECKHÄUSER



Data Nascimento: 11 de agosto de 1947. Filiação: Manoel Inocêncio Martins e Albertina Francisca Martins. Estado Civil: Casada. Naturalidade: Florianópolis-SC. Nacionalidade: Brasileira. Profissão: Professora.

Funções Exercidas: – Gerente de Tecnologias Educacionais no período de 1995 a 1988. – Diretora de Tecnologia Educacional. – Gerente de Pesquisa e Inovação da Diretoria do Ensino Superior. Gerente do Ensino Superior. – Secretária da Associação da Praia Brava (período 2000 a 2002). – Secretária do PMDB / mulher Florianópolis. – Presidente do PMDB / mulher Florianópolis (durante 3 mandatos). – Secretária do PMDB / mulher – Estadual (durante 2 mandatos). – Delegada do mesmo partido PMDB (durante 6 mandatos). – Presidente do Conselho de Segurança nas seguintes localidades: Jardim Santa Mônica – Parque São Jorge – Córrego Grande – Jardim Anchieta – Pantanal – Trindade. – Diretora do Colégio Estadual Lauro Müller (cargo eletivo) em 1985. – Reeleita Diretora do Colégio acima citado em 1990 com 99% da votação. – Atualmente desenvolve Trabalho Voluntário na Comunidade – Instituto Lagoa Social – Idosos. Jardim

Santa Mônica – Diretora Social e Comunitária do Conselho de Segurança. – Atualmente exerce a função de Secretária do Jardim Santa Mônica e membro do Conselho Diretor do mesmo.

Formação - Magistério: – Licenciada em Letras: Português, Literatura Portuguesa e Brasileira, Francês, Literatura Francesa.

Curso de Especialização: – Comunicação e Expressão Português Francês – UFSC. – Mestrado em Metodologia do Ensino na Bélgica – 1983 a 1985. – Cours de Langue Française Heures – Universite Catholique de Belgique – Institut des Langue Vivante – Belgique (Bélgica). – Lecionou 18 anos Francês – Português, 1º e 2º Grau. – Literatura Francesa e Portuguesa. – Cursou Escola de Governo e Cidadania durante um ano – Total de horas aulas e trabalhos com defesa, 148hs, 2003.

Cursos de formação continuado: – Seminário Estadual sobre Segurança Pública – julho 2003. – Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina. – Tecnologias Educacionais. – Curso de Gestão Educacional e Gerencial. – Curso Qualidade Total na Educação. – Artista Plástica.

Cadeira nº: 33

Posse: 14-05-2008

Título: Escritora / Artista Plástica / Professora

Patrono: Oswaldo Rodrigues Cabral

Título: Historiador

SER MULHER

Dulcinéia F. Beckhauser

A mulher tem que ser olhada como ser humano pensante. Usando sua força na reivindicação de direitos, sem nunca abdicá-los.

As lutas não podem ser confundidas com movimentos feministas.

Que não exista o diferencial entre o homem e mulher. Mas a igualdade dos seres humanos em busca de espaço na sociedade.

O dia 8 de março foi escolhido para ser o Dia Internacional da mulher.

Em 1857, as mulheres já trabalhavam nas fabricas de tecido em Nova York. Ali, iniciou a primeira greve de mulheres do mundo onde, reivindicavam as condições de trabalho e salários.

Elas se recusavam a trabalhar, ficando dentro da fábrica. Os patrões vendo que não era possível expulsá-las, não tiveram dúvidas mandaram incendiar o prédio queimando-as vivas.

No século XX as mulheres passaram a conquistar mais espaço na sociedade, equiparando-se aos homens.

Embora, acomodação e a submissão nos dias atuais ainda persistem. E não existirá progresso se não tivermos conhecimento e discernimento de fazermos nossas interpretações e críticas. Sejam elas construtivas ou não. A condição de independência adquirida vão além, da revolução feminista de 1969 da qual tive a felicidade de participar.

Em pleno século XXI acho que não deveríamos comemorar mais o dia da mulher porque temos todos os dias como os homens. Eles não comemoram o dia do homem por quê?

Se o mundo está mudando, em boa parte, foi obra da mulher, pois existem mulheres que lutam pelos direitos de todas e buscam igualdade entre os sexos.

Hoje, no mundo em que vivemos não podemos diferenciar dentro dos movimentos institucionais uma divisão para homens e mulheres, pois temos direitos e deveres iguais. A atual conjuntura econômica leva a mulher a auxiliar nas questões financeiras da família.

Ultrapassadas barreiras, bem vencidas e tabus quebrados na luta diária, por um amanhã mais justo. Como, já salientei anteriormente, sobre o dia das mulheres e sua comemoração, não há mais sentido. Tenho a convicção de que o homem deve estar inserido neste processo.

Até porque, não precisamos de divisão entre homens e mulheres em partidos políticos, OAB e entre outros, nosso espaço está garantido. Hoje, a mulher tem consciência de sua tarefa no mundo político. As forças universais fizeram o mundo não discriminar ninguém quer seja homem ou mulher.

Pois, os trabalhos realizados pelas mulheres e nada diminuem os homens. Os homens também devem auxiliar nos afazeres domésticos e na educação dos filhos, pois, a tarefa é de ambos e também a responsabilidade, sabemos que os trabalhos domésticos não influenciam no sexo e sim engrandece ambos. Já, houve um grande avanço neste aspecto, mais precisamos melhorar muito. E ainda, existem homens que quando chegam a casa se dizem cansados e não auxiliam nas tarefas acima citadas. O trabalho do homem dispensa explicação porque trabalhava em casa era regra para as mulheres atividade doméstica não era reconhecida como ocupação e sim como dever do sexo feminino. Hoje, a mulher ocupa espaços que representa igualdade com os homens em qualquer profissão.

Portanto, os trabalhos domésticos deixaram de ser apenas dever da mulher. O homem precisa se sensibilizar e se conscientizar de seu trabalho na luta dos afazeres domésticos. A atenção com a família não se resume apenas no setor econômico. O grande nó está na complexidade da educação dos filhos que necessitam de

ambos para seu desenvolvimento integral e muito importante falo isto como educadora.

A formação da personalidade de uma criança exige respeito atenção dedicação e comprometimento. Pois, os reflexos quando adultos são devastadores. Pensem e quem não tem este hábito procure corrigir amando seus filhos. Como conciliar à árdua jornada de trabalho com todas de dona de casa, esposa, mãe? Este é o dilema da mulher da atualidade que está sempre correndo atrás da máquina sem tempo para sim mesmo.

Precisamos parar um pouco e começar a definir prioridades até para evitar o stress e desconforto entre os casais. Tudo vai depender da forma como ela vai concretizar seus objetivos de maneira que isto não lhe traga sofrimentos.

A mulher moderna tenta abraçar o mundo, luta-se de afazeres e obrigações e sempre cobrando de si mesma. Com a necessidade de sua independência econômica e produtiva, muitas mulheres saíram à luta para obter uma formação profissional e um trabalho digno o que acaba gerando sérios conflitos para ela mesma, Porque trabalha jornada em tempo integral. Um ponto muito importante para as mulheres é a sua valorização do sexo.

A mulher não deve se permitir ser usada como objeto. Tais, como usar sua imagem em produtos mostrando seu corpo como produto de desejo.

È preciso organizar um grupo com o objetivo de eliminar esta imagem de mulher. Uma integração na sociedade conquistando espaço e ajudando a construir um mundo sem discriminação, onde homens e mulheres se completam na busca de um bem estar em conjunto. As mulheres devem seguir seus caminhos ser feminina, mulher-mãe profissional esposa e intelectual. Na política estamos muito bem, porém, precisamos melhorar, pois, existem mais mulheres e com isto devemos ter o compromisso de votar em mulheres, pois deste modo conquistaremos nosso poder tão almejado. Hoje, já não se fala mais em pátrio poder porque ele

não mais existe.

Foi substituído pela autoridade familiar. Já era tempo. A chegada da mulher ao mercado de trabalho e o impacto cultural foi o grande catalisador do novo lugar da mulher na atualidade. A mulher na sociedade atual já tem tomado consciência de sua tarefa no mundo político em que está inserida. Entretanto, as discriminações entre homens e mulheres já podemos dizer que se equivalem. Pois, temos mulheres no poder como ministra e presidenta da Republica Dilma Rousseff. Da qual esperamos a garantia de uma ótima representante. Que trabalhe no bem-estar, a elevação da qualidade da educação. Pois, sabemos que uma nação só cresce quando há investimento na área educacional.

Porém, precisamos de mais mulheres na política, pois, somos a maioria em relação ao homem como eleitoras. Podemos além da deficiência no mundo político a mulher tem conseguido alguns espaços de fundamental importância para sua participação no mundo político. Tomar o poder com a finalidade de ouvir e ser ouvida. Os espaços políticos devem estar abertos para que todos os seres humanos sejam iguais na lei e na prática. Felizmente a mulher já tem tomado consciência de sua tarefa no mundo político em que está inserida. De sua contribuição na sociedade do passado no presente e no futuro.

Historicamente, não temos conhecimento de mulheres envolvidas em corrupções abuso de poder. Talvez isto, se deva a educação que sou educada para educar nossos filhos, alunos etc. na busca de querer ser gente séria e competente em todos os instantes.

Na sociedade atual, a mulher deve assumir sua postura de ser humano e exercer sua atividade de acordo com a classe social ou grau de intelectualidade, pois, um grau fraco de intelectualidade não deprime o ser humano que deve ser respeitado. E, qualquer tipo de atividade deve ser exercida com dignidade.

Pois, vivemos em uma cadeia profissional onde um depende

do outro. A empregada doméstica, costureira, motorista em fim todas as profissões devem ser assumidas com eficiência do mesmo modo que qualquer trabalho de alto nível, pois e mais um espaço que se tem conseguido para mostrar que a mulher não é aquela dona do lar, mas sim ser inserida na atividade produtiva em geral.

A igualdade da mulher com o homem está efetivamente concretizada a partir do momento em que passou a perceber que casamento não investimento como antigamente, onde se dedicava exclusivamente a ser do lar e a maternidade dependendo financeiramente do homem.

Atualmente no contexto em que a mulher está inserida na sociedade exige da mulher várias funções. É importante lembrar que nosso comportamento mudou. Porém, não podemos abdicar da maternidade, do lar e vida conjugal, pois, cuidar da casa deixou de ser nossa única prioridade.

Hoje, precisamos dividir entre ser mulher e ser profissional e que todas as atividades precisam ser executadas com perfeição, pois estamos na era da globalização onde precisamos estar atualizadas sempre. Entretanto, temos que ter uma característica que nos é peculiar. Ser mãe não é apenas gerar, não podemos esquecer afazeres maternos cuidar da educação, saúde, alimentação, higiene entre outros inúmeros exemplos. A mulher moderna tem que tratar seus filhos de ambos os sexos com igualdade sem privilegiar o homem. Existem mulheres que são responsáveis pelo machismo, pois não educam seus filhos para compartilhar nos afazeres domésticos, achando que essa tarefa é somente das mulheres.

Criando desta forma o machismo tão combatido por nós mulheres que pensamos em igualdade de sexo em todas suas atividades. Muita coisa deve ser feita para que as discriminações sejam abolidas. Quando se trata de mulheres que tem homens como filho a discriminação é visivelmente exacerbadas as

complexidades são maiores pela própria desorganização delas. O homem protege o homem mesmo sem conhecê-lo, as mulheres criticam discriminam por qualquer motivo nossa cultura mudou mais precisamos muito de união para poder conquistar ainda mais nosso espaço. Os direitos da mulher são direitos humanos revela que uma verdade aparentemente óbvia pode levar séculos para ser reconhecida. O machismo não costuma ser gentil com quem ousa desafiá-lo, sabemos também através de estudos que existem muitos homens que estão assumindo o papel de chefe de família como provedor. Está nascendo um novo personagem, o dono de casa em conjunto com a mulher, cuidando dos filhos e nas tarefas domésticas.

Este comportamento trás benefícios na relação conjugal, pois, o machismo em minha opinião é puro orgulho na educação machista.

Hoje a mulher representa metade da mão de obra e saímos das discussões e entramos em cena rompendo silencia seculares. E reconhecemos imediatamente a consciência de nosso avanço. A igualdade entre os sexos no poder é de suma importância para a mulher.

Porém, não podemos deixar que essa conquista venha abalara instituição familiar. A família é à base da sociedade onde mãe, pai e filhos devem discutir e participar dos problemas e conquistas do casal.

Pois, a maioria da destruição das famílias está na falta de dialogo. Devemos educar nossos filhos a priorizar seus relacionamentos, pois, as mulheres ganharam mais poder e em muitas situações continuam a lavar a roupa sozinha e os afazeres domésticos, precisamos educar as gerações para nova realidade de nossa sociedade.

O sentimento amoroso em um duplo processo, hoje, sustenta e ameaça o casamento que pode se dissolver com facilidade. A separação não escandaliza mais ninguém até porque casamento

já não tem definição. Cada caso é um caso e as diferenças levadas em conta.

Porém, ainda, defendo o casamento desde que a felicidade esteja presente e a harmonia faz parte deste contexto. Separação também desde que os dois envolvidos sejam responsáveis e ao percam de vista o futuro dos próximos. A grande novidade dentro do casamento é a obrigação do respeito entre os cônjuges, lealdade e transparência.

Bibliografia:

Revista Educar, maio – 2011 – artigo A Cãs da Mamãe – autora auxiliadora mesquita pedagoga.

Edição Veja Especial junho de 2010, Mulher As Herdeiras de uma Revolução.

Pesquisa exclusiva quatro décadas de mudanças de comportamento e conquista.

Veja – Editora abril, Veja setembro de 2006 – Homem, mulher ou pessoa. Artigo de Lya Luft.

O mundo das mulheres – Alain Jouraine – Editora Vozes.

EGIDIO MARTORANO FILHO



1-Especialista em:

- Cirurgia Geral pelo Serviço do Hospital da Lagoa – RJ
- Cirurgia Geral pelo MEC e Inst. De Pós Grad. Médica Carlos Chagas
- Cirurgia Plástica pelo Serviço do Prof. Ivo Pitanguy – RJ
- Cirurgia Plástica pela Pontifca Universidade Católica (PUC) – RJ
- Cirurgia Plástica pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica

2-Membro:

- Titular da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica
- Da Sociedade Brasileira de Cirurgia a Laser
- Da Sociedade Brasileira de Videocirurgia
- Do Colégio Internacional de Cirurgiões
- Do Colégio Brasileiro de Cirurgiões
- Da Associação dos ex-alunos do Prof. Ivo Pitanguy

3-Prêmios:

- **Cidadão Honorário de Florianópolis**
Concedido pela Câmara Municipal de Florianópolis (SC)
- **Supercap de Ouro** / São Paulo (SP)
- **Comenda Colar Gran Cruz Louis Pasteur** / Brasília (DF)
- **Os Melhores do Mercosul 99** / Porto Alegre (RS)

Como cirurgião plástico do ano. Promovido pela associação dos empresários do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina

- **Prêmio Científico International “Spirit of Interprise”** / Genebra (Suíça)

- **Diploma de Honra**

Como Convidado Estrangeiro do XVI International Cuban Medical Association Congress em Exile – Miami Beach – Flórida (USA)

- **Qualidade Brasil “Clínica Egídio Martorano”**

Em sua XXVI Edição, por apresentar serviço de excelência da qualidade – Rio de Janeiro (RJ)

- **Cruz do Mérito Cívico e Cultural**

Comenda inserida pela sociedade Brasileira de Heráldica e Humanística – Ministério da Educação e Cultura (SP)

- **Ambassador of Arkansas**

Título concedido pelo Governador de Arkansas (Little Rock/ EUA)

-**Comenda Colar Gran**

Cruz Louis Pasteur-Brasilia-DF

-**Cirurgião Senior de honra do “Cuban Medical Association in Exile”**. Miami-Flórida-EUA

4-Histórico:

Nasceu em São Joaquim, Santa Catarina. Foi para Florianópolis quando seu pai, Egídio Martorano Neto, elegeu-se deputado Estadual. Seguindo os passos do pai, cirurgião geral, formou-se em Medicina e optou pelos delicados caminhos da cirurgia. Foram três anos de especialização em cirurgia geral, no Hospital da Lagoa, Rio de Janeiro. Ingressou no serviço do Professor Ivo Pitanguy. Já no primeiro ano de residência foi pinçado de Santa Catarina de Misericórdia, em escolha pessoal de Ivo Pitanguy, para trabalhar na clínica particular do conceituado mestre. Então, como residente, atendeu consultas junto à seleta clientela e realizou cirurgias. A

responsabilidade aumentava a cada dia e, ainda, foi escolhido como chefe dos residentes. Egídio Martorano Filho permaneceu por oito anos no Rio de Janeiro. Foi um importante período de aprendizado e aperfeiçoamentos que o qualificaram para retornar a terra natal.

A nova técnica o levou a treinar equipes, como a do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e das Euroclínicas, em Portugal. Em seguida instalou o primeiro Centro de Vídeo Cirurgia de SC, junto com colegas de outras especialidades, onde realizaram cirurgias de rejuvenescimento facial e implante mamário pela axila. O domínio desse método o conduziu a realizar demonstrações e palestras no País criador da técnica, no Hospital Mount Senai nos Estados Unidos. Ainda operou por dois anos na Alemanha, em Berlim e Kiel, com a equipe do cirurgião Voler Buck. Egídio Martorano Filho, dentre tantos prêmios em sua carreira, destaca o “Spirit os Interprise”, criado pela fábrica de relógio Rolex na categoria ciência, recebido em Genebra na Suíça. Também o “Award of Honor” oferecido pela Cuban Medical Association in Exile, em Miami na Flórida e “Os Melhores do Mercosul” recebido em Porto Alegre.

CIRURGIA PLÁSTICA NO BRASIL

Por incrível que pareça, a Cirurgia Plástica, nasceu na antiguidade. Médicos indianos, já no século VIII a.C., realizavam transplantes de pele e reconstruções nasais (nesse período, na Índia, a amputação do nariz era um castigo para certos crimes). No século I a.C., os romanos desenvolveram técnicas simples, como a reparação de orelhas danificadas.

Eras mais tarde, o médico bizantino Oribasius criou a enciclopédia médica *Synagoge Medicae*, que contém textos sobre cirurgias plásticas, apesar da especialidade ainda estar longe de existir oficialmente. Oribasius demonstrou sua compreensão a respeito de técnicas importantes como a de utilização de retalhos para evitar a distorção das características faciais e o processo de criar fios de sutura sem tensão. Seu trabalho foi de grande influência para as técnicas médicas atuais.

Somente no século XV a cirurgia plástica começou a evoluir novamente, com os estudos de Heinrich von Pfolsepeundt, que conseguiu realizar a construção completa do nariz, utilizando a pele em excesso do braço. A Rinoplastia foi, então, a mãe das cirurgias plásticas reconstrutoras, ganhando enorme repercussão na Europa do século XVIII.

Não se pode falar em cirurgia plástica no Brasil sem citar Ivo Hécio Jardim de Campos Pitanguy, ou apenas Ivo Pitanguy”, como nosso patrono se tornou conhecido.

Ivo Pitanguy nasceu em Belo Horizonte, no dia 5 de julho de 1926, filho de Maria Stäel Jardim de Campos Pitanguy e de Antônio de Campos Pitanguy. Fez sua formação cirúrgica fora do Brasil. Contemplado com uma bolsa de estudos, partiu para Cincinatti, em Ohio (USA), na condição de cirurgião-residente do Serviço do Professor John Longacre, no Bethesda Hospital (1948-1949). Na mesma época, frequentou a Mayo Clinic, em

Minnessota, e o serviço de cirurgia plástica do Dr. John Marquis Converse, em Nova York.

Voltando ao Brasil na década de 40, impulsionou a especialidade em Cirurgia Plástica em nosso país. Criou o Serviço de Cirurgia Plástica da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, atendendo pacientes carentes e portadores de deformidades.

Um ano mais tarde, convidado por Marc Iselin, um dos criadores da cirurgia de mão e referência no atendimento aos mutilados da 2ª Guerra Mundial, Pitanguy foi para seu serviço, em Paris, como “visiting fellow” (1950-1951). Também na capital francesa, frequentou os serviços de cirurgia plástica dos Professores C. Dufourmentel e R. Mouly e do Professor Paul Tessier, em Surèsnes. Ainda na Europa, por meio de uma bolsa do British Council, Ivo Pitanguy teve a oportunidade de aprimorar e amadurecer sua formação como cirurgião plástico nos serviços de dois mestres da cirurgia plástica: Sir Harold Gillies e Sir Archibald McIndoe, na Inglaterra.

Seu nome celebrou-se no mundo inteiro em 1961, na tragédia do Grand Circus Norte Americano que tirou a vida de mais de quinhentas pessoas e deixou dois mil e quinhentos feridos, crianças na maioria deles. Essa tragédia foi, inclusive, considerada, num congresso da OTAM, em Bruxelas, a maior do mundo em recinto fechado. Com a ajuda de vários países, o jovem cirurgião de então, Ivo Pitanguy, organizou um CTQ (Centro de Queimados) no Hospital Antônio Pedro do Rio de Janeiro. Daí em diante nosso patrono tornou-se figura mundial.

Em 1960 criou o curso de pós-graduação em Cirurgia Plástica, plantando com isso a semente que levaria à criação da Cirurgia Plástica no Brasil, formando até agora cerca de 500 alunos formados com 45 turmas. Alunos estes considerados a elite da especialização e reconhecidos como tal no mundo inteiro. Daí

em diante formaram-se vários outros centros em todo o país.

Atualmente, o Brasil ocupa o segundo lugar no ranking mundial de cirurgias plásticas, perdendo somente para os Estados Unidos, e é considerado o número um em relação ao aperfeiçoamento de novas técnicas e à qualificação de cirurgiões.

Ivo Pitanguy é um homem das Letras e de inteligência ímpar. Em 1990 foi eleito para a Cadeira 22 da Academia Brasileira de Letras, tendo como madrinha Raquel de Queiroz, com quem teve contato íntimo na minha estada na Clínica do grande Mestre.

Há quinze anos, eu tive a feliz oportunidade de fazer o curso de especialização com o Professor Ivo Pitanguy, o que levou-me mundo afora, tendo realizado cirurgias em outros países como Alemanha, Portugal e Estados Unidos. Isso mostra a força do Brasil em outros horizontes, o que nos honra e nos credencia para maiores vôos.

Oficialmente a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica foi fundada em 14 de janeiro de 1949, no auditório da Biblioteca Municipal de São Paulo. Seu primeiro Presidente foi Rebello Netto, e o primeiro congresso brasileiro foi realizado em São Paulo em 1956, tornando-se o órgão máximo da especialidade, conferindo o título de especialista, criando regras, credenciando e fiscalizando serviços para especialistas.

Hoje, no Alvorecer do século XXI, a Cirurgia Plástica Brasileira é uma das mais conceituadas em todo o mundo. Pode-se dizer que tal status é devido ao fato de o Brasil possuir uma enorme equipe com nomes sempre presentes em congressos internacionais. Três fatores justificam essa posição: a qualidade dos médicos brasileiros; características sócio-culturais locais de espontaneidade e de abertura para o culto da beleza física, (o que é uma natural consequência da diversidade de etnia), favorecem a vaidade do brasileiro, ou seja, a grande preocupação com a perfeição de seu corpo; e por último, a questão do acesso. O mais

importante, porém, foi o alicerce tão bem assentado pela atuação dos desbravadores de especialidades no Brasil, cujo trabalho pioneiro plantou a semente desta árvore de ramificação frondosa e de tantos frutos jamais sonhados talvez por eles, dos quais todos nós nos beneficiamos.

Ficam, portanto, aqui registradas especialmente a esses pioneiros a homenagem e a gratidão de todos nós.

Bibliografia

- Sociedade Brasileira da história da medicina - plástica@libiojunior.med.com
- “O alcance da cirurgia plástica” Martire L. Júnior, editora Astúria, 2005.
- História da cirurgia plástica no Brasil Loeb Raúl, editora livros 1988
- Carta de um jovem cirurgião –Pitanguy Ivo Editora campus 2008.

ESPERIDIÃO AMIN HELOU FILHO



Esperidião Amin Helou Filho é filho de Esperidião Amin Helou e Elza Marini Amin Helou. Nasceu em Florianópolis-SC em 21/12/1947. É formado em Administração pela ESAG, Bacharel em Direito pela UFSC e Mestre em Administração também pela UFSC, tendo feito especialização e extensão nas áreas de Economia e Direito.

Exerceu o magistério na UFSC de 1968 até 1990. Exerceu diversos cargos públicos, como: Diretor de Administração, chefe de Gabinete, Secretário de Estado da Educação e Cultura, Assessor de organização e Métodos, Diretor Financeiro do BADESC, Prefeito Municipal de Florianópolis, por duas legislaturas, Presidente da AMGF – Associação dos Municípios da Grande Florianópolis, Deputado Federal, Senador da República, Presidente Nacional do PPR e do PPB, e Governado do Estado de Santa Catarina.

Atualmente é professor no curso de Administração da UFSC e Doutor em Engenharia de Gestão do Conhecimento e Deputado Federal pelo partido PP.

Cadeira nº: 28

Posse: Não informado

Título: Político / Orador / Professor

Patrono: Manoel de Menezes

Título: Jornalista

PÃO POR DEUS – RESGATE

Lendo o que se escreveu a respeito, conclui-se que se trata de uma herança lusitana, provavelmente associada aos momentos dramáticos pós-terremoto que causou grande destruição em Lisboa, em 1º de novembro de 1755. Seu objetivo era, pois, um apelo à solidariedade. O Pão por Deus significava súplica que os lisboetas flagelados dirigiam às populações vizinhas. Às influências que esse drama exerceu na geração dessa prática popular, sucessivamente, foram sendo acrescentados outros componentes. Segundo os estudiosos, práticas que acrescentavam participação infantojuvenil, pedidos singelos de natureza amiga e amorosa, enriquecidos por poemas singelos sob a forma de “quadrinhas” dirigidas a alguém foram enriquecendo o hábito de natureza popular. Mais recentemente, parece que as práticas do *Halloween* foram sendo incorporadas ao conjunto da “liturgia” do Pão por Deus. O *Halloween*, ou Dia das Bruxas, é comemorado na véspera do Dia de Todos os Santos. O Pão por Deus tem um período de “celebração” que se desdobra ao longo da primavera, entre setembro e dezembro, abrangendo, portanto, com realce, o dia primeiro de novembro.

Se quisermos selecionar alguns dos poemas que o uso do Pão por Deus produziu no nosso Estado, especialmente no litoral, podemos recorrer às publicações da Comissão Estadual do Folclore, liderada por Doralécio Soares, e a iniciativas de vários estudiosos de nossa cultura popular e seus usos e costumes gerados a partir da influência portuguesa.

Cabe uma referência muito especial ao trabalho desenvolvido pelo incansável professor Nereu do Vale Pereira. Em seu livro *Contributo Açoriano para a Construção do Mosaico Cultural Catarinense* (editora Papa-Livro, 2003), podemos colher lições relevantes acerca do tema e, especialmente, exemplos que caracterizam essa

“forma arcaica de comunicação epistolar”, sugerindo que a origem remota do Pão por Deus é encontrada, na Alemanha, na Idade Média, sob a designação de “bilhetes espirituais”. De qualquer forma, entre nós, trata-se de um pedido, de correspondência sentimental ou amorosa, por isso, tendo a “prerrogativa” de impor-se, devendo ser atendido ou, ao menos, levado a sério. No caso de declaração de amor, cabe assinalar que o Pão por Deus opera como uma válvula de escape para “introvertidos”. Diríamos que Freud explica... Nereu assinala um caso em que o Pão por Deus assume a forma de relato de vida. Seus vários textos seriam, na linguagem de hoje, “tuitadas” de tamanho limitado (os didáticos 140 caracteres que devem acomodar nossas mensagens). Vejamos alguns dos trechos:

“O meu nome é Caetana
Que na pia foi botado
Por sobrenome Dias
Que de meu pai foi herdado”.

“Com 97 anos de idade
Pouco posso enxergar
Com a mão direita ale(i)jada
Custa a caneta pegar”.

O esforço de coleta do professor Nereu tem como base o Ribeirão da Ilha. São de lá os exemplares por ele referidos nesse trabalho apresentado em outubro de 1978. São revestidos de forma simples e objetiva, sendo, sem dúvida, comunicação popular direta e sentimental, ingênua e cativante.

Vale ainda destacar o trabalho legado por Oswaldo Cabral e Henrique Fontes, inquestionavelmente, uma dupla de “gigantes” da história e da cultura de Santa Catarina. Permito-me alinhar

alguns desses versos, sempre apresentados dentro de corações recortados, com bordas “rendilhadas”, criação de pessoas do nosso litoral, que ajudaram a perpetuar essa singela forma de criação cultural. Detalhe interessante: a maior parte deles é de moradores do município de Biguaçu. Vamos a eles:

“Lá vai o meu coração
Sozinho sem mais ninguém
Vai pedir o Pão por Deus
A quem quero tanto bem.”

“Aí vai o meu coração
Rodeadinho de flor,
Vai pedir um Pão por Deus
Minha prenda, meu amor.”

“Lá vai minha cartinha
Cheia de ramo de flor,
Vai pedir um Pão por Deus
Ao meu querido amor.”

Aliás, Biguaçu, Antônio Carlos e Governador Celso Ramos mereceram destaque e registro especiais no Boletim Catarinense do Folclore, edição VI, de 1956, elaborado pelo professor Walter Piazza. Em primeiro lugar, porque Canudos (hoje, pertencente a Antônio Carlos) celebrava, então, o Pão por Deus por mais tempo. Em segundo, porque eram desses atuais três municípios, à época integrantes de Biguaçu, as mais criativas e numerosas produções de versinhos. Importante, sua produção estava disseminada, compreendendo a área dita rural, então, obviamente, bem mais expressiva do que a urbana. Pode-se, pois, inferir que o Pão por Deus é uma instituição cultural com raízes firmes em toda a região

litorânea do nosso Estado, sim, mas com um grau de capilaridade especialíssimo no nosso folclore de Biguaçu.

Pelo que pude constatar, essa singularidade mereceria um resgate diferenciado, tarefa a que se poderia dedicar, em particular, a Academia de Letras de Biguaçu, por exemplo, propondo os termos de um concurso anual de criatividade de Pão por Deus, contemplando a criação literária propriamente dita e a de natureza artesanal, tratando da confecção do coração recortado, rendilhado, tipo de papel, cores, forma de apresentação etc.

Quem sabe, essa proposta preliminar pudesse, também, além de estender-se aos municípios vizinhos, associar a “temporada” do Pão por Deus ao período em que o nosso Guapuruvu (escolha o leitor a forma de designar a árvore símbolo de nossa Capital, a que responde à dúvida sobre “com quantos paus se faz uma canoa?”), se engalana, com flores amarelas que fazem inveja ao ipê amarelo (flor/árvore símbolo do nosso País), combinando, pois, dois “eventos” contemporâneos.

O Pão por Deus como prática disseminada, com a arte da escrita e o rendilhado de sua forma usual, por mais singelos que ambos se apresentem, me faz compará-lo, como citei anteriormente, ao atual *twitter* e a outros dispositivos de redes sociais, largamente difundidos atualmente. O limite da comunicação do Pão por Deus é a quadrinha, de “pé-quebrado” ou não. O do *twitter* são os já famosos 140 toques. Tais limites, se aceita a comparação, ensejam a concisão e a linguagem direta que, por sua vez, estimulam a economia de tempo e contribuem para reduzir os erros de redação e de vernáculo. Quanto mais longos os períodos e as frases, mais erros são cometidos, até proporcionalmente.

Se a concisão era importante quando o bilhete com rimas era produzido e enviado com a lentidão da comunicação própria, mais importante, até crucial, é hoje. As redes sociais e o volume imenso de informações disponíveis tornam imprescindíveis a concisão e a objetividade.

O tema Pão por Deus me é muito caro há longa data. Sobre o assunto, assim me manifestei, em novembro de 2001, quando da publicação do livro “Vecchietti – Pão-por-Deus”, da editora Garapuvu (eis a forma mais usual do nome da nossa árvore):

Falar em pão por Deus é desvelar uma parte da alma dos habitantes do litoral catarinense, há bem pouco tempo, isolados em seu universo diário de trabalho dedicado e, por isso, voltados à introspecção e ao exercício das virtudes exigido por um ritmo de vida onde a tradição cultural é a real e conta com a adesão de toda a comunidade de forma espontânea, como modo de demonstrar sua integração.

O envio dos corações em papel picotado, com mensagens de amor ou de amizade, representava às vezes um ritual galante, um início de conversa que bem poderia anunciar o esperado encontro com vistas à vida a dois; em outras, era um prêmio ou recompensa quando se correspondiam amigos ou crianças, que neste caso tinham como respostas presentinhos, doces ou mesmo conselhos carinhosos.

Crispim Mira fala que o costume do pão por Deus renovava-se cada ano no início de novembro; talvez fosse uma forma de expressar atávicos ritos de primavera, quem sabe, onde a atração entre as espécies está atingindo seu ponto de ebulição.

De qualquer forma, enviar um pão por Deus é, antes de tudo, dizer ao outro sentimentos íntimos, que normalmente as regras de convivência dificultam, para estabelecer contatos os quais

sempre dependem do efeito que a mensagem produz e do conseqüente teor da resposta.

Eu bem me lembro, na escola primária de dona Leonor de Barros, aqui na Ilha de Santa Catarina, todos nós, seus alunos, eximindo-se na arte dos recortes de papel de seda, para o rendilhado do pão por Deus onde escrevemos nossas primeiras “cantadas”.

Que este costume retorne, faço votos, inspirado agora neste belo livro/testamento de Pedro Paulo Vecchietti, com os versos dos escritores seus amigos.

Aliás, dentre os versos populares de vários autores, reproduzidos neste livro, podemos contatar dois casos em que o Pão por Deus serve para recados políticos bem a gosto de quem deseja criticar governos, políticos e governantes, um dos mais difundidos “esportes” que a natureza humana cultiva. Vejamos dois exemplares da lavra do extraordinário Sérgio da Costa Ramos, meu colega de colégio Catarinense:

“Abra com muita paciência
O lacinho desse isopor.
Tem aí um pum por Deus
Pros político istepô.”

“Pão por Deus ao heroico
Funcionário que não recebe.
Ao governador, o miolo;
E que o diabo o carregue.”

Instado pela escritora Vaiani Kotzias Pisani, esposa do saudoso amigo Osmar Pisani, arrisquei, há quase dez anos, um sofrível texto que aqui reproduzo:



Illa de Santa Catarina: PÃO-POR-DEUS
Tradição herdada do colonizador português-acriano
pela qual, na primavera, recortavam-se corações de
papel acompanhados de quadrinhas setesilábicas,
pedindo-se presentes, conselhos e até amor.
Desenho de Pedro Paulo Vecchiatti
Versos de Esperidião Amin Helou Filho

Para agravar, a publicação me fez companhia abusada e pretensiosa de talentosos escritores do nosso Estado, no livro anteriormente mencionado. Ali constam criações de Flávio José Cardozo, Iaponan Soares, Jair Hamms, Júlio de Queiroz, Raul Caldas Filho, Silveira de Souza, Vera Sabino, Eglê Malheiros, dentre outros em quatro línguas: português, espanhol, francês e inglês. São belos exemplos de aplicação de grande talento num “veículo de comunicação” simples e tradicional. De minha parte, para pedir e merecer anistia e clemência em face da precariedade da qualidade poética deste Pão por Deus, argumento que pior seria desprezar a tradição...

Esperidião Amin Helou Filho, em janeiro de 2011.

GABRIELLE BECKHÄUSER



Gabrielle Beckhäuser – OAB/SC 17.082

Advogada militante em Florianópolis, formou-se em Direito na Universidade do Sul de Santa Catarina em 2002, Pós-graduanda *Latu senso* em Direito Processual Civil – Universidade Anhanguera – UNIDERP e Conselheira Estadual da OAB/SC (triênio 2010/2012).

Foi presidente da Comissão do Jovem Advogado da OAB/SC (triênio 2004/2006 e ano de 2007), vice-presidente da Comissão de Assuntos Judiciários da OAB/SC (triênio 2004/2006); defensora dativa em processos ético-disciplinares da OAB/SC(2003), membro da 1ª Comissão de Admissibilidade e Instrução de Processos Ético-Disciplinares da OAB/SC (triênio 2004/2006); Secretária da Comissão de Apoio ao Advogado Iniciante do Conselho Federal da OAB (triênio 2004/2006); Secretária da Comissão de Apoio ao Advogado em Início de Carreira do Conselho Federal da OAB (triênio 2007/2009), Coordenadora-adjunta da Coordenadoria das Comissões da OAB/SC (triênio 2007/2009).

Cadeira n°: 08

Posse: 20/09/2011

Título: Advogada

Patrono: João da Cruz e Souza

Título: Poeta

PAPEL DA ADVOCACIA

O advogado exerce função essencial à Justiça e à própria democracia, mas qual o papel da advocacia, onde queremos chegar e quais os instrumentos imprescindíveis para obtermos nossas metas?

Até onde podemos ir, até onde devemos renovar, até onde as mudanças podem nos levar sem que nossos pleitos de respeito à justiça sejam ainda mais ameaçados?

Como fazer frente a tantas dificuldades que se agravam continuamente na nossa profissão e como responder a tantos ataques aos nossos direitos, nossas conquistas, nossa atividade?

Diante de tantos questionamentos, a resposta maior e mais contundente é a luta em prol da advocacia e da sociedade que diuturnamente nos procura em busca de soluções, qualidade e celeridade no judiciário, enfim, em busca de justiça.

Ademais o advogado exerce sua cidadania de um modo que nenhum outro cidadão brasileiro, pode.

A advocacia é a uma das mais nobres profissões, pois exercemos um verdadeiro sacerdócio. O advogado precisa da mais ampla e irrestrita liberdade e independência, para operar sua missão.

Rui Barbosa, na oração aos moços, sintetiza a fonte da vocação do advogado: “Amar a pátria, estremecer o próximo, guardar a fé em Deus, na verdade e no bem.”²⁹

O vice-presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) à época, Vladimir Rossi Lourenço, ao discursar, no plenário da Câmara dos Deputados, durante a sessão solene em homenagem ao Dia do Advogado no dia 07 de agosto de 2009³⁰, bradou:

29 Barbosa, Rui. **Oração aos moços - edição popular anotada por Adriano da Gama Kury**. – 5. ed. – Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997, pág.47.

30 Discurso do vice-presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) à época, Vladimir Rossi Lourenço, no plenário da Câmara dos Deputados, durante a sessão solene em homenagem ao Dia do Advogado no dia 07 de agosto de 2009.

“O advogado é a antítese do poder. O advogado não manda, não determina, não impõe. O advogado pede, requer, suplica, solicita. No entanto, quando o poder se hipertrofia e o abuso se torna regra, eis que surge o advogado como o único a pedir, a requerer, a suplicar o fim dos desmandos. Isto porque ele é autenticamente independente. Seu estímulo é a própria convicção. Seu superior é a própria consciência. Escravo da ética, o advogado é livre, é o verdadeiro profissional liberal. É o advogado o cisco irremovível dos olhos dos poderosos que abusam do poder. É o advogado a voz legal do acusado.”

Quanto maior o conflito social, mais necessária se torna a atuação do advogado. O advogado é a resistência, o guardião das liberdades, da vida e do patrimônio das pessoas, e, ainda, é eterno amante do direito e mais que amante do direito, é o defensor incansável da justiça, da liberdade e da paz.

Referência Bibliográfica:

Barbosa, Rui. **Oração aos moços - edição popular anotada por Adriano da Gama Kury**. – 5. ed. – Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

HILTA TEODORO BENCCIVENI



Nasceu em Florianópolis, SC, no dia 21 de agosto de 1922. Formada pelo Curso de Formação de Monitores de Ação Gerontologica do Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI -, da Universidade Federal de Santa Catarina. Frequentou o curso de Letras (Português e Literatura Brasileira) da mesma Universidade. Tem vários contos e poemas publicados em jornais da cidade de Florianópolis. Participa em várias antologias da Associação de Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses, das Academias de Letras de São José, (Cadeira 11) e Biguaçu, (Cadeira 4), do Estado de Santa Catarina e no *Livro Contos do Professor* da FUCAPRO. Participou da fundação da Academia Desterrense de Letras, de Florianópolis. Nascida e criada na Ilha de Santa Catarina, não esquece as suas origens e é com muito orgulho de ser manezinha que escreve, também, contos e poemas com o linguajar do povo ilhéu. Premiada com dois segundos lugares em crônica e conto no concurso da Fundação Viva Vida em 1997 e em primeiro lugar na categoria poesia e em terceiro na categoria conto, no concurso da mesma Fundação, em 1998.

Cadeira n°: 04

Posse: 17-12-1997

Título: Poetisa

Patrono: Altino Flores

Título: Ensaista

ODE AO AMOR

Eu amo as noites
claras de luar
e a chuva que escorrega
na vidraça; eu amo o vento,
a viração que passa,
jogando folhas,
ondulando o mar...

Eu amo o sol
e a luz mortíça e lassa
das estrelas do céu
brilhando devagar,
/o devaneio, o sonho e a quimera,
o verão, o outono, a primavera,
a tristeza do inverno
e até a dor!

Eu amo tudo,
mas amando creio,
que com mais força
e com maior anseio,
eu amo muito mais
o próprio amor!

METAMORFOSE

Quando terminou
a criação do Universo,
Deus descansou e dormiu!
E no meio de um sono
forte e profundo,
Ele sonhou que o mundo
ainda estava inacabado...

Precisava criar algo
maravilhosamente belo,
como nunca tinha imaginado!
Alguma coisa que inebriasse
o ar com seu perfume
e que tivesse o encanto e a magia
de um solitário vaga-lume
em noites sem luar!

Devia ser, ainda, banhado
de orvalho cintilante,
como se tivesse chorado
àquele instante, lágrimas de amor!
Então, Ele criou a flor,
mais precisamente a rosa!

E ontem, quando vi,
entre outras flores,
entreaberto botão
se transformando em rosa,
assustado e trêmulo,
mas cheio de malícia,

parecendo menina-moça,
que em bela mulher desabrochava,
não tive dúvida...

Deus é poeta,
e, por ser poeta,
Ele também sonhava!

VELHA CASA

*Se a esta casa voltares algum dia,
esperançoso e em lírica revoada,
e a encontrares tapera abandonada,
por entre sonhos de melancolia,*

*Triste e pobre, erma e mal cuidada,
entra; lá dentro a solidão sombria,
grata e feliz à tua romaria,
há de esperar-te alegre e descuidada.*

*Caminha lentamente; àquela porta,
para saudar-te está uma ilusão;
nesta saleta, uma esperança morta.*

*Hesitas? Entra com cuidado,
e encontrarás também meu coração
entre as ruínas da casa soterrado!*

HOMERO DA COSTA ARAÚJO



Nascimento: 06 de maio de 1948; Local de Nascimento: Lages-SC; Filiação: Antônio Alencar Araújo Furtado e Helma Helena da Costa Araújo.

Formação: Curso Primário: Colégio Vidal Ramos Júnior, Lages-SC; Curso Secundário: Colégio Diocesano de Lages; Curso Científico; Academia de Comércio de Lages; Curso Técnico de Contabilidade. Curso Superior: Administração de Empresas na UFSC; Direito na UFSC.

Experiência Profissional: Professor da Escola Técnica Federal de Santa Catarina – ETFSC, na disciplina de Organização e Normas (ano 1972 – 1998). Administrador, na Companhia Catarinense de Águas e Saneamento – CASAN (1972 – 1979). Administrador, na Companhia de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – CODESC; Advogado Autônomo, OAB-SC 3144; Diretor da Empresa Vida, Importação Comércio e Representações Ltda. (1986 – atual).

Autor das seguintes obras: Fogo de Chão, então, então; Caminho das Tropas; Prosas de Galpão; Por detrás das Taipas;

Cama de Pelego; Confraria da Coxilha. Membro da Academia de Letras de Biguaçu, cujo patrono é o ilustre lageano Nereu Ramos.

Cadeira nº: 31

Posse: 15-12-2006

Título: Escritor

Patrono: Nereu de Oliveira Ramos

Título: político / Orador

BANHO NO JANJÃO

Dona Cotinha madrugou. Antes mesmo do cantar do galo pulou da cama. Zanzando pela cozinha de chão, falando sozinha enquanto quebrava gravetos para o fogo santo de todo santo dia, anunciava:

-Hoji eu pego o Nego Janjão, ah, pego.

Com esse sol de atontá lagarto que tem feito aqui na Fazenda Santa Helena, ele vai pro banho, nem que seja maneado nas quatro pata. Só não sei como vô fazê.

Já sei, me deu um estalo ...

VÔ fazê um pixurum, como nos tempo do finado Atanázio. E acordou a peonada.

_ Canózio, Duda, Laureei, Badique, Alemão, Baletão, corra aqui.

Psiu, Psiu, Psiu, Psiu ... (bem baixinho) o negócio é o seguinte: Bamo fazê um pixurum pra tirá as craca, areá o meu fio Janjão, bamo?

Peguemo ele nem que seje de atração, pode sê?

Duda exclamou: - Será que não vai desbotá o infeliz pois ele é moreno de nascença?

Canózio interferiu: - Desde quando tomá banho muda a cor das pessoa? Nem o Hulk perde o tom de verde dele ...

Fique calma Dona Cotinha, ele vai pra água de quarqué jeito inda mais que não temo nem na época da coeresma ...

Janjão não era bem certo. Diziam que tinha uma telha corrida, só não era burro.

Logo desconfiou do vai-e-vem da mãe Cotinha.

- Ela tá muito agitada hoji, qui será que se assucedeu?

Tomara que não teje querendo me aprontá mais uma. Não vai dá certo. Será que é esse negócio de banho?

Eu não tomo, me faz mar. Já sô baxinho suficiente, se encoiê então ...

Otra, tenho medo das câimbra, das congestã, dos afogamento, das pontada, das friage então, afroxa as urina da gente, tá loco?

Tambem não posso sê tão radicar: Uma vez por ano me astrevo dá uma marguiada no Pelotinha ou no Lageado das vaca do leite. E tá de bom tamanho.

Fora disso, lavo os pé na gamela de anjico porem com água até meia-canela, nada alem disso.

Me cuido muito dos vento incanado. Tenho um medo danado de intortá os beijo, já pensb'? Como vô assubiá dispois? Chamá a cachorrada, de que jeito com o beijo torto?

Banho de corpo intero já tomei na barriga da mãe Cotinha. Chega. Já me basta as trovoada de verão que me pega disprivinado. É muita água prum corpo só.

Banho de assento então? Nem pensá. Pode encoiê o saco do elemento, credo em cruz, Virge Maria ...

A turma da faxina agarrou o Janjão. Gritaria, soco, pontapé, mordida e por fim maneia nele.

Em seguida, deixaram-no em traje de Adão e colocaram-o na tábua de pelar porco.

Caco de telha, sabão de soda, esfregão de sabugueiro, areia fina de rio, sabugo sapecado, água morna e muita esfregação ...

Janjão foi escovado da sovaqueira até a papada, nas partes até o recavem e atras das orelhas, por três vezes seguidas. Depois, uma baita tosa na vasta cabeleira que tinha até carrapicho e palha de milho. Topete a “La Ronaldinho”. Por fim, antes da soltura, Dona Cotinha despejou uma tina de água de cheiro que havia preparado e determinou: - Podem desmaniá o infeliz que no mês que vem bamo repeti a dose até que o praga garre jeito e se

acostumi a gostá d'agua ou será que vai sê quenem o diabo que vai
passá a vida inteira com medo inté de água-benta? ..

Homero da Costa Araújo
Academia de Letras de Biguaç
Cadeira nr.13
Florianópolis, 31 de Março de 2011

JANICE MARÉS VOLPATO



Praia de Palmas em frente à Ilha do Arvoredo 05 01 10

Nasceu em Mafra SC, dia 23 de maio de 1953. Graduada em “Biblioteconomia” Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Especialista em “Metodologias de Atendimento da Criança e do Adolescente em Situação de Risco” UDESC. Parapsicóloga Clínica do Sistema Grisa. Membro da Academia de Letras de Biguaçu, cad. 10, da Academia de Letras de Governador Celso Ramos, cad. 09, e da Associação dos Escritores

dos Municípios da Região da Grande Florianópolis. Colunista do “Jornal Fique Esperto” São José. Em 1995 Idealizou e foi mentora do curso de Parapsicologia Científica para Crianças e Adolescentes. Publicações: Participação na III Jornada Acadêmica de Produção Científica sobre Criança e Adolescente – UDESC - artigo: “Parapsicologia Sistêmica: na prevenção e intervenção contra dependência química e agressividade”. Editora Cidade Futura. 2002 – “I Jornada Acadêmica de Produção Científica sobre Crianças e Adolescentes” – UDESC – “Educação

Parapsicológica para Crianças e adolescentes”. Resumo, Editora Cidade Futura. Em 2006 artigo em co autoria com Araci de Fátima Bernardi: “Biblioteca Pública Professora Alice Maria Roque”. 2006, Monografia: “A Parapsicologia Sistema Grisa como alternativa de Intervenção para prevenção ao uso de drogas, à criminalidade e a dificuldades de aprendizado”. Participação em Antologias: “Encontros da Primavera” 2007 da Academia de Letras de Governador Celso Ramos. “Trajetória” 2008 da Academia de Letras de Biguaçu. “Alvorada de Inverno” 2009 e “Tijucas de todos os encantos” 2110 da Ass. Escritores dos Mun. da Reg. Grande Florianópolis, e “Santa Catarina Meu Amor” da Academia de Letras do Brasil – Santa Catarina.

Cadeira nº: 10

Posse: 15-12-2006

Título: Parapsicóloga / Escritora

Patronesse: Alaíde Sarda de Amorim

Título: Educadora / Escritora



Nair da Silva em sua casa em Barreiros, 12 12 09

FAROL DO ARVOREDO



FOTO: Centro de Comunicação Social da Marinha. *Ciência & Tecnologia*. Ano XLV. Brasília DF. Nomar - março 2009 - n° 803, pg. 11. Disponível em: < <http://www.mar.mil.br/hotsites/nomar/atuais/803/803.pdf>>. Acesso em: 06 set.2011.

O Farol do Arvoredo é imponente, energético, iluminador e ponto de referência de barcos e navios. A obra constituída de ferro fundido possui 15 metros de altura, construída na parte sul da Ilha do Arvoredo, a qual tem uma área total de duzentos e setenta hectares. Arvoredo é a maior ilha próxima a Florianópolis, se localiza no litoral do Estado de Santa Catarina e pode ser observada de diversos ângulos desde a parte norte da Ilha de Florianópolis, Governador Celso Ramos, Tijucas, Porto Belo, Bombinhas a Itapema, municípios que têm limites com a Reserva Biológica da Marinha.

A construção do Farol na Ilha do Arvoredo iniciou em 1878, para servir de orientação às embarcações que navegavam pela região, e foi inaugurado em 1883.



Júlio Andrade da Silva – Faroleiro

Entre os vários faroleiros que trabalharam e moraram na ilha, destaca-se Júlio Andrade da Silva nascido em 1882, falecido com 71 anos de idade. Júlio foi casado com Geni, mas ela faleceu cedo, o deixou viúvo e com sete filhos. Dentre os sete filhos, dois nasceram na Ilha do Arvoredo.

Adir Santiago da Silva nasceu na Ilha do Arvoredo no dia 24 de dezembro de 1924, e faleceu em 15 de dezembro de 2009. Conhecido como o Coleirinha da Ilha é autor do livro “Ilhéu duas Vezes”. Ele transformou suas memórias em poesias e poemas que foram anotadas durante décadas em sua caderneta de “compras” a qual sempre carregava para escrever suas inspirações:

“Nasci no Arvoredo
não sei se você sabia!
Registrado e Florianópolis
na Ilha da Magia.”

O faroleiro Júlio casou pela segunda vez, com Nair Nunes da Silva nascida em 29.11.1920. Ela tinha apenas 18 anos, hoje está com 90. Ela conta que casou por amor em 1939, e que moraram na Ilha do Arvoredo durante quatro anos. Desse amor, tiveram uma filha, dois filhos, cinco netos e três bisnetos.

A primeira filha do casal, Marly da Silva Pinto, nasceu na Rua Velha, em Barreiros, São José - SC, hoje é a Rua Heriberto Hülse. Marly morou na Ilha do Arvoredo até os quatro anos de idade. Ela é viúva de Dilney Coelho Pinto, com o qual teve duas filhas e três netos. A primeira filha é Lucinda que é mãe do Marcelo e do Felipe, e a segunda é a Luciane que carinhosamente é conhecida por Nany e é a mãe do Arthur.

O segundo filho do casal é Vilmar Nunes da Silva, nasceu na Ilha do Arvoredo e foi registrado em Florianópolis, ele é casado com Janete e pai de Marcos Vinícius.

Valmir Nunes da Silva é o terceiro filho do casal, é casado com Ana Maria e pai do Rafael e da Lara.

Nair lembra que: “Na Ilha do Arvoredo trabalhavam dois faroleiros, seu esposo Júlio e João Furtado Neto. Os faroleiros se revezavam durante a noite, pois o farol era movido a querosene e a corda manual”.

Sobre o farol ser movido a óleo diesel, ela não teve conhecimento e nem que hoje ele é movido por energia solar.

Nair continua contando suas recordações: “ Na Ilha do Arvoredo, também moravam cinco remadores com suas famílias. Os remadores faziam à travessia com barco a remo e a vela. Quando necessitavam buscar mantimentos, a cada 15 dias, a travessia era até Armação da Piedade em Governador Celso Ramos”.

Nair e Júlio retornavam para Barreiros a cada três meses, na residência onde moravam os sete filhos do Júlio com a falecida Geni. Mas, ficavam apenas dois ou três dias, depois retornavam para a Ilha do Arvoredo. Os embarques e desembarques ocorriam

na Capitania dos Portos em Florianópolis, ou em Barreiros na Rua Velha que era o acesso para Florianópolis.

Durante as travessias, o cuidado principal era com o tempo, quando eram surpreendidos com o vento sul e as tempestades, os remadores diziam “arribar” então, ancoravam a lancha nos Ganchos ou Armação da Piedade. Nair fala com alegria da receptividade dos moradores de Ganchos, na década de 40, pois sempre foram bem recebidos por eles. Normalmente ficavam hospedados na casa do João Andrade, primo do Júlio. Eles também tinham um ótimo relacionamento com os pescadores da região. Com saudades, continua sua fala: “A pesca ao redor da ilha ainda era permitida. Na pesca artesanal tinha mais variedade, badejo, garoupa, peixe espada e outros. Os grandes barcos pegavam corvina e sardinha”. Quando um dia, arribaram na Ilhota dos Ganchos, continua Nair: “Diziam os moradores, que no meio do bambuzal tinha um bicho, uma espécie de pássaro, e que ele arrancava os olhos das crianças”. Nair com medo, ficou no quarto para proteger a filha, pois Marly tinha apenas um mês e meio. Hoje ela acredita ser uma das crendices da comunidade, época de muitas superstições.

Júlio, Nair e a família moraram em uma casa de alvenaria próxima ao farol, os remadores em uma vila com cinco casas conjugadas um pouco mais perto do mar. Marly, a filha de Nair que acompanhou a entrevista lembra que o Joel era o único amigo com quem brincava, e que ele a salvou de um afogamento depois que ela, brincando, caiu em um reservatório de água. Conta também que moraram na Ponta dos Naufragados por seis anos, pois o pai Júlio também foi faroleiro nesse farol.

Sebastião Miranda era de Ganchos, remador e morador na Ilha do Arvoredo. Depois que se aposentou foi morar em Barreiros. Teve dois filhos Lindomar e Linete que casou com o filho do faroleiro João Furtado Neto. Fabriciano Miranda, de Ganchos,

remador e morador da ilha, também foi morar em Barreiros, pois casou com Idalina, irmã do Júlio. Eles tiveram uma única filha a Elza Miranda já falecida. Elza nasceu na Ilha do Arvoredo e casou com Miguel, que era filho do remador Dercides Gonzaga, de Bombas. Depois Miguel também se tornou faroleiro. Miguel e Elza tiveram uma filha chamada Arlete e quatro filhos: Joel, Jair, Jandir, Jamir, eles também moraram na Ilha do Arvoredo durante muitos anos. Entre os netos de Elza e Miguel três são da marinha. Marly, ainda conta que foi madrinha de um deles na marinha e que conviveu com eles quando eram crianças e jovens, moravam na Rua Velha, mas brincavam na casa da Nair, por oferecer um quintal atrativo, com muitas opções para brincadeiras, além da acolhida calorosa pela família.

Questionada sobre como era viver na Ilha do Arvoredo, Nair relata: “Era assim: meu marido comprava o rancho (alimentos), muitas compras, se a lancha não podia sair devido o tempo e acabava a comida dos outros moradores, então, nós ajudávamos, pois dispúnhamos de um estoque maior de alimentos. O milho plantado também era torrado para fazer café e os moradores da ilha sobreviviam das plantações. A Idalina plantava muito, desde melancia, milho, feijão, abóbora e outras verduras. Os homens também plantavam e pescavam. O pão e a rosca de farinha de mandioca eram preparados no fogão à lenha, bem como, todos os alimentos. Os remadores assavam e comiam gambá, eles também faziam gambá escalado. O gambá vinha comer a fruta da árvore chamada de Bacupari e caía nas armadilhas.”

Nair conta: “Eu tinha medo de morar na Ilha quando ventava muito o mar e as árvores faziam muito barulho, eu me sentia insegura. Era um local sem comunicação e tinha muita cobra. Certa vez, uma cobra mordeu um dos remadores e ele faleceu. Os outros

remadores tiveram que esperar o tempo melhorar para trazer o corpo para Ganchos”.

Nair fala que as cobras apareciam até dentro das casas dos moradores. Um dia, Nair pegou o latão com milho para tratar as galinhas e viu que tinha uma cobra dentro, o susto foi muito grande. Ela também lembra que muitas galinhas apareciam mortas, mordidas pelas cobras. Apesar das dificuldades Nair vivia feliz, pois amava e era amada. Hoje relembra da Ilha do Arvoredo com saudades, é consciente de suas limitações, pois a saúde está fragilizada para fazer uma visita por mar. Mesmo debilitada, ainda espera pela realização de uma promessa feita por um senhor que há visitou um dia em sua casa em Barreiros. Ele colheu várias informações sobre o tempo em que ela morou na Ilha do Arvoredo, e prometeu levá-la até lá de helicóptero. Esperamos que ele cumpra a promessa e realize o sonho enquanto ela ainda pode retornar a Ilha e rever o farol onde seu amado e falecido esposo trabalhou e viveram felizes.

Referência:

WIKIPEDIA. **Farol do Arvoredo**. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Farol_do_Arvoredo>. Acesso em: 10 mai.2011.

FOTO: Centro de Comunicação Social da Marinha. *Ciência & Tecnologia*.

Ano XLV. Brasília DF. Nomar - março 2009 - nº 803, pg. 11. Disponível em: < <http://www.mar.mil.br/hotsites/nomar/atuais/803/803.pdf>>. Acesso em: 06 set.2011.

JOAQUIM GONÇALVES DOS SANTOS



Historiador, mestre em História, brasileiro, casado, nasceu a 27 de março de 1936, em Florianópolis-SC. Fez os estudos do primário, secundário e o superior na cidade de Florianópolis.

Com a idade de 17 anos ingressou na Marinha de Guerra do Brasil, tendo lá permanecido no período de junho de 1953 até agosto de 1960, onde realizou os cursos de: Direção de Tiro, Combate a Incêndio, Operador de Cinema, Técnico em Eletricidade (eletricista naval) e Escrituras Sagradas.

Após ter dado baixa do serviço militar, foi nomeado por concurso para o cargo de Escrivão de Exatoria Estadual, e depois para Exator Estadual (atual Auditor Fiscal). Está aposentado deste último cargo desde 1984.

Ingressou no Magistério Público Estadual através de concurso. Professor no período de 1968 até 2002, tendo também exercido os cargos de Diretor de Colégio e Supervisor Estadual de Educação.

Primeiro diretor da Casa dos Açores – Museu Etnográfico, em São Miguel, Biguaçu-SC, nos anos de 1979-80.

Professor de Educação Moral e Cívica, de Organização

Social e Política do Brasil, de Geografia e História. Está aposentado no cargo de professor de História desde 2002.

Na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC fez os cursos de: Antropologia Social, Etnologia Brasileira, Origens do Homem e Origens do Homem Americano, Licenciatura Plena em História e o Mestrado em História do Brasil.

Vereador em Biguaçu por duas legislaturas: de 1973 a 1977 e reeleito até 1981, tendo sido Presidente da Câmara Municipal por dois períodos, na administração do Prefeito Dr. Lauro Locks, e depois com o Prefeito Senhor João Brasil de Azevedo.

Escreveu e publicou as seguintes obras: A Freguesia de São Miguel da Terra Firme – aspectos históricos e demográficos – 1750-1894; Cônego Rodolfo Machado – 60 anos de sacerdócio; Martinho e Alzira – suas histórias; A Guarda Nacional em São Miguel; Cônego Rodolfo Machado – Cidadão de Biguaçu.

Atualmente ocupa a Cadeira nº. 03 da Academia de Letras de Biguaçu, cujo Patrono é o Dr. Adolfo Konder. Eleito Presidente da mesma Academia para o período de 30 de junho de 2007 a 30 de junho de 2010.

Está sempre à disposição dos interessados para proferir palestras em educandários, associações, clubes, entidades civis ou religiosas..., nas seguintes áreas: História do Brasil, de Santa Catarina e Biguaçu.

Cadeira nº: 03

Posse: 25-06-2004

Título: Historiador / Escritor

Patrono: Adolfo Konder

Título: Político / Orador

APONTAMENTOS HISTÓRICOS DE SÃO MIGUEL E BIGUAÇU

Joaquim Gonçalves dos Santos
Historiador

A história do município de Biguaçu iniciou em São Miguel a Terra Firme quando o rei de Portugal, D. João V, autorizou a construção de uma igreja no lugar denominado São Miguel, pelo Alvará de 09 de agosto de 1747. Alguns historiadores criaram uma polêmica face a citação no Alvará de 1747, quanto ao nome “São Miguel”, pois segundo afirmam, não existia próximo da Vila de Desterro, um lugar com o citado nome, e sim no distante território do Rio Grande (atual Rio Grande do Sul).

Os primeiros habitantes antes da existência de São Miguel da Terra Firme, foram os índios carijós (de origem Guarani). Provavelmente, o primeiro Governador da Capitania de Santa Catarina, Brigadeiro José da Silva Paes, português, foi quem fixou os primeiros povoadores açorianos e madeirenses, na área que levou o nome de São Miguel da Terra Firme, entre 1748 – 1850. O acréscimo da palavra “Terra Firme”, foi para diferenciar da Ilha de São Miguel no Arquipélago dos Açores.

Os historiadores afirmam que entre 1748-1750 surgiu o povoado de São Miguel da Terra Firme com a chegada e a fixação dos povoadores açorianos. Particularmente, até que surja uma prova documental, ficamos com a data de 1750, em razão da chegada dos primeiros madeirenses, e com a construção de uma pequena igreja que foi inaugurada em 23 de janeiro de 1751, tendo como padroeiro São Miguel Arcanjo.

O primeiro vigário de São Miguel foi o padre Domingos Pereira Machado, natural da Ilha do Pico (Açores), tomou posse em 1752, tendo exercido suas funções paroquiais até 1794, isto, é, durante 42 anos.

A Freguesia de São Miguel da Terra Firme era um distrito da Vila do Desterro (atual Florianópolis). Quanto a Fortaleza de Santa Cruz, na ilha de Anhatomirim, sua construção foi iniciada em 1739, sendo concluída em 1744, isto é, antes do surgimento de São Miguel da Terra Firme.

Um acontecimento histórico ocorrido em 1777 transformou a Freguesia de São Miguel em capital da Capitania de Santa Catarina quando os espanhóis invadiram e ocuparam a Ilha de Santa Catarina. Pelo tratado de Santo Ildefonso celebrado entre Portugal e Espanha, os invasores deveriam deixar o nosso território. Portugal enviou o Coronel Veigo Cabral para governar a Capitania de Santa Catarina. Enquanto aguardava a saída dos espanhóis, Veiga Cabral ficou governando em São Miguel da Terra Firme no período de primeiro de maio de 1778 até 30 de julho daquele ano. Sabemos que, desde 10 de outubro de 1777 até 02 de agosto de 1778, a Freguesia de São Miguel foi a capital da Capitania de Santa Catarina, período em que acolheu civis e autoridades militares que fugiram do domínio espanhol na Ilha de Santa Catarina.

Os habitantes de São Miguel viviam exclusivamente da agricultura, da criação de gado e da pesca, sendo que os donos de engenhos possuíam muitos escravos, inclusive para os afazeres domésticos. A vida pacata dos moradores de São Miguel corria normalmente até quando foi instalado o município em 17 de maio de 1833, cuja emancipação foi autorizada pelo Presidente da Província de Santa Catarina, senhor Feliciano Nunes Pires, através de uma Resolução datada de primeiro de março daquele ano. A Vila de São Miguel ficou agitada face a instalação de órgãos públicos e a sede da Comarca. Os miguelenses sonhavam que a vila seria elevada a categoria de cidade, no entanto, tal fato não ocorreu devido a diversos fatores, principalmente políticos e econômicos. São Miguel foi sempre uma vila de pessoas humildes e trabalhadoras.

O primeiro governante de São Miguel em 1833 foi vereador Capitão Thomé da Rocha Linhares, presidente da Câmara de Vereadores, pois era da competência do Poder Legislativo exercer o governo do município.

O Coronel João Nicolau Born, rico comerciante no povoado de Biguaçu, várias vezes eleito vereador de São Miguel, notando a decadência econômica e o assédio de doenças em São Miguel, e também o aumento na movimentação de mercadorias através do rio Biguaçu, passou a lutar pela transferência definitiva da sede municipal para Biguaçu, tendo conseguido somente em 1894. O Coronel João Nicolau Born não foi o primeiro Prefeito Municipal eleito em Biguaçu, e sim o primeiro superintendente eleito para o período 1894-1898.

Fazendo um resgate, vamos citar algumas datas históricas de São Miguel e depois Biguaçu:

1750 – Chegada dos povoadores açorianos e madeirenses em São Miguel.

1777-78 – São Miguel capital da Capitania de Santa Catarina.

1830 – Chegada de colonos alemães no Alto Biguaçu (localidade de Louro), vindos da Colônia São Pedro de Alcântara.

1833 – Instalação do município de São Miguel no dia 17 de maio.

1847 – Chegada de colonos alemães na Armação da Piedade, que não prosperou por diversos motivos, onde aos poucos foram abandonando o lugar.

1857 – Colonos alemães formam uma nova colônia com o nome de Leopoldina, no Alto Biguaçu, não tendo sucesso foi logo abandonada.

1874 – Construída no centro do povoado de Biguaçu uma capela e um cemitério.

1874 – João Nicolau Born abre a primeira casa comercial no centro de Biguaçu.

1882 – O povoado de Biguaçu é transformado em Freguesia

com o nome de São João Evangelista da Barra de Biguaçu, na data de 19 de dezembro.

1886 – Por decisão da maioria do partido conservador da Assembléia Legislativa Provincial aprovam a transferência da sede do município de São Miguel para a Freguesia de Biguaçu.

1889 – Por decisão da maioria do partido liberal, os deputados da Assembléia Legislativa Provincial aprovam o retorno da sede municipal para São Miguel.

1891 – João Nicolau Born edifica o Casarão Born, no centro de Biguaçu, para fins de residência e instalação de sua casa comercial.

1894 – Atendendo pedido de uma comitiva de Biguaçu liderada por João Nicolau Born, o Governador do Estado, Coronel Moreira César, transfere em definitivo a sede do município de São Miguel para a Vila de Biguaçu.

1894 – João Nicolau Born toma posse como o primeiro superintendente eleito em Biguaçu, para o período 1894-1898.

1906 – O Governador do Estado, Coronel Gustavo Richard, inaugura em 16 de dezembro, a primeira ponte metálica sobre o rio Biguaçu, que recebeu o nome de “Ponte Gustavo Richard”.

1910 – Foi mudado o nome de município de São Miguel para município de Biguaçu.

1926 – Inaugurada em Biguaçu pelo Governador do Estado, Dr. Adolfo Konder, a rede de energia elétrica vinda de Florianópolis.

1926 – Inaugurada em Florianópolis a ponte Hercílio Luz, no dia 13 de maio.

1941 – Criada a Paróquia São João Evangelista de Biguaçu.

1943 – Toma posse como vigário de Biguaçu o padre Rodolfo Pereira Machado, tendo exercido o cargo até 1976, quando requereu aposentadoria.

1943 – Face uma reforma judiciária no Estado de Santa

Catarina, o distrito de São Miguel muda o nome para distrito de Guaporanga.

1944 – Inaugurada a primeira Biblioteca Pública Municipal de Biguaçu.

1950 – Demolida a primeira Capela no Centro de Biguaçu construída em 1874, com a finalidade de erguer uma nova matriz mais espaçosa.

1955 – Inaugurada a nova Matriz em Biguaçu, no mesmo local da igreja anterior.

1963 – Foram emancipados de Biguaçu em 06 de novembro, as localidades de Alto Biguaçu (atual município de Antônio Carlos) e Ganchos (atual município de Governador Celso Ramos). 1964 – Criado pelo Governador do Estado Dr. Ivo Silveira, o primeiro curso de segundo grau em Biguaçu, funcionando provisoriamente no grupo escolar Prof. José Brasilício.

1968 – Inaugurado o Colégio Estadual Prof^a Maria da Glória Veríssimo de Faria, pelo Governador Dr. Ivo Silveira, passando a atender as áreas de primeiro e segundo grau.

1996 – Fundada em 20 de setembro pelas escritoras Dalvina de Jesus Siqueira, Osmarina Maria de Souza e Vilma Bajestorff, a Academia de Letras São João Evangelista da Barra de Biguaçu, atualmente denominada Academia de Letras de Biguaçu.

2011 – A Academia de Letras de Biguaçu comemora no dia 20 de setembro, festivamente, os seus 15 anos de gloriosa existência.

Quanto a origem do nome “BIGUAÇU” dado ao município, são conhecidas três teorias. Primeira – é baseada no nome de um pássaro que vive nas margens do nosso litoral, chamado de “Biguá”, onde alguns iluminados do passado acrescentaram a palavra indígena “AÇU”, que significa grande; transformando assim em biguá grande, isto é, BIGUAÇU. Esta teoria carece de fundamentação científica, no entanto, os biguaçuenses, através da tradição oral, passada de pai para filho, acreditam e aceitam como

a verdadeira origem do nome Biguaçu. Segunda – esta teoria está relacionada com uma árvore chamada “BIGUAÇU”, que produz uma pequena fruta semelhante ao jabolão. A teoria foi criada pelo saudoso e renomado botânico padre Raulino Reitz (Cônego). No seu talento científico, o padre afirmou que sua explicação era verdadeira.

Os Historiadores, no entanto, não aceitam, pela falta de provas documentais. Terceira – nos diz que a origem do nome “BIGUAÇU”, está relacionada com o nome do principal rio que atravessa o município.

No Livro de Sesmarias (distribuição de terras), datado de 1753, aparece o nome do rio Embigoassu, sendo citado como divisa para os respectivos lotes de terras. Os índios carijós (guarani), chamavam o rio de “GUAMBYGOASSU”.

Segundo o maior especialista do Brasil em línguas indígenas, Dr. Aryon Rodrigues (Brasília-DF), atendendo pedido do jornalista e escritor Olzias Alves Júnior (Jornal Biguaçu em Foco), traduziu a palavra Guambygoassu como “grande cerca de paus” ou “cerca grande”. Acreditamos que, para os índios carijós, o rio era considerado como uma grande cerca que servia como divisa entre as tribos.

Concordamos com a terceira teoria porque foi através do nome “Embigoassu” que foram registrados os lotes de terras distribuídos nas margens do rio, e com o passar dos anos foi sendo pronunciado e escrito como “BIGUAÇU”. Aas duas primeiras teorias da origem do nome Biguaçu, surgiram no século XX. Quanto ao nome Embigoassu, está registrado desde o século XVIII, isto é, 1753, fato este descoberto por Ozias Alves Júnior, e amplamente divulgado.

Quanto a formação (origem) do povo biguaçuense, podemos destacar como principal, açorianos e madeirenses. Os índios carijós (Guarani), assim chamados, foram os primeiros habitantes da região, sendo levados como escravos pelos bandeirantes paulistas.

Relacionamos a seguir uma sequência de povos que contribuíram na formação da população miguelense e biguaçuense, como: os portugueses (vindos dos Açores e de Portugal continental); os escravos (africanos e brasileiros); os alemães; os italianos; os holandeses (a partir de 1959); os brasileiros de várias regiões, e os estrangeiros de diversas nacionalidades.

Encerramos fazendo mais um registro que julgamos de suma importância relacionados com os limites geográficos de Biguaçu: ao norte com os municípios de Canelinha e Tijucas; ao Sul com o município de São José; ao Leste com o município de Governador Celso Ramos e o Oceano Atlântico; ao Oeste com os municípios de Antônio Carlos e São João Batista. Biguaçu é Sede da Comarca de Segunda Entrância, compreendendo os municípios de Biguaçu, Antônio Carlos e Governador Celso Ramos.

JOSÉ BRAZ DA SILVEIRA



JOSÉ BRAZ DA SILVEIRA

Rua: João Pessoa, 138, Sala 04.

CEP: 88.160-000 - Biguaçu-SC

Telefones: (48) 3243-4828, (48) 9972-1823.

Data de Nascimento: 02 de outubro de 1959.

E-mail: jbraz.adv@gmail.com

FORMAÇÃO ACADÊMICA: Advogado com Mestrado em Ciências Jurídicas.

- UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí

Curso: Direito – Conclusão: Em 11 de dezembro de 1998

- UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

Curso: Especialização em Políticas Públicas - Conclusão: Em 29/03/2001.

- UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí.

Curso: Mestrado em Ciências Jurídicas - Conclusão: Em 27/10/2003.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL:

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA:

Advogado militante, com escritório próprio desde 1999.

Ocupou o cargo de Consultor Jurídico da Secretaria de Estado da

Administração de 2003 a 2006, Gerente de Captação de Recursos da Secretaria de Justiça e Cidadania de 1999 a 2002, Diretor Administrativo e Financeiro da Junta Comercial do Estado de 1995 a

1998, Vereador em Biguaçu em três legislaturas e Professor Colaborador da Univali, três anos.

OBRAS PUBLICADAS:

- SILVEIRA, José Braz da, A Proteção a Testemunha e o Crime Organizado no Brasil, Editora Juruá, Curitiba - PR, 2004.
- SILVEIRA, José Braz da, *ARBRITAGEM nas Locações de Imóveis Urbanos*, Editora Letras Contemporâneas - Florianópolis - SC, 2001.
- SILVEIRA, José Braz da, e Outros, *CRÔNICAS DE ADVOGADOS*, Editora da OAB/SC - Florianópolis - SC, 2001.
- SILVEIRA, José Braz da, (Organizador), *Talentos da Arte de Biguaçu*, Editora Secco, Florianópolis - SC, 2008.
- Participação em diversos Concursos Literários e Coletâneas de Contos e Crônicas Publicados por Academias de Letras e Instituições Culturais.

Cadeira nº: 09

Posse: 25-06-2004

Título: Escritor / Advogado

Patrono/Patronesse: Elpídio Barbosa

Título: Educador / Escritor

ALBERTINA

A VIDA PELA FÉ

Autor: José Braz da Silveira³¹



Em 1931, em São Luís, uma pequena comunidade rural, encravada nas montanhas, entre os Municípios de Imaruí e São Martinho em Santa Catarina, tudo era sonho na vida da menina Albertina Berkenbrock, há época com 12 (doze) anos de idade. Filha de imigrantes alemães que haviam se instalado naquele lugarejo, pretendia seguir a vida religiosa, já tinha confirmado isto à sua mãe. Passava horas rezando antes de dormir e sempre que se deparava com uma dificuldade invocava a proteção divina para encontrar a solução. Isto aumentava ainda mais a sua fé, pois as dificuldades eram quase sempre superadas. Não poderia imaginar que o destino trágico iria interromper tão cedo, os seus planos.

A vida naquela época não era nada fácil, sobretudo para os desbravadores alemães que aceitaram o desafio de povoar e trabalhar a terra, na região sul do Brasil. Região de terras férteis e, portanto, muito produtivas. As vantagens, porém, ficavam por aí. As dificuldades por outro lado, eram enormes, ainda, mais para aqueles, como a família Berkenbrock, que instalou-se em uma região distante dos maiores centros. Nada, porém, tirava o ânimo e a coragem dos integrantes daquela família. A vocação pelo trabalho haveria de superar qualquer obstáculo.

Vindos da Westfália, região de terras escassas e muitas

31 José Braz da Silveira: Advogado, Mestre em Direito pela UNIVALI, Especialista em Políticas Públicas pela UDESC. Tem oito livros publicados, seis deles em co-autoria. Foi professor colaborador da Univali e Diretor Cultural da Rádio Biguaçu FM. É Presidente da FEMARCOM e membro da Academia de Letras de Biguaçu e de Governador Celso Ramos. Primeiro colocado no concurso de crônicas realizado pela OAB/SC em 2001, com a crônica “A Árvore de Anita”.

guerras, na Alemanha, os primeiros imigrantes chegaram a São Luís, na segunda metade do século XIX. Precisamente em 1860, dona Maria Catarina Berkenbrock, emigrou para o Brasil com seus três filhos vivos. Seu marido e outros dois filhos já haviam morrido. Johan Hermann Berkenbrock, filho de Maria Catarina, casou-se com Elisabeth e com ela teve nove filhos, entre os quais, Henrique. Este por sua vez, casou-se com Josefina Boeing, casamento que rendeu também nove filhos: Vendelino, Albertina, Germano, Emílio, Hilda, Madalena, Maria Verônica, Érica e Pedro.

Aos poucos, foram abrindo clareiras nas matas virgens, cultivando a lavoura rudimentar, inicialmente. A construção de uma pequena casa e do engenho de farinha de mandioca e de açúcar, assim como o tradicional moinho que transformava o milho em alimento foi um grande avanço. As pastagens verdejantes engordavam o gado, garantindo o leite e seus derivados e a carne, além de garantir o sustento dos cavalos e bois, cuidadosamente domados para a lida do campo. Porcos, galinhas, cabras e ovelhas eram criados em quantidade necessária para o sustento da família.

O velho rádio de pilhas da marca SEMP, instalado com antenas de bambu era o companheiro inseparável nas horas das refeições, servidas em mesas compridas com bancos de madeira. Após as refeições, as famílias permaneciam reunidas, por mais algum tempo, conversando sobre as notícias que ouviam no rádio. Aos finais de semana, estas conversas se estendiam por mais tempo, ocasiões em que até os empregados da casa, eram convidados a participar das rodas de bate-papo.

A propriedade da família Berkenbrock era uma das maiores e melhor estrutura da região. Tudo construído, a custa de muito sacrifício, pois quando ali haviam chegado, encontraram a terra nua, sem qualquer benfeitoria. A grande casa de madeira havia sido edificada há pouco tempo, mas nos primeiros anos haviam morado em uma pequena casa, construída em madeira bruta,

tábuas de canela serrada em um velho “pica-pau” pertencente a um vizinho. As toras derrubadas a machado, foram arrastadas por juntas de boi, até a pequena serraria e de lá trazidas em carros de bois até o local da construção. A nova casa, entretanto, foi erguida sob a coordenação de um carpinteiro experiente, um dos melhores do lugar.

Com a construção da nova casa, maior e mais moderna, a antiga, foi transformada em depósito, espaço de grande utilidade para o armazenamento da safra e em um compartimento menor, guardava-se as ferramentas, inclusive as cangas e os arreios das montarias. Aproveitou-se a divisão da antiga casa em quartos sala e cozinha para separar a produção por espécie. Um quarto para o feijão, outro para o milho e dentro da cozinha, um caixote grande com uma pequena tampa, chamado paiol, guardava a farinha de mandioca, produzida na propriedade e reservada para o consumo próprio. No restante da cozinha e na sala, o espaço era utilizado para diversas finalidades ligadas à atividade agrícola, especialmente para guardar o charque, a lingüiça e outros defumados, a banha de porco e o açúcar grosso.

A nova casa era um luxo para os padrões da época. Construída a base de madeira de lei e mão-de-obra da melhor qualidade, a morada realmente chamava a atenção. Beiral decorado com figuras geométricas, simetricamente dispostas, dava um requinte todo especial à fachada. Portas e janelas grandes, todas com vitrais coloridas era o que havia de mais moderno, na primeira metade do século XX. Azul e branco eram as cores predominantes, podendo-se observar detalhes em diversas outras cores, perfazendo um conjunto colorido de apurado bom gosto. A construção de uma casa tão bonita elevou a fama da família Berkenbrock, tida como gente caprichosa e em constante ascensão.

O engenho de farinha e de açúcar, movido a água, era uma maravilha. Uma cachoeira de água abundante teve

seu curso desviado para um canal estreito e profundo, o que proporcionava movimento a uma enorme roda d'água, cujo eixo impulsionava todos os equipamentos do engenho. O telhado estava embranquecido pelo pó que emanava do forno de farinha. Grandes rodas denteadas transmitiam a força motriz por meio de correias e polias de lona e couro. Uma construção rústica, mas enorme. Piso de chão batido em três níveis, para favorecer a instalação de cada equipamento. Ao lado, uma enorme pilha de lenha seca e mais adiante, a bagaceira, uma verdadeira montanha formada pelo bagaço da cana.

A farinha de mandioca produzida na propriedade, reservada a quantia necessária para o gasto, era vendida em sacos de 45 (quarenta e cinco) quilos. Toda a produção tinha como destino as cidades de Laguna, Tubarão e Criciúma principalmente. A produção de açúcar, da mesma forma, seguia para os mesmos destinos. Além da farinha e do açúcar, produzia-se em boa quantidade, o melado de cana, vendido em barris de madeira preso por arcos de metal, com capacidade para 100 (cem) litros.

A pequena São Luís ainda hoje, conserva os traços de um daqueles inúmeros lugares encantadores espalhados por toda Santa Catarina. Região montanhosa tangenciada por belas cachoeiras, pastagem e florestas verdejantes, apresenta-se como um verdadeiro parque de visitação. A população de São Luís permanece pequena como naquela época. Predominava os descendentes de alemães como ainda hoje, mas existem também os descendentes de açorianos e em menor quantidade, os negros.

Desde muito pequena, Albertina já tinha a sua tarefa diária definida nas lidas da casa. Além de preparar as refeições para a família inteira e também para alguns empregados, ordenhava as vacas para a sua mãe tirar o leite, isto duas vezes ao dia, pela manhã bem cedo e ao entardecer. Cuidava dos terneiros como se fossem filhos. Os animais tornavam-se adultos, mas não perdiam a íntima ligação que tinham com a pequena Albertina. Bastava

um gesto de atenção por parte da menina para que os animais corresponderem com extrema doçura. Uma magia incrível, admirada por todos. Certa vez, o Padre Gabriel Lux, pároco da comunidade, em visita à família Berkenbrock, observando a forma carinhosa com que Albertina lidava com os animais e a maneira com que estes reagiam, fez o seguinte comentário: “Isto não é normal, é coisa de Deus”.

Albertina era mesmo diferente. Embora tímida, destacava-se entre as crianças da sua idade e também entre os seus próprios irmãos. Para ela, os empregados deveriam ser tratados como integrantes da família. Era comum encontrar-se a menina, conversando como adultos com os empregados da casa. Interessava-se pelos seus problemas e apontava soluções. Falava de seus planos de seguir a vida religiosa e aconselhava a todos para não se afastarem da Igreja jamais. “Sem Deus não somos nada”, dizia sempre que finalizava uma conversa.

Os empregados por sua vez, após ouvirem atentamente as lições de Albertina, conversavam entre si: “Essa menina ainda vai muito longe”, costumavam falar. De fato Albertina tinha sempre uma mensagem de otimismo e de incentivo para as pessoas com as quais conversava. Esta era a sua característica principal. Sua liderança na escola, entre seus colegas e na Igreja era motivo de admiração de toda a comunidade. Sua fé e envolvimento com as questões da comunidade eram reconhecidos por todos. Albertina não era uma menina comum. Facilmente se percebia nela, algo muito especial.

Em um tarde de inverno, no dia 15 de junho de 1931, por volta das 15:00 horas, Albertina resolveu embrenhar-se nas matas que rondavam o pasto, disposta a encontrar um boi que havia desaparecido. Os empregados já tinham circulado pelas picadas, mas não haviam encontrado o animal. Mas, Albertina que tinha cuidado daquele animal desde o seu nascimento, apostava que iria

encontrá-lo com facilidade. Acreditava que ao se aproximar do bicho chamando-o pelo nome seria o suficiente para que ele viesse correndo ao seu encontro. Confiava na amizade que mantinha com o gado. Saiu de casa na certeza de que voltaria acompanhada do “pintado”, nome que ela mesmo havia dado àquele animal, logo que ele nasceu.

Da varanda da casa, dona Josefina, a mãe de Albertina ainda acenou para aquela linda garota, no instante em que ela saía do pasto limpo para entrar nas trilhas que o gado costumava caminhar por entre as árvores. “Boa sorte” sussurrou baixinho, dona Josefina, certa de que Albertina obteria sucesso em mais aquela tarefa. Imagina se ela não vai encontrar o “pintado”, pensou, pois os animais a conhecem de longe. E depois, aquele boi não poderia ter ido para tão longe, tinha esta impressão.

Passadas algumas horas, a preocupação começou a tomar conta da família Berkenbrock. O sol já se escondia atrás dos morros e nada do retorno de Albertina. Eram praticamente 18:00 horas quando um dos empregados da casa, Indalício Cipriano Martins, conhecido por “Maneco Palhoça”, atravessou o pasto correndo em direção a casa, trazendo uma triste informação. “Mataram Albertina”, gritava Maneco, demonstrando certo desespero. “Foi João Cândido, tenho certeza”, dizia Maneco. João Cândido, conhecido por “Candinho”, havia passado pela comunidade naquela manhã a procura de emprego.

A notícia logo se espalhou na vizinhança e em pouco tempo a casa da família de Albertina estava cheia de gente. A tensão aumentava minuto a minuto. Em pouco tempo um grande grupo de homens da comunidade, armados até os dentes, montados em seus cavalos reunia-se em comitiva para sair na captura do assassino. A noite se aproximava e uma trovoadas muito feia estava se armando. Mas, alguma coisa tinha de ser feita. Encontrar o autor do crime e prendê-lo era uma questão de honra, com isto todos concordavam.

Antes do anoitecer, seu Henrique, o pai e Vendelino, o irmão mais velho, com a ajuda de um vizinho e dos empregados, inclusive Maneco, chegavam em casa com o corpo de Albertina. Tinha sido degolada com um objeto cortante. Soube-se depois, tratar-se de um canivete folha larga, bem afiado. Seu vestido estava banhado em sangue, mas o seu rosto conservava um bom aspecto. Parecia estar dormindo.

Enquanto algumas mulheres reunidas na sala encaminhavam as primeiras orações, outras preparavam o corpo de Albertina para o velório. O crime tinha motivação sexual, isto já se tinha certeza. Diante de tanta dor e sofrimento, uma constatação, de certa forma trazia algum conforto aos seus amigos e familiares. Albertina tinha resistido às investidas do seu agressor, pois conservava a sua virgindade. Dona Martha, a parteira da comunidade, presente na ocasião, prontificou-se para examinar e do alto da sua incontestável autoridade, deu o veredicto.

Um violento temporal logo se abateu e a operação captura do assassino precisou ser adiada. A chuva não dava tréguas. As cachoeiras mais próximas da casa, pelo barulho que se ouvia, revelavam o quanto estava chovendo. A solução era esperar o dia amanhecer para que a comitiva pudesse realizar com sucesso, as suas buscas. Enquanto as mulheres preparavam um café, os homens sentaram-se em círculo, uns sobre caixotes que arrastaram para o pátio interno do engenho e outros improvisaram bancos com tábuas sobre muretas de tijolos. Um cigarro de palha de milho com fumo de corda e uma pinga da boa para acalmar os ânimos. A conversa, entretanto, girava em torno do misterioso assassinato que acabara de acontecer. Cada qual expressava a sua opinião com o devido cuidado para não causar maior consternação aos familiares. Alguns já arriscavam palpites duvidando que tivesse sido o tal Candinho, mas este até então, era o único suspeito.

Antes de clarear o dia, pois ninguém havia conseguido dormir mesmo, partiram para a estrada dispostos a encontrar João Cândido. Maneco Palhoça, armado como todos os outros, encabeçava o pelotão de cavaleiros. Atravessaram o pasto em

direção à estrada, ainda estava escuro, mas mesmo assim, foi possível constatar o quanto havia chovido naquela noite. As valas estavam cheias e as áreas mais baixas da propriedade, completamente alagadas.

Com duas horas de intensas buscas, João Cândido foi encontrado. Tinha arrumado emprego em uma propriedade de Vargem do Cedro. Estava capinando calmamente quando o grupo de cavaleiros se aproximou e lhe deu voz de prisão, aos gritos de: “assassino”. De nada adiantou implorar ao grupo dizendo-se inocente. Maneco estava presente e assegurou com toda certeza ter sido aquele mesmo o autor do crime contra Albertina. João Cândido foi amarrado e literalmente arrastado até a localidade de São Luís. Levado junto ao corpo de Albertina aos empurrões, João Cândido se ajoelha e chora. Volta-se para as pessoas que ali se encontram e pede socorro, jurando que jamais tinha visto Albertina em toda sua vida. Como as autoridades policiais só chegariam a São Luis, no dia seguinte, decidiram prender o “assassino” em um paiol pregando a porta por fora.

As dúvidas, entretanto, começaram a tomar conta das pessoas. Aquele homem parecia tão sincero. E se tivesse sido ele mesmo o autor do crime, será que teria aceitado iniciar trabalho em uma propriedade tão perto? Por outro lado, toda vez que Maneco Palhoça, aproximava-se do corpo de Albertina, o ferimento em seu pescoço voltava a sangrar. Bastava ele se afastar para que o sangramento estancasse. Esse detalhe já havia chamado a atenção de diversas pessoas. As suspeitas contra Maneco Palhoça eram cada vez mais evidentes. Com a chegada do Prefeito de Imaruí, João Cândido foi solto, após jurar mais uma vez a sua inocência.

Num piscar de olhos, Maneco sabendo que não poderia mais esconder a verdade tratou de empreender fuga. Agora já não se tinha mais dúvida. Albertina poderia descansar em paz, pois o seu assassino já havia sido identificado. A reação foi instantânea e após algumas horas de intensas buscas, finalmente o verdadeiro

assassino de Albertina estava preso. Logo ele, Maneco Palhoça, um empregado que sempre contou com a confiança da família.

Levado a julgamento em Laguna revelou com detalhes o que realmente havia acontecido. Disse que naquela tarde, vendo que Albertina iria adentrar na mata para procurar aquele animal, resolveu segui-la. Há tempos nutria o desejo de tê-la para satisfazer sua lascívia. Acreditava que Albertina poderia atender aos seus encantos sem questionamentos. Subestimou a inteligência e a firmeza de uma menina que sabia o que queria. Não sabia que Albertina havia firmado um pacto com Deus e não iria trair este compromisso.

A reação de Albertina que se pôs a rezar, dizendo a ele que aquilo era pecado e que ela havia prometido a Deus seguir a vida religiosa, razão pela qual não podia aceitar, lhe causou intenso medo. Não esperava aquela reação por parte de Albertina.

Ao final do seu depoimento Maneco conseguiu deixar ainda mais estarecido o Magistrado Presidente do Tribunal do Júri, o representante do Ministério Público, os senhores jurados e principalmente aqueles que assistiam ao ato. Disse que Albertina em momento algum respondeu com violência. Nem mesmo quando disse a ela que se tratando de uma pessoa conhecida da família como ele, não houvesse a sua concordância teria que lhe tirar a vida. Diante de tal proposta Albertina foi ainda mais longe e respondeu: “Saio da vida terrena para entregar-me a Deus. Minha opção é a morte a ter que abdicar dos meus princípios”. Assustado com a inesperada reação e firmeza de propósitos demonstrados por Albertina, resolveu consumir o crime.

Notas importantes:

- 1) A história é real, inclusive em relação aos nomes das pessoas envolvidas, entretanto, para ilustrar o texto, transformando a história em um conto, o autor descreve cenários imaginários;
- 2) A maioria das informações do caso foram repassadas ao autor, pela senhora Maria Verônica Berkenbrock, irmã de Albertina;
- 3) O contato com Dona Mariquinha, como é conhecida a Senhora Maria Verônica, foi conseguido com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura do Município de São Martinho;
- 4) As fotografias, exceto a de Albertina que é autêntica e foi reproduzida a partir de um panfleto adquirido em São Luis, servem apenas para tornar a leitura mais agradável, já que não foram tiradas na localidade onde viveu Albertina;

Evidentemente que a figura de Albertina alcançou repercussão extraordinária somente após a sua morte, tema que certamente poderia despertar ainda maior interesse. O presente conto, entretanto, restringe-se a vida de Albertina até a sua trágica morte.

JOSÉ RICARDO PETRY



Nasceu em 22 de novembro de 1958 em Florianópolis, filho de Luiz Felipe Ramos Petry (in memoriam) e Marina Petry. Seu pai era Coletor Estadual de Biguaçu.

Estudou o primário na Escola Básica José Brasilício. Concluiu a 8ª série no Colégio Estadual Maria da Glória V. de Faria. E o 2ª grau estudou no Estreito no Colégio Comercial Pio XII, foi a última turma com reconhecimento Técnico em Contabilidade. Exerceu a função de contador. É com muita responsabilidade que ocupa a cadeira do Grande Homem Público, o Cônego Rodolfo Pereira Machado. Petry possui um acervo de mais de 500 fotos de reproduções inéditas. A partir de 1969 vem recebendo certificados e homenagens por suas exposições de fotos e outras atividades. Em 2008 participou da Antologia de Biguaçu “Trajetória”, com texto sobre Cônego Rodolfo Machado. Exerce a função de tesoureiro da Academia de Letras de Biguaçu- SC.

Agradecimentos especiais aos meus familiares, amigos e clientes. Biguaçu é minha vida, agradeço a Deus pela cidade maravilhosa.

Cadeira nº: 17

Posse: 14-05-2008

Título: Filósofo / Escritor

Patrono: Cônego Rodolfo Pereira Machado

Título: Cônego / Orador

MENSAGEM

CÔNEGO RODOLFO PEREIRA MACHADO

Nada mais importante, na vida de um homem do que o agradecimento. Agradecimento a Deus pelos benefícios a mim concedidos. E toda manhã ao me levantar peço a Deus pelos doentes, necessitados e a aos amigos que a misericórdia divina não os desampare. E lhes dê força para suportar as dores e reveses da vida.

Nada mais gratificante para um sacerdote ver que o seu caminho está bem cuidado pelos seus sucessores na condução da bela Matriz de Biguaçu. E que os fiéis continuam recebendo bem a palavra de Deus.

Por isso, ao rezar, sempre incluo em minhas orações os sacerdotes que se dedicam no pastoreio das almas. No dia 06 de janeiro de 1997, ao completar 60 anos de sacerdócio, o Cônego Rodolfo Pereira Machado disse: “quando fui ordenado Padre no ano de 1937, prometi ao Senhor lutar pela salvação das almas”. E esta missão foi bem realizada.

Vamos, portanto, meu amigos, com muita satisfação rezar pelo menos uma vez por dia aos necessitados e também, pedir pela paz e mais harmonia entre os homens.

Rezo e rogo a Deus por todas as famílias e em especial as de Biguaçu, para seguir sempre no caminho do bem.

Muito obrigado e que Deus derrame sua bênção a todos.
Amém.

Fotógrafo social

José Ricardo Petry nascido 22/11/1958 em Florianópolis

Começou suas atividades como fotógrafo em 1978, na rua João Born, Biguaçu, como Foto Ricardo. Em 1986 com a ampliação da loja, muda o nome para Cine Foto Ricardo.

Casado com Cátia Regina Petry, tem 3 filhos: Ricardo Luiz, Julia e João Vitor, todos atuando na área de fotografia.

-1989 - presidente da ACIBIG (Associação Com. e Industrial de Biguaçu).

-1998 - 1º colocado em concurso de foto social em Joinville.

-2000 - exibiu sua 1ª Exposição Fotográfica "Atividades Cônego Rodolfo Pereira Machado", na casa dos Açores e Museu Etnográfico de São Miguel.

-2004 - Câmara de Vereadores de Biguaçu, homenagem

"Cidadão Honra ao Mérito"

-2008 - Secretaria Municipal de Cultura Esporte e Lazer de Biguaçu "Honra ao Mérito Bom Cidadão"

-2008 - Toma posse Academia de Letra de Biguaçu, tendo como Patrono Cônego Rodolfo Pereira Machado, cadeira n°17.

-2009 - Exposição Fotográfica - Varal Biguaçu Açoriano exposto na cidade Brotas de Macaúba - Bahia.

-2010 - Exposição Fotográfica no Casarão Born, sobre as Igrejas de Biguaçu de todas as religiões.

-2011 - Exposição Fotográfica na Igreja Matriz de Biguaçu de todas as Grutas existentes na comarca.



***A exposição completa está no Museu Etnográfico
Casa dos Açores - São Miguel***

Cônego Rodolfo Pereira Machado

1908 à 2001

***Padre evangelizador
e compreensivo.***

***Um grande líder e
respeitado por todos,
dedicado em suas
obras sociais e
comunitárias.***

***Um das tantas
obras, foi a criação
da primeira creche,
onde as mães
deixavam
seus filhos menores.***

***Nasceu em
Florianoópolis,
família açoriana de
Canasvieiras.***

***Ordenou-se padre
na cidade de
Itajaí em 1937.***

***No ano de 1943
foi designado***

***como pároco da igreja Matriz São João
Evangelista. Que atendia na época Biguaçu,
Antônio Carlos e Governador Celso Ramos.***

***Levando sua fé a todos que à necessitassem.
Se aposenta 1976, mas continuando suas
atividades religiosas; Difícil uma família de
Biguaçu, que não tenha junto com seus
familiares, uma foto do Cônego em seus lares.***



Foto Ricardo Petry



*Jovem Rodolfo, se preparando
para ir ao Seminário em
Mariana - MG*



Padre Rodolfo com seus familiares mostrando o 1º automóvel de Biguaçu.



Pe. Rodolfo motociclista com seus amigos, sobre a antiga ponte de ferro existente no Rio Biguaçu.



*Uma obra grandiosa para a época, "1950". Pe. Rodolfo
constroi a maior estrutura arquitetônica em Biguaçu.
Vista Panorâmica da Bela Igreja Matriz - São João Evangelista*



*Pe. Rodolfo com a comunidade observando a grande
enchente passando sobre a BR 101 recém construída*



Visita paroquial do Bispo Dom Afonso Niehues, seu amigo confidencial. Recebendo o título de Cônego.



Cônego Rodolfo recebendo a visita do Pe. Raulino Raitz



Inaugurando um barco de pesca da empresa Wildner. Na década de 1970



Cônego Rodolfo recebendo a visita do candidato ao governo do estado, Esperidião Amin.



*Pe. Rodolfo recebendo Pe. Francisco Costa
para ajudar nos serviços paroquiais*



*Dr. Lauro Locks Cônego Rodolfo Joaquim G. Santos
Inauguração da primeira biblioteca pública*



***Em 1976, Cônego Rodolfo
aposenta-se e passa ao
Pe. Luiz Carlos Rodrigues
a administração Paroquial***



***Acompanhado do Pe. Lúcio Espíndola
inaugura a escola que leva o seu nome:
Escola Estadual Cônego Rodolfo Machado***



***Inauguração do calçamento da
Rua Cônego Rodolfo Machado***



***Celebrando 60 anos
de vida Sacerdotal
em 1997***



*O Prédio mais alto de Biguaçu até hoje,
construído pela Beco Castelo,
leva seu nome, numa justa homenagem;
Ed. Res. Cônego Rodolfo Machado, na rua
São José no Centro.*

JOSIANE ROSE PETRY VERONESE



Local de nascimento: Massaranduba (SC) Data: 12 de abril de 1962

Possui graduação em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (1984), mestrado em Direito(1988) e doutorado em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (1994). Atualmente é sub-coordenadora do curso de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Professora titular da disciplina Direito da Criança e do Adolescente na graduação e nos programas de Mestrado e Doutorado em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora do Nejusca - Núcleo de Estudos Jurídicos e Sociais da Criança e do Adolescente e sub-coordenadora do Núcleo de Pesquisa Direito e Fraternidade CCJ/UFSC. Pesquisa na área do Direito da Criança e do Adolescente.

Cadeira nº: 01

Posse: 20-09-2011

Título: Escritora e Professora Universitária da UFSC

Patrono: Abelardo Souza

Título: Escritor

MAGIA

O encanto de viver
Nem que seja por segundos
um mundo fantástico...
Onde a magia é o real
e a fantasia tem lugar.
Este mundo é pequeno e grande
ao mesmo tempo,
Sonho e realidade
Sorriso e lágrima
Silêncio e cantiga de ninar...
Este é o mundo que guardas
nos teus olhos
eterna criança,
poema no país de “Oz”.

Toda escolha é difícil, sobretudo quando se trata de elegermos um poema, uma crônica, um conto para que o mesmo faça parte de uma Antologia da Academia Biguaçuense de Letras. A primeira decisão foi justamente a que não fosse, como a grande maioria dos meus textos, circunscrito à área jurídica em que atuo: o Direito da Criança e do Adolescente, mas por outro lado não poderia ser algo isolado, alheio à concepção de infância, para a qual direciono a maior parte do meu tempo, da minha energia, do meu amor. Assim, decidi que elegeria duas das minhas crônicas, dirigidas à criança, as quais situam o processo de magia desta etapa do desenvolvimento humano, inalienável e irrepetível.

Magia esta capaz de cativar certos adultos que ainda se situam como guardiões do sacro, adultos que nunca deixaram que o mundo abafasse completamente em seus corações o menino que um dia foram.

Primeira magia:

O CONTO DO MAR

Beatriz era uma menina linda, inteligente, porém vivia muito sozinha. Gostava de caminhar pelos campos, sentir o perfume das flores, escutar o canto dos pássaros, olhar a beleza das árvores e a mansidão dos animais.

Sempre só, ela cantava ao por do sol, encostada em uma figueira, doces melodias.

Um dia Beatriz foi passear e tomou uma estradinha abandonada.

Andou, andou, andou... sem ver ninguém, apenas de vez em quando apareciam alguns coelhinhos que saltavam alegremente pelo mato na beira da estrada. Eram tão engraçadinhos brincando em grupos de quatro ou cinco.

Quando então avistou uma casinha no fim da estrada, a casa já era velha, mas parecia ser muito especial.

Beatriz foi se aproximando devagar, impulsionado pelo ar convidativo daquela casinha.

Até que chegou e começou a admirar a casinha com suas janelas abertas e nelas umas lindas cortinas brancas, todas bordadas, que se balançavam docemente com o vento.

Enquanto Beatriz estava absorvida por aquela simplicidade, foi chegando perto dela, sem que percebesse, a figura de um velhinho que encantado com a presença da menina, disse com sua voz rouca e calma:

- Bom dia, minha menina!

Beatriz assustou-se com aquela voz, virou-se e viu o velhinho atrás de si. E então disse encabulada:

- Bom dia, senhor! Desculpe-me por estar aqui. É que eu estava andando e sem querer vim parar na sua casa, que me pareceu como a de um conto de fadas.

- É filha, você não é a primeira a me falar isso - respondeu sorrindo o velhinho. Aqui já vieram parar muitas crianças que se sentiam sós.

Você também se sente só minha pequena?

- Sim e é por isso que estou andando, andando, para me distrair.

- Ora, ora, minha garota! Vamos entrar na minha casa, minha esposa vai lhe dar algo bem gostoso para comer.

Beatriz foi entrando devagar e avistou uma velhinha que, sorrindo, disse-lhe:

- Oi, filha! Sente-se aqui. Vou lhe trazer uma xícara de chocolate quente com broinhas.

- Beatriz sentou-se em uma cadeira de palha e começou a olhar tudo naquela aconchegante salinha.

Em pouco tempo chegou a velhinha trazendo uma bandeja com um apetitoso lanche.

- Obrigada!, disse Beatriz, a senhora é muito gentil.

E a velhinha deu como resposta um sorriso, enchendo o coração menina, que já começara a comer as broinhas.

Terminado o lanche, Beatriz agradeceu novamente e despediu-se da velhinha.

Então a velhinho tomou-a pela mão e falou:

- Vamos dar um passeio?

- Para aonde senhor?

- Vou lhe mostrar o mar.

- Oh, sim! Que bom!

Foram caminhando em direção do mar, que não estava longe, pois já se escutava o barulho das ondas quebrando na areia.

Chegando na praia os dois sentaram-se na areia branca e fofa, com uma brisa a remexer os cabelos revoltos da menina e a suavizar as rugas do velhinho.

- Você gosta de histórias, minha menina?

- Gosto, sim senhor. E muito!

- Está bem, então vou lhe contar o “Conto do mar”, preste atenção.

“Era uma vez, no início do mundo, o Senhor de todas as coisas criou por todo o mundo muitas gotinhas d’água.

No começo todas as gotinhas eram muito felizes, cada uma por si só brincava, saltitava, caía do céu e depois, gotinha por gotinha voltava lá para cima novamente.

Passou-se um certo tempo e as gotinhas começaram a ficar enjoadas com tudo, não brincavam mais, não riam.

Só choravam, choravam...

Que coisa mais triste ver uma gotinha chorando!

Foi então que o Senhor escutou aquele choro e perguntou:

- Gotinhas, gotinhas! Por que todas vocês estão tão tristes? Eu sou o Senhor que tudo posso, expliquem-me por que vocês estão todas assim, pois eu farei o que quiserem.

Uma das gotinhas lhe disse:

- Senhor, és o nosso criador, és assim o nosso bom pai e nos amas imensamente, por isso vou contar o que está acontecendo conosco.

Sabe o que é - disse espontaneamente uma gotinha - nós nos sentimos muito sós, umas longe das outras. Quando o Senhor nos criou, nem nos demos conta disto, mas passado algum tempo começamos a ficar tristes, pois somos milhões de gotinhas solitárias.

Assim nós pedimos a sua gloriosa ajuda: queremos ser uma coisa só!

Respondeu o Criador:

- Ah! É isto minhas queridas gotinhas. Eu que sou o Senhor de todo o amor irei uni-las, já que foi para este fim que vocês foram criadas.

Vocês, minhas pequeninas criaturas serão muito importantes.

Vocês formarão algo imenso que será chamado: MAR.

Foi uma grande festa no mundo inteiro. O Senhor convocou todas as gotinhas d'água, as do norte e as do sul, as do leste e as do oeste.

As gotinhas na maior alegria vinham em filas. Uma atrás da outra. Era uma beleza, brilhavam como cristais de tanta felicidade.

O Senhor quando viu aquelas milhões, bilhões de gotinhas, ordenou:

- Queridas gotinhas, todas vocês se dêem as mãos e fiquem bem juntinhas umas das outras. E então falou com uma voz que parecia um trovão: Forme-se o mar!

Todas as gotinhas, numa alegria imensa foram se unindo, unindo... e já estavam tão juntinhas que, de repente, eram uma coisa só. Aí formou-se um lugar de água verde azulada: o GRANDE MAR.

As gotinhas estavam super-contentes por não estarem mais sozinhas.

E para maior felicidade, o Senhor ainda ordenou:

- Formem-se também as mais lindas criaturas para que habitem em vocês.

Começaram a surgir os mais variados peixes, grandes e pequenos, coloridos ou não. Polvos, lulas e muitos outros animais e até plantas de todos os tipos.

Puxa vida! Mas era tamanha a alegria, que as gotinhas começaram a cantar e a dançar de maneira majestosa, que dando altos saltos desde lá do fundo, vinham trazendo aquela espuma até a beirinha. E para todo o sempre em forma de ondas agradeciam ao seu Senhor”.

- Que história legal Exclamou Beatriz, assim que o velhinho terminou de lhe contar o *Conto do Mar*.

- Sim realmente. Há muitos anos atrás quando um forasteiro que viajava pelo mundo inteiro veio por estas terras e me contou

esta história, eu fiquei como você está agora. Eu nunca me esqueci sequer um pedacinho das palavras que aquele moço me disse. Você entendeu o que este conto significa?

- Ah! Sim, compreendi muito bem! É por isso que eu me sentia triste, pois achava que iria crescer mais rápido se andasse sozinha e não brincasse com meninas da minha idade. Agora sei que não é assim, pois somos como estas gotinhas, precisamos uns dos outros para sermos felizes.

- Puxa! Minha criança, vejo como és uma menina muito esperta. A vida é assim mesmo, de nada vale a uma pessoa encontrar um poço de sabedoria se o guardar só para si, pois todas as criaturas do universo precisam umas das outras. É no convívio com outras pessoas que começamos a perceber que a vida é maravilhosa, que precisamos uns dos outros, e que toda a alegria ou tristeza de um é de todos.

- Sabe, senhor, falou Beatriz, nunca o esquecerei, sempre que puder virei visitá-lo.

- Eu também nunca me esquecerei de você, disse o velhinho. E se abraçaram por um bom tempo.

Em seguida se levantaram e voltaram pela florida estrada. Quando chegaram na casinha, a velhinha estava à frente esperando-os. Beatriz correu até ela e deu-lhe um beijo, a qual emocionada tomou um saquinho de broinhas e lhe entregou dizendo:

- É para você comer no caminho. Beatriz deu-lhe mais um beijo e nisto o velhinho a suspende pela cintura e rodopiam. Depois de posta no chão, Beatriz o abraça novamente.

- Adeus, adeus. Disse a menina que saía correndo com lágrimas nos olhos de tanta alegria.

Adeus, adeus! Responderam ainda os velhinhos que se deram as mãos e sorrindo entraram na casinha.

Segunda magia:

O MENINO SOL

Em cada um de nós habita muitos elementos, sensações, muitos mistérios.

Gustavo é um menino que traz dentro de si nada mais nada menos que o sol. Com o seu sorriso ilumina cada cantinho por onde passa. Nossa! Que luz!! Flores, pássaros, tudo é uma alegria só seu redor.

E mais, tamanha é a luz deste menino que não tem como se aproximar dele sem querer tornar-se seu amigo.

Então a sua casa vivia cheia de amiguinhos: Théo, Lucas, Victor, Luiza, Gabriel, amigos da escola, da rua, sem contar os amigos dos amigos.

Pobre mãe, que já nem mais sabia que lanches inventar.

Acontece que o nosso Gustavo numa certa tarde fora dar uma volta com seu pai pela cidade. Passou por ruas, bairros que não conhecia e viu coisas que jamais tinha visto.

Em vez de casas com jardins como os da sua casa, viu barracos de madeira e até de papelão. No lugar de jardins, poças de água para onde corria o esgoto a céu aberto. Uma situação em especial fez com que doesse seu coração. Ao invés de crianças felizes indo para escola de mãos dadas com alguém que os protegesse, o que ele viu foi algo monstruoso:

Meninas e meninos mergulhados em montanhas de lixo procurando restos de comida ou material para reciclagem.

- Isso não pode ser verdade! Devo estar tendo um pesadelo!"
.Papai – gritou Gustavo - Estou num sonho ruim, não é mesmo?

- Infelizmente não meu filho – respondeu tristemente o pai -que não sabia o que fazer diante de toda aquela miséria que agredia aos olhos, que cala a alma.

Foram para casa.

Passados alguns dias, Gustavo adocece. Não quer se alimentar. Não quer assobiar (ele adorava assobiar, parecia até que tinha alma de passarinho). Não quer ir à escola e nem brincar. Gustavo estava se apagando, começando a escurecer. Escurece a tal ponto que de dia já é noite, até as estrelas e a lua aparecem. Mas quase todas as estrelas pareciam tranquilas, até satisfeitas pois afinal poderiam ser vistas o tempo todo.

Bem, quase todas... Uma pequena estrela percebeu que havia alguma coisa errada, que algo não estava bem.

E assim, se aproximou com cuidado da lua e perguntou:

- Lua, tu que estás mais próxima da Terra, o que está acontecendo?

A Lua tomou um susto com a pequena estrela que se aproximava tão cuidadosamente e respondeu:

- Sabe estrelinha, o que está acontecendo é algo muito triste, é que na Terra habita um menino que é muito especial. Até mesmo ele não tem a exata compreensão disto: ele tem o dom de iluminar. Acontece que alguns dias atrás ele ficou sabendo que na Terra nem tudo é felicidade, que lá há crianças que passam fome, que muitos moram em barracos e ainda um montão de coisas tristes. Tudo isso abalou o menino sol e ele está se apagando de tristeza.

Seus pais, amigos e professores têm feito de tudo e até agora nada. Ninguém consegue fazê-lo sorrir, se alegrar, brincar...

- É mesmo!! Suspirou a estrelinha. E não há nada que possamos fazer?

- A lua olha atentamente a pequena estrela e lhe diz:

- Sim, há um único modo de salvar o menino sol. É acharmos uma estrela de coração puro, desapegado e bondoso, que lhe dê, em forma de lágrima, sua energia potencializada.

- Puxa, isso é possível? - indagou a pequenina e angustiada estrela.

- Sim, esta é a única solução possível - confirma a Lua.

- Bem, se é assim, eu vou atrás dessa estrela. Tenho certeza

que ao encontrar a mais bondosa delas, ela vai partilhar a sua luz, para que o menino sol volte a brilhar.

E assim partiu a pequena estrela, atrás da estrela da bondade.

Depois de algumas horas de vôo estrelar encontrou uma lindíssima estrela que cultivava toda a sua beleza. Aproximou-se dela e chamou ofegante:

- Linda estrela, linda estrela.

A estrela vaidosa olhou a pequena estrela e disse:

- O que queres? Seja rápido pois estou sem tempo. Estes raios de luz que emanam de mim precisam de cuidado contínuo, com cremes cósmicos, massagens.

Que decepção: a pequena estrela ficou sem palavras, paralisada.

- Seu tempo já esgotou! Se não queres falar nada, não seja mais um a consumir minha beleza. Adeus.

E sem falar nada, ainda atônita, afastou-se a nossa amiguinha.

Continuou a sua viagem e eis que muito longe avista uma super-estrela. Ao se aproximar dela teve um susto. Esta estrela não parava de comer, não tinha ouvidos, olhos para mais nada senão a sua comida. E comia de tudo, sem pausa, sem respirar. Daí pensou a nossa amiguinha estrela que não era esta a estrela que procurava e continuou sua jornada.

Mais a frente encontrou uma estrela muito estranha. Ela ficava acumulando asteróides, restos de cometas e acorrentava tudo em torno de si. Ela era preguiçosa, pois tinha grande força gravitacional e atraía o que quisesse para si.

- Ops! - Pensou a nossa amiguinha - Estou a perigo. Tenho que me afastar daqui antes que esta estrela monstruosa me agarre também.

E continuou a sua trajetória, passando muitos sistemas encontrou uma estrela que a recebeu educadamente. Mas mal começou a dizer que vinha de muito longe, que ela logo lhe foi dizendo:

- Ah! Que felizado é você! Quem me dera sair por todas as galáxias em total liberdade. Eu não posso, tenho tantos compromissos. Na realidade a estrelinha quis começar a explicar a razão de sua incansável viagem e a estrela voltou a tagarelar:

- Ah... Vocês jovens estrelas são mesmo assim, inconsequentes! Que inveja tenho desta total irresponsabilidade.

E aí, mais uma vez, a nossa amiguinha constatou que não era ela a estrela a quem procurava e saiu sem se despedir e ainda escutou de longe:

- Ah! - Além de seres uma estrela sem rumo, ainda não tens educação. Ah! Que inveja de quem é solto e mal-educado.

Aquelas palavras sequer penetraram na alma de nossa amiguinha, pois ela tinha um grande objetivo: salvar o menino sol. E mais uma vez pôs-se a procurar pela estrela da bondade, eis que de repente quase se choca com uma estrela eletrizante.

- O que é isso! Não olhas por onde andas? Minha vontade é de te explodir!!

- Desculpe-me, senhora, é que estava distraído.

- Distraído?! Chamas isto de distração? Quase me tiras da minha rota cósmica e queres que eu simplesmente te desculpe? – e aumentando o tom da voz disse - Ou queres que eu te chame de coitadinho? Suma daqui! – Esbravejou a estrela explodindo de raiva.

Nossa amiga tomou um grande susto, nunca tinha se encontrado numa situação como aquela, justamente ela que não gostava de magoar ninguém. E aí com o coração partido entendia que não tinha outra coisa a fazer senão voltar.

Assim, nossa amiga estrelinha faz todo o percurso de volta. Retorna até a casa do seu mais novo amigo, Gustavo. Já não sabia o que fazer.

Ao chegar, fica paradinha sobre o menino, que de tão pálido parecia azul, e começa a chorar, lágrimas e lágrimas. Seu coração estelar estava mergulhado na maior e mais absoluta tristeza. Não

havia encontrado nenhuma estrela da bondade que pudesse trazer energia para o menino sol.

Eram tantas as lágrimas que Gustavo já estava todo molhado ou melhor encharcado.

E eis que, de repente, ele começa a acordar.

A nossa estrelinha não percebe o que estava acontecendo. Neste momento, aparece a Lua e diz:

- Estrelinha, estrelinha!!! Veja o que está acontecendo com o menino sol, ele está se mexendo.

- É mesmo!! - Gritou de alegria a nossa pequenina amiga. Mas como aconteceu isto? Pois mesmo com esta longa viagem que fiz não encontrei a Estrela da Bondade, ela que com sua lágrima pudesse reavivar o menino sol.

A Lua olhou-a com ternura e lhe disse:

- Foste tu, que mesmo pequena largou tudo para buscar socorro. Tu que revelaste ter o coração puro, desapegado e bondoso. Ao chegares aqui depois de todo o teu esforço e ao derramares as tuas lágrimas de dor e compaixão sobre o menino, geraste a energia potencializadora.

E neste exato momento todo o quarto, toda a casa e toda a cidade já estavam iluminados. O menino luz acordara. Abre seus olhos verde-esmeralda, olha para a sua mais nova amiga e lhe diz solenemente:

- Obrigado!!

Sim, a luz havia retornado ao coração de Gustavo. Eis que olha a sua pequena amiga – a Estrela da bondade - e mais uma vez lhe diz que será eternamente grato.

A estrelinha o olha e, como que um passe de mágica, agiganta-se.

Hoje no céu a estrela mais bela que avistamos é a Estrela da Bondade, a que fez a luz voltar ao Menino Sol.

LEATRICE MOELLMANN PAGANI



Natural de Florianópolis-SC, Leatrice Moellmann é formada em Direito e Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tem onze livros publicados, três dobraduras e inúmeros artigos em jornais, revistas e antologias.

Pertence à Academia Catarinense de Letras, à Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, à Academia de Letras de Biguaçu-SC e outras instituições culturais.

Cadeira nº: 40

Posse: 17-12-1997

Título: Escritora

Patrono: Visconde de Taunay

TÍTULO: POLÍTICO / ORADOR BALADA DO VENTO NORDESTE

(NA ILHA DE SANTA CATARINA)

Assopra, nordeste!
Afasta esses cabelos de medusa
com teu hálito úmido e quente.
Vem velho pirata
defende-me das bruxas
com teu punhal de prata.
Batiza-me com o sal da maresia
e a límpida água fria.
A libélula que plana a teu sabor
roça-me o rosto
refletindo nas asas
os matizes de fogo do sol-posto.
Os pingos que caem das nuvens
trazem gosto de estrelas.
Os duendes se escondem com seu toque etéreo
e os fantasmas se esgueiram
nos vãos dos cemitérios.
Com a baeta entre os dentes
o cão é o lobisomem
que nas noites de lua
se disfarça em homem.
Na praia susténs
o voo manso das garças
e no mar encapelado
evoluções das fragatas.
Tu segredas poesias

nos meus ouvidos atentos
só tu ages assim
e nenhum outro vento.
És o amante mais fiel desta Ilha
de que sou a mais enamorada filha.
Tuas brigas com o vento-sul
duram pouco
ele passa qual alazão
cavalgando como louco.
O sibilar da flecha do gentio
se confunde com o burburinho do rio.
Trazes o suor e a cobiça
do português e do espanhol.
E de tantas etnias
de escravos a gente de escol.
Ouço o tiroteio da armada
as balas das revoluções
toda a História narrada
as fortalezas e os canhões.
Do fundo do mar do silêncio
dos navios naufragados
trazes o cheiro acre
dos crustáceos incrustados.
Enreda-me nas redes dos pescadores
encanta-me com as lendas dos Açores.
Cobre-me com as rendas e crivos
de artesãs trabalhadeiras
murmura-me aos ouvidos
as rezas das benzedeiras.
Das cigarras do verão
traz-me o doce chilreio
quero sentir meu coração

pular dentro do seio.
Meigas pombas catam ciscos
e se aninham pelos cantos
na bandeira do Divino
são o Espírito Santo.
O peixe emblema de Cristo
pula vivo dos cardumes
e após as tempestades
enche o mar de estrumes.
Nas cenas do boi-de-mamão
quero brincar e cantar
e no Cruzeiro do Sul
hei de os olhos encantar.
Vejo o desfile silencioso do Graf Zeppelin
que numa fria madrugada
apareceu para mim.
Quero voar contigo
nas velas pandas dos barcos
percorrer esta baía
que o meu coração extasia.
Sou feliz por ter nascido
nesta terra generosa
posso dizer que sou
uma mulher gloriosa!

HOMENAGEM DE DESPEDIDA AO SR. MINISTRO VILAS BOAS

Ministro Vilas Boas:

É comum, é corriqueiro começar-se uma alocução, dizendo: “Tive a subida honra de ser escolhido pelos meus colegas...”

Aqui, não. Ninguém me escolheu, ninguém me convidou. Talvez nem tenham sequer pensado em mim. Eu é que pedi para dizer-vos estas palavras pela admiração e afeto que vos tenho. Não pude sopitar o desejo de expressar estes sentimentos no instante em que vos despedis da vida pública, deixando, sobretudo para aqueles que clamam por Justiça, uma lacuna dificilmente preenchível.

Qualquer pessoa melhor que eu para enaltecer vosso notório saber jurídico. Fosseis exclusivamente um portento da Ciência do Direito, não teria estro para vos glorificar. Mas sois, antes de tudo, um Homem. E humana eu também sou, coração também tenho. Disto eu entendo. Miséria, egoísmo, hipocrisia, ignorância, injustiça – tudo isso eu também vejo, corroendo a humanidade. E posso sentir, posso testemunhar o vosso esforço constante em compreender o homem e construir um pouco de felicidade neste mundo: a majoração de uma pensão de viúva, a libertação de um filho espúrio para os braços da mãe, a soltura de um pai de família numerosa...

Tenho ouvido neste excelso Pretório, de cuja convivência diuturna participo há quase oito anos, tenho ouvido de outras bocas de magistrados que aqui sentenciam, que esta Casa não existe para corrigir injustiças, senão para aplicar a Lei. E tenho presenciado decisões em que se lamenta a injustiça praticada em favor da aplicação exata do texto legal.

Mas vós vos espraiais pelo espírito da Lei. Quando vos tocais do fogo sagrado da Justiça, quando vos encheis de uma convicção, nada vos demove!

Sois, antes de tudo, um Homem, portador de uma consciência e de um magnânimo coração. E votais vencido, muitas vezes; ficais sozinho bradando por uma libertação em habeas corpus, pelo sentido singelo e humano que emprestais às decisões. Não vos cingis à Lei, elucubração da inteligência; não vos prendeis a métodos de hermenêutica, interpretações semânticas ou deslindes de exegese; não vos amarrais à barafunda de um elaborado artifício humano. Sentis o coração, apalpais a bondade de Deus para dela extrair a vossa concepção de certo e de errado. Para vós, o certo é o justo. Sois corajosamente, admiravelmente humano, e poderíeis dizer com o poeta W.H. Auden aquela lindíssima oração: “... rezemos para que não venham a considerar a letra e o algarismo mais reais e mais vivos do que a carne e o sangue...”

E, em C. Virgil Gheorghiu, pela voz do Pe. Koruga: “Mesmo o mais nobre ideal, nacional, social ou religioso, não pode desculpar a injustiça feita a um só homem”. Vós mesmo acabastes de dizer ainda há pouco: “O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado”.

Posso imaginar, querido Ministro, como vos sentis hoje: aos setenta anos de uma vida profícua e bela, em que trilhastes sempre o caminho da Justiça! Missão cumprida!

Patriarca, esposa bela e doce, filhos bons, netos a vos encantar a velhice – talvez esteja aí a chave da vossa generosidade, a explicação da vossa maneira de ser.

Aprendestes a percorrer os meandros do coração, a penetrar os mistérios da vida. Não buscais a perfeição no silogismo, mas na bondade, que nos aproxima de Deus. Sabeis dar valor àquilo que realmente tem valor: o amor, a família, os verdadeiros amigos. O resto é paisagem. E sem esquecer que a vida é muito breve.

Assim como professor é apelidado pelos alunos, e o Presidente da República pelo povo, fostes vós também apelidado pelos funcionários. Sabeis? Sois chamado *Vilas Ótimas*.

Poderia contar vários fatos pitorescos, pinceladas de vosso retrato, como aquela vez em que estávamos – nós, da Taquigrafia-assoberbados de serviço (já nem me lembro por quê) e não pudemos ir filar o cafezinho das 3 horas junto aos Srs. Ministros. Vós aparecestes com os bolsos cheios de bolachas para dar-nos.

Nestes dias em que ia acumulando na mente aquilo que hoje vos diria, passei - mais uma vez - ao anoitecer, por aqueles três imensos pés de eucaliptos da W-4, onde os passarinhos fazem verdadeira algazarra de gorjeios na hora da Ave-Maria. O céu oferecia um desses espetáculos comuns em Brasília – o dourado brilhante, a gradação de cores, tudo aquilo que não podemos descrever, nem um pintor o faria, porque se transmuda a cada instante.

Então, pensei em vós e nos versos de Olavo Bilac. (e agora, sem ser Cristo nem Manuel Bandeira, vos digo: bem-aventurado aquele que inspira pensamentos de poesia) e recitei baixinho:

Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores novas, mais amigas:
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera e o inseto à sombra delas
Vivem livres de fomes e fadigas
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
e os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem

Na glória da alegria e da bondade
Agasalhando os pássaros nos ramos
Dando sombra e consolo aos que padecem!

SONHO DE AMOR

Estou hoje muitíssimo feliz!
Ele me ligou inda madrugada
“Acabo de sonhar contigo”, diz.
Sua voz é bem baixinha, abafada,

Descrevendo as carícias que lhe fiz.
E pede que as repita acordada.
Ao telefone, está pedindo bis.
Então me sinto uma mulher amada,

De um amor tão sincero e verdadeiro
Que está até no seu subconsciente.
Amor antigo o nosso amor primeiro.

E isso tudo eu leio em seu olhar
Quando me beija com seu beijo ardente.
Sei que este amor se vai eternizar.

SONETO DO AVIÃO

Tu entras sorrateiro qual ladrão
e doido de desejo me procuras
possuindo-me contra qualquer vão.
Me atiças, me enlouqueces, me torturas

qual gazela nas garras de um leão.
Deliro, canto nossas aventuras
com saudades de ti, do teu tesão,
dos nossos densos laços de ternuras.

Já não sei quem és tu e quem sou eu,
pois o meu coração bate no teu
em sintonia, prova da paixão.

Dizem que recordar é reviver.
Pois eu, enquanto aguardo te rever,
recordo teu amor neste avião.

NA HISTÓRIA DA MINHA VIDA

De quem seria
essa mão que a minha
toma e acaricia?
que com respeito e ternura
me extasia?

Em que momento senti
a tua mão na minha
que não sei precisar
não consigo lembrar?

E quem és tu
qual dos homens que amei
qual dos homens que me amaram?

Pesquise na minha memória
a ver se posso encontrar
essa mão misteriosa
que me veio acariciar
assim tão de repente
assim tão simplesmente...

Fico perplexa e perdida
na história da minha vida...

LUIZ NOCETTI LUNARDELLI



Rua Bento Francisco, 420 – São Miguel – Biguaçu – SC 88160-000

Cel: (048) 7812-0093 **Fone:** (48) 3243.1199

Email: lunaluiz@terra.com.br

EXPERIENCIA PROFISSIONAL

Livrarias Lunardelli – Diretor Comercial e Financeiro	1965 até 1984
Editora Lunardelli – Editor, Diretor Industrial e Comercial	1970 até 1984
Jornal A Ponte – Jornalista, Editor Chefe e Diretor Geral	1976 até 1985
TV Cultura – Florianópolis – Produtor /Apresentador	1982 até 1984
TV Barriga Verde – Diretor de Projetos Especiais	1984 até 1986
Livros Luiz Lunardelli – Diretor Presidente	1984 até 2002
Super-Atacado Lunardelli – Diretor Presidente	1984 até 2004
Lunardelli Suprimentos – Conselho de Administração	2003 até hoje
Marina 3 Mares – Sócio e Empreendedor	2007 até hoje
Jornal Notícias do Dia – Colunista de Cotidiano	2009 até 2010
Jornal Biguaçu em Foco – Colunista de Cotidiano	2010 até 2011
Prefeitura Municipal de Biguaçu – Secretário de Comunicação	2010 até hoje

EXPERIENCIA EM ENTIDADES CLASSISTAS, SOCIAIS E POLÍTICAS

Associação Cat. de Editores e Livreiros – Fundador e Presidente	1982 até 1990
Câmara Catarinense do Livro – Fundador e Vice- Presidente	2000 até 2004

Fundação Hermon – Fundador e Presidente	2000 até 2003
Diretório Estadual do PP – Secretário de Comunicação Social	2007 até 2009
Associação de Moradores de São Miguel – Vice-Presidente. e Secret.	2007 até 2010
Acatmar – Assoc. Cat. de Marinas – Fundador e Presidente	2008 até 2010

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Contabilidade – Academia de Comércio de SC	1971
Administração de Empresas – UFSC	1977

Nascido em 23.01.1954 em Itajaí (SC).

Cadeira n°: 19

Posse: 20/09/2011

Título: Jornalista

Patrono: João Crisóstomo Pacheco

Título: Jornalista

VOLTA, MAURÍCIO!

Acabo de chegar de uma viagem a San Martin (ou Saint Maarten, em holandês) uma ilha das Antilhas localizada no Mar do Caribe a 250 km entre Guadalupe e Porto Rico. A parte setentrional dessa ilha pertence à França e a parte meridional às Antilhas Holandesas. Saint Maarten foi colonizada pelos holandeses em 1620 e mudou de mãos pelo menos 16 vezes até 1816, quando foi permanentemente dividida entre a França e a Holanda. Juntamente com Bonaire, Curaçao, Saint Eustatius, Aruba e Saba, formam as Antilhas Holandesas, que são ainda parte do Reino da Holanda, embora autônomas.

Escrevo este artigo para alertar os homens de bem e as autoridades responsáveis pelo nosso turismo sobre o quanto ainda temos de aprender e evoluir para ver a região da Grande Florianópolis como um destino eficiente.

A ilha caribenha, com uma area total de apenas 87 km², (Florianópolis tem 433 km²) possui uma população fixa de 75 mil habitantes (aqui somos 450 mil) que falam quatro idiomas: inglês, francês, o “dutch” (holandês) e o espanhol, além de inúmeros dialetos locais. Recebe por ano em torno de 2 milhões e meio de turistas, sendo 80% americanos, 10% canadenses e 10% de outras partes do mundo.

O porto turístico, que recebe grandes transatlânticos, fica na Great Bay distante apenas 500 metros do centro comercial da capital, Philipsburg. Algo assim como instalar um enorme pier com capacidade para 10 navios sob a Ponte Hercilio Luz, em Florianópolis. Recebe todos os dias, de segunda a segunda, entre Novembro e Julho, nada menos que 5 super navios cada um despejando aproximadamente 3 mil turistas que gastam em média 400 dólares cada nesta escala de poucas horas. Os turistas caminham até o ativo e muito bem conservado centro histórico e comercial ou usam um serviço de “water taxi”.

O Princess Juliana Airport fica na Maho Bay e recebe diariamente pelo menos um voo internacional de todas as principais empresas aéreas dos Estados Unidos, Canadá, África do Sul, França, Itália, Inglaterra e Alemanha além de outras regiões do mundo, e um incontável número de voos de empresas regionais e de particulares. Num determinado momento de uma sexta-feira, contabilizei, estacionados no pátio do aeroporto, um total de 97 aviões da marca “Lear Jet”, todos particulares. Equipamentos de grande porte como os enormes Jumbos aterrisam e decolam das 7 horas da manhã até as 10 da noite em intervalos regulares de apenas 5 minutos, passando a 30 metros de altura sobre as cabeças dos banhistas de Maho Beach, ponto de encontro dos aficionados por fotos e vídeos sobre aviação.

Ao lado do aeroporto encontram-se concentrados os melhores hotéis e resorts da ilha – alguns com a grife de Donald Trump -, além de um sofisticado centro comercial com uma quantidade enorme de lojas de eletrônicos, jóias e perfumes, assim como restaurantes requintados e especializados em culinária internacional.

Artistas, atletas e personalidades do “jet-set” internacional possuem casas de veraneio em Saint Marteen, enormes mansões vendidas na faixa dos cinco a dez milhões de dólares.

Funcionam na ilha mais de trinta cassinos de categoria internacional e tão iluminados quanto os de Las Vegas, que juntos somam mais de 15 mil vagas de trabalho.

Assim como a Grande Florianópolis, Saint Marteen possui sua vocação natural voltada para o mar, o lazer e os esportes aquáticos. Com 47 praias de belezas naturais tão fortes quanto as nossas, tem, no entanto, um diferencial significativo; possui em seu entorno mais de 30 super marinas internacionais com capacidade para 12 mil vagas molhadas e outras tantas secas. É muito comum encontrar nelas mega iates acima de 320 pés de

todas as nacionalidades ali ancorados durante o ano todo, gerando milhares de empregos e aquecendo um invejável mercado de artigos e serviços náuticos. Aqui, os iates ou veleiros internacionais só podem ficar por dois meses, isto se encontrarem vagas e infraestrutura em nossas raras e modestíssimas “marinas”.

O desemprego em Saint Marteen é próximo a zero e o salário mínimo para 40 horas semanais, pago apenas para profissionais braçais é de 1.200 dólares. O seguro desemprego é no mesmo valor e é pago enquanto o profissional não encontrar uma colocação o que ocorre, em média, em uma semana. Há muita oferta de vagas para profissionais em todas as áreas do comércio e serviços, já que a ilha não possui uma única indústria.

Todas as crianças em idade escolar estudam em escolas públicas e gratuitas em horário integral. Durante a semana não se vê perambulando pelas ruas um desocupado sequer. Não há vendedores ambulantes, camelôs, flanelinhas, trombadinhas, artesão, hippies, andarilhos ou vagabundos e bandidos.

Todo o consumo insular é importado dos Estados Unidos e da Comunidade Européia, mas não há taxas de importação e os preços de muitos produtos de alimentação ou de bebidas e refrigerantes são mais baratos que no Brasil.

A água consumida é dessalinizada e de excelente potabilidade. A energia elétrica vem de usinas geradas à diesel. Não se vê favelas, riachos contaminados nem esgotos a céu aberto.

O trânsito poderia ser caótico mas é disciplinado, apesar de não haver em toda a ilha um único semáforo e nenhum guarda de trânsito. A frota de veículos é de 70 mil unidades (quase um por habitante) sendo que mais da metade pertence às locadoras. Não existe uma única via de pista dupla. Todos se respeitam conscientes de que o trânsito deve fluir seguindo a tranquilidade do estilo de vida ilhéu, mais descansado que o baiano mais calmo. Grande parte do comércio fecha ao meio dia e reabre as 14 horas.

Saint Marteen é uma universidade viva de turismo profissional. Não tem ONG ambientalista, ecochatos de plantão nem aspones oficiais.

Dois milhões e meio de turistas por ano resulta em 7 mil turistas por dia. Considerando um consumo pessoal diário de 400 dolares resulta em 2,8 milhões por dia. Ou seja; mais de um bilhão de dólares por ano são injetados- apenas pelo fluxo turístico- nesse pequeno paraíso caribenho.

Isso descontando-se a época em que ela está sujeita aos furacões, maremotos e terremotos, pois, por medida de precaução, de Agosto a Outubro a ilha fica literalmente vazia. Em 1995 data da última grande catástrofe natural, a ilha foi devastada por ventos de 300 km/h e ondas com 15 metros de altura. Totalmente recuperada e reurbanizada, Saint Marteen hoje dá lições de eficiencia turistica para o mundo todo.

Fico imaginando os motivos que levam o nosso governo a nomear pessoas sem um único carimbo em seu passaporte para gerir as políticas de turismo local cuja conquista maior em nosso reduzido verão foi instalar uma desastrada boia-âncora distante dois quilometros da Praia de Canasvieiras para receber nenhum navio.

Quem nos mandou ser colonizados por açorianos !

Tudo seria diferente se a Holanda tivesse obtido na invasão de 1637.

-Volta, Maurício de Nassau! Vem mostrar pra esse povo que as belezas naturais que recebemos pelas graças do criador, merecem um tratamento profissional voltado para o turismo.

MARIA DE LOURDES ZUNINO DUARTE



Biografia – Maria de Lourdes Zunino Duarte, natural de São João Batista, professora aposentada, filha de João Zunino Neto e Fidelvia Gomes Zunino, filhos de imigrantes italianos e portugueses, respectivamente.

Livros de autoria – O encanto; Lendas, Ilhoas e Catarinas – Era uma vez – Poesias e contos editados em livros e jornais.

Em andamento o livro São João Batista.

Cadeira nº: 35

Posse: 17-12-1997

Patrono/Patronesse: Padre Raulino Reitz

Título: Escritor

UMA NOITE NUM CEMITÉRIO

Não sei por que, nem como aconteceu, de onde surgiu tudo isso, mas... aconteceu.

Numa noite de verão, dia 02 para 03 de dezembro, acordei meio atordoada e ainda meio dormindo, comecei a delirar.

Entrei num cemitério a meia noite, como? Não sei. Que cemitério? Também não sei. Por quê? Também não lembro.

Tudo surgiu de repente.

Só lembro que me achava escondida e sozinha num cemitério. De tudo isso só sei que estava quieta e escondida e bem sozinha, amedrontada quando de repente, após longo silêncio, começaram a aparecer de todos os lados caveiras e mais caveiras, grandes, pequenas, mancas de tudo que é jeito, sem fisionomia... só via esqueletos e caveiras.

Quase perdi o fôlego. Quis fugir, mas não consegui me mexer, tive medo de ser descoberta e atacada. Por fim, acomodei-me onde estava e de olhos bem abertos e em profundo silêncio, começou o espetáculo que jamais pensei ver coisa semelhante.

Depois, como que por encanto, todos se acomodaram, cada qual em seu lugar. Tirando algo de si – só mais tarde percebi que eram ossos de seus próprios esqueletos – começaram a afiar seus instrumentos musicais – flauta, clarinetes, saxofones, violinos, harpas, violões, pandeiros, baterias, etc. etc.

Do alto surgiu um bando de pirilampos, que com suas luzinhas, foram iluminando tudo. Era um belo espetáculo. Cada um pousando em um esqueleto e tudo ficou claro e calmo.

Como se tudo isso não bastasse, ouvi um barulho diferente, olhei para o alto - era um bando de corujas que puseram-se na retaguarda do grupo, como guardas com seus enormes olhos. Observando tudo.

Minutos depois, num sinal seguro do maestro, a orquestra começou a tocar.

Inacreditável! Como por milagre ouviu-se os primeiros acordes instrumentais seguidos de bater de azas, assobios, gritos, etc. Ouvia-se músicas clássicas, seguida de sambas, chorinhos, fôx, boleros, rock, baião e outros, cada qual mais bonita e harmoniosa. Em certo momento, um soprano cantou maravilhosamente bem. Como se isso tudo não bastasse para enlouquecer qualquer mortal que caso estivesse ouvindo e vendo como eu, num sinal da coruja mestra, apareceram pares de caveiras dançando tangos, lambadas, baião, rock, fox, etc. do som da orquestra.

Os vagalumes se revezavam em seus lugares de modo que a iluminação fosse perfeita enquanto as corujas ficaram atentas. Eu, nessas alturas, não entendia mais nada. Cheguei a pensar que havia passado “detsa para a melhor”.

Tudo era surpreendente e muito bem feito: a harmonia da orquestra, de vozes, dos dançarinos e até das vigilantes corujas.

Eu estava ofegante com tudo isto. Não sabia mais o que pensar: Seria um sonho? Uma alucinação? Devaneio? Ou tudo era real?!

Quando iria acabar tudo isto para eu voltar para casa? Ou isto nunca mais aconteceria? Meu Deus... o que estava acontecendo comigo?

A orquestra não parava. Fizeram uma pausa. Algo para comer e beber, parece ter sido servido pelas corujas.

A um sinal da coruja chefe, voltaram todos a seus lugares, inclusive os pirilampos e começaram novo espetáculo.

Desta vez... não, não, não é possível, um bloco carnavalesco entrou para roda e começou a dançar, pular numa sintonia!... Marchas e sambas.

Era só o que me faltava!

Eu devia estar febril... delirando ou teria mesmo morrido?

A morte não era ruim se tudo fosse assim divertido!...

Repentinamente num sinal da coruja, tudo silenciou, os instrumentos guardados e todos voltaram a seus lugares.

Quando os pirilampos estavam se retirando, voltou uma caveira mancando pegou um osso do chão, colocou no lugar (seu esqueleto) e foi-se embora andando normalmente. As corujas também voltaram a seus lugares.

Fiquei só e amedrontada!...

Uma enorme coruja segredou-me com voz de comando: Não conta nunca a ninguém o que acabaste de assistir, nem como vieste parar aqui neste esconderijo, não ousa me desafiar, senão, não sei o que te acontecerá.

Tentei falar, me explicar, sei lá, me defender, porém, não havia mais ninguém ali, nem coruja, nem cemitério, tudo sumiu.

Minha irmã falou comigo, então compreendi que estava em meu quarto, na minha cama e acordada...

Levantei-me terrivelmente assustada, não esqueci mais essa terrível história.

Sonho?... Maluquice?... Não sei, loucura talvez.

Fim

MIGUEL JOÃO SIMÃO



Natural de Governador Celso Ramos (SC), Miguel João Simão, nasceu em 21/07/60.

Professor de Didática e Prática de Ensino do Curso de Magistério em São José (SC), é funcionário público desde 1980.

Casado com a Professora Lucineide de Azevedo Simão é pai de Diego de Azevedo Simão, Eduardo de Azevedo Simão e Iolanda de Azevedo Simão.

Exerceu a função de Diretor de Escola por duas vezes e foi Secretário de Educação e de Administração em Governador Celso Ramos, cidade onde reside onde foi Vereador e Presidente da Câmara de Vereadores.

Lecionou na Universidade do Vale do Itajai, no Campus de Biguaçu durante 5 anos com a Disciplina Políticas Públicas na Educação.

Fundador e primeiro Presidente da Academia de Letras de Governador Celso Ramos desde 2004.

Membro da Academia de Letras de Biguaçu desde 2002.

Membro da Academia Virtual Brasileira de Letras desde 2007.

Membro da Oficial Academia Tijuquense de Letras desde 2008.

Vice -Presidente e sócio Fundador da Academia de Letras de Canelinha/SC

Presidente da Academia de Letras do Brasil para Santa Catarina (ALB/SC)

Fundador e Presidente da Associação dos Escritores dos Municípios da Região da Grande- Florianópolis.

Cônsul de Governador Celso Ramos de Poetas Dell Mundo,
Membro da Sociedade dos Poetas de Blumenau,
Sócio - Correspondente da Academia de Letras, Ciências e Artes de Iguaba Grande, Rio de Janeiro.

Escritor e Historiador, tem 5 livros publicados: Ganchos um Pedacinho de Portugal no Brasil- 1997.

De Ganchos a Governador Celso Ramos - 2001

Mulheres de Ganchos - 2006

MARIA DE GANCHOS – 2008

A SAGA DE ZÉ GANCHEIRO E OUTROS CONTOS - 2010

Participou da seguintes coletâneas:

Devaneios de Verão- 2002 e Aconchego-2003 pela Academia de Letras de Biguaçu.

Encontros da Primavera pela Academia de Letras de Governador Celso Ramos onde foi Organizador- 2007.

Alvorada de Inverno pela Associação dos Escritores dos Municípios da Região da Grande Florianópolis, sendo seu Organizador - 2009.

Canelinha “Cantos e Encantos - 2009

Tijucas de Todos os Encantos pela Associação dos Escritores

da Região da Grande Florianópolis sendo Organizador- 2010.

Santa Catarina Meu Amor pela ALB/SC sendo Organizador -2010.

Tem publicações em Jornais da Região, sendo Colunista do Jornal JBFoco da Cidade de Biguaçu (SC).

Cadeira nº: 25

Posse: Não informado

Título: Educador / Escritor

Patronesse: Luiza dos Reis Prazeres

Título: Educadora

GOVERNADOR CELSO RAMOS DE TODOS NÓS



Governador Celso Ramos de todos que te querem bem, que te preservam e te cuidam. Governador Celso Ramos do homem praiano, “manézinho” dos Ganchos, que nasceu à beira do mar e viu a cidade crescer, a população aumentar, as casas se multiplicarem, as vilas se formarem em bairros cheios de ruas e vielas vindos com o progresso.

Cidade que começou à beira mar sob o cheiro da maresia, cercada de baleias, onde o negro sofrido carregou no ombro a marca do trabalho. Trabalhou tanto que enriqueceu a coroa, no esfolo, esfolo da baleia, avançando sobre a carne dura, derretendo fígado do cetáceo e cuidando para não se perderem as barbatanas.

O negro sofreu, correu, fugiu, a terra ficou desprezada, aniquilada sem gente, sem cor.

Em outras bandas, nas bandas dos Ganchos, que para o Inglês Mawe eram apenas a baía “De Dois Ganchos” e que depois disseram que eram três, enganchando ainda mais o que já era enganchado, o crescimento começou mais rápido. O terceiro Ganchos era chamado de Sacco dos Ganchos. Mas sacco, ainda mais com dois “c” parecia desrespeito ao povo bom daquela terra. Aí resolveram deixar pra lá e chamar de Saco apenas as imediações do rio Inferninho, onde a abundância do camarão e do peixe era

coisa de deixar gente de boca aberta. Chamaram de Porto Feliz. E por Porto Feliz permaneceu até mais ou menos lá pelos idos de 1910, quando cismaram com o terceiro Ganchos novamente. Isso mesmo! Outro Ganchos. Como ficava de canto e já tinha o do Meio e o de Fora, chamaram de Canto dos Ganchos. Boa essa. O povo se acostumou, mesmo tendo que aturar os padrinhos que diziam que quem gosta de canto é vassoura. Mas aí, a resposta vinha no ato, quando o pau velho não roncava: “melhor ser vassoura do que viver enganchado”, e era assim, sempre foi assim, mas vai ser sempre assim quando um dos lados não entrar em acordo com o outro. Havendo acordo, é tudo paz.

No final, tudo passou a ser Ganchos, mesmo não sendo Ganchos e não querendo ser Ganchos, até o outro lado das bandas da Armação eram chamados de Gancheiros. Bastava dizer que era dessas bandas que era Gancheiro e pronto. E isso era bom, todo mundo Gancheiro. Até que Patrocínio e Princesa homenagearam o Celso. Verdade! Homenagearam o homem batizando a cidade com o nome dele e como ele era Governador do nosso Estado, ainda fizeram o trabalho completo para que ninguém tivesse dúvida.

O município passou então a se chamar de Governador Celso Ramos, mas só no papel, porque Gancheiro que é Gancheiro continua sendo de Ganchos. E só foi chamado de Governador Celso Ramos porque bem antes, no dia 6 de novembro de 1963, o Deputado Ivo Silveira, Presidente da Assembléia Legislativa, sancionou a Lei que tornou Ganchos em Município. Sancionou a Lei que Miguel Pedro dos Santos criou, desmembrando Ganchos de Biguaçu. A Câmara Municipal de Biguaçu aprovou e foi levada à Assembleia.

Peraí! Emancipação? Como é isso então?

É assim. Miguel Flôr, Gancheiro do Canto dos Ganchos, natural dessas terras, amante da terra onde nasceu, cresceu e que

viveu, foi eleito Vereador no Município de Biguaçu, representando o Distrito de Ganchos. Melhor do que ele, ninguém sabia das dificuldades, das amarguras que esse povo vivia. A gente boa da Armação sem estrada, sem condições, vivia quase isolada.

Em Ganchos e região havia precariedade em tudo, e tudo isso deixava o homem indignado.

Tinha lá a turma do contra, que vivia por aqui e puxava pra lá (Biguaçu). Miguel Pedro dos Santos era do PSD (Partido Social Democrático) e os Udenistas (UDN – União Democrática Nacional) não acreditava que a municipalização poderia dar certo para Ganchos.

Mas, inteligentemente, Miguel levou o Projeto e com sabedoria, colocou à apreciação no momento certo, na hora exata. Não deu outro bicho! Foi um tal de disse me disse, que alvoroçou a Comarca inteira. Numa tacada só separam Antonio Carlos e Ganchos de Biguaçu. Fala verdade! Tava na hora, não é mesmo?

E aí não ficou por isso não. Para consolidar ainda mais, para fechar com “chave de ouro” ou “chave de fenda” como dizia Patrocínio, Seu Miguel Flôr ainda teve o gostinho de disputar o pleito eleitoral de 1965, o primeiro para a escolha de Prefeito de Ganchos e que o levou à vitória na urna. Fala sério, mais do que justo né? O homem capricha no Projeto, faz tudo bonitinho e aí vem outro querendo pegar depois de feito. Como dizia seu Lola “tas é tolo! Não é bom nem pensar dispôs de tanto trabalho, nós perdê a premera leição, é di indoidá”.

Miguel Pedro dos Santos (Miguel Flôr), PSD (Partido Social Democrático), disputa a eleição contra Aristo Gabriel da Silva da UDN (União Democrática Nacional), no dia 3 de outubro de 1965.

(Miguel Pedro dos Santos – 1º Prefeito eleito de Governador Celso Ramos)



Eleitos nesse pleito junto com o Prefeito Miguel Flôr, a Câmara composta pelos seguintes Vereadores: Deodora Simas Custódio (PSD), Gerino Belmiro do Santos (PSD), Lauro Gabriel da Silva (UDN), Martinho Costa (PSD), Patrocínio Manoel dos Santos (UDN), Princesa Rocha da Costa (PSD) e Walmir Costa (UDN) tomam posse no dia 15 de novembro do mesmo ano. Os desafios da época por conta da precariedade que Ganchos vivia, fez do Prefeito um lutador incansável em busca de recursos para dar vida à cidade que nascia e, que aos olhos de Miguel Flôr, tinha uma grande perspectiva de crescimento.

As grandes conquistas começaram a aparecer, sonhos foram tornando-se realidades dia após dia com a ajuda do governo do estado. Ganchos recebe a luz elétrica, inaugurada no dia 03 de dezembro de 1967, e com isso uma grande mudança no setor pesqueiro, que trocam o trabalho de secar o pescado ao sol pelo congelamento, facilitando e abrindo novas frentes de trabalho com a criação das indústrias pesqueiras antes pequenas salgas. Outra grande obra foi a construção de represas d'água, que trouxe às propriedades a água encanada, antes abastecidas dos poços caseiros ou bicas sem qualquer tipo de tratamento. A estrada que dá acesso à Armação da Piedade, passando por Caieira, Antenor, Costeira, Fazenda de Armação e Armação da Piedade foi grande

marco dessa primeira administração, facilitando o transporte que na época era feito através de carroças ou pelo mar. Ganchos transformou-se, tornou-se um dos maiores produtores de pescados da região dando uma nova vida aos seus moradores que além do privilégio de morar numa terra abençoada com tantas maravilhas da natureza, ainda podiam desfrutar da tranqüilidade que a cidade oferece. Miguel Pedro dos Santos cumpriu sua missão de administrador público. Outros vieram e o sucederam, cada um buscando deixar sua marca, contribuindo para o crescimento da cidade.

João Baldança Sobrinho, popular João Coringa, foi o segundo Prefeito eleito, abriu a estrada que dá acesso a Palmas, momento em que surge os primeiros turistas. Nagib Oliveira Campos, o terceiro Prefeito eleito, marca sua administração com a estrada principal de Ganchos, antes praia de pescadores. Aristo Gabriel da Silva, o quarto Prefeito eleito, abre a estrada que liga Areias de Baixo à Fazenda passando pela Cova da Onça, facilitando o acesso entre os dois bairros, e dá início ao asfaltamento da principal via de acesso BR 101/Ganchos. Neri Luz de Azevedo, o quinto Prefeito eleito, traz um novo visual à cidade com o calçamento das ruas com lajotas, criação do primeiro ginásio municipal de esportes, postos de saúde. Luíz Napoleão Telles, o sexto Prefeito eleito, constrói uma nova Escola em Caieira, nova Delegacia em Calheiros, luz elétrica para Palmas, além de calçamentos e a construção de um novo piso para a Prefeitura Municipal. Neri retorna e traz outras obras. Anísio Anatólio Soares, o oitavo Prefeito eleito, traz consigo planos e ações voltados a uma política inovadora de obras, mas, sobretudo, de conscientização através de cursos para a população, qualificando novas frentes de mão de obras voltados ao turismo. Samuel Silva, o nono Prefeito eleito, deixa grandes obras em sua administração como a Escola Dalma Luz de Azevedo, a Escola

de Educação Especial, além de aberturas e calçamento de ruas. Anísio retorna e consegue a reeleição, estando em seu terceiro mandato e com o apoio do governo do Estado realiza ao seu grande sonho de administrador, asfaltar toda orla de Governador Celso Ramos, tornando todo o anel viário do município de fácil acesso. Obras e ações vêm fazendo de nossa terra um local de busca incansável por parte de novos empreendedores que desejam investir aqui.

E é nesse sentimento de lembranças, quando falo dos governantes que por aqui passaram, que lembramos uma terra sem condições de trabalho, sem perspectivas de vidas melhores. Que lembramos tantos personagens importantes que ajudaram a escrever cada capítulo, cada página da nossa história.

Ganchos cresceu, novas idéias surgiram, novos desafios para os seus governantes, novas oportunidades para seu povo. São 47 anos de emancipação, quase cinco décadas que começou o desenvolvimento da terra.



Quantas coisas foram feitas!

Tudo foi transformado, obras feitas, marcadas pelo suor do rosto do povo trabalhador, planejado e executado por seus governantes. Cada um deixou sua marca de trabalho, marca que registrou sua passagem pelo poder executivo municipal.

Governador Celso Ramos, da terra boa de viver, do homem bom e acolhedor.

Governador Celso Ramos de todos nós, a terra que acreditamos, que amamos e defendemos.

NEUSITA LUZ DE AZEVEDO CHURKIN



Nasceu em Canto dos Ganchos – Governador Celso Ramos, em 28 de dezembro de 1946. Filha do casal de professores: Belarmino Hipólito de Azevedo (1907-2009) e Dalma Luz de Azevedo (1909-1976). Casada com Claudinei Churkin é mãe de Samuel de Azevedo Churkin.

Tem diversos trabalhos publicados nos jornais locais e participou de diversas coletâneas.

É autora das obras: Cantando Meu Chão – Tributo a Canto dos Ganchos, As vogais e Casinha Pensante.

Membro efetivo do Grupo de Poetas Livres. Membro das Academias de Letras de Biguaçu e Governador Celso Ramos; membro da Associação dos Escritores e Artistas dos Municípios da Região da Grande Florianópolis e membro da Academia de Letras do Brasil para Santa Catarina.

Cadeira nº: 38

Posse: 25-06-2004

Título: Poetisa

Patrono/Patronesse: Lauro Locks

Título: Político / Educador / Advogado / Escritor / Orador

CAVALGADA

O aquietar da noite, em sua sombra misteriosa e nostálgica, me faz evocar a menina peralta, feliz e distante que revive em mim. Na ciranda da alegria vejo-me de mãos entrelaçadas cantando as ingênuas cantigas de roda.

Lugares encantadores se fazem tão presentes na memória! Relva e águas marinhas se fundem, infundindo na alma melancólica o encanto dos recantos singulares tão longe, mas tão perto. O farfalhar do vento na folhagem se irmana ao marulhar das ondas, formando uma sinfonia harmônica e divina. Há um mistério em tudo isto que me envolve.

A nostalgia me leva a lugares percorridos a longa distância de dias passados, jamais esquecidos. A alma geme à saudade do tempo que se foi depressa e não quis me esperar. Como seixos impelidos pelas águas, o tempo foi me levando, deformando, amoldando, empurrando-me para longe. A correnteza impetuosa da vida levou-me paulatinamente. Os campos floridos, os gritos de infância, o pulo de corda e da amarelinha, deram lugar ao falar manso e vagaroso e ao caminhar prudente. A juventude, como vento passageiro, como pássaro alado, voou pelos ares sem que eu me desse conta. O tempo foi passando, revirando raízes.

As vetustas e enormes rochas na praia, erguidas pela natureza, levadas pelas ondas chorosas, que eram-me tão familiares hoje me parecem tão distantes. Mas num paradoxo, vejo-me a pegar as espumas, alcançando-as com as mãos e vendo-as se esfumando em devaneio.

O tempo passou, como um sopro ligeiro. Não quis me esperar. Teve pressa. Que pena! Foi-se o trem da alegria. Foram-se as cantigas de roda, a chamarrida entoada à sombra dos cafezais, foi-se a aposta do “baquinho de café”, o intrude, a estrepolia da sexta-feira da Paixão, o pão-por-Deus, o jogo de bolinha de vidro,

a pandorga, o pique-pique, a pata cega, os flertes às escondidas, as paqueras tímidas, fortuitas, as serenatas nas janelas ou nailhota. Tudo passou como nuvem fugidia. Ficaram apenas rastros indelévels na estrada do tempo, que não se apagaram e que voltam em cavalgada, a percorrer o caminho invisível da memória.

JESUS

Naquela rude cruz, por ti e por mim
Foi Jesus crucificado
Entre dois malfeitores
Expirou sobre a cruz
O nosso Mestre amado
A cruz era minha, Ele não tinha pecado

Entre brados, escárnios e açoites morreu
Renunciou direitos
Pois tudo era Seu
Era rico e tão pobre se fez, por amor
Para dar-nos a herança da glória
Humano se tornou

Era Deus, era Mestre, era Santo e Senhor
Assunto foi ao céu, é nosso mediador
Intercede por nós
Junto ao pai amoroso
Coroadado Rei dos reis
É todo Poderoso

VENINA E VENCESLAU

Vendo visões
Venceslau Ventura
Veste verde
Várias vezes
Vendo ventar
Ventos vagarosos, venturosos.
Venina, veste vestido vasto,
Vual, violeta.
Venina vê Venceslau.
Vislumbrando venturosas visões,
Vai vagando, voando, velejando, versejando,
Valsando valsas vienenses.
Versátil, volúvel, venerável,
Venina verseja versos veementes,
Verdadeiros vaticínios,
Visões voláteis.
Veleidades, vão viabilizando volúpias,
Vivificando Venina,
Vibrando veia vital.
Vigilante, vigorosa,
Venina, violeta viçosa,
Virgem virtuosa,
Vislumbrando Venceslau
Vibra veia vital.

A MENINA E A PRAÇA

Como estou sem graça!
A menina que passava na praça
Passou
E o sonho que ela sonhava
Se transformou, virou realidade
E da menina que passava na praça
Só restou a saudade
O mundo dela parou
Mas o tempo criou asas
E depressa voou
Não quis esperar
A vida correu
E da menina esqueceu
Só a saudade ficou
E sem graça na praça
A menina, deixou.

ENTRE GOTAS

Extrema ansiedade
Entre gotas que deslizam suavemente
Ou pampeiros que farfalham, às gargalhadas
Valsando ao som de violinos que choram
Entre dedos trêmulos
Regresso a fantasia ou enfrento fantasmas
Amealho reminiscências
Com perfume de saudade
Serpenteio caminhos inexplorados
Tropeçando em pedregulhos
Vôo em plenitude rebuscando veleidades
Até que o devaneio se desfaça
Caminho em marcha triunfante.
Viajo em mil pedaços

FASES DE MULHER

Ao romper da aurora
Vejo-te
Suave, exuberante
Bela, fascinante
No verde irresistível
Radiante
Ao sabor do vento
Bailarina
Esvoaçante, menina
Ao meio-dia
Quente, viçosa, fremente
Ao crepúsculo
Nostálgica, distante
Pressurosa, aconchegante.

PASSEIO PELO “P”

Passa passaredo pressuroso
Prenunciando prazerosos presságios
Perpassa por passarelas
Pisadas por pedestres preconceituosos
Pintassilgos pequenos
Pavões pretensiosos
Passando por Petrópolis
Perpassando pela passarela pisada por pessoas
Passaredo presença pitorescas paisagens
Presença pacífica
Protásio Paulo Pereira
Pretensioso pintor
Preparou para parentes passantes
Paisagens patrióticas
Pintadas por Prótasio
Preciosa pinacoteca
Para presentear passantes premiados

RASTROS DE SAUDADE

Aquele perfume que me destes
Não revelou a tua intimidade
Mas deixou no caminhar do tempo
..... gostinho doce-amargo de saudade

II

Aquela rosa por tí oferecida
Colhida no jardim, na primavera
Estava cheia do vigor de outrora
E alimentou meus sonhos de quimera

III

Aquela mão com que me afagavas
Enchendo minha face de rugor
Eternizou em meu coração
AS marcas indeleveis do primeiro amor

I V

Aquele adeus que proferiste
Aquele dia triste a beira mar
Já vai tão longe nem sei quanto tempo
Mas minha mente insiste em recordar

V

O perfume, a rosa, o afago, o adeus
Juntaram-se a dor de uma saudade
E a lembrança da velha companheira
Irá comigo para a eternidade

ORIVAL PRAZERES



Filho de pais biguaçuenses: Esmeraldino Prazeres (In memoriam) e Georgina Faria Prazeres. Segundo uma família de 12 irmãos, é natural de Brusque (SC), nascido em 15/02/1938.

É casado com Maria Helena de Lara Prazeres e possui quatro filhos: Sandro, Luciano, Daniela e Cristina, possuindo quatro netos: Mateus, Igor, Davi e Luiza.

Assistente Social, graduado em 1975 pela escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte. O Curso de Serviço Social, teórico e prático, foi cumprido na Faculdade de Serviço Social de Santa Catarina, agregada à Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, no período entre 1962 a 1964, quando foi interrompido pelo golpe militar, com sua prisão em 07 de abril de 1964.

Aposentado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA em 1991, após mais de 35 anos de serviços prestados como servidor público municipal, estadual e federal. No exercício de suas funções no órgão federal durante 31 anos, atuou em Florianópolis –SC (1960 -1971 e 1987 -1991), Belo Horizonte –MG (1971 -1976) e Brasília –DF (1976 -1986).

Pertence à Academia de Letras de Biguaçu, ocupando

desde 2009 a Cadeira nº 21 – Jorge Lacerda. Possui vários artigos publicados sobre política, ética e cidadania. O presente livro “A Saga do Casarão Born” é sua primeira obra literária.

Acadêmico (a): Orival Prazeres

Nascimento: 15-02-1938

Cadeira nº: 21

Posse: 14-05-2008

Título: Escritor

Patrão/Patronesse: Jorge Lacerda

Título: Político / Orador

GRUPO ARCOS, BIGUAÇU E CIDADANIA

Orival Prazeres,
Membro fundador do Grupo Arcos



Tenho considerado dois fatos relevantes da história recente de Biguaçu, como os mais importantes a influenciar o despertar dos valores de *cidadania e auto-estima* dos biguaçuenses, ainda presos ao atraso, à ignorância e estagnação, que sustentam o nosso subdesenvolvimento político e dependência econômica no contexto da Região Metropolitana da Capital: as atividades do *GRUPO ARCOS – Pró Resgate da Memória Histórica, Artística e Cultural de Biguaçu e a instalação do Campus IV- Biguaçu, da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI*, ao final dos anos de 1980. A instalação do terminal da PETROBRÁS, na localidade de Alto Biguaçu, localidade de Santa Cruz, em 1997, foi também um fato importante a acrescentar em nossa auto-estima, além de alavancar substancialmente a economia municipal.

É sobre o GRUPO ARCOS que desejo trazer algumas luzes para a melhor compreensão do valor e importância de seu papel institucional na área de resgate, preservação e revitalização do patrimônio histórico-cultural, paisagístico, do turismo sustentável e da inclusão social, com o propósito de despertar a sociedade e o governo de Biguaçu para a atual conjuntura em que se encontra a instituição, que necessita de efetivo apoio para seus projetos e ações. O meu entusiasmo pelo trabalho do GRUPO ARCOS, fundado em 16 de Maio de 1989, e de modo muito especial, o

seu braço folclórico, o *Grupo Folclórico Danças e Cantares Açoriano de Biguaçu*, pela visibilidade que o projeta e encanta, se confunde com os sentimentos de civismo e de amor a Biguaçu e suas origens, que me dominam desde quando, vivendo nas Minas Gerais e no Planalto Central, em Brasília, pude melhor perceber e vivenciá-los diante das diferentes realidades, valores, costumes e formas de convivências em todo o nosso imenso e rico Brasil.

Passados quase vinte e dois anos de sua criação, com um histórico de trabalho e de lutas dedicadas a Biguaçu e ao resgate de sua memória histórica, artística e cultural, envolvendo as cidades e municípios do seu entorno e todo o litoral catarinense, povoado por açorianos e portugueses, desde o final do século XVIII, vejo a cada dia esvaír-se os sinais vitais dessa instituição basilar e de sustentação de nossas origens históricas e culturais, que sobrevive apenas pelo rico acervo material e imaterial preservado e pelos poucos e dedicados membros que a sustentam.

Como membro fundador de sua primeira Diretoria, eleita em Assembléia realizada em 02/02/1992, na residência de Ana Lúcia Coutinho Locks, constituída por um *Coordenador (Ana Lúcia)*, *Secretário (eu próprio)* e *Tesoureiro*

(Jaqueline Kremer), e mais a colaboração importante de um grupo de fundadores e apoiadores, entre os quais, *Catarina Rüdiger*, *Jorge Luiz Locks*, *Maria Helena de Lara Prazeres* e *Maria Lúcia Rüdiger*, ouso clamar à sociedade biguaçuense, num brado de socorro pelo seu revigoramento, com ênfase ao retorno das atividades do *Grupo Folclórico Danças e Cantares Açoriano de Biguaçu*, atualmente com seus membros dispersos, sem perspectivas e orientação técnica. Vejo com profunda preocupação o estado de inanição e de abandono em que se encontra o *Grupo Folclórico*, e de modo especial, o acervo da instituição *Grupo Arcos*, exposto à deterioração em uma sala do antigo Mercado Municipal, fechada e sem a necessária ventilação, mantida como mero depósito, sofrendo os efeitos da umidade

do tempo e o descaso das autoridades e das pessoas. Apenas a pequena e singela inscrição, *Grupo Arcos*, altaneira, pintada à entrada do prédio histórico, a indicar sua existência esperançosa de auxílio e estímulos.

Infelizmente, a figura central do GRUPO ARCOS e seu Grupo Folclórico, a historiadora e pesquisadora cultural, *Ana Lúcia Coutinho*, que serviu por anos ao Estado, junto à Companhia de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – CODESC e à Fundação Catarinense de Cultura - FCC, em Florianópolis, onde foi funcionária efetiva, veio a aceitar, em 2007, convite para atuar junto ao *Museu Nacional do Mar*, em São Francisco do Sul. É lá, na centenária cidade, que ela se encontra desde 2008, realizando o projeto de criação do *Centro de Referência Naval Brasileiro*, um trabalho profissional cercada do carinho e respeito dos técnicos do IPHAN, de instituições do Governo Municipal e das entidades culturais parceiras do projeto.

E nós, que somos filhos de Biguaçu e admiradores dessa terra e de seu povo, com o seu vasto e rico patrimônio histórico-cultural e tão carente de valores intelectuais comprometidos com o desenvolvimento em sua integralidade, como podemos *dispensar* os serviços dessa conceituada e talentosa profissional da cultura, filha da terra e com tantos serviços prestados à História e à Cultura de Biguaçu?

Tendo iniciado, *efetivamente*, suas atividades públicas em 16/05/1990, na primeira *Praça Cidadã*, durante os festejos comemorativos ao 157º Aniversário de Emancipação Político-Administrativa de Biguaçu, sob a coordenação técnica e administrativa da professora Ana Lúcia Coutinho, o Grupo Folclórico Danças e Cantares Açoriano de Biguaçu *tem como principal objetivo divulgar e promover, através da dança, a cultura de base açoriana, mostrando as sua diversidade, bailando Açores e o litoral catarinense. Apresenta trajes do Arquipélago dos Açores e do*

litoral catarinense, tocata de corda, cantoria, bailado, artesãs, utensílios e brincadeiras infantis. Sua principal característica é o jeito simples e contagiante quando baila. Ao final das apresentações envolve o público presente na roda de dança. Integra, repassa! ()*

O Grupo Folclórico Danças e Cantares Açoriano de Biguaçu é fruto de uma ação bem sucedida, idealizada e realizada pelo GRUPO ARCOS – Pró Resgate da Memória Histórica, Artística e Cultural de Biguaçu, *uma sociedade civil de direito privado, sem fins econômicos, políticos, raciais ou religiosos, constituídos por número ilimitado de pessoas físicas, sem distinção de nacionalidade, religião, sexo ou raça.* O GRUPO ARCOS surgiu de um movimento sutil, que teve início em 1989, liderado pela professora e historiadora biguaçuense, Ana Lúcia Coutinho, na busca da construção de um processo de identificação, valorização e salvaguarda do patrimônio material e imaterial da cultura de base açoriana no litoral catarinense, com ênfase para Biguaçu. Sua atuação marcante na luta pela restauração e preservação do Casarão Born é de reconhecimento público. Defende a criação de uma Fundação Cultural para o Município de Biguaçu, denominada *Fundação Cultural João Nicolau Born*, tendo sua sede no Casarão Born, com a seguinte proposta de uso; *Anfiteatro/Auditório “Salim Miguel”, Galeria de Arte “João Mendes”, Museu Municipal “Alaide Sardá de Amorim”, Cafeteria e Espaço para souvenir.* A preocupação é não permitir o fatiamento dos espaços internos do Casarão Born para instalação de instituições. Sendo um espaço qualificado deve abrigar dignamente sua cultura secular. Esse o apelo à sociedade biguaçuense feito pelo GRUPO ARCOS em documento de divulgação de seu histórico e missão institucional (*).

Cidadania e auto-estima

O meu envolvimento pessoal e familiar com a Ana Lúcia Coutinho e a fundação do Grupo ARCOS foi resultado do encontro

de sentimentos de amor por Biguaçu e a história de sua gente. O lançamento em 1988 do livro “História do Município de Biguaçu”, de autoria do historiador cultural, *Iaponan Soares*, reunindo fatos e informações importantes sobre as nossas origens e os grandes personagens de nossa história e os progressos de seu povo, a experiência do envolvimento na vida da cidade, iniciada desde muito jovem, nas festas da igreja, nos clubes de futebol, na política com as lideranças e pessoas da sociedade e do povo, nos bares, cinema e bailes na cidade, criando compromissos com o bem estar das pessoas e das famílias da comunidade, haviam formado em minha personalidade, ao longo dos anos, os sentimentos e atitudes de cidadania e auto-estima.

Nos primeiros contatos com *Ana Lúcia* esses sentimentos logo se manifestaram, sentindo nela um entusiasmo apaixonante pelas causas culturais da cidade e do litoral catarinense, na busca do resgate e da preservação da história e das artes de Biguaçu e sua gente.

Acabara de retornar a Biguaçu. Fazia apenas um ano de volta à cidade, após edificante experiência de vida, em quase dezessete anos morando em Belo Horizonte e Brasília, para o convívio com meus pais, irmãos, parentes e amigos. Havia experimentado durante esse período um grande apego e amor pela minha cidade e por Santa Catarina. Viajara muito pelos estados do Centro-Oeste, Norte e Nordeste, o que me permitiu identificar as diferenças e potencialidades regionais e melhor valorizar o nosso Estado e seu povo. Também foi importante para aprender mais sobre a fé e o sentido da vida, percebendo melhor e mais profundamente os valores essenciais do Homem e da vida no Universo.

(*) PASSAPORTE (Passport-Pasaporte), publicação GRUPO ARCOS Pró-Resgate da Memória Histórica, Artística e

Cultural de Biguaçu, Editora Alternativa Gráfica, Janeiro de 2007

As lembranças das pessoas e famílias da antiga Biguaçu, dos tempos de infância e juventude, sempre me acompanharam, fazendo-me recordar a vida simples e o cotidiano da cidade provinciana, o *futebol varzeano* dos anos cinquenta e sessenta, única atividade de lazer naqueles tempos, as músicas de serestas ao vivo cantadas nos bares, a velha política do voto em cédulas individuais, dos currais eleitorais, os muitos amigos e as amizades consolidadas e os sentimentos de compromisso e amor à cidade.

Por isso, sempre foram muito fortes os vínculos com Biguaçu, sua história e seu povo. A prisão em 1964, durante 28 dias, ainda não foi esquecida. O golpe militar, de triste memória, pegou-me na Universidade em Florianópolis, onde dirigia o Centro Acadêmico da Faculdade de Serviço Social de Santa Catarina, junto com *Guido Locks, Márcia Linhares, Anita Silveira*, e outros colegas, como também exercia funções eletivas na política estudantil universitária, como Vice Presidente da então Federação dos Estudantes Universitários de Santa Catarina – FEUSC, junto com *Vilmar Dalagnol, Marcílio Krugger, Rogério Queiroz, Antônio Diomário Queiróz, Márnio Fortes Barros* e outros líderes estudantis da UFSC.

Era estudante, mas também trabalhava na Capital como servidor público federal na Superintendência de Política Agrária - SUPRA, órgão de reforma agrária criado em 1962 no governo parlamentarista presidido por *João (Jango) Goulart* e, por isso, odiado pelos políticos que defendiam os interesses dos grandes proprietários de terras no País. Morava com meus pais, em Biguaçu, no mesmo endereço onde até hoje reside minha amada mãe, *Georgina Faria Prazeres*, e diariamente tomava o ônibus do horário das 05:45 horas para Florianópolis, só retornando no último horário, às 22:45 horas. Daí, as lembranças, as boas lembranças também da minha juventude, as dificuldades de todos os dias, superadas pela glória das conquistas diárias e que iam

alimentando e fortalecendo minha ânsia de vida e de retorno a Biguaçu, junto dos meus queridos pais, *Esmeraldino e Georgina Faria Prazeres* e dos antigos amigos e companheiros.

Longe da terra de meus pais, Biguaçu, que desde os dois anos de idade passou a ser a minha terra, também, conquistando amizades imorredouras e agora tendo conhecido o Brasil, grande e majestoso, com todas as suas belezas e diferenças sociais, econômicas, culturais e políticas, jamais deixara de imaginar-me retornando a Biguaçu e retomar minhas obrigações e tarefas como cidadão, transformar sonhos em realidades de melhorias para o bem estar de todos... Haveria de chegar o momento do retorno. Afinal, os tempos do regime militar estavam findando, novas perspectivas de liberdade se mostravam definitivas para a Nação e muitos dos meus melhores amigos estavam retornando a seus estados de origem; Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Mato Grosso do Sul e outros. Começava a me sentir só!

O INCRA, na Capital Federal, naqueles primeiros dias da Nova República, vivia um clima de terror, onde programas, projetos e normas, inclusive pessoas, eram rotulados como “*entulho autoritário*” a ser destruído, eliminado, descartado, sem qualquer valor. A condição de *ex-preso político* me era extremamente favorável naquele instante da vida nacional, *dispensando-me tratamento diferenciado*. Mas, repugnava-me a atitude de arrogância de alguns ditos “*esquerdistas*” e *reformistas* do novo governo no INCRA. Jamais poderia imaginar tamanha impostura e humilhação. Naquele momento, muitos de meus principais colegas e amigos deixaram Brasília, retornando aos seus estados de origem, outros foram aproveitados em órgãos do Senado e da Câmara Federal ou convidados para atuar em outros órgãos na Esplanada dos Ministérios.

Era minha vez. O ano de 1986 foi de preparação para o retorno, mesmo no exercício do cargo de Diretor de Integração com os Estados e Territórios, atuando diretamente nas relações institucionais envolvendo as ações de execução do Projeto Nordeste de Regularização Fundiária, em articulação com o agente financeiro internacional – o *Banco Mundial* (BIRD), decorrente de Contrato de Financiamento vigente, e os respectivos governos dos Estados do Nordeste. Após as festas de Natal e Ano Novo, definitivamente retornei a Santa Catarina, à minha cidade em Biguaçu.

Biguaçu: o reencontro e os sonhos

1987. Estamos de volta a Biguaçu. A sensação era de libertação, embora todo o amor que continuo a nutrir por Belo Horizonte e Brasília. O sentimento de satisfação era indescritível, como nos velhos tempos vividos nos primeiros dias de maio de 1964, quando deixara a prisão do regime militar em Florianópolis. *Maria Helena*, minha mulher, a *companheira e amiga*, o *alicerce seguro nos momentos de dor e sofrimento*, nunca compreendeu muito bem a atitude do retorno. Ela amou muito Brasília. Mas tinha que ser assim, eram lembranças muito vivas que revigoravam os vínculos com a minha cidade, com a minha história de vida, como uma força irresistível, superior, clamando por sentimentos e deveres de cidadania.

A minha geração se defrontava com o desconforto do estigma do atraso e da decadência de nossa cidade. Sofríamos há décadas o preconceito por morar em Biguaçu. Eram comuns as gozações e piadas desde os tempos de ginásio, nos campos de futebol, nos jornais. Até em músicas carnavalescas nossa cidade era motivo de gozações: “*choveu, choveu, Biguaçu encheu...*”. Havíamos perdido nosso *amor-próprio*, nossa *auto-estima*, o orgulho de ser biguaçuense, de morar em Biguaçu.

Nossa identidade cultural, o respeito cívico pela cidade e seus valores já não tinham significado. Ouvi quem propusesse transformar *Biguaçu em bairro da Capital*. Eu próprio, algumas vezes, fazendo compras em lojas na Capital, flagrei balconistas registrando em nota fiscal a cidade de Biguaçu como bairro, surpresos quanto à autonomia político-administrativa de nossa cidade, considerando-a parte de Florianópolis. Resgatar os valores culturais, restabelecer nossa auto-estima, constituía-se em desafio a ser enfrentado.

As situações de mal-estar impingidas por alguns, decretando nossa condição de *cidade-dormitório*, de segunda categoria, como se não possuísemos história e identidade, haveriam de transformar-se algum dia em desenvolvimento e qualidade de vida saudável para todos. Os cidadãos e cidadãs de Biguaçu têm o dever de romper com esse quadro vergonhoso de atraso e dependência em que ainda nos encontramos no contexto dos municípios do entorno da Capital.

De volta a Biguaçu passei a envolver-me aos poucos na vida da cidade. Já em 1987, enquanto trabalhava no INCRA em Florianópolis, retomava em Biguaçu os contatos com os antigos companheiros do BAC, vindo a assumir função executiva em sua Diretoria e a integrar o grupo principal dos jogadores veteranos do clube, onde jogava quando da minha transferência para Minas Gerais em 1971. No meio político, os partidos existentes no País não expressavam, com clareza, os fundamentos do pensamento social democrata, que desde os tempos de universidade vinha cultivando e que ainda não havia surgido de forma confiável no Brasil.

Embora atento ao debate na Assembleia Nacional Constituinte, em Brasília, mantinha-me na condição de expectante em relação aos rumos da política nacional, com manifesta simpatia pela pregação socialista de Brizola, cujo discurso me contagiava

desde os tempos da Campanha da Legalidade, que ele liderou em favor da posse de Jango Goulart com a renúncia de Jânio Quadros em 1961. Os antigos colegas de trabalho no INCRA, detentores de funções diretivas no órgão, todos se vinculavam ao partido MDB ou às suas lideranças no Estado. Nessa fase procurei me manter isento de influências político-partidárias, dedicando-me ao estudo dos problemas ligados à questão da reforma agrária no Estado, através da leitura de relatórios e processos específicos, observando, conhecendo e preparando-me para a retomada funcional, após 17 anos atuando em Minas e Brasília.

A fundação em 25 de junho de 1988, em Brasília, do *Partido da Social Democracia Brasileira*, numa época de esplendor cívico, quando os partidos se afirmavam em princípios e postulados ideológicos, deu-me a oportunidade de retornar à política partidária. Nenhum dos partidos tradicionais em Biguaçu considerou a possibilidade de meu ingresso em seus quadros. Nenhum convite me fora oferecido, até que sou lembrado e convidado ao final de 1989, pelo Vereador *José Braz da Silveira e Felipe Asmuz*, ambos originários da Juventude do então *MDB*, a formar as bases da social-democracia na cidade, com a instalação de Comissão Provisória Municipal do *PSDB*, apoiado pela direção estadual do Partido na Capital.

Grupo ARCOS – uma ideia que deu certo

Em suas primeiras reuniões de trabalho, entre outras ideias temáticas de ação partidária, a questão da cultura, das artes e história de Biguaçu foi seriamente discutida pelos companheiros, como valores a serem resgatados e desenvolvidos pelo partido. O nome da professora *Ana Lúcia Coutinho Locks*, então esposa do filiado *Jorge Luiz Locks*, dotada de alto conceito na sociedade por sua formação intelectual e acadêmica, um valor dos mais destacados

como historiadora, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e entusiasta da história do povoamento e cultura açoriana de Biguaçu e do litoral catarinense, foi lembrada para ser convidada a compor os nossos quadros político-partidários. O encontro foi em sua residência, na Vila Locks, no Centro de Biguaçu.

Ana Lúcia, contudo, que já vinha desde algum tempo desenvolvendo atividades culturais na cidade, especialmente na área da preservação e revitalização do patrimônio histórico e de resgate da cultura açoriana, agradeceu ao convite, refutando a possibilidade de ingresso formal em partido político, por considerar a aceitação incompatível com os propósitos de sua atividade profissional no município. O interessante é que nas conversas que se sucederam fui atraído pelo entusiasmo de suas palavras e gestos ao discorrer sobre seus projetos culturais em defesa da preservação e revitalização do patrimônio histórico de Biguaçu e sua gente.

E assim envolvidos e entusiasmados, eu e minha esposa *Maria Helena*, juntos com *Ana Lúcia Coutinho*, *Jaqueline Kremer*, *Jorge Luiz Locks*, *Catarina* e *Maria Lúcia Rüdiger*, passamos a formar o núcleo responsável pela organização das bases e desenvolvimento de uma instituição cultural, autenticamente biguaçuense, voltada exclusivamente para resgatar, promover e preservar o patrimônio artístico e cultural de Biguaçu, uma idéia que já vinha sendo trabalhada por *Ana Lúcia Coutinho*, num movimento sutil formado por pessoas da comunidade, culminando com a criação da entidade, sob a denominação GRUPO ARCOS PRÓ-RESGATE DA MEMÓRIA HISTÓRICA, ARTÍSTICA E CULTURAL DE BIGUAÇU, tendo por data de fundação o aniversário do Município, *16 de Maio de 1989*, uma homenagem ao centenário *Aqueduto de São Miguel*, que integra o *Conjunto Arquitetônico, Histórico e Paisagístico de São Miguel*, principal marco histórico de nosso município.

Era a primeira instituição da sociedade civil de nossa

cidade, com a nobre missão de resgatar e preservar suas raízes históricas, seus valores culturais e artísticos, a cidadania e o orgulho biguaçuense, fundamentais para a *auto-estima* de um povo desenvolvido, social e culturalmente.

Esse propósito de seus fundadores foi de imediato implementado com a organização, promoção e realização do 1º *ENCONTRO MUNICIPAL DE HISTÓRIA, ARTE E CULTURA DE BIGUAÇU*, evento ocorrido durante a Semana do Município, tendo o ponto alto o dia *16 de maio de 1990*, em comemoração aos festejos dos 157 Anos de emancipação político-administrativa do município, e que passou a constituir-se na data de aniversário do GRUPO FOLCLÓRICO DANÇAS E CANTARES AÇORIANO DE BIGUAÇU, quando pela primeira vez apresentou-se ao público durante a primeira Praça Cidadã, uma festa popular memorável.

O evento inaugural do GRUPO ARCOS e de seu braço folclórico foi um momento de esplendor para todos nós produtores e organizadores, que iniciávamos um trabalho de resgate de nossa identidade histórica, artística e cultural, reunindo no pequeno auditório Municipal, instalado no Centro Educacional Davi Crispim Correa, alguns dos nomes mais representativos das letras, da arte e da cultura de Santa Catarina, como palestrantes convidados, entre os quais, o escritor e crítico literário, *Iaponan Soares*, da Academia Catarinense de Letras; *Salim Miguel*, o mais prestigiado escritor e contista catarinense, que se intitula *libano-biguaçuense* (quando criança residiu com seus pais em Biguaçu); *Sérgio Casares Pinto*, médico psicanalista e presidente da Fundação Cultural Prometeus Libertus, de Florianópolis; *Júlio Ramos*, escritor biguaçuense; *Max José Müller*, biguaçuense e museólogo, representando a Fundação Catarinense de Cultura e *Ana Lúcia Coutinho*, representando a Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo de Santa Catarina.

Escolhido para coordenar o evento municipal, embora relutante, aceitei a incumbência honrosa, ditada por *Ana Lúcia Coutinho*, representando o GRUPO ARCOS, promotor do evento. Nessa condição, pude sentir o significado histórico do ato que estávamos iniciando a realizar, em reconhecimento aos nossos antepassados, orgulhoso das origens açoriana, portuguesa, alemã, italiana, africana, libanesa e holandesa, que constituem o patrimônio étnico-cultural de Biguaçu e de seu povo. O Encontro trouxe ao final a participação do conhecido GRUPO DA ZÉLIA, da cidade de Angelina, na Grande Florianópolis, com a apresentação das cantorias “A Ratoeira” e “Terno de Reis”.

Ainda em 1990, comemorando o Dia do Folclore, o GRUPO ARCOS realiza no dia 22 de agosto, no Centro Educacional da cidade, a NOITE DO FOLCLORE, reunindo como palestrantes o *Professor Osvaldo Ferreira de Melo*, da Universidade Federal de Santa Catarina, o *Maestro Hélio Teixeira da Rosa*, da Ordem dos Músicos de Santa Catarina e a *historiadora Ana Lúcia Coutinho*, do Grupo Arcos, todos membros do *Instituto Histórico-Geográfico de Santa Catarina*, abordando temas relacionados à nossa cultura e cidadania.

O sucesso desses eventos encorajou-nos a prosseguir com o projeto GRUPO ARCOS, cuja consolidação ocorreu em 1991/1992, com diversas promoções de resgate de nossa história, cultura e arte. Foi um ano esplendoroso, em que a cidade viveu momentos singulares de sua história, na praça pública, com o envolvimento vibrante da população, dos poderes públicos do Município, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário.

Assim, promovendo e participando de várias iniciativas na realização de sua missão e valores em cumprimento às suas finalidades, o GRUPO ARCOS, à frente *Ana Lúcia Coutinho*, alcança a sua consagração institucional a partir de ano de 1991, após sucessivos eventos de grande repercussão na cidade:

1) *Exposição da Colônia Holandesa de Tijuquinhas*, em cooperação com promoção do Rotary Club de Biguaçu e Casa da Amizade, organizada junto ao Museu Etnográfico – Casa dos Açores, em São Miguel (*antiga São Miguel da Terra Firme*), inaugurada em 28 de janeiro de 1991, reunindo material de pesquisa de campo, redação de textos e seleção de peças junto às famílias remanescentes da colônia fundada pelo Governo Estadual no início dos anos 1950. A montagem foi produzida pelos membros do Grupo Arcos, *Ana Lúcia Coutinho* e os dirigentes do Rotary Club de Biguaçu e Casa da Amizade, *Orival Prazeres e sua esposa, Maria Helena de Lara Prazeres, Hemmo Kroon e sua esposa Wieneke Kroon, Antonius Bovée e sua esposa Carmen Bovée e das famílias holandesas, Smolenaars, Bovée, Papenborg, Wopereis e Kroon.*

2) *Semana Cultural de Biguaçu*, vivenciada nos dias 11 a 17 de maio de 1991, em comemoração ao 158º aniversário da cidade, sob a temática “*A Emoção Vai à Praça*”, com a realização dos seguintes eventos:

a) Na praça Nereu Ramos: (i) apresentação oficial do Grupo Arcos, através do recém criado *Grupo Folclórico São Miguel*, atual Grupo Folclórico Danças e Cantares Açoriano de Biguaçu, em sua apresentação inaugural, na época formado por adolescentes, entre os quais, *Alessandra Trajano, Cristina de Lara Prazeres, Michelle Locks Zeferino, Aline Prazeres Ferreira, Maria Carolina Bruno de Assis, Andréia Leite, Núria Regis, Manuela de Oliveira Prazeres, Thiago Prazeres Salum Müller, Fabrício Paulsen, Míriam Paulsen, Juliano Coral Dutra e outros*, com trajes produzidos por costureiras locais, sob orientação de *Ana Lúcia Coutinho* e representando as Ilhas do Arquipélago dos Açores; (ii) *retreta na praça*, executada pela *Banda da Polícia Militar de Santa Catarina*; (iii) manifestação folclórica do *Boi de Mamão e Terno de Reis* pelo grupo da Praia João Rosa; (iv) apresentação do *Terno de Reis e Ratoeira*, pelo grupo da *Zélia*, de Angelina; (v) *Seresta da Praça* pelo Grupo Musical Arcos Iris,

formado pela *família Borba*, sob o comando de seu patriarca, o cancionista *Romualdo Durval Borba*, o popular *Marreco*; (vi) *Varal Literário*, com participação das escolas da cidade, expondo textos inéditos, mensagens, sentimentos, numa experiência cativante e empolgante para muitos jovens e adultos, homens e mulheres, uma oportunidade única de comunicação e expressão cultural; (vii) Orquestra Jovem de Florianópolis, formada por violinos, sob a direção do *Maestro Carlos Alberto Angioletti Vieira*.

b) Nas dependências do Centro Educacional Davi Crispim Correa: (i) palestra sobre o tema “Método Suzuki – abordagem filosófica e pedagógica – Método da Educação e do Talento”, pelo *Maestro Carlos Alberto Angioletti Vieira*; (ii) II Encontro de História, Arte e Literatura de Biguaçu, sob a temática “BIGUAÇU – QUEM SOMOS?”, tendo como palestrantes: *Dra. Ilka Boaventura*, do Departamento de Pós-Graduação em Sociologia da UFSC, abordando o tema “Cultura Negra”; *Dr. Sérgio Casares Pinto*, da Fundação Cultural Prometheus Libertus, abordando o tema “Etnocultura e Saúde Mental”; *Professora Tereza Fossari*, da Universidade Federal de Santa Catarina, abordando o tema “Arqueologia Litorânea; o artista plástico *Carlos Alberto Carneiro Asp*, da Fundação Catarinense de Cultura; *Economista Antonio Felipe Asmuz*, do CEBRAE-SC e o *Engenheiro Odemir Prazeres*, Secretário Municipal de Obras, abordando o tema “problemática urbana de Biguaçu”; (iii) Exposição Itinerante sobre a Cultura Negra, da Fundação Catarinense de Cultura.

3) *Encontro Regional de Cultura – Região Leste*, realizado no dia 26 de junho de 1991 no Centro Educacional Davi Crispim Correa, sob os auspícios da Fundação Catarinense de Cultura, com o apoio da Prefeitura Municipal de Biguaçu e do GRUPO ARCOS, reunindo representantes da área de cultura dos municípios da Grande Florianópolis, incluindo São José e Florianópolis, com a finalidade de discutir as questões culturais da região.

4) *Exposição Fotográfica da Matriz e suas 21 Capelas* – colaboração do GRUPO ARCOS e apoio da Fundação Catarinense de Cultura aos festejos do Jubileu da Paróquia de São João Evangelista de Biguaçu, inaugurada no dia 22 de dezembro de 1991, documentada pela fotógrafa do Grupo ARCOS, *Catarina Rüdiger*.

5) Publicação do livreto “*Notas sobre a Paróquia São João Evangelista*”, dezembro de 1991, tendo como autores os integrantes do GRUPO ARCOS, *Ana Lúcia Coutinho, Catarina Rüdiger e Orival Prazeres*, e com o apoio da *Fundação Catarinense de Cultura*.

A partir de 1990 e durante alguns anos, o GRUPO ARCOS se fez partícipe em todas as comemorações festivas do aniversário do Município, através de realizações de Semanas Culturais, com atividades as mais diversas realizadas na Praça Nereu Ramos, em especial a edição do Encontro de História, Arte e Literatura, com abordagens e debates envolvendo temas de elevado interesse cultural, entre os quais questões sobre o “*patrimônio cultural e paisagístico*”, com ênfase para a preservação e revitalização, e outros temas no interesse de sua missão institucional, envolvendo as autoridades municipais, empresários, bancos e lideranças. A criação da *Praça Cidadã*, que durante alguns anos sediou os festejos de aniversário da cidade, foi inaugurada em 1990 pela Prefeitura Municipal, sob influência do Grupo Arcos em articulação com outras entidades da cidade.

Outros importantes eventos, como a Exposição Documental e Fotográfica do Poder Judiciário, com apoio do GRUPO ARCOS, realizada quando da inauguração da sede própria do Fórum da Comarca de Biguaçu, em 28 de janeiro de 1992, e outras exposições fotográficas: sobre “Prédios que sediaram o Fórum de Biguaçu” (*Catarina Rüdiger*), “Abolição e Resistência” (Fundação Catarinense de Cultura), “Gente da Terra”, (de *Catarina Rüdiger, Sidney Kair e Ricardo Petry*), Painéis Históricos

sobre Indústria Artesanal – “engenho de farinha”, gravados em paredões de prédios na cidade, pelo artista plástico *Giovany Cabral*, “Momentos da História da Colonização de Biguaçu” (do artista *Ricardo de Lara Costa*), “Preservação do Rio Biguaçu e as belezas naturais de nosso município”, como as Cachoeiras do Amâncio e a praia de São Miguel, as nossas igrejas e capelas, o que restou do patrimônio arquitetônico histórico (pelos fotógrafos, *Catarina Rüdiger e Henrique Azevedo*), foram muito importantes para a discussão de nossa identidade cultural, o resgate dos valores humanos e históricos, a ausência da auto-estima de sua gente e do orgulho de ser biguaçuense.

Merece registro, também, como evento marcante surgido na *Praça Cidadã*, nos anos de 1990, igualmente fruto da influência do Grupo ARCOS, e que se mantém como uma das mais expressivas manifestações populares locais e referência principal dos festejos de aniversário de Biguaçu, a *Gincana Cultural*, formada por vários grupos reunindo jovens, adolescentes e adultos, de todas as idades, revelando-se em verdadeiro valor institucional da cidade. Alguns dos primeiros a inaugurar a *Gincana Cultural de Biguaçu*, seus grandes campeões, *Alta Combustão* (vermelho) e *Localinha* (amarelo), grupos com mais de duzentos e cinquenta participantes, que foram se desdobrando para formar novos campeões, o *Restolho*, *Xuxu Beleza*, *AAA*, *Raça*, *ECC* e outros grupos. Em sua terceira edição, a *Gincana Cultural* lançou o concurso musical para escolha do *Hino de Biguaçu*. Foi uma noite memorável. O grande vencedor, o *Alta Combustão*, representado por componentes do Grupo Arcos, em traje de gala, formando pares, os homens e as mulheres vestindo trajes de gala, ofereceu à cidade o seguinte *Hino à Biguaçu*, com letra e música do poeta e compositor, *Luiz Falcão*, da Ilha de Santa Catarina, colaborador do *Grupo Arcos*, e de *Ana Lúcia Coutinho*, historiadora e coordenadora do *Grupo Arcos*, com partitura musical do *Maestro Altair Debona Castelan* e arranjo musical do *Maestro Giovane Pacheco*:

*“És de tronco açorita
Com um olhar pr’a Capital
Tua gente é orgulhosa
Terra centenária e cultural*

*Teu cenário verdejante
Rio e cachoeiras cristalinas
Encantaram os visitantes
Aportados aqui um dia*

*Gente brava e hospitaleira
Criveiras de amor é tradição
Nas asas de biguá, meu Biguaçu
Patrimônio d’amor e paixão*

*Gente brava e hospitaleira
Que traz no peito sempre o teu brasão
Recanto que cresce cada dia
Progresso é o lema deste chão”.*

Noite memorável. Também a BIGFESTA, que começou no Governo do *Prefeito Sadi Peixoto, em 1993*, realizada em *pavilhão* às margens da BR 101, km 196, teve a participação do GRUPO ARCOS, afastando-se nos anos seguintes quando passou a ser realizada nas instalações do CTG Sela de Prata, nos Fundos de Biguaçu, com finalidades e objetivos voltados a interesses comerciais e de entretenimento com grandes shows regionais e nacionais, desvinculados da História, da Arte e da Cultura de Biguaçu. A transferência da festa de aniversário do município, do Centro Histórico para a localidade de Fundos de Biguaçu, decidido pela Prefeitura Municipal, teve como consequência a total supressão da agenda cultural da cidade, restabelecida a partir de anos seguintes, quando parte da programação dos eventos passou a ser realizada na *Praça Cidadã*, até os dias atuais, com destaque para a realização da Gincana Cultural.

Foi com esse acervo de realizações e de serviços prestados à história e à cultura de Biguaçu, a partir de maio de 1990, que o GRUPO ARCOS foi construído, fruto do trabalho consciente de cidadania e de amor à cidade de um punhado de homens e mulheres, comprometido com o progresso e o desenvolvimento de Biguaçu e de seu povo. Um fato importante - somente no terceiro ano após a primeira discussão em torno da idéia, o GRUPO ARCOS é *oficial e juridicamente* criado, cujos registros históricos encontram-se inseridos na *ata de sua fundação*, com a aprovação do Estatuto original, no *dia 02 de fevereiro de 1992*, quando foi constituída sua primeira Diretoria: Coordenadora Geral - *Ana Lúcia Coutinho Locks*; Secretário - *Orival Prazeres*, e Tesoureiro - *Jacqueline Kremer*. Participaram da Assembléia Geral de fundação, também, os biguaçuenses, *Maria Helena de Lara Prazeres*, *Jorge Luiz Locks* e *Gilson Kremer*.

No Estatuto aprovado lê-se, em seu preâmbulo, o seguinte texto:

“GRUPO ARCOS – PRÓ RESGATE DA MEMÓRIA HISTÓRICA, ARTÍSTICA E CULTURAL DE BIGUAÇU. Primeiro na cidade como instituição privada voltada exclusivamente para resgatar, promover e preservar o patrimônio artístico e cultural de Biguaçu e de sua gente...”

Mesmo com limitadíssima ajuda oficial, o GRUPO ARCOS sobreviveu e se consolidou nesses *vinte e dois anos*, graças à dedicação de seus dirigentes, colaboradores, familiares e integrantes do *Grupo Folclórico Danças e Cantares Açoriano de Biguaçu*, por suas atuações em teatros, clubes e salas especiais, em congressos e conferências, seminários e encontros temáticos, enfim, em festas populares e em praça pública, em diversos palcos e cidades, durante todo esse tempo, entre as quais, *Florianópolis* (Praça da Alfândega, Largo da Catedral, Teatro Álvaro de Carvalho, Associação Banco do Brasil, Teatro do CIC, Jurerê Internacional, Costão do Santinho,

Congresso dos Supermercadistas, Festa das Nações, Lançamento Oficial da Festa das Etnias, Fenastra, Tribunal de Justiça e outros), *Biguaçu* (Festas de Aniversário do Município, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Sociedade Recreativa 17 de Maio, e diversos outros eventos), *São Francisco do Sul* (Lançamento do Festival do Mar, Festilha e outros eventos), *Joinville*, *São José* (Festa do Divino, Festa Açoriana, no Shopping Itaguaçu abrindo a Festa dos Imigrantes), *Itajaí* (Festa Portuguesa Marejada), *Imbituba*, *Garopaba* (Açor), *Governador Celso Ramos* (Açor), *Balneário Camboriú*, *Gaspar* (Festa do Município) *Canelinha*, *Palhoça*, *Porto Alegre*, *Curitiba*, *São Paulo*, *Belo Horizonte* (Palácio das Artes), Rio de Janeiro (no 32º Congresso Brasileiro de Agências de Viagens e Exposição de Turismo, realizado no *RioCentro*, no período de 20 a 24/10/ 2004) e outras cidades, levando o bom nome e as tradições açorianas de Biguaçu e do litoral de Santa Catarina para diversas regiões de nosso Estado e do Brasil.

Toda essa trajetória do GRUPO ARCOS é ainda enriquecida com as apresentações do Grupo Folclórico Danças e Cantares Açoriano de Biguaçu na *Ilha de São Miguel*, no *Arquipélago dos Açores*, em viagem cultural durante 12 dias, com 25 participantes, realizada no período de 29 de julho a 09 de agosto do ano de 2001, levando a bandeira de Biguaçu e sua rica história aos nossos irmãos de além-mar, para participar do IX GRANDE FESTIVAL DE FOLCLORE DA RELVA E OUTRAS ATIVIDADES CULTURAIS, num expressivo e simbólico reencontro de gerações de um mesmo povo, cultura e tradições. Na passagem por *Lisboa*, em *Portugal*, o grupo teve a oportunidade de visitar, também, as cidades portuguesas de *Fátima*, *Alcobaça* e *Nazaré*, retornando ao Brasil após um périplo com grandes apresentações nos Açores.

As despesas com passagens foram custeadas por doações obtidas junto ao *Governo do Estado* (*Governador Esperidião Amim*), *Assembléia Legislativa de Santa Catarina*, através do *Deputado Afrânio*

Boppré, Prefeituras de Biguaçu e São José, Deputado Lício Mauro da Silveira, Mário Pneus, Associação dos Municípios da Grande Florianópolis, além de importante contribuição financeira do Governo Autônomo dos Açores, da comunidade de Biguaçu, recolhida diretamente junto às famílias mediante listas de adesões, Ação Entre Amigos, bem como de reservas do Caixa do Grupo ARCOS, originárias de *cachês* por apresentações em eventos culturais pela região e o Estado. Um dos participantes custeou sua própria despesa, com passagem aérea, pela dificuldade que estava passando o Grupo ARCOS na captação de recursos, pois foi o período em que a cotação do *dólar* americano esteve mais alto em relação ao *real*. Nem todos puderam viajar!

Representaram o GRUPO ARCOS e a cidade de Biguaçu, nessa importante viagem cultural internacional, os seguintes integrantes: *Ana Lúcia Coutinho*, Coordenadora do Grupo, *Catarina Rüdiger*, Conselheira e responsável pela fotografia, *Dona Júlia Machado*, representando o grupo das artesãs de crivo, *Maria Helena da Lara Prazeres*, *Kátia Bernardeth da Silva*, *Maria Paulina da Cunha Delagnello*, *Maria Cristina Silva*, o grupo da cantoria, *Luiz Nilton Corrêa (viola)*, *Marcos Antônio da Silva*, *Rafael Silva*, o *Rafinha* e *Adriana Izídio (violão e voz)*, compondo o grupo de tocadores (violões), e o grupo de danças, formado por *Aline Gonçalves*, *Caroline Coutinho Locks*, *Cláudia Martins*, *Cristina de Lara Prazeres*, *Dariane de Souza*, *Gabriela de Farias Rüdiger*, *Giovani Abrahão Salum Júnior*, *Marília de Lara Nunes Siqueira*, *Mário Alexandre da Silva*, *Oscar Silva Neto*, *Pierre Costa de Andrade*, *Raphael de Farias Dias*, *Sabrina Rocha* e *Vitor Amorim Salum*.

No ano seguinte, em outubro de 2002, Biguaçu recebe a visita do GRUPO FOLCLÓRICO DE CANTARES E BALHADOS DA RELVA, da Ilha de São Miguel, Arquipélago dos Açores, fundado em 1976, Membro Efetivo da Federação do Folclore Português sob os auspícios do Governo do Arquipélago dos

Açores, retribuindo a visita do *Grupo Arcos* àquele País. O grupo dos Açores foi recepcionado pelos dirigentes e componentes do *Grupo Arcos* e pelas autoridades municipais, com um ágape nas dependências do Salão de Eventos da Igreja Matriz de Biguaçu, após o qual brindaram o público com um belíssimo espetáculo, com o seu grupo adulto de cantores, tocadores e dançarinos, bailando, tocando e cantando as músicas e letras, muitas as quais de nosso repertório musical, numa belíssima apresentação cultural, cheia de sentimentos e emoções. Ao final, o Prefeito Municipal de Biguaçu, *Vilmar Astrogildo Tuta da Silva*, e a Coordenadora do Grupo Arcos, *Ana Lúcia Coutinho*, agradeceram o Grupo Folclórico da Relva com uma placa comemorativa da visita e mimos do nosso artesanato, expressando a nossa gratidão e reconhecimento aos nossos irmãos de além-mar.

O vizinho país, o Uruguai, também recebeu a visita do GRUPO ARCOS, através de apresentação do *Grupo Folclórico Danças e Cantares Açoriano de Biguaçu*, em Janeiro de 2005, na cidade de *San Jose*, com passagem em *Punta de Leste e Montevideo*, atendendo convite da Coordenação do *Grupo Folclórico da Comunidade de San Jose*, representada pelo casal *Washington Pereira de León* e sua esposa *Modestita*, levando informações sobre nossa história e costumes.

As autoridades públicas e empresariais e o povo de Biguaçu não podem deixar esmorecer todo esse esforço e dedicação acumulados. As nossas origens históricas e culturais, a nossa arte e tradições, são valores essenciais ao nosso desejo de prosperidade e desenvolvimento sócio-econômico sustentável, como município e povo, ainda em processo de construção de sua auto-estima e cidadania.

É fundamental que o Governo Municipal olhe mais, estimule e promova o espírito de cidadania e de auto-estima de

seu povo, criando *políticas públicas* capazes de impulsionar esforços e iniciativas da sociedade, no desenvolvimento das entidades culturais, das artes e do artesanato, das letras, dos esportes e da música, num grande processo de mudança de atitude que contemple o cidadão em sua integralidade.

Não deixemos que essa ideia venha a perder-se pelo nosso descaso e comodismo. Principalmente agora, com a *restauração* do Casarão Born, resultado do empenho do movimento social da sociedade civil da comunidade de Biguaçu, cuja bandeira de luta foi desde o primeiro momento desfraldada e empunhada pelo GRUPO ARCOS. Por sua força e coragem, agora temos a nossa Casa da Cultura, que acolhe a Academia de Letras e a Escola de Música, e é palco de eventos culturais como exposições de artes, cinema e apresentações teatrais.

O Grupo Arcos é referência em nosso Estado. Seu reconhecimento pelo Governo dos Açores lhe garante a indicação preferencial como representante oficial na abertura de todo evento estadual de etnia açoriana no território do Estado de Santa Catarina.

Das autoridades públicas, dos empresários da cidade, das lideranças políticas e profissionais e da sociedade civil, BIGUAÇU espera e conta com novas atitudes e compromissos, respaldados nos objetivos e finalidades segundo a sua *Missão Institucional*, a qualidade de sua *Visão e seus Valores*, no âmbito do Governo Municipal, da Empresa estabelecida e das Entidades não governamentais, todos a serviço do Bem Comum. Ajudar a fortalecer o GRUPO ARCOS, e demais instituições culturais da cidade, seria uma atitude responsável e dinamizadora do desenvolvimento sustentável de Biguaçu.

Biguaçu precisa enfrentar este desafio!

Alguns títulos de material informativo e de divulgação

editados pelo GRUPO ARCOS Pró-Resgate da Memória Histórica, Artística e Cultural de Biguaçu:

- Livroto NOTAS sobre a Paróquia São João Evangelista de Biguaçu- 1991

Apoio Cultural: Fundação Catarinense de Cultura-FCC/SC
Textos: Ana Lúcia Coutinho, Orival Prazeres e fotografias: Catarina Rüdiger.

-Folder GRUPO ARCOS, Informativo – Ano I – 1993

Coutinho, Ana Lúcia e GRUPO ARCOS, São Miguel da Terra Firme - 1997

Apoio Cultural: Construtora e Incorporadora Castelo, CODESC, Embratel, Escritório de Arquitetura Fernanda Menezes, INPLAC, IPHAN, Letras Contemporâneas e Virtual Art & Design

-Coutinho, Ana Lucia e Grupo Arcos, ANTIGA VILA DE SÃO MIGUEL – 250 Anos da Antiga Vila de São Miguel -1997, *Apoio Cultural: EMBRATEL, Sistema Telebrás*
Texto: Ana Lúcia Coutinho e Fotografia: Catarina Rüdiger (Álbuns de Família)

-GRUPO ARCOS, Casarão Born, Nossa Luta! - 1998

Apoio Cultural: Grupo Folclórico Danças e Cantares Açoriano de Biguaçu

-GRUPO ARCOS, Dez Anos – 1999

Apoio Cultural: Grupo Arcos, Texto: Ana Lúcia Coutinho e Fotografia; Catarina Rüdiger

-GRUPO ARCOS, Idéia que deu certo – 2001

*Apoio Cultural: Grupo Arcos, CODESC e Governo do Estado de SC
Texto: Ana Lúcia Coutinho e Fotografia, Catarina Rüdiger*

-GRUPO ARCOS, Biguaçu – História, Patrimônio e Natureza, 2005

Apoio Cultural: Grupo Arcos e CODESC

Texto: Ana Lúcia Coutinho e Fotografia, Catarina Rüdiger

-AS BENZEDURAS DE MARIA OLÍMPIA DOS REIS –
Coleção Grupo Arcos, 2007

Texto: Ana Lúcia Coutinho e Fotografia: Catarina Rüdiger

-Folheto-*Carta Cultural para Biguaçu*, Janeiro/2007 e *Proposta de uso do Casarão Born*, Maio/2007 - GRUPO ARCOS, Texto: Ana Lúcia Coutinho e Fotografia: Catarina Rüdiger.

-Catálogo GRUPO ARCOS, 2007, *Texto: Ana Lúcia Coutinho e Fotografia: Catarina Rüdiger, Apoio cultural: Governo do Estado e Codesc*

-PASSAPORTE (Passport – Pasaporte)

Publicação: Grupo Arcos, *Texto: Ana Lúcia Coutinho e*

Fotografia: Catarina Rüdiger

Agradecimento especial à Catarina Rüdiger, fotógrafa, por sua importante cooperação para a apresentação deste relato histórico sobre o Grupo Arcos.

Biguaçu, 28 de março de 2011

O Autor

OSMARINA MARIA DE SOUZA



Natural de Florianópolis. Nasceu em 17 de novembro de 1929. Faz poesias e crônicas. Sócia e fundadora da Associação dos Poetas, Cronistas e Contistas Catarinenses. Fundadora da Academia São José de Letras, da Academia Desterrense de Letras e da Academia de Letras de Biguaçu, Voluntária no Núcleo de Estudos da Terceira Idade-UFSC. Fez o Curso de Monitora da Ação Gerontológica do NETI-UFSC.

Tem participação em muitos seminários e Congressos bem como na Primeira Conferência Nacional para Política da Pessoa Idosa, em Brasília, Faz parte da Missão Açores com participação na Escola de Ensino Superior em Setúbal- Portugal e na Universidade dos Açores na cidade de Ponta Delgada, nas Ilhas: Graciosa, do Pico e Faial nos Açores.

Cadeira n°: 20

Posse: 18-12-1996

Título: Poetisa

Patrono: João Nicolau Born

Título: Político / Orador

JERÔNIMO COELHO

O grito do menino jornalista, deveria ser ouvido por toda a vila do Desterro, naquela manhã de 28 de julho de 1831. E se não foi ouvido e, se não ecoou pela vila, foi porque na época, não existiam os nossos simpáticos meninos Jornalheiros. O proprietário do Jornal via-se obrigado a procurar os amigos, e convencê-los a comprar o matutino procurando também passá-los a outros amigos. Era o boca-a-boca.

No início do século XIX, a Região Sul do país, era pouco cuidada pela Corte, que só tinha olhos para Rio de Janeiro, São Vicente e Salvador. No sul a maioria da população era constituída de analfabetos. Incluíam-se também os escravos.

Tudo era resolvido e decidido em Portugal. As oportunidades de trabalho eram mínimas e caso as houvesse era sempre trabalho escravo.

Neste clima, de País Colônia nascia na Vila de Laguna, no dia 30 de setembro de 1806, o garoto Jerônimo Francisco Coelho, um futuro idealizador e pacificador. Filho do Sargento-Mor Antônio Francisco Coelho e de Francisca Lima do Espírito Santo Coelho.

Jerônimo cresceria como todos os meninos da vila, livres pelas praias, catando siri, soltando pipa e tudo que um menino feliz tem direito, não fosse a transferência de seu pai, para o Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro o menino Jerônimo foi aconselhado por seu pai a sentar praça, aos oito anos de idade, como 1º Cadete na Companhia de Artilharia, a partir de 17 de dezembro de 1815.

Viu a chegada da Família Imperial no Brasil, fugindo de Napoleão Bonaparte. Viu a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, os comentários e a ira de Calota Joaquina confabulando contra o esposo, para se tornar a Rainha das Américas. Ainda, muito criança viu a criação da Imprensa Régia, por D. João VI em 13 de maio de 1808, viu em 1815 o Brasil ser elevado a categoria

de Reino Unido a Portugal e Algarves e as comentadas crise de Gota de Sua Majestade.

Neste clima de Governo, crescia o menino que já não estava gostando das atitudes da Monarquia.

Três meses após estar na Escola de Cadete, falece seu pai, O. menino passou à tutela do tio, o médico Dr. João Francisco Coelho, que se encarregaria de educá-lo e guiá-lo para outra carreira e para isso, Jerônimo se viu obrigado a deixar a Escola de Cadete.

Porém, algum mês depois, também morria o médico João Francisco, e o garoto volta aos cuidados da mãe que para poder sustentar seus filhos, reconduz novamente Jerônimo a vida militar. Desta vez como Cadete no Regimento de Caçadores, em 16 de fevereiro de 1816. Em 20 de março de 1820, matricula-se na Escola Militar, onde foi laureado.

Em 1821, já brioso militar, Jerônimo Coelho assistia o retorno de Sua Majestade a Portugal, depois de uma estada de 13 anos no Brasil. Assistia, e não aprovava muito as atitudes e o estado de coisas por que o país estava passando. O Governo ficou com o Príncipe D. Pedro I, que não fazia um bom governo.

Jerônimo estava predestinado a vida militar. Os brios e lisura do aluno fazem com que logo após seja promovido a Segundo Tenente, para servir no Batalhão de Engenharia. Mais e mais galgava, o lagunense, os altos postos militares, dois anos depois seria novamente promovido a Capitão, tinha então, 18 anos de idade.

Viu feliz em 1822 a Independência do Brasil, e agora estava contente. Não mais os grilhões se aproveitariam da terra brasileira. Estava livre, era um Império. Enganava-se. O Imperador continuava a ser um português, e filho de D. João VI

Quando da vinda da família imperial, algumas proibições, até então, foram liberadas. Uma delas era a imprensa. No Brasil

não podia circular jornais impressos no país, só os vindo da corte, portanto de Portugal. Os aqui impressos eram clandestinos, e como tal, até poderiam ser apreendidos.

A 12 de junho de 1831 foi transferido para a Vila do Desterro, na Província de Santa Catarina, como comandante do Segundo Corpo de Artilharia que também estava sediado na Vila.

Mas Jerônimo Coelho não escondia a aversão que sentia por D. Pedro I e por este motivo sempre o combatia, distribuindo exemplares do “Aurora Fluminense”, um dos jornais mais políticos da Capital do Império, mesmo dentro do Regimento, sediado no Campo do Manejo, onde hoje está situado o Instituto Estadual de Educação. Agindo assim, não temia a perseguição nem represálias, e não deixou de fazer propaganda política, sempre contrária à administração do Imperador.

Alegria também sentiu nosso brioso militar quando viu o Príncipe D. Pedro I abdicar em favor de seu filho Pedro II, em 7 de abril de 1831.

A missão era árdua, elevar os ideais nacionais, ainda dominados por D. Pedro I, lutar por uma nova Constituição, levantar os ânimos dos catarinenses e organizar o glorioso Regimento dos Barriga Verde.

Ao chegar à Vila do Desterro, já tinha em mente o desejo firme de fundar um jornal.

Lucas Boiteux diz: - “O jovem Capitão, ao vir para Santa Catarina já trazia na bagagem um pequeno prelo”. (3)

Era um projeto pessoal que começaria em sua casa e cuja finalidade era a de combater a monarquia e derrubar o absolutismo da família Orleans e Bragança, ou quem sabe teríamos um monarca brasileiro, sem vínculos com Portugal, para governar o país e que seria bem mais aceito...

Morava Jerônimo Coelho na Rua do Livramento atual Rua Trajano, no centro da vila do Desterro, e em sua residência, além de moradia, foi instalada a tipografia e a editora, e Jerônimo Coelho

foi o editor, o tipógrafo, jornalista, compositor e o jornaleiro de “O Catharinense”.

Naquele dia 28 de julho de 1831, circulava o nº 01 de “O Catharinense”, O exemplar deste jornal, custava 60 centavos, era uma quarta feira e curiosa a população estava ávida para ler as notícias. Estava fundada a imprensa em Santa Catarina, e a partir daí a nossa terra começa a tomar um novo rumo.

Como falamos no início, não havia a figura do simpático jornaleiro e o Catharinense saiu com o primeiro tópico dizendo o seguinte:

Vende-se esta folha em casa do Redator à Rua do Livramento, na botica do senhor José Caetano Pereira, à rua Augusta”.. e mais adiante três outros endereços. A assinatura por 3 meses, anunciava o jornal, estava ao preço de 1\$000 (um mil réis) .

Um dos lemas era : UNIÃO E LIBERDADE, INDEPENDÊNCIA OU MORTE..

Muito orgulhoso, pois não era para menos, o senhor Jerônimo Coelho, editor, programador, impressor, do jornal, fazia também como não era diferente, o editorial naquele número 01 que transcrevo um pequeno trecho:

“Agora que me acho na terra onde primeiro vi a luz do dia, rodeado de nossos caros patrícios, cheio de prazer e alegria, a eles me dirijo. Senhores briosos catarinenses, o amor a minha pátria, o amor a minha Província é a quem hoje se dirige minha pena”.

E Jerônimo Coelho se alongava por mais algumas linhas, dizendo do quanto ouvia falar da beleza desta terra, sem nunca ter a oportunidade de conhecê-la antes.

Não deixava dúvidas que o Catharinense chegava para combater.

Jerônimo, este grande catarinense, foi ajudado pela Maçonaria e por seu amigo Souza França, que como ele era um lagunense ilustre.

Era um grande feito. Na terra tão esquecida pelos monarcas, 13 anos após a edição dos primeiros jornais brasileiros “O Correio Brasiliense” e a “Gazeta do Rio de Janeiro”, a vila do Desterro tinha o seu jornal, o “CATHARINENSE”, que no dizer de Martinho Callado Júnior, o primeiro número de o Catharinense é considerado “um Hino Ardoroso”. Oswaldo Rodrigues Cabral, outro lagunense ilustre, mais de 100 anos depois, também o considerava uma “proclamação de fé, nas autonomias das Províncias e na defesa da liberdade de expressão”.

“É preciso, diz em “O Catharinense”, que mostremos às nações da Europa que nós estamos bastante civilizados para possuir um governo livre... OH! Deus da América, que conhece a pureza de minhas intenções, me esforce e ajude a conseguir os fins a que me proponho. Eu me acho entre vós como sentinela da liberdade nesta amada porção do solo brasileiro.”

Neste ano, ainda Jerônimo Coelho, além de fundar a imprensa fundava a Loja Maçônica Concórdia, a primeira da Província.

Em 8 de dezembro de 1832 a Sociedade publicaria o Informativo “O Expositor”, com a finalidade de despertar os sonhos de fundar partidos políticos e neste pequeno jornal Jerônimo Coelho já dizia: “A felicidade dos seres humanos está essencialmente ligada ao amor da Ordem”.

Para que acontecesse a publicação de “O Expositor”, Jerônimo Coelho contou com a ajuda do Presidente da Província, na época, o senhor Feliciano Nunes Pires . Por sinal uma ajuda valiosíssima. Era este Senhor do tronco de família ilustríssima na Província, ainda hoje, seus descendentes, estão laborando nas letras, nas artes catarinense.

A Loja Maçônica exerceu debates importante despertando o espírito de solidariedade no povo catarinense.

O Capitão Jerônimo Coelho passa em 08 de janeiro de 1834 a integrar o Corpo de Engenheiros no Rio de Janeiro para

voltar a vila do Desterro em 7 de março desta vez à disposição da Província, a pedido desta.

Neste período executou diversos trabalhos que ficaram registrados, como: um Projeto para uma Fonte no Campo do Manejo; projeto para a construção da Praça Marechal Osório, na cidade; construção do trapiche da Alfândega; inspeção na Fortaleza de Anhatomirim; reparos, relatórios, demarcação e mapas da Fortaleza São José da Ponta Grossa, escolha para o local da construção da Câmara Municipal de Biguaçu, em São Miguel; projeto de ruas e planos para a construção da cadeia do Desterro.

Durou pouco o seu trabalho na vila do Desterro, pois voltou para o Rio de Janeiro e neste ano foi eleito Deputado da Assembléia Legislativa Provincial de onde foi 1º Secretário.

O ilustre militar, orgulho dos catarinenses não estava ainda satisfeito, e pelo seu trabalho e honestidade, por Carta Imperial de 05 de abril de 1839, foi nomeado Vice Presidente da Província de Santa Catarina que na época era Presidida pelo Brigadeiro Carlos Pardal que era partidário da restauração e trabalhava pelo retorno de D. Pedro I que abdicara em favor de seu filho D. Pedro II ainda de menor idade.

Candidatando-se então a Deputado Geral em 1839, Jerônimo Coelho encontrou em Pardal um adversário ferrenho. José da Silva Mafra era o candidato oficial, mas desistiu em favor de Jerônimo Coelho, dizendo: “A sólida instrução, o talento brilhante, a energia, e a reconhecida aptidão para as lutas parlamentares do fundador de “O Catharinense” é ele o verdadeiro candidato do partido”.

Aos 32 anos Jerônimo Coelho estava na Assembléia da Quarta Legislatura e lá se defrontou com grandes personagens da história como os irmãos Andradas, Bernardo Vasconcelos, Teófilo Otoni, Honório Marinho, Olimpo de Abreu, Manoel Felizardo e muitos outros frente aos quais se saiu condignamente e no dizer

de Henrique Boiteux, - “Jerônimo Coelho tinha uma locução fácil, clara graciosa, era ponto rigoroso na réplica; forte e decidido no ataque, firme na estacada. Conservava-se imperturbável, no meio da mais ferrenha discussão, mantinha-se sereno. A razão era a sua arma, a consciência a sua força, o raciocínio o seu campo e o triunfo da verdade a sua vitória”.

Não fugia a uma discussão política ou administrativa. Quando da elevação de D. Pedro II ao trono situação ficou alterada, houve um período conturbado e a Câmara foi dissolvida em 1842.

Em julho de 1841 foi concedido a Jerônimo Coelho a comenda da Ordem de Aviz.

Nesta época volta ao Exército e foi promovido a Tenente Coronel, e continuava a representar a Província no Parlamento. E por sua sinceridade e honestidade é chamado para exercer em 1844 o cargo titular de Ministro da Marinha e interino de Ministro da Guerra, e logo após a titular também desta Pasta. Nesta época recebeu a Comenda de Conselheiro.

Homem honesto, bem formado, alimentava o sentimento de gratidão. Com o falecimento do Senador Padre Lourenço, Jerônimo Coelho lutou e conseguiu que o cargo vitalício, ora vago, fosse ocupado por José da Silva Mafra.

Tinha uma visão de estadista e ao lado de Caxias foi o responsável pela negociação, pacificação e integração do Rio Grande do Sul ao Brasil, idealizador da paz, sem humilhar a moral do povo riograndense, e sem ferir os seus brios. Muitos políticos, no entanto o acusaram de arranhar o brilho da Coroa, e a resposta veio a seguir, ditas pelo próprio Jerônimo Coelho: **“Senhores! Está unida a família brasileira; o império em paz. Rendamos graças a Deus”**.

Servia bem a sua Pátria, com toda dignidade. Porém um discurso seu, foi mal interpretado pelo Imperador que ouvindo a oposição lhe escreveu a seguinte carta:

“Senhor Coelho. Diversos motivos me obrigam a demiti-

lo; contudo pode estar certo que nunca esquecerei dos serviços que me prestou. Convença-se assim como o seu colega Ernesto de que este passo não é um sinal do meu desgosto.

Ass.: D. Pedro II”.

“No dia seguinte, o Imperador foi procurado por Jerônimo que lhe disse: Senhor, inteirado da soberana resolução de Vossa Majestade Imperial, que sempre se dignou honrar-me e ao mesmo tempo protestar, a mais contundente lealdade e eterna gratidão.” Neste momento não era mais Ministro da Guerra. Deixou uma gama de trabalhos como a reorganização da Secretaria da Guerra, novo Estatuto da Escola Militar, criação do Hospital Geral do Exército, criação do Observatório Astronômico no Castelo, aumento da produção da Fábrica de Pólvora. Voltava para a Câmara dos Deputados.

Em 1845 chefiou a Comissão de Engenheiros na escolta imperial que demarcaria as terras que faria parte do dote da Princesa D. Francisca pelo casamento com o Príncipe de Joinville, terras no atual município catarinense de Joinville.

Em 1847 é derrotado em Santa Catarina na eleição para deputado geral, em que disputou com Joaquim Augusto do Livramento, do partido Conservador.

O Imperador, o nomeia Presidente e Comandante das Armas da Província do Pará, e lá sua administração foi brilhante, como disseram as palavras de Domingos Soares Pereira, alguns anos depois: - “Ao zelo e perícia do Conselheiro Jerônimo Coelho deve esta Província ter entrado na senda do progresso em que caminha a muitos anos”.

De coração boníssimo, Jerônimo Coelho, ajudou a muitos amigos, e Victor Meirelles se tornaria eternamente grato a ele pois que foi o responsável pelo custeio de seu curso na Academia de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

Nesta época começa a sentir sérios problemas de saúde e

pede licença para tratamento, em julho de 1850, para retornar um ano depois com a missão de organizar a carta topográfica do Pará, e é também nomeado Diretor da Fábrica de Pólvora.

Em 1854, já é Diretor do Arsenal de Guerra e em março de 1855 é promovido a Brigadeiro e nomeado Guarda-Roupa de Sua Majestade o Imperador D. Pedro II e logo depois passa a Diretor da Escola de Aplicação do Exército.

Foi logo a seguir nomeado pelo Imperador para Presidente da Província do Rio Grande do Sul e Comandante das Armas. Na Província sulina fez uma ótima administração e é o responsável pela distribuição de água potável à cidade de Porto Alegre. Foi também o responsável pelos estudos da abertura de uma estrada que ligaria Laguna a Porto Alegre. Poder-se-ia dizer o prenúncio da BR-101.

Na 10^a Legislatura, e com a volta dos liberais ao poder, foi eleito representante da sua terra natal, deixando Porto Alegre em 13 de março de 1857, onde exerceu por dez anos, as funções dignamente, e tempo em que esteve afastado da política

Pela segunda vez é nomeado Ministro da Guerra, porém por motivo de saúde passou interinamente o cargo ao Conselheiro Saraiva que era na ocasião o Ministro da Marinha.

Não mais voltou ao Ministério porque fora nomeado tão logo melhorasse, a Vogal do Supremo Tribunal Militar de Justiça, e novamente licenciou-se por motivo de saúde e retirou-se para Nova Friburgo. Outra licença voltaria a pedir para tratar da saúde que cada vez mais se agravava. A última foi de 3 de outubro de 1859 até 16 de abril de 1860, quando foi sepultado, tão distante de sua terra natal. Morreu pobre financeiramente, porém rico em virtudes.

Sentindo aproximar-se o fim, fez um pequeno testamento do qual fui buscar nos escritos de Professor Agenor José do Santos Filho alguns trechos como:

“Glória a Deus! Achando-me doente e sem esperança

resolvo-me a fazer estes apontamentos. Sou natural da Vila de Laguna, sou cristão, tenho seguido a carreira militar até o posto de Brigadeiro . Sou viúvo e tenho três filhos legítimos: Jerônimo, José e Francisco. Tenho mãe viva, a Ilustríssima Senhora D. Francisca Lima Coelho.

Durante minha carreira militar, política e administrativa ganhei a quantia de 155.000\$000 (cento e cinquenta mil réis)..... fui gastando quase tudo com remédios e pude economizar o preciso para construir uma pequena casa no Engenho Velho”..... mais adiante diz: Peço a Deus que me perdoe os meus grandes pecados e que me ampare com a sua misericórdia”.

Assim foi Jerônimo Francisco Coelho, um ilustre catarinense. Orgulho de um povo que se dedicou inteiramente a sua Pátria e foi e será um exemplo para todos, pela lisura com que administrou e se portou pela vida.

O professor Agenor José dos Santos nos diz que o Jornal O Estado, de Florianópolis fez certa vez o seguinte comentário “Se é verdade que nas fileiras do Exército, no Quadro das Armas, nas carreiras militares e outras, contrastando com a sua exígua extensão territorial, conta Santa Catarina com uma vasta galeria de homens ilustres é também verdade que nenhum se destacou superiormente a Jerônimo Coelho, no conjunto de qualidades, no cômputo de valores, pois foi ele um homem de letras, um cientista, um administrador, um técnico e um parlamentar”.

Deixou-nos muitos escritos, entre pareceres, relatórios e uma vasta produção literária, que foram publicadas em jornais e revistas nacionais, de sua terra natal. Muito pouco, porém é encontrado, a maioria destes trabalhos se perdeu no tempo ou está em mão de colecionadores ou guardadores de relíquias.

Seu legado foi a honradez,

Na Praça XV de Novembro, Jardim Oliveira Belo, em Florianópolis, há um busto em sua homenagem. É também nome de Rua na capital. Laguna sua terra natal o homenageou

dando seu nome a um Grupo Escolar. Na Academia Catarinense de Letras é patrono da Cadeira nº 17, é Patrono da Cadeira nº 22 na Academia Catarinense Maçônica de Letras, foi Membro do Instituto Histórico Brasileiro, e na Academia Desterrense de Letras é patrono da Cadeira nº 07, .

Um admirador que se identificou apenas pelas iniciais O.D.C., prestou-lhe uma singela homenagem que lhe dedicou da seguinte forma : - Ao Ilmo. Exmo. Sr. Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, mui digno ex-presidente desta Província:

Sulcando os vastos, procelosos mares
já de nós te apartaste, herói prestante
e este povo que amaste, inda distante
sente de ti saudoso, mil pesares.

Teu gênio, tuas virtudes singulares
Já canta a fama em tuba altissonante
e teu nome, de glória radiante
Ensina o pai ao filho em nossos lares.

Quanto o Pará te deve, assaz conhece
quanto presas à Pátria já mostraste
de feitos, com que a Pátria engrandece.

E se outrora no sul louros ganhaste
hoje, aqui, no Pará, que em paz floresce.
Em nossos peitos um Altar deixaste.

(O.D.C. um paraense)

Osmarina Maria de Souza
Cadeira nº 24.

ROGÉRIO KREMER



ROGÉRIO KREMER: Nascido em 05 de abril de 1940, em Antônio Carlos, SC. Filho de Humberto Kremer e Ana Apolônia Pereira. Casado. Viúvo de Xênia Goedert, com quem teve os filhos Rogéria e Xérxes. Casado com Anastácia Marques Kremer, com quem teve o filho Xênio. Todos os filhos têm nível superior de escolaridade. Natália, Camila e Vitor são seus netos. Formado em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – UDESC, com Licenciatura Plena em Fundamentos da Educação: Sociologia, Psicologia, Biologia, Programa de Saúde e Higiene.

Oficial de Farmácia com Registro no CRF/SC sob o nº364 N. Aposentou-se como Professor e Diretor de Escola por tempo de serviço e de comerciante por idade. Participou de diversos cursos nas áreas da Saúde, Educação, Música, Lideranças de Leigos, Higiene e Segurança no Trabalho. Foi Vereador de Antônio Carlos em 1965 e 1972. Possuidor de diversas condecorações por serviços prestados à comunidade e à literatura catarinense. Autor de diversos livros e co-autor de várias antologias. Em 2011, está com quatro livros no prelo, já com títulos definidos. Organizador e

proprietário de um Arquivo Histórico de Antônio Carlos, em onze volumes encadernados. Foi proprietário e responsável técnico de uma drogaria de Antônio Carlos por longos anos. É um dos sete sócios fundadores da Academia de Letras São João Evangelista da Barra de Biguaçu, na qual é Acadêmico da Cadeira n°26 e tem como Patronesse a Professora Maria da Glória Viríssimo de Faria desde 18 de dezembro de 1996. É também membro fundador da Academia Alcantareense de Letras de São Pedro de Alcântara, onde é Membro Amigo da Cultura; esta Academia foi fundada em 6 de outubro de 2009. Presidente da Academia de Letras do Brasil para Santa Catarina Municipal de Antônio Carlos; Academia fundada em 1° de agosto de 2010.

Possuidor de diversas condecorações por serviços prestados a sua comunidade e a literatura catarinense. Autor e co-autor de diversos livros. Organizador e proprietário de um Arquivo Histórico de Antônio Carlos, em oito volumes. Proprietário e responsável técnico de uma drogaria. Acadêmico da Academia de Letras de Biguaçu, com posse em 18 de dezembro de 1996.

Cadeira n°: 26

Posse: 18-12-1996

Título: Escritor

Patronesse: Maria da Glória Viríssimo de Faria

Título: Educadora

A CONTRIBUIÇÃO DE UM PADRE PARA O DESENVOLVIMENTO DE ANTÔNIO CARLOS



Foto de 1949

ALFREDO JUNKES, Padre: Nascido em 18 de janeiro de 1923 e natural de Forquilha, SC. Filho de David Wendelino Junkes e Edwirges Borget. Batizado em 23/01/1923. Irmão do Padre Silvestre e do Cônego Bernardo.

Estudou as primeiras letras na sua terra natal. Em 1937, entrou para o Seminário de Azambuja, situado em Brusque, SC, onde completou seus estudos secundários.

Em 1942, ele se mudou para São Leopoldo, RS, estudando Filosofia e Teologia neste seminário. Foi ordenado sacerdote em 23 de janeiro de 1949 com mais dois jovens: Monsenhor Quinto David Baldessar e Cônego Valentin Oenning por Dom Joaquim Domingues de Oliveira, em Forquilha, sua terra natal. Celebrou sua primeira missa em 24/01/1949. Ele é primo de Dom Vito Schlickman (Vitus Schlickmann Roetger), Bispo Emérito de Florianópolis.

Exerceu o cargo de professor no Seminário de Azambuja, Brusque, onde também foi diretor de estudos. Vigário coadjutor de Criciúma. Em 1955/57, Reitor do Pré-Seminário de São Ludgero, SC. Com o incêndio no Pré-Seminário, mudou-se para

o Seminário de Nossa Senhora de Fátima, em Tubarão, SC, onde foi Reitor de 1957/1958. Primeiro Pároco de Antônio Carlos, SC; nomeado por Provisão de 05 de fevereiro de 1959, com posse em 08-02-1959. Diretor Espiritual do Pré-Seminário Nossa Senhora de Fátima e Reitor do mesmo em 1971, também em Antônio Carlos. Padre Alfredo vigariou a Paróquia de Antônio Carlos de 1959/92. Afastado, por motivo de doença, foi aposentado em 1992.

O cuidado com os doentes era uma de suas ações mais notórias, nunca deixando de visitá-los com sol ou com chuva, de dia ou de noite, a pé, a cavalo, de carroça, de charrete ou de carro. Estimulou sempre a catequese e a oração pelas vocações sacerdotais e religiosas ao final de cada Missa, colhendo o fruto de 11 jovens ordenados sacerdotes, 6 diáconos permanentes e muitas freiras.

Na profícua e zelosa organização e administrativa da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, em Antônio Carlos, organizou a sede paroquial construindo a Igreja Matriz, a casa paroquial, os salões de festas, o salão paroquial, o centro comunitário e um campo esportivo. Construiu as novas capelas de Louro, Rachadel, Egito, Vila Doze de Outubro, Santa Bárbara, o restauro da capela de Santa Maria e muitas grutas. Emprestou o seu nome ao Centro Comunitário Pe. Alfredo Junkes e ao Estádio Pe. Alfredo Junkes. Pe. Alfredo também dou um terreno para construção do Cemitério Municipal que recebeu o seu nome em 2007, bem como o altar-mor, em mármore e a pintura de Cristo Ressuscitado da Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus de Antônio Carlos. Pintura feita pelo artista plástico Walmir Antônio Tomasini de Nova Trento, SC.

Pe. Alfredo foi o único padre de Antônio Carlos até 1992. Ele tinha o hábito de escrever todos os acontecimentos da Paróquia e do Município em livros, mais conhecidos por **LIVRO TOMBO**, que são muito pesquisados pelos nossos historiadores.

Foi proprietário do primeiro trator de esteira de Antônio

Carlos e comprador do primeiro micro-computador de Antônio Carlos para Igreja Matriz.

Pe. Alfredo teve a alegria de ver a criação e a instalação do Município de Antônio Carlos em 1963. Ele também deu sua contribuição para que a cidade, finalmente, tivesse mais infraestrutura como telefone, água encanada e luz elétrica. Além disso, foi personagens dos momentos mais importantes da história da comunidade de Antônio Carlos durante os 43 anos vividos em Antônio Carlos.

A primeira água potável encanada no Município dependeu de uma negociação de Pe. Alfredo com a CASAN de uma nascente que havia em uma das propriedades da Igreja Matriz, em Canudos. Quanto ao telefone, Pe. Alfredo conseguiu trazer junto de seu irmão Heriberto Junkes, que era um dos diretores da TELESC. Nas reivindicações em prol de luz elétrica para Antônio Carlos, Pe. Alfredo buscava apoio de Dr. Lauro Lockes que levava pedidos ao ex-governador Celso Ramos que mandou instalar as primeiras linhas de transmissão elétrica em Antônio Carlos, sendo inauguradas em 08 de fevereiro de 1965.

Resolução Municipal nº20/17-01-1976 do povo de Antônio Carlos, por intermédio da Câmara Municipal, confere, ao Reverendo Pe. Alfredo Junkes, o Título de Cidadão Honorário de Antônio Carlos, por motivo de seus relevantes serviços junto à comunidade, em 31 de janeiro de 1976.

Resolução Municipal nº049/13-10-1993 confere homenagens por serviços prestados ao Município de Antônio Carlos em 06 de novembro.

Pe. Alfredo custeou a construção da Capela de Santa Paulina em cumprimento ao pagamento a um pedido à Madre Paulina por ocasião de uma delicada cirurgia em 1996. Inaugurada há cinco dias antes de seu falecimento, próximo ao local de seu sepultamento. Falecimento ocorrido em 29 de outubro de 2002.

Pe. Alfredo tinha 79 anos e sofria de problemas no coração. Seu corpo foi velado na Igreja Matriz de Antônio Carlos e a Missa de Corpo Presente foi celebrada por Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger e Dom Vito Schlickmann acompanhados por mais de 60 padres, diáconos, freiras, amigos e de seus ex-paroquianos.

Lei Municipal nº936/19-11-2002, denomina Núcleo Escolar Municipal Pe. Alfredo Junkes, a Escola Municipal de Guiomar, situada na localidade de Guiomar de Fora.

Obs. Alguns parágrafos foram extraídos do Jornal Biguaçu em Foco de outubro de 1975 e novembro de 2002.

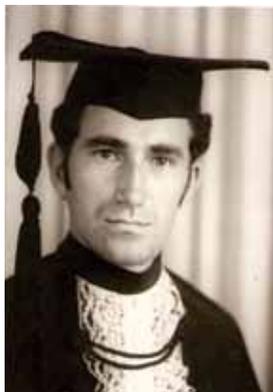
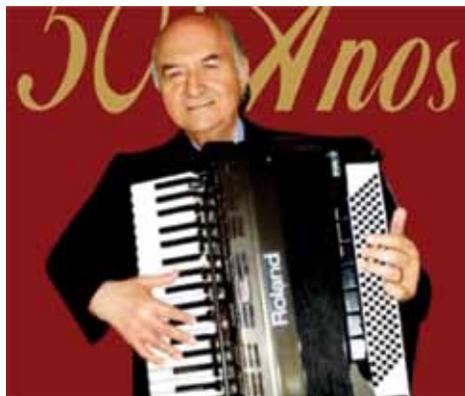


Foto de 1975

RUDI OSCAR BECKHÄUSER



Nome: Rudi Oscar Beckhauser

Nacionalidade : Brasileira

Profissão : Professor de Acordeon, Advogado e Corretor de Imóveis, desde 1959 trabalha com imóveis (compra, venda, incorporações, loteamentos e comércio de imóveis).

Atualmente é o presidente do Grupo Ruma (imóveis) composto de 12 empresas, todas com sede na Avenida Duque de Caxias, 9999 – Ubatuba – São Francisco do Sul, fone (47) 3442 3000, que foi fundado em 1959.

Graduação: Direito – Faculdade de Direito de Curitiba, formado em 1965 e inscrito na OAB/PR sob nº 3703 em janeiro de 1966.

Componente da criação do CRECI no PR (conselho regional dos corretores de imóveis) inscrição no mesmo sob nº 252.

Atividades profissionais:Em 1950/51, foi morar em Blumenau e trabalhou como jornalista vendendo a revista Ave-Maria, nas imediações da Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo hoje Catedral.

1951/3 estudou acordeon com seu Pai e Mestre Oscar Bernardo

Beckhauser e ajudou-o a ensinar acordeon, para alunos, nas cidades de Blumenau, Gaspar e Brusque.

1954, fundou a Academia de Acordeon Rudi Beckhauser, registrada e reconhecida pela Secretaria de Educação e Cultura de Santa Catarina, com matriz em Blumenau e filiais em Santa Catarina e Paraná nas cidades de: Chapecó, Joinville, Brusque, Rio do Sul, Itajaí, Tubarão em Santa Catarina e Curitiba-PR, sendo que milhares de alunos estudaram na Academia Rudi Beckhauser.

Publicação de Livros: Em 1955, Publicou método de Acordeon Beckhauser, (1º volume) para os dois sistemas de Acordoem apianado e cromático, sendo o único em toda a América Latina para os dois sistemas de Acordeon, editado por Irmãos Vitale, sob nº 176/M, São Paulo, com duas edições num único ano.

2

Em 1956 publicou método de Acordeon Beckhauser, (2º volume) para os dois sistemas de Acordoem apianado e cromático, sendo o único em toda a América Latina para os dois sistemas de Acordeon, editado por Irmão Vitale, sob nº 177/M, São Paulo.

Em 1957, publicou método de Acordeon Beckhauser (3º volume) para os dois sistemas de Acordoem apianado e cromático, sendo o único em toda a América Latina para os dois sistemas de Acordeon, editado por Irmão Vitale, sob nº 178/M, São Paulo

Em 1958, publicou método “ Júnior” para Pianola, elaborado especialmente para as crianças, editado pela Fermata do Brasil, sob nº FB – 1.400, São Paulo

O instrumento pianola foi invenção do Professor Rudi Beckhauser, e hoje pode se dizer que foi o pré-cursor do (“Teclado Eletrônico”), e foram doados todos os direitos de autoria à “Fabrica de Gaitas Alfredo Hering S.A”, com a marca Pianola Hering.

56 composições musicais próprias que foram editadas, durante os anos de 1954 até 1959, pelas editoras Fermata do Brasil e Irmãos Vitale – São Paulo

Mais de 200 arranjos musicais de músicas de outros autores, também editados durante os anos de 1954 até 1959, pelas editoras Fermata do Brasil e Irmãos Vitale – São Paulo

Participação na elaboração do livro da História da Família Beckhauser no Brasil. Lançado em 26-11-06, sendo impresso na Nova Letra, Gráfica e Editora, em Blumenau SC.

Na internet através do Google consta na Fundação Biblioteca Nacional, catálogo de Partituras (Pop: 27606), do Rio de Janeiro as publicações dos métodos de acordeon e pianola, em 2003.

A história do acordeon quando for contada ou pesquisada no sul do Brasil, passa necessariamente pelo Professor Rudi Beckhauser.

3

Títulos Eméritos: 1955 Diploma de Prof. de Acordeon pelo Conservatório Rossini de Porto Alegre- RS.

1958 Diploma de Mestre pelo Conservatório Rossini de Porto

Alegre - RS.

1958 Diploma de Prof. do Academia Hoener de Buenos Aires Argentina.

1978 Título de Labor -Turismo da cidade de São Francisco do Sul.

1988 Comenda Medalha de Mérito Cívico pela Sociedade Nacional Cívico de Curitiba.

1990 Medalha de Honra ao Mérito pela Sociedade Nacional do Mérito Cívico de Curitiba.

1987 Título Amigos de Lajes.

1997 CNEC Prêmio de Cenicista de Rio Negrinho.

1997 Amigo da Praia de Capri.

1978 Fotografia de Capri.

1986 Título de Grande Herói-Bravo de Curitiba

1965 Idealizador e Fundador do Capri Iate Clube.

1965 Idealizador e Fundador de Marinas Capri, 1ª marina legalizada no Brasil.

Co-fundador dos bairros Capri Cidade Balneária e Sandra Regina.

2008 Diploma de Acadêmico, empossado no dia 26 de julho de 2008, cadeira nº 12 da Academia de Letras do Brasil – SC.

No mesmo dia também foi eleito e empossado como Presidente da ALB/SC Municipal de São Francisco do Sul.

Academia de Letras de Governador Celso

Academia de Letras do Brasil

Presidente Municipal da ALB/SC

Atualmente Rudi Oscar Beckhauser é Vice-presidente da Associação da Família Beckhauser no Brasil – AFABE.

Participou efetivamente em todos os encontros da Família Beckhauser, inclusive com o lançamento do livro da Família na cidade de São Francisco do Sul em setembro de 2007.

Capri - São Francisco do Sul, 15 de agosto de 2008.

Cadeira nº: 07

Posse: 20-09-2008

Título: Advogado / Empresário / Escritor / Músico e Compositor

Patrono/Patronesse: Luiz Delfino dos Santos

Título: Poeta

Ingressei na Academia de Letras de Biguaçu, apadrinhado pelos colegas Adauto e Valdir, onde ocupo a cadeira nº 07, cujo patrono é Luiz Delfino.

Gostei tanto de ser acadêmico que resolvi idealizar, coordenar e presidir a fundação da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul- Alasfs, onde ocupo a cadeira nº 01, sou Presidente e tenho como patrono meu Pai Oscar Bernardo Beckhauser.

ACADEMIA DE ACORDEON RUDI BECKHAUSER

Por Rudi Beckhauser

Entre os tantos talentos e aptidões que os membros da família Beckhäuser desenvolveram, a música é um deles. Nas décadas de 1930 a 1940, foi formado um conjunto musical, no Sul de Santa Catarina, denominado “Irmãos Beckhauser”. Era composto por Agostinho, Oscar, Paulo e Osvaldo. Este conjunto era famoso na região de Armazém e localidades vizinhas. Animava festas e, especialmente, bailes e casamentos.

Oscar Bernardo Beckhauser residia no Sul do Estado de Santa Catarina. Após servir o exército em Blumenau, em 1943, casou com Blandina Steiner, natural de São Martinho.

Passado o ano de 1950, Oscar e Blandina se mudaram da cidade de Laguna para Blumenau, pois seu irmão Agostinho Beckhauser, desde 1942, já morava em Benedito Novo, cidade próxima a Blumenau. Agostinho era delegado de Polícia e sua mulher, Jurema Fogaça Beckhauser, professora em Benedito Novo.

Em Blumenau, Oscar lecionava música no Colégio Santo Antônio e dava aulas particulares em Brusque, Gaspar e em Itajaí. Também tinha sob sua coordenação programas em algumas emissoras de rádio sob o título “Professor Beckhauser e seu Acordeão”.

Oscar e Blandina, com seus filhos, Rudi Oscar e Marli, desde pequenos já gostavam de música, exercitavam especialmente o solfejo e o acordeão. Oscar, alguns anos depois, mudou de atividade, atuando na área de loteamentos imobiliários, enquanto seu filho Rudi, valendo-se dos conhecimentos adquiridos com o pai, funda uma academia de acordeão, que levou o seu nome. Não obstante ter fundado a academia, Rudi, aos 17 anos de idade, também elabora um método próprio do ensino do acordeão,

denominado “Método Beckhauser”. Era único no Brasil, com dois sistemas de acordeão, o pianado e o cromático. Rudi, além de professor, também era compositor, arranjador, com mais de 50 obras de sua autoria.

A Academia de Acordeon Rudi Beckhäuser existiu no período de 1951 a 1960. Suas atividades foram tão bem estruturadas e sucedidas que tiveram que expandir o seu serviço, de modo a abrir filiais nas cidades de Joinville, Tubarão e Chapecó, com atendimento a centenas de alunos. O trabalho era grande e tinha confiança de seus alunos, tendo obtido seu registro junto à Secretaria de Estado de Educação e Cultura de Santa Catarina.

Sobre a trajetória do aprendizado e do ensino do acordeão, bem como do Método Beckhäuser, segue um texto escrito em 1957-1958.

“Para a arte que – de um modo geral – é o ‘meio adequado à realização de qualquer obra’ não há diplomas nem há títulos, porque arte, – além disto – é também, sensibilidade, sublimação, transporte, desligamento da realidade, viagem misteriosa ao nosso ego intrínseco, sobremodo nas asas da melodia. A música ocupa, de fato, um lugar de destaque entre as diversas artes que o gênio humano produziu, porque é a mais bela, a mais sensível. A música alimenta suavemente o espírito e transporta-nos a um mundo irreal e desmaterializado, fazendo-nos viver e sentir as maravilhas da alma abstrata. Nada mais agradável, pois, que transporte-se a si mesmo em acordes de alegria para esse mundo de mistério que é a alma humana. Eis a finalidade precípua deste meu modesto trabalho: levar os amantes, através do instrumento do momento, o Acordeon, para as realizações dos seus sonhos de vida, de entusiasmo, de encantamento, nas asas suaves da melodia.

Não há como negar que, como professor, eu meço, à parte, a força de vontade, o ânimo, a produtividade

daqueles que, por um impulso da vontade, são levados a uma aprendizagem metódica do Acordeon, mas só o fato de eles quererem aprender demonstra que os mesmos necessitam de música. Assim como uma criança inicia as suas primeiras letras, assim também se começa o estudo dos exercícios de técnica. Pode aparecer o desânimo por parte do aprendiz, mas as dificuldades são aligeiradas pela maneira fácil da exposição. Depois dos primeiros passos, dos primeiros treinamentos, o nosso soldado da vontade, impulsionado pela voz de comando do mestre, torna-se vitorioso das pequenas dificuldades, e, soberbamente, de peito à frente enfrenta o futuro, já dono de sua vontade, já senhor de sua capacidade, já cômico de dominar o seu instrumento que bem pode ser o seu futuro ganha-pão. (...).

Desde criança fui trazido no caminho da provação pelo meu querido pai, que foi meu mestre, o melhor mestre, porque uniu as duas qualidades de instruir e educar, porque é pai e porque é mestre. Bem que ele percebeu que alguma coisa eu deveria ser. Bem que ele viu que minha vocação era a música, e então brinda-me com um acordeão, pequeno, é verdade, mas belo, atraente, sedutor para minha alma de jovem. E foi deste pequeno acordeão que eu arranquei minhas primeiras melodias. E qual não foi a preocupação de meu pai para arranjar-me um método! Debalde procurou ele – entre a enxurrada de métodos italianos e americanos – um que viesse satisfazê-lo plenamente. Meu pai tornou-se, ele mesmo, o meu método.

Aos poucos percebeu que eu dera passos de gigante e, satisfeito, fez com que eu já me apresentasse em público, onde consegui aplausos que me vieram desvanecer. Daí os meus esforços se multiplicaram. As dificuldades, para mim, não eram dificuldades, mas doces atrativos. Aos doze anos já era alguém, tornei-me um professor, e comecei a lecionar na

cidade de Blumenau. Seguindo a mesma trilha de meu pai, vi os meus esforços de professor coroados de pleno êxito e já aqui e ali surgiam como fruto, os meus primeiros alunos ‘fazendo bonito’ e lançando aos quatro ventos o nome do mestre. Mas eu continuei com os meus estudos. Não me sentia plenamente satisfeito e, então, a voz da minha querida mãe abriu-me novo caminho.

Eu deveria fazer algumas excursões em meu Estado e nos estados circunvizinhos, dando concertos, abrindo novas academias. Foi aí que vivi a horas mais felizes de minha vida. Após mais algum tempo de estudos, vi então quanta falta fazia um método prático, técnico, progressivo e recreativo, e entreguei-me de corpo e alma à árdua tarefa de fazê-lo. E foi com a ajuda indispensável de conhecimentos adquiridos através dos grandes mestres do acordeão e – sobretudo – com a ajuda de meu pai, que lanço o presente método, para que seja ele o timoneiro seguro, didático e instrutivo dos que querem iniciar o estudo do acordeão, e mesmo àqueles que ainda precisam de aperfeiçoamento. Seguindo-o – com um pouco de auxílio do professor – meu jovem amigo estudioso, terá – tenho certeza – seus esforços recompensados. Os exercícios são os mais importantes e necessários para uma técnica de um ‘Virtuose’. Escalas, arpejos, acordes e recursos de instrumento, sendo os primeiros adotados em todos os instrumentos, porém adaptados para os acordeões de sistema Pianado e Cromático (este último seguindo o dedilhado moderno da mão direita com cinco dedos).

O presente método, dividido em três volumes, trata, em seus capítulos, de um justo equilíbrio da técnica em geral do acordeão. Estou certo de que seguindo-o com atenção todo o presente método, o aluno chegará a ser não um bom acordeonista, mas, sim, um “virtuose” do acordeão.

Finalizando, repito o meu lema: ‘NON NOVA SED NOVE’ (não novas coisas, mas de uma nova maneira), a razão deste trabalho”³².



Acordeon: Breve relato e divulgação no sul do Brasil
Por Rudi Oscar Beckhäuser

O povo Chinês que inventou o macarrão, a pólvora, a bússola, inventou também (3.000 Anos Antes de Cristo) um instrumento musical chamado “TCHNENG” uma espécie de órgão de boca tido como precursor do acordeon que seria inventado no ano de 1829 por Cyrillus Demian, austríaco de Viena que no dia seis de maio do mesmo ano registrou a patente de um organeto com cinco botões formando cinco acordes, batizando-o como nome de acordeon.

Em 19 de junho também de 1829 Sir Charles Wheatstone (em Londres) registra a patente de um instrumento chamado Concertina. Esses dois instrumentos fizeram um sucesso imediato, a concertina foi muito difundida entre os marinheiros da Grã-

32 Prefácio do Método Beckhauser de Acordeon, elaborado por Rudi Beckhauser. Sistemas “Pianado e Cromático”, desde 24 a 120 baixos, volumes 1, 2 e 3, editados em 1957 e 1958, pelos Irmãos Vitale Editores, de São Paulo.

Bretanha e o acordeon encontra milhares de admiradores em todos os países da Europa Central, sendo muito usado em festas populares e folclóricas. No ano de 1836 foi publicado em Viena um dos primeiros métodos para ensino de acordeon).

Como vimos o acordeon nasceu muito simples, mas imediatamente teve um extraordinário sucesso dado sua facilidade de uso; consegue a adesão de um crescente número de apreciadores e também um grande número de pessoas se empenhadas em desenvolver mais e melhorar esse instrumento, ampliando seus parâmetros, dimensionando suas possibilidades. Conta a história que tudo nasce sempre por acaso, a lenda diz que certa noite do ano de 1863 um viajante austríaco, voltando do santuário de 'Nossa Senhora di Loreto' ficou hospedado na casa de Antonio Soprani, um pobre lavrador que vivia em um pequeno sítio próximo à cidade de Castelfidardo pai de quatro filhos, Settimo, Paolo, Pasquale e Nicola Soprani. O viajante portava um exemplar de um acordeon rudimentar, atraindo rapidamente a curiosidade e o interesse de Paolo Soprani que tinha na época 19 anos de idade. Não se sabe como esse instrumento foi parar nas mãos de Paolo, uns falam que foi dado de presente pelo viajante austríaco em agradecimento pela hospitalidade de Antonio, outros falam que teria sido por "outros meios", fato é que Paolo ficou apaixonado pelo instrumento, passou a aperfeiçoá-lo e desenvolveu um novo acordeon e nasce a clássica filarmônica italiana, que seguiria aperfeiçoando até os dias de hoje conquistando o mundo.

Em 1864 inicia com seus irmãos Sétimo e Pasquale a fabricação dos primeiros acordeões italianos, ainda na casa do sítio, daí com os sucessos das vendas crescendo sempre, constrói em 1872 a primeira grande fábrica no centro da cidade de Castelfidardo. Os primeiros compradores eram Ciganos, Peregrinos, e vendedores ambulantes que visitavam o santuário de Loreto; cabe dizer que paralelamente a Paolo Soprani no ano de

1876 na cidade de Stradella província de Pavia, Mariano Dallapê (natural de Trento) inicia uma fabricação artesanal produzindo na época acordeões de altíssima qualidade.

Por volta de 1880, um pianista francês que se desconhece o nome, gostava muito de acordeon, pediu a um técnico que fizesse um acordeon com teclado de piano, pois até aquele momento todos os acordeões eram cromáticos (botões ou quadradinhos no lado direito, no Rio Grande do Sul é também chamado de gaita aponto).

Em 1890 ainda em Stradella é fundada a fabrica “Salas” pelos sócios Ercole Maga, Dante Barozzi e Guglielmo Bonfoco, também no mesmo período nasce a fabrica de ‘Fratelli Crosio’, a ‘Cooperativa Armoniche’. No inicio dos anos 1900 outro pólo produtivo nasce em Vercelli. Todas essas indústrias desenvolveram e cresceram muito, aperfeiçoaram e exportaram acordeões por todo mundo. Neste momento, começa ser introduzido no Brasil os primeiros exemplares, trazidos pela imigração italiana e alemã, parte ficando em São Paulo e outros em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O acordeon no Brasil foi muito difundido, na década de 1950 era comum encontrar dois acordeões na mesma casa. Esse instrumento com varias configurações se adaptaram com a cultura de todos os povos do globo quer seja em sua musica popular folclórica ou erudita. Nos anos 60 com o advento do movimento da música “rock” o acordeon perdeu muito de sua força levando ao fechamento de uma grande quantidade de fabricas (só no Brasil na região sul e sudeste existiam cerca de 32 fábricas) hoje não resta nenhuma. Contudo ainda se fabrica na Itália acordeões modernos sofisticados e com certeza essa cultura não vai perecer, pois hoje esse instrumento, está difundido e apreciado em todas as classes sociais sendo apreciado em festas populares e em teatros com orquestras, executando belíssimas pecas de concertos por exímios acordeonistas amadores e profissionais.

Divulgação do acordeon no sul do Brasil.

Na década de 60, o Prof. Rudi Beckhauser, fundou uma academia de acordeon que levou seu nome, na cidade de Blumenau - SC., oriunda da escola que seu pai o Prof. Oscar Bernardo Beckhauser, havia criado em 1950 que teve o reconhecimento de sua importância para o ensino do acordeon no estado sendo, registrada oficialmente na Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Santa Catarina - Florianópolis.

Criou diversas filiais desta academia por todo o estado de Santa Catarina (desde Chapecó, passando por Joinville, Rio do Sul, Blumenau indo até Tubarão; também foi para Curitiba - PR), destacando-se em Chapecó o prof João Bitencourt, em Joinville o prof Lempi Saikonen, em Blumenau os profs. Marli Beckhauser, Ragna Pfuetzenreiter, Neli Sueli Leven, Werner Arnold e Irineu Battisti, em Brusque a Prof^{ra}. Noemia Wallendowsky, em Rio do Sul o Prof José Andrade, em Tubarão o prof Abel Coelho e em Curitiba a Prof^{ra}, Denise Chatagnier.

Nesta década foram diplomados milhares de alunos nas diversas escolas da academia Rudi Beckhauser.

Festivais de acordeon, aconteceram em todas as cidades onde haviam escolas, destacando-se o maior festival, apresentado no Teatro Carlos Gomes, em Blumenau, onde sob a regência do prof Rudi Beckhauser, apresentaram-se, 300 acordeonistas e 50 bailarinas, de uma só vez.

Com a criação do método Beckhauser, foi ampliada a divulgação do acordeon nos três estados sulinos. O método inédito na América do Sul, para os dois sistemas de acordeon cromático e apianado, facilitou muito o aprendizado para ambos os tipos de acordeon. Muitas escolas e mestres, nos três estados sulinos adotaram o método Beckhauser, ensinando milhares de alunos.

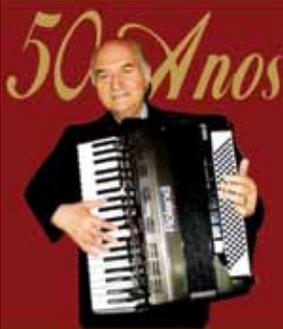
Na década de 60 também o Prof. Rudi Beckhauser criou a Fábrica de Gaitas Hering S.A., fabricou o acordeon horizontal ou seja a “Pianola”, o precursor do teclado eletrônico. Inclúe

criou o método “Junior para Pianola” editando especialmente para crianças.

Este é um pequeno resumo da história do acordeon, e sua divulgação no sul do Brasil.



*Rudi
Beckhauser
50 Anos de Música*



50 Anos

*Concerto Clássico
de Acordeão
São Francisco do Sul
1955 - 2005*



*Academia de Letras e Artes
de São Francisco do Sul*

*Agrupamento em Música Clássica Cultural
Concerto Clássico de Acordeão*

Coordenador - Rudi Beckhauser

Local - Sala de Atividades do Anjo Azul

Horário - às 19h30 horas

Localidade - São Francisco do Sul

Para Mais Informações -

Telefone - 51 3634 2121

Lista de Acordeões

1º - Rudi Beckhauser
2º - Rudi Beckhauser
3º - Rudi Beckhauser
4º - Rudi Beckhauser

Lista de Acordeões

1º - Rudi Beckhauser
2º - Rudi Beckhauser
3º - Rudi Beckhauser
4º - Rudi Beckhauser

Lista de Acordeões

1º - Rudi Beckhauser
2º - Rudi Beckhauser
3º - Rudi Beckhauser
4º - Rudi Beckhauser



1955



1956



1957



1958



1959






PREFÁCIO E BIOGRAFIA

Para a arte que – de um modo geral – é o “meio adequado á realização de qualquer obra” não há diplomas e nem há títulos, porque arte, - além disto – é, também, sensibilidade, sublimação, transporte, desligamento da realidade, viagem misteriosa ao nosso ego intrínseco, sobremodo nas asas da melodia.

A música ocupa, de fato, um lugar de destaque entre as diversas artes que o gênio humano produziu, porque é a mais bela, a mais sensível. A música alimenta o espírito e transporta-nos a um mundo irreal e desmaterializado, fazendo-nos viver e sentir as maravilhas da alma abstrata. Nada mais agradável, pois, que transportar-se a sí mesmo em acordes de alegria para esse mundo de mistério que é a alma humana. Eis a finalidade precípua deste meu modesto trabalho: levar os amantes da música, através do instrumento do momento, o Acordeon, para as realizações dos seus sonhos de vida, de entusiasmo, de encantamento, nas asas suaves da melodia.

Não há negar que, como professor, eu meço, à parte, a força de vontade, a produtividade daqueles que, por um impulso da vontade, são levados a uma aprendizagem metódica do Acordeon, mas só o fato deles quererem aprender demonstrar que os mesmos necessitam da música. Assim como uma criança inicia as suas primeiras letras, assim também começa-se o estudo dos exercícios da técnica. Pode aparecer o desanimo por parte do aprendiz, mas as ligeiras dificuldades são aligeiradas pela maneira fácil da exposição. Depois dos primeiros passos, dos primeiros treinamentos, o nosso soldado da vontade, impulsionado pela voz de comando do mestre, torna-se vitorioso das pequenas dificuldades, e, soberbamente, de peito à frente, enfrenta o futuro, já dono de sua vontade, já senhor de sua capacidade, já conscio de dominar o seu instrumento que bem pode ser o seu ganha-pão. Nada como lembrar aquilo de um famoso autor: “Wisely

and Slow, they stumble that run fast”; ou aquilo do grande poeta italiano Alfieri: “Volli, sempre volli, fortissimamente volli”; ou aquele programa de vida do poeta Longfellow: “Excelcior! Sim, sempre para o alto a bandeira da boa-vontade, pois que o querer é poder e sem o esforço e vigílias nada se consegue”.

Desde criança fui trazido no caminho da provação pelo meu querido pai, que foi meu mestre, o melhor mestre, porque uniu as duas qualidades de instruir e educar, porque é pai e porque é mestre. Bem que ele percebeu que alguma coisa eu deveria ser. Bem que ele viu que minha vocação era a música, e então brinda-me com um acordeon, pequeno, é verdade, mas belo, atraente, sedutor para minha alma de jovem. E foi deste pequeno acordeon que eu arranquei as primeiras melodias. E qual não foi a preocupação de meu pai para arranjar-me um método! Debalde procurou ele – entre a enxurrada de métodos italianos e americanos – um que viesse satisfazê-lo plenamente. Meu pai tornou-se, ele mesmo, o meu método.

Aos poucos percebeu ele que eu dera passos de gigante, e, satisfeito, fez com que eu já me apresentasse em público, onde conseguí aplausos que me vieram desvanecer. Daí os meus esforços se multiplicaram. As dificuldades, para mim, não eram dificuldades, mas doces atrativos. Aos doze anos já era eu alguém, torneime professor, e comecei a lecionar na cidade de Blumenau. Seguindo a mesma trilha de meu pai, ví os meus esforços de professor coroados de pleno êxito e já aqui e alí surgiam, como fruto opimo, os meus primeiros alunos “fazendo bonito” e lançando aos quatro ventos o nome do mestre. Mas eu continuei com os meus estudos. Não me sentia plenamente satisfeito e, então, a voz de minha querida mãe abriu-me novo caminho.

Eu deveria fazer algumas excursões em meu estado e nos estados circunvizinhos, dando concertos, abrindo novas academias, e, foi aí que viví as horas mais felizes da minha vida. Após mais algum tempo de estudos ví, então, quanta falta fazia

um método prático, técnico, progressivo e recreativo, e entreguime de corpo e alma à árdua tarefa de fazê-lo. E foi com a ajuda indispensável de conhecimentos adquiridos através dos grandes mestres de acordeon e – sobretudo – com a ajuda de meu pai que lançou a publicidade o presente método, para que seja ele o timoneiro seguro, didático e instrutivo dos que querem iniciar o estudo do acordeon, e mesmo aqueles que ainda precisam de aperfeiçoamento. Seguindo-o – com um pouco de auxílio do professor -, meu jovem amigo estudioso, terá – tenho certeza – seus esforços recompensados. Os exercícios são os mais importantes e necessários para uma técnica de um “Virtuose”. Escalas, Arpejos, Acordes e recursos do instrumento, sendo os primeiros adotados em todos os instrumentos, porém adaptados para os acordeons de sistema *Pianado Cromático* (este último seguindo o dedilhado moderno da mão direita com os cinco dedos).

O presente método, dividido em três volumes, trata, em seus capítulos, de um justo equilíbrio da técnica em geral do acordeon. Estou certo de que seguindo-a com atenção todo o presente método, o aluno chegara a ser não um bom acordeonista, mas, sim, um “virtuosi” do acordeon.

Finalizando, repito o meu lema: NON NOVA SED NOVE (não novas coisas, mas de uma nova maneira) a razão deste trabalho.

De antemão agradeço a todos os alunos, professores e maestros que o seguirem; e seríamos muito mais felizes se, em cada lar, houvesse um acordeon, instrumento que dia-a-dia vem se tornando o preferido do povo brasileiro.

Rudi Beckhäuser

STELA MÁRIS PIAZZA SOUZA



Nascida a 4 de julho, em Florianópolis-SC, filha de Luiz Boiteux Piazza e de Carolina Taranto Piazza; cursou Serviço Social na Universidade Federal de Santa Catarina; Bolsista da Fullbright, cursou especialização em Desenvolvimento de Comunidade, na Universidade de Michigan, E.U.A; professora titular do Departamento de Serviço Social da UFSC; Mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – 1990; Mestre em Inovação do Sistema Educativo, Pedagogia Aplicada (Universidade Autônoma de Barcelona – 1996); Doutoranda Inovação do Sistema Educativo, Pedagogia Aplicada (Universidade Autônoma de Barcelona – 2006).

Autora do livro “Serviço Social e Universidade – Resgate de Lembranças” Editora da UFSC – 1994; Cronista do Jornal “A Gazeta” Florianópolis, com o pseudônimo de ASTER; Professora de Sociologia Aplicada à Administração – ESAG/ UDESC; Professora de Sociologia – Faculdade de Educação UDESC; Doutoranda do Curso Inovação no Sistema Educativo – Pedagogia Aplicada Universidade Autônoma de Barcelona – 2002;

Presidente do Clube Soroptimista Internacional e Florianópolis – 1976/1978 – 1978/1980 – 1993/1996 – 2006/2008 –2008/2010; Conselheira da Fundação dos Professores de Santa Catarina – FUCAPRO/FPOLIS – 2000/2003.

Co-fundadora do Curso de Serviço Social Universidade do Contestado Caçador/SC; Membro da Comissão Editorial da Revista Katalysis, do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Cadeira nº: 18

Posse: Não informado

Patrono: Arnaldo de S. Thiago

Título: Poeta

UMA ORGANIZAÇÃO SOCIAL A SERVIÇO DE MULHERES E MENINAS NA ATUAL CONJUNTURA MUNDIAL

No dia 23 de março de 1957 surgia em nossa cidade o Clube Soroptimista Internacional de Florianópolis, por iniciativa de 17 mulheres sob a liderança de Áurea Leal Moura constituindo-se entre os primeiros Clubes a serem fundados no Brasil por ordem, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, Petrópolis (1957) e Montevidéu (1958). Organização que hoje está operando em 125 países e que congrega aproximadamente 95 mil mulheres no mundo. Esta organização tem por objetivo o bem estar e a promoção de mulheres e meninas. O movimento Soroptimista nasceu em Oakland, na Califórnia, USA, através do contato estabelecido por Stuart Morrow (organizador de clubes de Rotary) com Adelaide Godard, diretora da Parker Goddard Secretarial School. Adelaide propõe então formar um clube de prestação de serviços voluntários para mulheres já que o Rotary era tradicionalmente uma instituição masculina. Coube a Violet Richardson a presidência do primeiro clube em 1921, formado por 80 mulheres profissionais, constituindo-se numa organização comprometida com o serviço voluntário em suas comunidades.

Soroptimist Internacional é uma Organização não Governamental com sede em Cambridge Inglaterra formada por quatro Federações: Soroptimist Internacional of The Americas (SIA), Soroptimist Internacional of Great Britain and Ireland (SIBI), Soroptimist Internacional of Europe (SIE) e Soroptimist Internacional of South Pacific (SISWP). A Federação Soroptimista das Américas esta representada no centro da ONU - Organização das Nações Unidas em Nova Iorque, Paris, Genebra, Gênova e Viena.

Em 1947 foi instalado o primeiro clube brasileiro, no Rio de Janeiro, expandindo-se mais tarde para vários estados. Em 1959, já com sete clubes em atividade foi nomeada a primeira vice-governadora Ina Tavares Moellman, catarinense, participante do SI Florianópolis. Em 1961, além dos clubes brasileiros contávamos com os clubes de Lima (peru), Las Condes (Chile) e Buenos Aires (Argentina). Em 1965 foi criada a Região Soroptimista da América do Sul tendo atingido o numero Clube/Sócias necessárias a Federação. A instalação da Região da América do Sul deu-se no Congresso Internacional realizado em Junho de 1965 no Rio de Janeiro com a participação da Presidente Eleita da Soroptimist Intemational of the Americas Sra. Ethel Lord.

Com a expansão dos clubes nacionais nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás e Distrito Federal acontece (3 de Agosto de 1996) a solenidade de instalação da mais nova Região Soroptimista da Federação das Américas - a Região Brasil, na Ilha Porchat Clube em São Vicente (São Paulo).

Com a criação da Região Brasil o continente da América do Sul passou a ter duas Regiões Soroptimistas: Região Soroptimista da América do Sul e Região Brasil.

As Soroptimistas pertencem a clubes locais que determinam o foco do trabalho voluntário em suas comunidades. Os projetos dos Clubes vão desde a luta contra a violência doméstica e familiar, casa abrigo para mulheres vítimas de violência, mamografias para mulheres de baixa renda, trabalhos com creches, com idosos, com populações marginalizadas e oficinas para adolescentes com o objetivo de desenvolver a autoestima, entre outros.

No mundo a Organização Soroptimista constitui-se de mulheres que contribuem com seu trabalho, seu tempo, seu talento e suas doações desenvolvendo projetos para serem aplicados em suas comunidades. A Organização Soroptimista tem vínculos

oficiais com o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas e é uma autoridade reconhecida em questões que valorizem a mulher.

Como um trabalho voluntário que tem seu foco principal em melhorar a vida das Mulheres e Meninas em suas comunidades e no mundo todo, a organização administra vários projetos internacionais e nacionais.

Entre os prêmios e programas desenvolvidos pela Soroptimist Internacional das Américas pode-se citar:

Prêmio Oportunidade para Mulheres auxilia a mulher oferecendo-lhe recursos para melhorar sua qualificação, habilidades e perspectivas de emprego. As candidatas elegíveis devem ser mulheres, principal fonte de renda de sua família e que estejam matriculadas ou tenham sido aceitas para curso de formação profissional.

Prêmio Violet Richardson é um programa de reconhecimento para jovens do sexo feminino entre as idades de 14 a 17 anos, que estão envolvidas em serviços voluntários em sua comunidade ou escola. Este prêmio é destinado a jovens líderes cujas atividades de serviço voluntário fazem com que a sua comunidade e o mundo seja um lugar melhor para viver.

Prêmio Subsídio de Clube Soroptimista para Mulheres e Meninas. A Soroptimista financia o subsídio de Clube Soroptimista para Mulheres e Meninas para assistir os Clubes a iniciar ou dar continuidade a projetos nas suas comunidades para melhorar a vida de mulheres e/ou meninas.

Prêmio Soroptimista Ruby homenageia mulheres que através de seus esforços pessoais e profissionais estão fazendo uma diferença na vida de mulheres e meninas.

O Programa Soroptimista Celebrando Sucessos reconhece excelentes projetos de Clube que ajudam a melhorar a vida de mulheres e meninas em comunidades locais ou em todo o mundo

ou promove a Soroptimist como uma organização que melhora a vida das mulheres e meninas.

Projetos Internacionais:

_ “Projeto Sierra - Uma Família e um Futuro” com o objetivo de fortalecer jovens mães investindo em seu futuro, socorrer crianças vivendo sozinhas para que atinjam seu pleno potencial e dar assistência integrada às crianças e famílias.

_ “Projeto Apelo da Presidente - Esperança e Sonhos para Todos” com o objetivo de socorrer pessoas vivendo em extrema pobreza.

Ainda constituem-se projetos da Federação os programas Soroptimistas contra o Tráfico de Mulheres e violência doméstica.

O programa Elos da Amizade consiste em estabelecer parcerias ou relacionamento com outros Clubes da Federação das Américas e outros Países.

O Clube Soroptimista Internacional de Florianópolis trabalha em parceria com algumas instituições da cidade e juntamente com a Soroptimista Internacional das Américas desenvolve os projetos internacionais. Os programas e projetos locais inerentes a cada clube, de acordo com as necessidades, peculiaridades e solicitações das comunidades também são desenvolvidos.

O SI Florianópolis em sua trajetória já realizou muitos projetos de cunho social em nossa comunidade e teve participação importante e efetiva na Organização Soroptimista Internacional tendo como vice-governadora da Região da América do [Sul a Sra. Ina Tavares Moellmann e posteriormente Sra. Adelgundes Henriette Gebler.

Em Santa Catarina os Clubes Soroptimistas exercem suas atividades nas cidades de Blumenau, Brusque, Florianópolis, Lajes, Rio do Sul e São Bento do Sul.

O Soroptimist procura sempre pesquisar sobre a mulher e

seu desempenho na sociedade contemporânea e sua contribuição a melhoria do “status” da mulher, resultando em valorização do processo de democratização e cidadania nas comunidades onde atua.

No dizer de Nordelia Gradowski: “Como uma organização de prestação de serviços voluntários, não governamental, que reúne mulheres profissionais das mais diferentes culturas, raças, credos e ideologias reconhece o Soroptimist International, na disposição para servir, o desarmamento de intenções e atitudes discriminatórias, a boa vontade e a compreensão entre povos e países, geradores de habilidades para soluções internacionais de forma cooperativa”.

Florianópolis, 26 de abril de 2011.
Stela Maris Piazza Souza
Academia de Letras de Biguaçu
Cadeira 18

VALDIR MENDES



Filho de Lauro Mendes e Clarice da Silva Mendes, nascido em 01 de novembro de 1947, em Florianópolis-SC. Casado com Clarice Aparecida Cabral Mendes. Filhos: Pierre, Michel, Bianca, Michelli, Lauro, Davi e Ana Clara.

I – Comércio: Gerente da Seguradora “Mendes”; Secretário da empresa “Nova Sauna”; Secretário da Empresa “Mendes Representação”; Diretor Proprietário da “Pousada Sol da Costa”, em Florianópolis.

II – Professor: Grupo Escolar Lauro Müller (diurno)/1965; Escola Arquidiocesana São José (noturno)/1966; Colégio Antonieta de Barros (noturno)/1967; Instituto Estadual de Educação – IEE (diurno/noturno)/1968/1969; Colégio Catarinense (diurno/noturno)/1969/1973; Diretor proprietário da Escola de Dactilografia Pierre Mendes/1973/1985.

III – Órgão Público: Chefe da Assessoria Jurídica da Secretária de Estado da Justiça – 1980/1985.

IV – Advocacia: Presidente da Associação dos Advogados Criminais do Estado de Santa Catarina A.ACRIMESC; Advogado Militante.

V – Jornalismo: Apresentador do Programa Toque Ilhéu

– TV AI TV Capital; Apresentador do Programa Passaporte Catarinense – TV São José / Viamax 2003/2005; Colunista do Jornal Fique Esperto 2003/2005.

Cadeira nº: 22

Posse: 17-12-2005

Título: Escritor / Advogado

Patrono: Vidal Mendes

Título: Empresário

VILSON... MEU IRMÃO

Para mim hoje é um grande dia.

E sabem por quê?

Vou escrever a respeito do meu saudoso irmão – Wilson Mendes.

Para tanto, estou bem à vontade, pois discorrer sobre sua pessoa é uma grande motivação de alegria e de saudosismo.

Estou em casa, localidade da Costa de Dentro, sentado na varanda em frente à praia, e busco na natureza, esta que ele tanto amava, inspiração para obter sucesso nesta grande responsabilidade.

Vejo, pois, o mar e as nuvens que por ali sobrevoam e então visualizo meu eterno guru – Wilson.

Sim, lá está ele entre as nuvens, diria um anjo sorridente.

Embalado por este momento espiritual, escuto sua fala:

- Olá, Valdir! Tudo bem?

Respondo: - Sim.

Balançando a cabeça afirmativamente ele continua...

- Estou com Deus, nossos pais (Lauro e Clarice), parentes, amigos e tantas e tantas outras pessoas. Estou em paz...

Em 29 de janeiro de 1943, em Florianópolis, ele nasceu.

Filho de Lauro Mendes e Clarice da Silva Mendes e eu, com orgulho, seu irmão.

Vilson desde infância foi apreciador da cultura.

Gostava e muito de escrever e ler.

Me passa pela memória o uniforme do Instituto Estadual de Educação (IEE) que ele usava com muito respeito. Ficava alinhado, mesmo sendo um garoto magro.

Estudou na extinta Escola Técnica de Comércio São Marcos* – Técnico em Contabilidade, e ali de aluno passou a ser professor, recebendo de várias turmas a homenagem como

Patrono, Paraninfo e agraciado com a inclusão de seu nome em uma das turmas.

Com Francisco Passos Braga, seu professor, casado com Inez, alimentou uma amizade muito verdadeira, e na praia este casal com Vilson e Nelcy estavam sempre juntos em entretenimentos.

Outros professores com os quais o Vilson mantinha estreita amizade, a saber:

Eugenio Beirão; João Batista Luft, por aqui ressalvo a pessoa de seu filho Edy Genovez Luft, seu amigo da Academia Maçônica de Letras...

Vilson ingressou em 1974 na Loja Maçônica – Jerônimo Coelho, 13 – Grande Oriente de Santa Catarina (GOSC), exercendo vários cargos e atingindo o Grau Máximo. Recebeu o Diploma da “Ordem do Mérito Maçônico – GOSC, no Grau Cavaleiro” – *in memoriam*, por ter completado 25 anos e por ter contribuído para o cumprimento dos objetivos estratégicos da Ordem. O documento foi recebido por sua esposa Nelcy em uma sessão muito bonita.

Seu curso superior foi o de Administrador de Empresas – Universidade Federal de Santa Catarina.

Participou de vários cursos de aperfeiçoamento em Florianópolis e na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro.

Ocupou diversos cargos no SESI e atuou na Companhia União de Seguros Gerais**.

Concursado, Vilson foi lotado no Tesouro do Estado e após solicitou transferência para o Tribunal de Contas do nosso Estado. Ali fez carreira e aposentou-se por tempo de serviço.

Prestou grandes serviços na Associação dos Servidores do Tribunal, tendo inclusive idealizado a bandeira do Tribunal de Contas.

*Destaco que nossa mãe, Clarice da Silva Mendes, foi professora do Grupo Escolar Lauro Muller, onde funcionava também a Escola Técnica São Marcos e que ela foi presidente da Associação dos Professores do Estado de SC.

** Nosso pai, Lauro Mendes, foi Corretor de Seguros e proprietário da Corretora de Seguros Santa Clara.

E meu querido irmão não parou por aí.

O seu perfil social foi muito forte.

Vilson residia com sua família no bairro Jardim Anchieta; fez parte do Conselho Comunitário, sendo o segundo presidente e reeleito para o segundo mandato.

Firme e forte, Vilson liderou o movimento para impedir a demolição da Capela do Sagrado Coração de Maria, esta localizada no bairro Jardim Anchieta. A Capela foi tombada e, para motivar sua restauração, meu irmão promoveu a “Festa dos Estados”, reunindo moradores do bairro e dos bairros vizinhos, além de pessoas de outros Estados. A verba arrecadada serviu para a restauração da Capela.

Incansável, sempre com o objetivo de bem servir aos interesses da sociedade, Vilson reuniu os Conselhos Comunitários da Bacia do Itacorubi criando a União dos Conselhos da Bacia do Itacorubi (UNICOB), tendo sido o primeiro presidente.

Através da força comunitária, foi viabilizado recurso para a construção de uma nova ponte na Avenida Madre Benvenuta, no Jardim Santa Mônica e na limpeza dos rios.

Visitando o bairro visualizamos a estátua do Padre Anchieta, sendo, pois, mais uma idealização deste fantástico irmão.

Nesta marcha voltada para a sociedade, Vilson foi mentor, organizador e um dos fundadores do Conselho Comunitário da Costa de Dentro, em Pântano do Sul.

Presidente da Liga de Amadores Brasileiros de Rádio – Emissão Seccional de Santa Catarina – LABRE, atuou junto ao Ministério de Telecomunicações viabilizando a vinda do DENTEL, departamento do Ministério que controla as comunicações, para o nosso Estado.

Como rádio amador participou ativamente no auxílio das vítimas da enchente ocorrida na cidade de Tubarão.

Vilson possuía a locadora de livros Papa-Livro, situada no

Edifício Ceisa Center, em Florianópolis e em 1986 ampliou essa atividade para editora de livros.

Daí então o sucesso absoluto.

Expôs em inúmeras feiras de livros em Florianópolis, em vários Estados brasileiros e na 43ª Feira Mundial do Livro em Frankfurt, na Alemanha.

Conquistou o Prêmio “Silvio Romero de Literatura” da Academia Brasileira de Letras, com o livro “Reencontro com Cruz e Souza”, obra do escritor Uelinton de Farias Alves.

Um verdadeiro “Manezinho da Ilha”. Em 1990 recebeu o troféu do Jornalista Aldirio Simões, com quem deve estar tratando de organizar quiçá um provável “Manezinho do Céu”; “Manezinho Anjo”, enfim articulando os dois algo de positivo.

Presidente da Associação de Editores e Livreiros, alçando-a para Câmara Catarinense do Livro (CCL), filiando-a na Câmara Brasileira de Livros (CBL).

Em sua gestão administrou sete feiras de livros, sendo duas bienais do Livro do Cone Sul. Realizou o 1º Encontro de Academias de Letras de Estado sendo homenageado pela Academia Pan-Americana de Letras e Artes do Rio de Janeiro com a medalha “V Centenário da Descoberta do Brasil”.

Homenageou Livreiros e Escritores.

O ex-governador Esperidião Amin Helou Filho e sua esposa ex-prefeita Ângela Amin o chamavam de Livreiro e com ele mantinham cordial amizade.

Representou a CCL, com Stand, em duas Bienais Internacionais do Livro em São Paulo e em Porto Alegre.

Criou e coordenou o projeto CRUZESOUSIANO objetivando o Centenário da morte de Cruz e Souza.

As comissões foram formadas em São Paulo pelo presidente da ABL – escritor Losincas Alves –, no Rio de Janeiro pelo escritor Uelinton de Farias Alves e em Florianópolis coordenada pelo escritor Octacílio Schüller Sobrinho.

Aconteceu, portanto, o 1º Concurso de Poesias Simbolistas, e sua editora, a Papa-Livro, publicou as poesias selecionadas em livro, sendo a edição doada às Bibliotecas das Escolas da Rede Pública do Estado.

E então por essa “semente” originou a Academia Desterrense de Letras (ADL), fundada em 28 de maio de 1998, dia do Centenário da morte de Cruz e Souza.

Recebeu a “Medalha de Mérito” pelo estudo e pela divulgação da obra do poeta Cruz e Souza; Troféu “Editora Revelação”, da Academia Catarinense de Letras; da Câmara Municipal de Vereadores de Paulo Lopes recebeu uma placa por serviços prestados à educação e à cultura.

Organizou e publicou o livro “Poemas Cósmicos” de A. Seixas Neto e foi um dos organizadores do livro “China-guia de viagem e conversação-Português/Inglês/Chinês”.

Com muita alegria estive presente quando Vilson ingressou na Academia Desterrense de Letras (ADL) e apresentou o Panegírico em homenagem ao seu Patrono – Martinho José Calado – vindo a ocupar a cadeira nº 27. Nessa oportunidade escreveu e apresentou um enquete com atores locais. Nesse dia pude perceber o brilho de felicidade nos olhos de nossa mãe – Clarice da Silva Mendes. Orgulhosa com seu filho.

E seus familiares, Nelcy, sua esposa, e seus filhos... só sorrisos.

Quando eu assumi a Academia de Letras de Biguaçu, fiquei emocionado ao perceber a alegria contagiante que vinha da mãe e do Vilson.

Por ocasião do III Habitusul Revelação Literária, recebeu o Certificado de Destaque.

Na comemoração do bicentenário de nascimento de Jerônimo Coelho, foi realizado o lançamento do Livro Jerônimo Coelho “A Pena e a Espada”. Nessa oportunidade Vilson escreveu, dirigiu e apresentou enquete sobre a vida do homenageado, convidando

para o evento, de Brasília, o Coronel Manoel Floriano Neto, bisneto de Jerônimo Coelho.

Resgatou e reeditou o primeiro número do Jornal “O Catharinense”, editado em 28 de julho de 1831, por Jerônimo Coelho, pelo que recebeu da Loja Maçônica Jerônimo Coelho, o troféu.

Escreveu o texto, dirigiu e fez locução do vídeo “O Pescador”, gravado em Pântano do Sul, contando com a participação de personagens pescadores nativos.

Na ADL exerceu cargos de diretoria sendo eleito presidente, sucessor do notável Acadêmico Nereu do Vale Pereira, meu mestre nos idos passados, assumindo o cargo em 2008, conduzindo a Academia até 6 de setembro de 2009, data em que faleceu.

José Isaac Pilati, então vice-presidente, foi seu sucessor em mandato tampão e após foi eleito o escritor Valter Manoel Gomes.

A Câmara de Vereadores de Florianópolis aprovou sua proposição que o dia 28 de maio fosse o dia do Escritor de Florianópolis – Lei Municipal.

A ADL decidiu que o prêmio receberia o nome de “Vilson Mendes” *in memoriam*.

O primeiro escritor indicado para receber o prêmio foi Osvaldo Ferreira de Melo. O ato foi realizado em sessão especial conjunta com a participação da Câmara de Vereadores de Florianópolis e da Academia Desterrense de Letras – julho/2010.

A Academia Alcantarense de Letras, de São Pedro de Alcântara, por ocasião de sua instalação, homenageou Vilson por ter sido incentivador, participando da primeira reunião, orientando.

É patrono da cadeira ocupada pela Acadêmica Hiamir Polli.

Ressalvo que a AAL, recém-formada, possui em sua presidência o escritor Leno Caldas, membro da Academia Desterrense de Letras, grande amigo de Vilson, a quem dedicamos muito carinho e pleno sucesso.

A primeira obra publicada pela Papa-Livro foi “Contos em Meia Tinta”, do Escritor Sebastião Ramos – Tião, nosso tio, meu padrinho, irmão de nossa mãe, falecido em janeiro de 2011.

Tião escreveu também “O Lobisomem da Costa de Dentro”; “Laila um Mito”; “No tempo do Miramar” (duas edições) e “Chuva Fria de Frente Quente”.

Vilson deixou esposa, Nelcy Terezinha Coutinho Mendes, enfermeira aposentada, quatro filhos, três noras e seis netos, a saber:

Rodrigo – esposa Rita Helena; filhos Lucas, 12 anos, e Ian 6 anos;

Marcos – esposa Vanessa Danielli; filha Marina, 13 anos;

Alexandre – esposa Amendoa; filhos Elisabeth, 8 anos, Ellya, 7 anos, e David, 5 anos;

Ester.

Como pai, Vilson sempre esteve presente na educação de seus filhos, tratando-os com respeito e muito carinho, assim continuava com seus netos.

Vilson, meu irmão e de todos nós, deixa saudades, lembranças boas e a certeza de seu bem-estar onde se encontra.

Mário Motta, jornalista conceituado do Grupo RBS, quando escreveu em sua coluna do Jornal Hora matéria referenciando a missa de sétimo dia de meu irmão, expressou uma grande verdade.

VAIS FAZER FALTA, VILSON.

E a foto estampada na coluna do Jornal Hora de Santa Catarina insiro nesta humilde referência, pois nela temos o sorriso de alegria e paz estampada em seu rosto, bem como a matéria publicada.

Vilson tinha um sentimento de ternura muito destacado quanto ao trato para com os animais.

Quando criança nossos pais tinham uma cachorra chamada Lady e, após casado, Vilson teve uma Fox Terrier, que viveu 12 anos, também chamada de Lady, a quem dispensava carinho. E

então veio o Pirata, filho do Bob, meu cachorro, atualmente com 12 anos.

Um de seus prazeres era estar no Curiódromo, pois possuía um Curió devidamente registrado, com o nome de Xico, que está com sua família por mais de 15 anos e seus netos, filhos de Alexandre e Rodrigo aprenderam esse trato e cuidam com carinho do Xico.

Por vezes Vilson caminhava alegremente pelo centro da cidade e em suas cercanias. Estava sempre em busca de alguma novidade cultural para poder trabalhar. Esbelto, tranquilo, de chapéu panamá e calça segura com “suspensórios”, cordialmente cumprimentava as pessoas.

Era autêntico.

No Mercado Público todos o conheciam.

Aurino do Açougue; Beto do Box 32; Alvim do Petiscos/Açougue; Peixaria do Chico e outros e outros que o saudavam... Olá, Vilson.

Em Pântano do Sul, onde possuía na localidade da Costa de Dentro sua casa de veraneio, Vilson por igual curti as amizades com os veranistas, pescadores e comerciantes do local. Carlos, proprietário do Restaurante Mandalas, recebia com alegria sua visita para altos papos.

E lá onde se encontra, em astral elevado, com certeza está com nossos pais, parentes e amigos.

Seu grande e particular amigo Antonio Carlos, maranhense, funcionário do Ministério da Agricultura, que nos deixa saudades, então casado com Clara, com certeza deve estar com Vilson em grandes conversações.

Penso que irrequieto como é meu irmão deve estar aprontando das suas e programando espaços culturais.

No sábado, dia que antecedeu sua falta, Vilson esteve em minha casa, como fosse se despedir. Conversamos a respeito de poda de parreira de uva, sobre reforma em sua casa; a respeito de

Avai e Figueirense, eis que eu sou avaiano e ele era torcedor do furacão do Estreito; olhamos para o mar; divagamos e então...

Te amei e te amo meu querido e inesquecível irmão VILSON MENDES.

Valdir Mendes

FLORIANÓPOLIS, SÁBADO, 12/9/2009, E DOMINGO, 13/9/2009

HORA DE SANTA CATARINA



HORA DAS RUAS Avanço Baixo

POR MÁRIO MOTTA

Sétimo dia

A missa de sétimo dia pela alma do querido Vilson Mendes será realizada neste sábado, às 19h30min, na Paróquia da Trindade, em Florianópolis. Nascido na Capital, filho de Lauro e Clárcice Mendes, Vilson deixou a esposa Nelcy Mendes, os filhos Rodrigo, Marcos, Alexandre e Ester e seis netos. Funcionário aposentado do TCE, se dedicou às letras. Criou a editora Papa Livro, sendo incentivador de novos escritores e um defensor das tradições da Ilha. Foi presidente da Câmara Catarinense do Livro (1994 a 2000), tendo promovido várias edições da Feira do Livro na Capital. Atualmente, presidia a Academia Desterrense de Letras. Na foto, a melhor lembrança de um homem feliz. E assim que o guardaremos na memória.



DIVULGAÇÃO



Posse de Vilson Mendes como Presidente da Academia de Letras Desterrense



Francisco Montibelli, Jeovana, Vilson Mendes, Sebastião Ramos, Rubinho, Clarice da Silva Mendes e Aldívio Simões



Vilson Mendes com sua mãe Clarice da Silva Mendes

VANDA LÚCIA SENS SCHÄFFER



Filha de Francisco Sens e de Olinda Thiesen Sens. Nasceu aos 22 de setembro de 1952, em Taquaras, município de Rancho Queimado-SC. Fez seus primeiros estudos no Grupo Escolar daquela localidade. Vanda, mais tarde, estudou como interna, no Colégio “Nossa Senhora”, no município de Angelina-SC. Por motivos alheios a sua vontade, não concluiu os estudos. Pensou então, dedicar-se à música, mas em sua bucólica cidade, não havia aula para tal. Além da música, gostava muito de ler.

No seu primeiro livro intitulado “A DANÇA DAS FLORES”, publicado pela Editora Paulus de São Paulo, ela relata com veemência que a natureza é a sua maior fonte de inspiração. Em todos os seus contos e poesias, viaja-se por um mundo colorido, cheio de pássaros, flores e noites enluaradas. Hoje com aproximadamente cento e cinquenta contos e muitas poesias de ótimo conteúdo, Vanda também está escrevendo três livros.

Casada com Adilso Amo Schäffer desde 1972, Vanda tem três filhos: Keila, Mateus e Lucas; e duas netas: Beatriz e Heloísa. Além de escritora e poetisa, é comerciante. No entanto,

com a publicação do seu primeiro livro, afirma que se abriram os caminhos para a sua vida literária. Vanda que é católica e temente a Deus. Diz ser apenas uma partícula em busca do seu Criador.

Cadeira nº: 27

Posse: 17-12-1997

Título: Poetisa

Patrono: Mário Quintana

Título: Poeta

ATREVO-ME

Atrevo-me a dizer
que te amo.

Atrevo-me a dizer
que és meu.

Atrevo-me a dizer
que eu não sou mais eu.

Meu coração há muito te pertence.

Meus pensamentos há muito,
só em ti pensam.

Meus lábios somente sentem-se lábios,
beijando os teus.

Meus olhos somente sentem-se olhos,
iluminados pelos teus.

Meus braços somente sentem-se braços,
abraçando o teu corpo
que já não sei se é meu, teu , ou sou eu,
tal o amor e a paixão,
em que o meu coração se envolveu...

FELICIDADE E TRISTEZA DE CACHORRO

Era um cachorro feliz.
Tinha morada e comida.
Clínica para tosa e banho.
Era cercado de carinho,
da madame que me criava;
até parecia filhinho.

Era um cachorro feliz.
Tinha morada e comida.
Nada contra aquela boa vida;
era cercado de alegria
por conta e revelia, às custas vivia
da madame que me sorria.

Era um cachorro feliz.
Tinha morada e comida.
Só não tinha liberdade
para ser amigo de verdade
do povo marginalizado,
dos becos da minha cidade.

Tornei-me um cachorro triste
desde o dia em que descobri
que a nossa raça é mais bem tratada
do que a pobre criançada
lá do morro onde eu nasci.

Sim!
Tornei-me um cachorro triste
desde o dia em que descobri

que a nossa raça é mais bem tratada
do que a pobre criançada
de todo mal contaminada.

Pasmem...
E ninguém por si!

Serei novamente feliz
se não mais tomar o lugar de ninguém.
Não posso ver ser humano
sendo tratado pior do que eu.
Se eu sou cachorro
foi porque Deus quis assim.
Eu estava programado desde o princípio.
Madame, deixa-me ser cachorro até o fim!

O CANTO D'ÁGUA

Para quem cantas?
De onde vem toda essa melodia?
Sempre cantarolando estás,
nas horas tristes e de alegrias.
Cantas para as florestas?
Cantas para os grilos?
E para os sapos, cantas?
Diz o adágio popular,
“ quem canta os males espanta.”
Mas, em teu caso há outro motivo...
Não seria o vento furtivo,
que te deixa tão emotiva?

Ó, água moça bonita, pela natureza bendita!
Teus cabelos, cachoeira prateada,
que ao longo do caminho
encanta até o mais pequenino bichinho.
E ao bater nas rochas ó, vasta cabeleira,
soltam-se de ti fios de cristais brilhando ao sol.

Ó, água moça bonita e sensual
quando desfilas nos leitos dos rios
deixas todos os arbustos com arrepios.

Ó, água moça bonita e fértil,
quando chegas no mar, te realizas.
Lá, te tornas onda agitada.
Lá, te tornas água emancipada.
Lá, te tornas mulher e mãe.

Mãe de todos os peixes.
E o vento, que sempre te acompanha,
já não mais se envergonha de dizer
que nasceu pra te auxiliar.
Linda e sensual mulher do mar.

PAIXÃO CONTAGIOSA

Se me fosse possível
esquecer-te, não choraria.
Não sofreria por um amor
que tenho dúvida se existiu.

Se me fosse possível
não mais te ver,
não mais te ouvir,
não mais te sorrir...
Ah, se me fosse possível!
Mas os meus olhos,
os meus ouvidos e os meus lábios
já estão viciados em ti.

Se me fosse possível
penetrar em teu coração,
ouvir dele as batidas,
mudava-as de rotação.
Talvez assim ele tomasse rumo
e batesse um segundo para mim.

Dizes que
o que eu sinto por ti
é obsessão.
Sinto muito em te dizer, não!
É doença perigosa,
paixão contagiosa
e tu és a salvação.

PALHAÇO

Ria o palhaço.

Ria.

O porquê ninguém sabia,
pois sua cara pintada,
naquele dia,
não se mostrava engraçada!

Ria o palhaço.

Ria .

Talvez da vida tão surrada,
o palhaço ria.
Ria de suas próprias piadas!

E o palhaço pulava.

E o palhaço rolava.

E o palhaço ria e gargalhava.

Interrogavam-se todos:

Qual seria o motivo
da euforia do palhaço
que demasiadamente ria?

Em dado momento,
atirou longe a máscara,
mostrou o rosto
e enxugou as lágrimas.

Qual um louco,
acenou um lenço estampado
e do picadeiro saiu carregado.
Morrera de desgosto!

Nem sempre o sorriso
e a cara pintada do palhaço
removem por completo
do coração, os estilhaços.

Ah! Se eu pudesse
disfarçar como o palhaço!

TORRE DE BABEL

Num dia bem distante,
os homens pouco sabiam.
Tentaram construir uma torre.
Subir ao céu queriam.
As línguas se confundiram;
nada mais entenderam.
Era a Torre de Babel.

Hoje em dia, ainda existe
quem anda triste sem entender:
a fome no mundo e
e a falta de paz...
Um mundo intelectual
e um mundo tão pobre
onde tudo vai mal!...
O que está havendo?
Ninguém mais se entende.
Se entende, finge que não entendeu!
O faminto grita:
- Eu quero pão!
O poderoso finge e ainda diz:
- Eu não entendo essa língua, não!
O faminto grita:
- Eu quero casa!
O poderoso replica:
Ora! Ora! Vá trabalhar, vagabundo!
Se você aqui quer ver o céu,
construa também uma torre,
igual a de Babel!

O faminto especifica:
- Ué, doutor!
Com o salário estipulado pelo senhor,
eu consigo apenas as passagens do metrô.
Gostaria de ser honesto!
Porém juro e confesso:
Quando chego no barraco
todo cheio de buraco,
no estômago um buraco maior,
na alma um enorme vazio...
Doutor, eu até me arrepio
do que chego a pensar...
Não quero luxo, não!
Eu só quero alimentar-me.
Instruir-me.
Morar e vestir-me.
Sorar e poder sorrir!
Enfim... quero viver!

VERA REGINA DA SILVA DE BARCELLOS



Vera Regina da Silva de Barcellos denomina-se Vera De Barcellos como nome literário. Nasceu em Florianópolis, capital de Santa Catarina, em 1948.

Suas atividades literárias aconteceram em 1996, quando começou a participar de entidades literárias em Santa Catarina.

Inicialmente foi convidada a participar da Associação de Contistas, Poetas e Cronistas Catarinense, posteriormente como acadêmica da Academia São José de Letras, da Academia de Letras de Biguaçu e fundadora e acadêmica da Academia Desterrense de Letras, todas catarinense.

É membro correspondente das: Academia Municipalista do Rio Grande do Sul, Academia Petropolitana de Letras, Academia de Letras Raul de Leoni, estas duas últimas da cidade de Petrópolis no Rio de Janeiro. Mantém com orgulho o título de Membro Titular do Clube dos Escritores de São Paulo e mais onze entidades literárias de renome nacional.

Editou em 1997 duas obras literárias “Na luz a dor da saudade tua (poesias e poemas já em segunda edição) e Cores poéticas em

teu coração (Pensamentos, na quarta edição) e um DVD poético que acompanha suas apresentações literária e artística e em 2004 lançou juntamente com o escritor. Hugo Bessoni em Belo Horizonte-MG, a obra infantil “A ratinha vaidosa”.

Hoje Vera De Barcellos colabora com sessenta e cinco jornais, revistas e boletins literárias e mantém um acervo de setenta e cinco antologias literária, realizado junto a outros escritores de renome nacional.

Sempre participando de concursos literários contando hoje com dezenove prêmios e troféus em primeiro lugar, Menção Honrosa, Honra ao Mérito, classificação por Destaque e outras honrarias de nível nacional.

Para os próximos meses será lançada a coleção “Tia Vera” contendo nove obras infantis.

Cadeira nº: 34

Posse: 17-12-1997

Título: Não informado

Patrono: Othon da Gama Lobo D’Eça

Título: Poeta

SIM, EU VI !

Sim, eu vi...
eu vi... pelas linhas
do horizonte,
se elas existem, não sei!
mas, eu vi...
Tres homens seguirem o seu caminho ...
um velho ancião quem diz... que sabe!
na fronteira das linhas
que não eram guerras,
não havia bandeira .
Suas mãos enrugadas e tremulas
seguravam uma antiga lanternas
de chumbo batido
batida é a vida,
que desfila...
... deslisa... definha
seus dias...
Logo atrás , seguia outro homem
não tão velho,
mas encurvado
pelas andanças da vida...
disforme,
das dores do mundo
mundo...
mundano tempo
da juventude... passava...
Este homem levava
em seus braços ainda tateantes
um antigo livro da sabedoria... tal...
em riscas suaves
de diferentes riscados,
que se liam ...
as páginas das eternas poesias...

Outro homem mais jovem,
surpreso por tudo que via,
seguia mais atrás,
carregando em seus ombros vigorosos
um bordel de couro curtido,
contendo a fome
que tinha da sede,
sedenta de conhecimentos...
Euforias...
mera interpelação...
Segurava cauteloso
um coração jovem
de uma criança nascida,
nas folhas douradas
de uma tal mangedoura...
que lia-se
no tal Livro de Sabedoria,
que um dia
este tal homem
nasceu querendo levar ao mundo
a Luz que não se apaga...
O homem envelhecido ,
pelos mil caminhos,
com as mãos tremulas e enrugadas
com um olhar abrandado
pela paciência
com que levava a vida,
olhou o outro homem
não tão envelhecido
alquebrado pela vida,
com os olhares misteriosos
discortinados no horizonte
olhava aquela linha
que existe!, quem sabe, só eles...
O homem não tão jovem

procurava seguir as pegadas
daquele que um dia foi,
e sempre será...
pelos caminhos dos desertos infinitos,
... a lanterna,
... o livro,
e um coração...
Um olhando para o outro...
misteriosos... olhares
que difundiam nas estrelas cinbilares
do Universo... de Deus!
Seguiam... os cantos
de diferentes encantos
que a multidao não entendeu... até hoje !
Ah! os tres homens não desistiam,
seguiam... seguiam...
pelo discortinado enebriante
mundo dos mundos...
Pararam... um dia
e encontraram... em uma Ilha Pequena
de profundos oceanos
o sentido da vida...e da alegria ...
nas quartas...
que nao eram quadrantes circulares,
nos sábados...
que nao eram sabatinas entrecortantes,
...viram com seus olhares,
multicolores arco-iris
da iris que sempre foi.
Corações! tangidos pela lamparina
iluminados pela luz,
na escuridao dos dias...
Liam nos livros,
a cimbiose circumspectas de novas descobertas,
e no coração...

alimentavam do imortal
celeiro fecundo ...
dos monges de outrora.
Estes seguiam , sim
o Grande Pescador de Almas...
Eu vi...
a multidão daqueles poucos,
que se reuniam
naquela mesa de jantar,
enebriada da
luz do horizonte,
que nunca se acaba
buscavam... nos livros
o Caminho Eterno,
a fome saciada
pelo conhecimento apurado,
naquele livro de sabedoria .
O coração abrigava
todas as experiencias
das mil descobertas.
Assim... olhavam em unidade
na complacência ...
do caminho que seguiam .
Satisfeitos ...
os tres homens
passo a passo continuaram,
na poeira das estradas...
Seguiam ...
levando a tal lanterna...
levando o tal livro ...
levando um tal coração...
a outros cantos do mundo
quem sabe em outra ilha deserta,
ou nao...
em outras quartas

que não eram quadrante,
em outros sábados
que não eram sabatinas
se todos soubessem...
onde estarão...
os tres homens
na infinita bifurcação dos tempos
... ah! dos tempos...

... NAS BRUMAS DO TEU TEMPO!

Te vejo
bela...formosa...
formosura...
dos tempos das fotografias
do preto e do branco
do flash... bhlum...bhlum...
ah! como ardeu meus olhos
Tempos... do trem,
do apito fraco,
thuum...thuum...thuum...
Das casas amarelinhas
Branças ou rosinhas,
com varandas,
das flores nas janelas
das cadeiras de balanço,
na sala junto ao piano
o cheiro de doce melado
que vinha na saleta,
pertinho da cozinha.
Dos tempos dos vest idos vaporosos,
cetins, organzas e debruns,
gases coloridas...
Dos chapéus de abas largas,
arredondados com flores coloridas
salpicados de miosotes,
firmavam no fino pescoço
lacós rendados .
Sapatos baixos,
salto brotinho,
fornados de cetim...
Fivelas douradas
Em dias de festas.
Ah! quanta candura no teu andar

qual gazela adormecida,
da cama alta
dos cobertores
de pena de ganso,
dosiell de filós coloridos,
tudo era um sonho,
romantismo
amiciando coração ao realismo !

Te vejo ... sim,
preguiçosa...
abrindo os profundos olhos.
cílios ondulados
negros e enamorados
tua face rosada
de pétalas de rosas,
as vezes avermelhada
da timidez que se apresentava .
Belas sinfonias nas harpas tocadas
nos ares da época...
teu coração bailava
ao som do shots, das valsas
nas quadrilhas de salão.
Ah! bela jovem mulher
Devaneos dos meus dias,
onde estão os teus sonhos
de outros percorrendo almas ...ricas sinfonias !
Percorrendo as etéricas milhas
de outros mundos
ou percorrendo as galáxias preenchidas ,
de mil descobertas...
ah! minha querida ,
beijo-te carinhosamente,
minha sinhazinha...

(quando li o teu diário valsiei pelos tempos que se discortinaram cada linha..
ah! bela sinfonia Arlete).

AH! OS VENTOS...

Salpicasses teus cabelos ,
do salitre do mar grosso.
alvoraçados pelos ventos,
Ventanias...
ah! aquele vento
não é tão comum...
é o vento de Laguma ...
da mil dunas
dos desertos salgados
do salitre dos pingos pingados,
da lágrima sedenta
de consolo ... será?

Deitei-me ...
no chão salpicados
de estrelas guias
que guiarão meu dia
todos os dias de minha vida...
vivência ferida...

Das asas das borboletas caídas
ou da gazela entristecida...será?
Deleite-se das cores do arco-iris
da iris dos teus olhos profundos
das contas do rosário... Ave-Maria !
Obrigada pelo salitre...

pelos mares ...
pelas flores
pelos desertos...
pelas ventanias ...
pelos poemas entrecortados...
pelos poetas incompreendidos
que se fazem meus heróis
em meus dias de devaneio...
em meus dias de lentidão...
em meus dias de meditação

Da Luz que não se apaga
nas pegadas Daquele que foi
e sempre será... sim será!...
A mão que a mim se estende
e eu quero tanto alcançar...

(li as linhas iluminadas do teu coração, num vislumbre cada vez mais profundo “Querida areia no deserto de Deus” sejam sempre as pegadas para muitos!)

Um pedacinho do céu...

Ah! o amor perfeito...
nas formas da flor...
será
quem podera ver ,
se não sentir a flor em seu coração...
e quem testemunhará ?
eu ?
voce?
quem será?
O colibri veio,
o beija-flor beijou
o bem-te-vi cantou
vieram a ti...

beijou a mim...
cantaram para nós...
na despedida,
voltamos ao ninho...
Nas asas das borboletas,
nas pétalas da flores que caíam... caíam...
Quem sabe !
nos raios do sol...
ou no reflexo da lua...
nos caminhos discortinantes

Ah! sei que seguíamos...
no bailado dos ventos...
ventanias...
nas estradas vestidas de dias...
ou nas paradas sublimadas de linhas ...
Nas sinuosas curvas de cetim que se liam
poemas reflexo d'almas que vinham!

Ah! vestíamos
como vestíamos os olhos
que d'outros olhos que nos seguiam...
tenho certeza.... certa correria...
nas asas das violetas , ou
quem sabe nos redemoinhos
aplaudindo a cantoria
nossos coracoes enebriados de euforia...
quanta alegria...
sonhei?
quem sabe !
belisquei-me...

estou acordada?

(Para Ritinha , menina dengosa,
com geito de mocinha
teu viver e poesia,
sonhos .com muitas alegrias....
Nao percas as esperanças...nunca
um dia
muitos te reconhecerão... sim muitos...)

TEMPERANÇA

Quanto maior a alegria que nos afeta, quanto maior a perfeição à qual chegamos, mais é necessário participarmos da natureza divina. Portanto é próprio do homem sábio usar as coisas e ter nisso o maior prazer possível.

A temperança é moderação nos desejos e é também a garantia de um desfrutar mais puro ou mais pleno sendo um gosto esclarecido, dominado, cultivado.

Spinoza afirma que “temperança é a moderação pelo qual permanecemos senhores de nossos prazeres, em vez de seus escravos, é o desfrutar livremente da nossa liberdade.

É nisso que a temperança é uma virtude, dizia Aristóteles, ela é aquela cumeada entre dois abismos opostos da intemperança e da insensibilidade.

A temperança como a prudência e como todas as outras virtudes pertencem a arte de desfrutar, de sentir a vida em toda a sua pujança. Temperança é um trabalho do desejo sobre si mesmo e do vivo sobre si mesmo. Ela não visa superar nossos limites, mas respeitá-lo em todos os sentidos.

Santo Tomás viu que a temperança é uma virtude cardeal, embora menos elevada do que as outras três, prudência, é a mais necessária, a coragem e a justiça as mais admiráveis.

A temperança é a virtude que supera todos os limites do ser humano, aproximando-se consideravelmente da humildade.

Sabemos que o ser humano é um ser que pensa, fala e age, e deve se esforçar para ser moderado em suas ações, palavras, pensamentos e desejos. A moderação em todos esses tópicos revela um ser humano capaz de estar equilibrado emocionalmente e sentimentalmente .

- Através da temperança temos a oportunidade de

interagirmos com nosso estado mental, emocional e espiritual buscando sempre o equilíbrio e a equidade.

Quando percebemos a intemperança em nosso viver, deixando-nos desolados e insatisfeitos é o momento de discernirmos com sabedoria e agirmos com prudência buscando forças necessárias para a mudança, para o bem viver e para a nossa felicidade integral.

A temperança como todas as virtudes é um bem que temos a nossa inteira dispor, bastando para isto termos a força de vontade de: “Saber querer ser feliz e fazendo os outros também felizes, aqui e agora,”.

Como nos dizem as grandes verdades “A felicidade reside num equilíbrio perfeito entre satisfação, necessidade legítima do nosso corpo e das aspirações mais puras da nossa alma. \

Vera De Barcellos

(consultas: Pequeno Tratado das Grandes Virtudes de André Comte-Sponville e O Ideal Ético dos Rosacruz de Serge Toussaint)

VILCA MARLENE MERÍZIO



Vilca Marlene Merízio (Brusque, Santa Catarina, Brasil) vive em Florianópolis há 45 anos. Professora Doutora em Literatura Portuguesa (Universidade dos Açores, Portugal, 1992; Mestre em Literatura Brasileira (1978) e Licenciada em Letras (1973) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora de Língua Portuguesa e Literatura (1963-2008). Idealizadora e Coordenadora Geral do Programa MISSÃO AÇORES 2008 e Missão Cultural Santa Catarina Açores/Portugal e Comunidades Lusófonas (2001-2007). Criadora e Coordenadora Geral do Projeto Representação Catarinense no II Encontro de Lusofonia e Açorianidade e atividades Paralelas nas Ilhas de São Miguel e Graciosa, Açores (maio de 2007) e do Projeto Missão Açores II – 2008. Criadora e Coordenadora do Programa Cultural Açores-SC para o Festival do Mar, Florianópolis, 1996. Idealizadora e Professora de Cursos de Harmonização Pessoal, Açores/Portugal (2002) e em SC (2000-8). Conferencista e palestrante de congressos, colóquios, painéis e outros. Membro de júris de doutoramento, mestrado e graduação. Revisora de livros.

Atualmente, Professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina, Vice-Presidente da Academia São José de Letras. Membro da Academia de Letras de Biguaçu. Diretora

Institucional da Associação de Amigos da Casa dos Açores-
Museu Etnográfico de Biguaçu. Sócia-fundadora da Associação
dos Poetas Livres de Florianópolis.

Livros publicados: *A História de Um Amor Feliz*. 2004. 375 p.
Açores... De memória. 2004. 122 p. *Quase... de Corpo Inteiro*. 1996.
190 p. *Redação: uma Experiência de Ensino-Aprendizagem*. Brasília.
Ministério da Educação e Cultura, 1980, 180 p. (Prêmio MEC
1979). Publicações em Antologias, Jornais e Revistas Literárias.
Artista Plástica (1993-2008).

Cadeira nº: 23

Posse: 18-12-1996

Título: Poetisa / Escritora

Patronesse: Lausimar Laus

Título: Poetisa

SEXTA-FEIRA; TREZE?

Meu Deus, ajuda-me a organizar os pensamentos de forma a expor com exatidão o que me vai n`alma.

Sexta, pela manhã. Lagoa da Conceição. Na véspera, o jantar a convite de nosso amigo transcorrera bem. Bem demais, até. Os olhares ternos, a gentileza, a cumplicidade estampada nos gestos. O sangue borbulhando, a perna esquerda a encostar-se num leve roçar, o beijo esfomeado no músculo vigoroso do braço direito, os sorrisos afirmativos... A vontade de ficar junto tornando a noite mais longa. Na despedida, o abraço, meio que constringido dela, a explicação meio desajeitada dele, o ar maroto dos dois: “Ela me suga!”. E o questionamento do amigo:

– Por que não o pedes em casamento?

E a resposta, triste, silenciosa, dela:

– E precisa casar?

Silêncio. Cada um acendeu os faróis do seu carro. Partiram, sozinhos, (é isso o que se chama fluidez nos relacionamentos?) pela madrugada deserta.

À hora habitual daquela sexta-feira cinzenta, a mensagem pelo celular registrava o início de mais uma sessão terapêutica. Em velocidade moderada, subimos o morro da Lagoa, de carro, sob o tempo fechado e frio. Conversa amena; comentário sobre a noite anterior, não sobre como nos sentíamos a respeito de nós mesmos, mas, de forma geral, como havia transcorrido as horas daquele jantar nem festivo, nem brilhante; apenas de confraternização pelo reencontro.

O primeiro trajeto que percorremos a pé foi leve, alegre: as recordações mais amargas de uma infância de desafetos prolongada foram logo substituídas pelo vigor da caminhada. Aos

vinte minutos de esforço físico, começamos a subir o morro que leva à Praia Mole. Um paradinha para equilibrar os batimentos cardíacos, algumas observações sobre o fato de “quem alimenta domina”, e lá estava eu a discorrer sobre os meus processos íntimos de proteção mental. Falei da técnica do espelhamento, ensinei traçar o amparadouro geométrico, a defesa das redes eletromagnéticas, a inclusão das palavras benéficas, a onda de energia curativa... E ele calado. Descemos, então, pelo mesmo caminho em declive. Eu falava... Não lembro mais o quê. Ele continuava calado.

Abandonamos a calçada da avenida das Rendeiras e caminhamos pela relva, rente à lagoa. Ventava. O sol aparecera ainda tímido. Uma avó amorosa brincava com a netinha de uns dois anos. O quadro era de uma ternura infinda: a candura da avó – belíssima e elegante com seus cabelos brancos ao vento – sentada na orla da praia, tinha muito perto de si a criança, pernas com pernas, proteção divinizando o cuidado. Enquanto balançava a alva e bem cuidada mão, a avozinha deixava a areia cair por entre os dedos numa lição de amor. Comovi-me.

Pouco mais adiante, ainda sob o impacto da cena testemunhada, e já me sentindo aquecer pelos raios do sol, dispus-me a exercitar-me segundo a técnica corporal do *Lian Gong*. Mal tinha feito os primeiros movimentos, uma sensação de bem-estar levou-me a fechar os olhos e a permitir que uma viagem astral se desse início.

Formou-se, então, um quadro vivo na minha tela imaginária: a paisagem modificara-se. A água de uma lagoa que mais parecia ser dos Açores, em razão da montanha e dos muitos verdes ao fundo, espelhava-se. De uma lagoa mexida da realidade, apareceram águas escuro-prateadas, com matizes em ouro, lisas, silentes. Um barco, vindo da esquerda, aproximava-se em velocidade assustadora, impulsionado pelos braços fortes

de uns seis homens que remavam com extremo vigor. O barco de forma abaulada, como se dois remadores, dos oito, estivessem lado a lado, veio em minha direção, parando a poucos metros – dois talvez, de onde eu estava. Olhei atentamente e já não havia mais ninguém a bordo. Estacionado, a embarcação continuava ali, aos meus pés.

Pensei, já voltando à realidade: o que esse barco traz para mim, o que ele , o barco, significa para nós? Abri os olhos e vi o meu preparador físico lá atrás, longe de mim, sentado no muro de pedra, em silêncio, respeitando o meu exercício físico e mental. Aproximei-me e pedi-lhe que ficássemos naquele pedaço do paraíso mais um instante. Eu estava emocionada. Conte-lhe a minha visualização e ensinei-lhe como também poderia tentar ver alguma coisa na sua tela mental. Ele estava de óculos escuros. Nada viu. Mas queria ver... Pensei em pedir-lhe para que tirasse os óculos; não fiz. Enquanto ele tentava entrar na nova dimensão, sentada também no muro, ao seu lado, fechei mais uma vez os olhos e, entregando-me ao momento, tornei a visualizar a água da lagoa, agora de uma cor outonal de pôr-de-sol, e assustei-me com uma mão máscula, saída de repente daquela água em fogo, acenando em gesto de pedido de socorro. Acolhi aquela mão em desespero e trazia-a para junto de meu peito quando, antes de abrir os olhos, e ainda sem saber o que fazer com aquelas revelações, ouvi o meu amigo, que já estava em pé, próximo ao muro em que nos sentáramos, dizer: “vi uma criança sendo levada pela mão”. Minha resposta foi imediata, já esquecida da minha própria visualização:

– Viste a tua criança interior.

Penso que expliquei:

– Cada pessoa tem de ser capaz de decifrar a sua visualização; não pode uma terceira pessoa tentar adivinhar o significado.

Mesmo quando assim falava, eu ainda estava no meu

processo, naquela dimensão em que a razão pede tempo para a restauração das imagens ou, pelo menos, para a sua interpretação. Revestia-se o momento de seriedade, mas também de expectativa. Eu continuava emocionada. Queria ficar por mais tempo ali, entrando em conexão também com as aflições do meu instrutor (se as tivesse!), para que, juntos, pudéssemos encontrar a melhor solução. O instante era de enlevo e eu precisava entender o que estava se passando conosco. Mas os olhos dele, cobertos com a lente escura, não me deram o sinal: a luz de uma verdade que devia ser dita para que o encanto exorcizasse o encadeamento de possibilidades abortadas.

Não sei se pelo inusitado do acontecimento ou se pela pressa do ofício, já estava meu *personal trainer*, aliás, como é jeito dele, uns passos diante de mim, seguindo em frente. Reclamei, pedi ajuda. O muro era alto demais para minhas pernas curtas. Ele voltou, estendeu a mão para que eu me apoiasse e vencesse aquele degrau maior do que a abertura de minha perna podia suportar (ou era a vontade de ficar um pouco mais que dificultava a minha volta à caminhada?). Então, já na calçada, e caminhando ao seu lado, não me furtei a uma ironiazinha disfarçada em ensinamento ou conselho. (Pontinha de ciúme, julgo eu agora, depois de haver meditado durante horas seguidas para compreender a onda negativa que se apoderou de nós a partir daquele momento. No instante do acontecido, eu estava sendo sincera, amiga; minha intenção era ajudar. Realmente, a de ajudar.)

Então, sem que ninguém esperasse (nem eu mesma), surtei, metendo-me no que não era de minha conta: falei para o meu amigo cuidar-se em relação a uma paternidade indesejada. Absurdo, mas foi isso mesmo. E, para surpresa, numa voz mais de reclamação pela minha invasão do que, talvez, pela aceitação da idéia, ele respondeu que se a Natureza assim o quisesse, ele nada poderia fazer. (É incrível como não consigo lembrar exatamente

as palavras que usei para falar-lhe sobre o cuidado a ter para evitar uma possível gestação que, no meu entender daquele instante, viria em momento impróprio – impróprio para quem, meu Deus?) Mas me lembro exatamente o tom da resposta, a reverberação por todo o meu corpo, por toda a minha alma. Foi como se um rolo compressor me espremesse, empurrando para a garganta todo um palavreado inconveniente e desnecessário.

Algo se desprende do fundo do meu ser e, então, falei de mim. Do quanto era mimada desde a casa dos meus pais e do quanto, já adulta, a constatação dessa característica apontada por dois amigos – grandes amigos – obrigada Luís e Ernestina!-doeu. O que era ser mimada? Na hora, não consegui entender, mas pressentia a presença de algo indesejável nessa conduta que, segundo eles, eu deixava transparecer. Como? Não sei. Até aquela época, parecia-me que ser mimada era a mesma coisa do que ser amada. E eu sempre amei muito para muito ser amada.

– Mimada, eu sempre fui.

(Não houve resposta, começava o solilóquio.)

– Desde pequeninha todos me tratavam muito bem.

(Meu companheiro de jornada continuava mudo).

– Desde sempre fui mimada.

(Nada, o silêncio só era quebrado pelo ruído dos pneus no asfalto dos carros apressados.)

De verdade, sempre fui mimada: meus pais, meus filhos, alguns amigos, todos me mimavam. Da infância à maturidade. Até certa época da minha vida tudo, mas exatamente tudo o que eu quis, consegui. Mandava e era obedecida sem restrições. Até o momento em que a vida mostrou-me o outro lado, aquele em que o trabalho pessoal e íntimo leva em consideração também o querer e o bem-estar do outro.

Reconhecia o quanto modifiquei a minha vida depois da observação dos meus amigos açorianos (e talvez tenha expressado esse sentimento em voz alta). Muito tempo se passara desde

então e, agora, tudo se revolvía dentro de mim numa velocidade comparável a de um redemoinho. Abrira um canal por onde desfilaram pensamentos originados de estudos espirituais que se misturavam a fatos do meu passado, principalmente no muito que perdi na trajetória dos últimos anos.

Por mais que o meu instrutor apressasse o passo, começava a compreender que uma das coisas que parecia me confortar era, na verdade, a constatação, não do quanto eu fora amada, mas da intensidade de amor que eu desencadeara em mim própria e nos que amava. E avultou a pequenez dos meus desejos frente às necessidades dos que compartilhavam a vida comigo. Deveria existir a troca, sim, mas eu não poderia forçar ninguém a me querer.

E enquanto discursava, ao lado do silencioso instrutor, tirando do inconsciente todo o juízo pré-concebido, foi me clareando a idéia de que para o meu egoísmo de criatura mimada faltava uma dose agigantada não só de humildade, mas, sobretudo de... E a palavra custou a vir, mas veio, em meio àquela alucinação verbal: RENÚNCIA.

Certamente, minha consciência parecia despertar. Entretanto, a razão, empedernida com tantas razões distorcidas pelo meu ego, não me permitia usar de um raciocínio lógico – cada vez mais me sentia num turbilhão, enquanto os passos iam naturalmente diminuindo da aceleração até então mantida naquele treino matinal.

Ao subir o leve aclive da ponte da Lagoa, sabendo que meu mestre me seguia – em silêncio continuado –, pela calçada estreita, como se ele fosse capaz de acompanhar as deduções geradas pelo meu consciente desperto, assim como se estivesse em plena conexão comigo, entendendo o meu raciocínio (agora me dá vontade de rir ao pensar em tal absurdo, nessa presunção da minha parte), desde a criança mimada que eu fora até chegar à renúncia de uma anciã infeliz, desapareci:

– A morte tem cinco fases: a perda, a negação, a raiva, a aceitação e a transformação. (Esse poderia ter sido o princípio de um discurso anunciado sobre o desprendimento, a abnegação, naquele momento, estava totalmente fora de propósito.)

E o meu amigo não suportou mais:

– Morte? Por que falar na morte, quando é de alegria, de vida que necessitamos?

Uma vibração baixa estabeleceu-se entre nós a partir daquele instante. Perdi-o. Mesmo no carro, eu continuava a falar, tentando minorar a sensação de afastamento. Meu amigo respondia, de quando em quando, mais por educação, acredito agora, do que por interesse nos assuntos que eu me forçava a engendrar.

E assim fomos até a Beiramar, num esforço enorme da minha parte para que o meu *personal* sáísse do que eu considerava um baixo astral (nem por um segundo pensei numa outra hipótese). Em casa, continuando o ar cada vez mais denso entre nós, ouço o que, francamente, não esperava, já que considerava que a energia negativa que nos fazia estranhos havia sido atraída pelo meu treinador em dado momento do trajeto. Eu não sabia exatamente onde. Na verdade, eu o culpava por aquele estremelecimento negativo. E ele, sentindo a tempestade que se aproximava:

– Tu é que puxaste essa energia negativa.

Surpreendi-me. Fiquei ofendida. No meu pensamento, havia me esforçado ao máximo para manter a conversação e o clima descontraído e, agora, o meu amigo tirava o corpo fora, acusando-me, embora seu tom tenha sido conciliador, com uma firmeza que me chocou.

Na despedida, mais uma surpresa:

– Relaxa, me disse ele, já dentro do elevador.

Que recomendação sem propósito, pensei. Nem me lembrei que na hora de servir-lhe o café, minhas mãos tremeram a ponto de derramar o líquido quente não só no pires, mas sobre as suas pernas, sujando-lhe a roupa.

Com um olhar triste, o instrutor se foi. Penso que me tentava fazer compreender o seu silêncio.

O começo da tarde foi difícil. Mesmo tendo parado para pensar no acontecido, minha alma estava perturbada. Isolei-me a fim de meditar. Tentei rever cada momento da nossa trajetória naquela manhã: haveria de existir, e eu o encontraria, o ponto em que a energia começara a mudar, aquele mal-estar provocado pela queda de tensão interna do meu treinador (triste quando não vemos o argueiro que nos cega!). Peguei papel para desenho, giz pastel e lápis cera: iria rabiscar; pelo desenho de cada estação do nosso trajeto, eu descobriria a falha, o momento certo em que, entre nós, caíra a energia que, até então, como era de costume, se mostrava altamente positiva. E comecei o trabalho de garimpo mental e artístico: era preciso descobrir o quê e o quando daquela troca de humor. Haveria de encontrar uma explicação para tanto silêncio por parte dele.

Fiquei horas nessa labuta interna até ser interrompida por uma Naturóloga que vinha para um trabalho de revisão textual exatamente sobre uma pesquisa a respeito dos benefícios da utilização do *Lian Kong*. Depois de uma hora de trabalho, não me contive e falei-lhe do que me angustiava, do que vinha me preocupando desde o período matutino. Claro que não entrei em detalhes, mas quando mencionei o sentido de renúncia a que chegara diante da minha vida pregressa, Lia, que me conhece há algum tempo, pegou um lápis e, mostrando-o, disse-me, com firmeza:

– Digamos que tu gostas muito, mas muito mesmo, deste lápis e que alguém de quem também gostas muito, queira-o para satisfazer uma necessidade vital. Qual a tua reação? Como vais resolver o impasse sem sofrer a perda?

Bem, se eu gostasse de quem queria meu lápis preferido, eu lhe daria, sem dúvida alguma, pensei. Mas Lia continuou:

– Imagina que, para ti, a posse do lápis representa a felicidade e tu o queres manter junto a ti porque, se o perderes, a vida não mais terá razão de ser.

Aí a situação começou a piorar.

Por outro lado, também deste lápis depende a felicidade da pessoa que mais amas no mundo que quer o lápis para oferecê-lo a uma terceira pessoa a quem ele escolheu e a quem vai fazer muito feliz presenteando com o teu lápis, por isso que também o quer. Me diz, o que farás? Ficarás com o lápis ou vais passar à mão do teu amado para que ele presenteie a pessoa que mais ama?

Da boca para fora eu sabia qual a resposta dar. Ela, porém, me impediu de responder.

– Pensa! Se insistires que o lápis/pessoa amada permaneça contigo, perderás o seu amor; portanto, mesmo que ele fisicamente esteja contigo, perdê-lo-ás, visto que ama mais a terceira pessoa, ou ama de outra forma. Mas se o cederes, querendo-a ainda, sofrerás muitíssimo. De nada te adiantará cederes o teu amor se continuares a querê-lo/amá-lo, porque a tua energia ficará impregnada nele para sempre, impedindo-o que se cumpra conforme a sua missão, isto é, negando-lhe a possibilidade de ser feliz. Se renunciarestes simplesmente pela renúncia, pelo que a ética te indica, todos serão infelizes.

Portanto, era fatal entender: para renunciar ao meu desejo (de ficar com o lápis) seria preciso um esforço desmesurado grande, quase intransponível naquele momento. Desapegar-me do meu lápis imaginário, daquilo que tão veemente quero, seria ir além da abnegação e do despojamento total do querer.

Como é difícil morrer para que outro tenha vida!

A morte de um apego significa despir-se de verdade de qualquer e todo sentido de posse, quer seja de pessoa ou de objeto. Desprender-se é, num dia chuvoso de inverno, dar a roupa toda, ficando nu sem sentir frio mesmo com a temperatura climática abaixo de zero, não importa se a roupa for aquecer tanto o meu

amor quanto uma terceira pessoa. É dar a roupa... É dar... É doar-se. É não importar-se verdadeiramente mais com. É entregar-se a si mesmo sem esperar nada do outro.

E, então, pensei: desapegar-me de quê? Havia alguém ou alguma coisa de que eu deveria desapegar-me? Seria esse o problema? Pensei mais um pouco e me convenci: a minha renúncia, aquela sobre a qual eu tentara falar para o treinador nada tinha com o que a minha amiga Naturóloga estava tentando me dizer.

Será que não tinha?

A aluna despediu-se. Fiquei sozinha. A dor na nuca aumentara. Uma cólica esquisita apertava o meu ventre. Meu segundo *chakra* estava em polvorosa. Deitei para descansar.

Acordei-me cinco horas depois e fui direto ao computador. Precisava escrever. O material de pintura estava de prontidão, era só esticar o braço. Mas, antes de ligar o computador à tomada, meus olhos se depararam com a obra de Francisco do Espírito Santo Neto, ditada por Hammed, *As dores da alma*.³³ Exultei: naquele livro psicografado haveria de encontrar um lenitivo.

Realmente, muito do que Lia havia me ensinado, ali estava escancaradamente explícito: “não adianta fecharmos as cortinas da janela da alma”, agirmos só porque é assim que nos manda a consciência; isso é um “desapego defensivo”, apenas uma fuga da realidade, uma “resignação neurótica” e não uma atitude ponderada capaz de gerar alívio e felicidade para quem quer que seja.

Esse medo de amar imposto pela idéia de que a vida é resignação enfraquece as pessoas se elas continuam querendo aquilo que deixam fugir de suas mãos por falta de dedicação e cuidado. Se a gente ama, tem de dizer, de falar sobre o assunto, de expressar esse sentimento. Todos podem conquistar o direito

33 Catanduva, São Paulo: Boa Nova Editora, 2003, p. 25-31.

de estar com quem querem estar, desde que a recíproca seja verdadeira. Impossível conter os sentimentos, fazer de conta que tudo está bem. Não dá para fingir, para esconder. Negar o amor é o mesmo que sangrar o próprio coração. Tem que esperar, gritar, chamar pelo ente amado... E compreender... se ele não vier.

Mente quando o renunciante diz que não se importa, que amanhã estará tudo esquecido, que ninguém é insubstituível, que isso e aquilo. Mente quando, friamente, esboça um sorriso de pouco caso, mascarando a terrível dor que lhe consome o âmagô. Mente para não se sentir frustrado, à mercê da piedade alheia (ó, isso é monstruoso!). Bloqueia seus sentimentos quando não consegue expressá-los pela emoção, pensando que assim estará se protegendo dos conflitos, porque supõe que renunciou verdadeiramente, quando, na verdade, apenas desistiu “do anseio, da vontade, da satisfação” de estar com a pessoa amada e da sua realização como pessoa; quer dizer, restringe e mutila a sua vida ativa, numa atmosfera de falsa renúncia e altruísmo.

Uma atitude autoimposta de alheamento quando o coração está em chamas por um bem perdido agride, afasta-nos do “caminho natural e nos desvia do dinamismo evolutivo da Vida Providencial”. É inútil “fecharmos as cortinas da janela da alma”, como escreveu Espírito Santo Neto, escondendo a dor da renúncia induzida. Corre-se o risco, nesse caso, de abandonar a conexão consigo mesmo, perdendo a dignidade enquanto indivíduo. Aquele que renuncia falsamente torna-se um morto-vivo sem saber o que verdadeiramente quer para si: “não mais navega os mares nem desbrava os continentes de seu reino interior”, desviado que está de sua rota existencial.

Se a pessoa quiser realmente renunciar, se essa for mesmo a decisão, há de ter a consciência de que é para sempre, que não haverá jamais dor e arrependimento. Como disse Jesus Cristo, muito bem lembrado por Hammed: “Se o grão de trigo que cai na

terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto”. Quer dizer, para verdadeiramente o desapego ser válido, há que o apeço pelo indivíduo ou objeto amado seja transmutado, só assim é possível a libertação do sofrimento pela perda.

Libertar-se de um sentimento é um processo de contínua renovação na direção oposta ao sofrimento: a que nos leva à alegria de viver, construída e mantida constantemente. É olhar a colheita com olhos de ver o trigo que, generoso, se oferece em nutrição. É aceitar a efemeridade das coisas e a sua impermanência nesta existência. É lembrar-se de que a alma permanece. E se agora tudo passa, e é consumido pelo tempo cronológico, o amor, quando verdadeiro, se perpetuará em todo tempo/espaço, expandindo-se pelo universo.

E por que muito amei, não poderia deixar aquela visualização à beira da água sem que restaurasse a sua imagem. E nesta nova imagem que agora lucidamente vejo, está o treinador, à proa de uma lancha, corcoveando pelas águas azuis da Lagoa da Conceição, entusiasmado diante da tarefa a desempenhar: seus atletas, nos outros barcos, aguardam a orientação precisa para que a regata se inicie. E eu, na praia, sorrio: em breve a lancha retornará para que, pela primeira vez, eu embarque no meu sonho e deslize lagoa adentro, e mar afora, sentindo no rosto o suave perfume do vento enquanto as mãos, roçando o espelho d’água recebem a bênção de Yara e de Yemanjá.

Vilca Marlene Merízio

ZELKA DE CASTRO SEPETIBA



Filha de José Pereira de Castro e Maria das Neves Moreira de Castro. Nasceu no Rio de Janeiro, em 21 de janeiro de 1943.

Curso Primário: “Escola Primária D. Ida Schmidt” em Lages, 1951-1954.

Curso Secundário: Científico no Colégio Diocesano de Lages, 1959-1961. Em 1963 prestou vestibular para Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Faculdade Santa Úrsula. Cursou o 1º e 2º anos na Faculdade Santa Úrsula, tendo cursado o 3º e 4º anos na Universidade Federal de Santa Catarina. Concluiu o Curso em 10/12/1967.

Curso Superior: Licenciatura Plena em Letras; Português – Inglês – Literaturas Brasileira e Portuguesa; Inglês – Literaturas Inglesa e Americana. – Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina, 1982-1985. – **Tese:** “Uma Introdução à Análise Semiótica – Prática”, 1985.

Professora Concursada no Instituto Estadual de Educação, 1969 (onde lecionou Português e Inglês). – Professora Titular da Faculdade de Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina, 1975-1995, lecionando Língua Portuguesa, Literaturas

Brasileira, Portuguesa, Catarinense, Português Instrumental, nos Cursos de Pedagogia, Biblioteconomia, História e Geografia. – No Curso de Educação Artística da Universidade do Estado de Santa Catarina, lecionou Língua Portuguesa, Fundamentos de Expressão Humana e Comunicação – FECH, 1978-1984. – Professora de Língua Portuguesa na Academia de Polícia Militar, no Curso de Formação de Oficiais – 1º CFO, 1987-1992, convênio com a Universidade do Estado de Santa Catarina. – Professora de Teoria e Prática de Redação no Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar – 2º ano, convênio com a Universidade do Estado de Santa Catarina. – Participou de diversas Bancas para Seleção de Professores na Universidade do Estado de Santa Catarina – Faculdade de Educação.

– Participou da Elaboração de Provas do Vestibular da Associação Catarinense das Fundações Educacionais, 1978-1984, e da Universidade do Estado de Santa Catarina, 1992-1995. – Como Jurada participou de Concursos Estaduais para escolha de melhor Conto e melhor Crônica.

Cadeira nº: 06

Posse: 18-12-1996

Título: Não informado

Patronesse: Antonieta de Barros

Título: Educadora / Política

AS CUBANAS

Um grupo de amigos reunidos planejou uma viagem à Europa, uns já conheciam alguns países, outros não. E a empolgação foi tanta que todos fizeram belos planos para a viagem.

Um grupo de professores da UFSC convidou parentes e o passeio foi se estruturando. Cerca de 15 pessoas entre professores e amigos partiram de Florianópolis para São Paulo e de lá a Madri.

Uma turma bem animada e entropada que pensava em se divertir, conhecer novos países e suas histórias.

Chegando à Espanha conhecemos de início Madri e depois Barcelona, Toledo e outras cidades. Tudo lindo, maravilhoso. Era setembro, a temperatura estava agradável e conhecemos todos os pontos turísticos. Nosso guia era um rapaz de São Paulo, acostumado a acompanhar brasileiros pela Europa.

Um ônibus muito confortável fazia nosso transporte, éramos mais de trinta pessoas viajando pela Espanha, tinha argentinos, americanos, cubanos, todos muito simpáticos. O motorista era um espanhol bem educado e políptico que ajudava pessoas mais idosas a descer e subir para o ônibus. Transcorria tranquilamente o passeio. Costumávamos, pois, descer do hotel só retornando a noite.

Desta forma conhecemos a Espanha, Suíça, Portugal, ora íamos de ônibus, ora íamos de trem.

Muitos gostavam de fazer compras em todos os lugares, outros ser interessavam mais pela história e os costumes dos países e pessoas.

Em cada país nos hospedávamos em hotéis antigos, mas muito bons com excelente café matinal.

Foram trinta e poucos dias de viagem, permanecendo cerca de quatro a cinco dias em cada país. Para mim que viajava pela

primeira vez à Europa, estava tudo ótimo. Os novos conhecimentos me deslumbravam. Era um sonho que se realizava!

Almoçávamos em restaurantes típicos e aconchegantes, tudo muito organizado, pois nosso guia conhecia bem estes lugares!

Nós tínhamos um professor que viajava acompanhado da mãe, uma senhora de oitenta e cinco anos, sua esposa e sua irmã. Ele idealizou a viagem e nos orientava, era nosso segundo guia.

À tarde freqüentávamos confeitarias famosas provando as especialidades do país.

Algumas pessoas cansadas preferiam ficar no ônibus, em geral, três cubanas que sentaram no primeiro banco e tinham certeza estavam neste grupo. Eram três velhinhas muito simpáticas e falantes que se davam com todos, muito comunicativas num inglês perfeito.

Todos estavam felizes, a viagem transcorria em paz, estávamos aproveitando bastante.

Numa das paradas para lanche, todos saíram do ônibus exceto as cubanas.

Ficamos uns quarenta minutos na confeitaria.

Nosso amigo professor com sua mãe, esposa e irmã chegando ao ônibus abriu sua mochila e surpreso constatou a falta de seus passaportes, bem como de uma carteira com dólares. Todos verificaram seus pertences a procura dos passaportes e do dinheiro. Ficaram muito apreensivos e criou-se um grande mal-estar. O guia comentou que alguém deveria ter entrado no ônibus enquanto lanchávamos. Impossível, essa possibilidade, pois as três idosas ficaram no ônibus, comentou um tripulante.

Então sugeri que todos novamente abrissemos nossas sacolas, mochilas para verificar o conteúdo. Assim fizemos e todos prontamente se prontificaram a ajudar.

O professor sentava-se à direita das cubanas e elas não queriam abrir suas sacolas. Então decidimos abrir uma mochila

das cubanas e para surpresa geral, os passaportes e os dólares ali estavam.

Pedimos ao guia que nos levasse a uma delegacia para registrarmos o ocorrido. Elas negaram ter mexido na sacola do professore afirmando que alguém colocara ali os pertences.

O guia ficou encarregado de levar as três cubanas para a delegacia e nos dirigimos ao hotel.

Na manhã seguinte, as três senhoras haviam deixado o hotel e o guia não conseguiu nos convencer de que ele não conseguira levá-las à delegacia.

Uma viagem tão bem organizada e divertida quase que acaba em desastre para o professor e sua família.

Por isso, todo cuidado é pouco quando estamos viajando com estranhos.

Continuamos nossa viagem refletindo sobre o acontecido.

Não é por ser idosa que uma pessoa está isenta de ser suspeita. O ser humano é o mesmo com qualquer idade.

WILLIAM WOLLINGER BRENUVIDA



William Wollinger Brenuvida, paulista de São Bernardo do Campo (17/06/1979). Filho de Adilson Domingos Brenuvida e Elizabeth Wollinger Brenuvida. Irmão de Wellington e Caroline. Escritor e poeta radicado em Santa Catarina desde 1998. Graduado em Direito e Especialista em Processo Penal pela Universidade do Vale do Itajaí.

Escreveu os trabalhos: *“O Menino e as estrelas”* (poesia/2003); *“Trabalho Penal: fator de auto-estima, valorização e inclusão social do condenado”* (monografia/2005); *“Luz Lembrada – Jyoti”* (poesia/2007); *“Tortura como meio de prova: aspectos da lei 9.455/97 (lei da tortura)”* (monografia/2008). Em andamento coletânea poética: *“No cair das folhas”*. Contribui com jornais da grande Florianópolis. É colunista do Jornal *“O Rebate”*, de Macaé-RJ.

Ativista sócio-ambiental nas seguintes entidades: Academia de Letras de Governador Celso Ramos (cadeira n. 06) – patrono Francisco Wollinger; Academia de Letras de Biguaçu (cadeira n. 11) – patrono Juvêncio Araújo Figueiredo; APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais; APREMAG – Associação de Preservação do Meio Ambiente de Governador Celso Ramos;

CBHRT – Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Tijuca; Conselho da APA do Anhatomirim; Conselho de Assistência Social de Governador Celso Ramos. Delegado Territorial pela comunidade de Canto dos Ganchos, para revisão e aprimoramento do Plano Diretor. Suplente de vereador (2004). Exerceu as funções de Coordenador do Meio Ambiente (2005) e Diretor de Saneamento Básico (2005-2007) na administração municipal de Governador Celso Ramos.

Especialista em Direito Processual Penal. Acadêmico de Jornalismo. Secretário da Academia de Letras de Biguaçu/SC. Membro-correspondente da Academia Cabista de Letras/RJ. Publicou: “*O Menino e as estrelas*”, “*Luz Lembrada (Jyoti)*”. Participou de antologias de prosa e poesia. acangatu@gmail.com

Cadeira nº: 11

Posse: 14-05-2008

Título: Poeta

Patrono: Juvêncio Araújo Figueredo

Título: Poeta

QUANDO ELA SE MOVE

A multidão toma o amplo saguão em silêncio. Se o relógio digital em letras vermelhas não acusasse às seis horas da manhã, Georg não saberia dizer se era dia ou noite. A falta do sol, da chuva, e do vento denunciava a ausência do tempo. Do tempo como se conta, e não do tempo como se narra. O tempo talvez estivesse apenas na consciência, como uma baliza que limita, diria Georg observando uma placa luminosa com os dizeres: *“Doe qualquer quantia ao Fundo Nacional de Proteção as Florestas. Pense! Talvez não haja tempo”*. Alguns vagões do metrô estacionam na plataforma, mas Georg permanece estático. Um velho se aproxima, pedindo uma moeda. Georg tira do bolso uma moeda dourada. O velho agradece e ajeita o violão sobre uma calça de sarja azul surrada, e canta: *“There are places I remember all my life/ Though some have changed/ Some forever, not for better/ Some have gone and some remain.”*. Faz breve pausa e reinicia: *“All these places had their moments/ With lovers and friends I still can recall. / Some are dead and some are living/ In my life I’ve loved them all.”*³⁴. Georg olha para direita. Um menino pede doações, e em sua caneca vem escrito: *“contribua com o Ancionato Bom de se viver. Você já pensou em sua vida futura?”*. Georg deposita outra moeda e decide cumprimentar o ancião. O velho não mais estava. Apenas um assovio no amplo saguão vazio se ouvia. Era a melodia de *“In my life”*.

Por vezes a terra tremia, porque não se sabia. O que se sabia é que o sacolejo da terra movia tudo. Movia a terra; movia as pessoas; movia as estruturas; movia a consciência. O vagão do trem era parte. Parte do todo, mas que também se movia;

34 “Há lugares dos quais vou me lembrar/ por toda a minha vida, embora alguns tenham mudado/ Alguns para sempre, e não para melhor/ Alguns já nem existem, outros permanecem/ Todos esses lugares tiveram seus momentos/ Com amores e amigos, dos quais ainda posso me lembrar/ Alguns já se foram, outros ainda vivem/ Em minha vida, amei todos eles”

que também tremia, e porque não se sabia. “O sacolejar exigia molejo”, diria Georg, tentando se lembrar das aulas de Ciências e Geografia. Complexos arranha-céus brotavam das entranhas da terra e atingiam alturas inconcebíveis aos olhos humanos, mas que estavam ali, edificadas como se dissessem ao tempo: “*Somos eternos. A eterna obra humana sobre a terra*”. Mas também eles se moviam, e tremiam. O sacolejar exigia molejo. Molejo dos prédios, dos trilhos, dos trens, dos humanos em sua saga sobre a Terra. Mas porque não se sabia. Ninguém ousava perguntar. As pessoas somente repetiam, às pressas: “*Sacolejar exige molejo*”.

Georg escolheu o assento da esquerda, do lado da janela. Não havia nada pra ver, mas era hábito. Acompanhou os passos que se aproximavam. O único assento vazio era a sua direita. E de repente, imaginou estar ouvindo alguém assoviando uma melodia que ele interpretou assim: “*Something in the way she moves*”³⁵. Era uma silhueta de moça. E o jeito que ela se movia, suavemente, movia também a consciência de Georg. Inconstante e sem censura era a imaginação. Ele abriu um livro e fingiu que não a notara, mas torceu. Ele torceu para que ela o enxergasse, para que soubesse que aquele era o único assento vazio de todo o trem. Por um momento pensou: “*vai que ela fique de pé*”. Mas a longa viagem, talvez, o ajudasse. Afinal, quem é que aguentaria aquele trecho em pé, não é mesmo? Imaginou alguns cenários. Imaginou que pudesse... Deixou de pensar. Era tolice. A imaginação não tinha mesmo censura. Voltou a ler, quando a moça pediu licença para compartilhar aquele espaço. Fechou o livro. Esboçou uma reação, mas se conteve. O que ele diria? Por onde começar? Continuar? E se ela descesse na próxima estação? Perguntaria a estação, seu nome, onde morava, onde trabalhava, para aonde iria? Talvez não. Pareceria interrogatório. A velha máxima de que o inferno estava repleto de boas intenções, ainda vigorava. Resolveu dizer

35 Há algo quando ela se move.

que a viagem estava demorada aquela manhã, mas o trem rápido se deslocava. Foi que, por acidente, ou circunstância, ou destino a terra tremeu. Num súbito instante ela tentou se agarrar em algo. Segurou o braço de Georg, que teve um motivo pra dizer:

- Sacolejar exige molejo! – e olhou nos olhos da moça, ainda sem jeito, com ar de admiração diante dos olhos azuis. Um azul turquesa profundo, como se alguém os tivesse pintado a mão.

- É... - respondeu a moça, um pouco sem jeito. Enrubescida tinha ela a face. Com vergonha talvez.

- A terra tem tremido muito nos últimos dias, não é mesmo?

- É mesmo, e como você disse aí: *“sacolejar exige molejo”*. Coisa que eu... Eu não tenho. Esses tremores me irritam, me tiram do eixo, fazem com eu não raciocine direito. Compreende?

- Sim... Apesar de saber que tremores são fenômenos naturais, eu desconfio de outras coisas.

- De que desconfia...? – e sem deixá-la terminar, Georg emendou:

- Georg. Meu nome é Georg. E o seu?

- Anna.

Georg estendeu a mão. Poucas pessoas ousariam fazer aquilo. Estender a mão deixara de ser uma honraria, e mais nada significava. Mas para alguns ainda guardava a ideia de afeição, compromisso, lealdade, confiança. Anna estendeu a mão. Era uma mão grande, mas delicada. Ela sorriu e ele guardou aquela feição, como se fotografasse com toda luz que o ambiente oferecia. E luz era algo raro.

- O governo e algumas empresas estão terminando as perfurações em busca do núcleo da Terra – disse Georg, tentando estender a conversa.

- Eu soube. Estão bombardeando com átomos de hidrogênio. Estão fazendo isso há cinco anos, e a cada vez mais a Terra treme.

Georg ficou impressionado. Talvez ele repetisse aquilo, com outras palavras, mas decidiu ouvir a melodia que partia da moça.

- Já notou que cada vez menos subimos a superfície? Que cada vez menos enxergamos árvores, flores, animais... Que o sol chega menos amarelo; que o céu é menos azul; e que os dias são interminavelmente mais frios? Tenho percebido que vivemos mais em nossos subterrâneos. E sei que as vibrações que antes não eram sentidas a noite, agora nos acordam durante a madrugada. É o que eu tenho notado.

- Um dia aprendi que a explosão atômica na atmosfera era como o *Brilho de Mil Sóis*...

- A destruidora de mundos. Sei. – respondeu Anna. E completou: - Li no *Bhagavad-Gita*. Um livro religioso hindu que versava assim: “*Se o brilho de mil sóis/ explodissem no céu/ isso seria como o esplendor do Todo Poderoso/ Tornei-me a Morte,/ Destruidora de mundos*”. Infelizmente esses livros não mais existem. As regras, todas elas, sempre mudam, não é mesmo?

- Acha que quando eles atingirem o núcleo da Crosta ainda haverá amanhã?

- Os efeitos da radiação, dizem, são nocivos a saúde humana. O que sabemos, pelos livros, jornais, revistas, relatos, e tudo aquilo que pode ser guardado pela espécie humana, é que a radiação trouxe mais malefícios do que benefícios. A exposição a radiação traz deformidades físicas; câncer; leucemia; degeneração óssea; mutações genéticas; poluição da água e do ar. Eu nem me lembro mais de como era a superfície antes, e chego a duvidar dos cartazes em defesa das florestas. Penso que todo recurso vá para esse plano maluco em se atingir o núcleo da Crosta Terrestre.

Georg emudeceu. Tudo silenciou. Achou que ouvira alguém assoviando a melodia de “Something”. E jurava que o velho soprara ao seu ouvido: “- Nunca achou que há algo quando ela se move?”

- Lembro, com saudade, de alguns crepúsculos como eterna paisagem. – Disse Anna. E ela trouxe Georg à tona novamente.

– Lembra de um verso de *Across the universe*, dizendo que os pensamentos se moviam como um vento incansável dentro de uma caixa de correios? – E os dois cantaram um trecho da canção:

“Images of broken light which dance before me like a million eyes,/They call me on and on across the universe./Thoughts meander like a restless wind inside a letter box,/They tumble blindly as they make their way across the universe/ Jai guru deva, Om”.³⁶

- Georg! Sabe mesmo o que eu acho?

- Diga... - entusiasmado e assustado com aquele novo ser que lhe transpassara o caminho.

- *O passado e o futuro são distrações, atraindo-nos para um estado mental abstrato que nunca terá vida*³⁷. Se quiser tomar um café comigo, eis meu cartão. Mas vou logo avisando. O meu café é forte, e tem sabor de desafio, com pedaços de chocolate. Preciso ir. Desço na próxima estação.

No cartão estavam: nome completo, ocupação, e-mail, e telefones. No verso um pensamento que dizia: “*O que for a profundidade do teu ser, assim será o teu desejo. O que for o teu desejo, assim será tua vontade. O que for a tua vontade, assim serão teus atos. O que forem teus atos, assim será teu destino.*”. (*Brihadaranyaka Upanishad IV, 4.5*)

Anna beijou a face de Georg, que não teve tempo de dizer adeus. A silhueta de Anna desaparecera como houvera chegado. Numa fração de segundo, no estampido do trem e todo seu sacolejo desengonçado, obra do acaso, do destino, das circunstâncias. Naquele instante, a Terra tremera tanto que não havia mais luz, nem eco, nem cheiro, nem sol, nem árvore, nem chuva, e nem

36 Imagens de luzes quebradas que dançam na minha frente como milhões de olhos /Eles me chamam para ir pelo universo / Pensamentos se movem como um vento incansável dentro de uma caixa de correio /Elas tropeçam cegamente enquanto fazem seu caminho pelo universo/ Glória ao mestre”.

37 Atribuído a Deepak Chopra.

vento. Na lembrança de Georg o cheiro do café forte com pedaços de chocolate, e os olhos penetrantes de Anna. Eram azuis. Um azul turquesa profundo, como se alguém os tivesse pintado a mão. E Georg sentiu. Sentiu como se, de seus lábios partissem uma melodia assim: “*She’s got a ticked to ride*³⁸, *she’s got a ticked to ride...*”.

Poesia

38 “Ela tem uma passagem para ir embora”.

LEGÍTIMA MANEZINHA DA ILHA

Guapuvuru é árvore símbolo
Da Vila de Nossa Senhora do Desterro
Em Ganchos e São Miguel é bem-vindo
Acolhe, sem pejo, de braços abertos.

Garapuvu floresce dourado na Primavera
Com um enigmático guarda-chuva
Menino malcriado tenta, mas não supera
Seu tronco liso, em noite de lua, a morada da bruxa.

Guapuruvu, fischeira, “pau-de-tamanco”, badarra,
Bacurubu, umbela, pau-de-vintém, e garupuvu.
Faveira, bacuruva, birosca, e pataqueira.
Árvore prazenteira, da família das fabáceas.

Pra quem duvida é remédio pra mazela,
quando caboclo se mete em acidente ofídico.
De altura tem mais que vinte metros,
a madeira mole sempre foi canoa de índio.

Árvore de clima tropical e subtropical,
é o refúgio da cantoria das cigarras.
É nativa do Brasil e ocorre até a América Central,
mas tem orgulho mesmo, de ser *manezinha* da Ilha.

PASSAGEM

Quando meu espírito abandonar esta candeia,
Iluminará como num eterno-retorno.
Bradará o sino da capela em onomatopéica silhueta
para acordar as crendices e as bisbilhotices do povo.

Ao partir eu não peço caravanas ou procissões.
Terei a proteção do gigante adormecido,
e os bramidos do mar como modestas orações.

Eu não peço lágrimas. Não me cansem as lástimas,
não me façam acordar antes de completa a jornada.
Saberei que terei sido a semente que venceu na terra.

Assaz regressarei, para compor cada evento no universo
em canções cósmicas de acalanto e aconchego.
Sentirei o oceano do conhecimento num verso de paz.

A TUA VOZ TORCIDA

Gritava em mim, a tua voz torcida.
Distorcida lembrava o colorido do vento.
Implacável era tua imagem na minha retina.

Num instante era o Pacaembu lotado,
no branco e preto da minha alma nobre
resplandecia o teu sorriso vibrante.

Enquanto os guerreiros de São Jorge
desafiavam o dragão no espaço-tempo,
altaneiro era por ti o meu sentimento.

E se a energia das arquibancadas,
tivesse o brilho resplandecente de mil sóis,
pararia o vento e acalmaria o viço do meu íntimo.

Num instante era a Fiel bandeira paulista tremulando,
um símbolo que em si traz a paz e a esperança.
Voz torcida que descortina um céu cinza-chumbo.

ANJOS ESPECIAIS

Na matéria bruta humana um novo ser é lapidado.
É um estranho aos olhos dos incrédulos e dos insanos,
mas resplandece a inocência de um anjo, de uma criança.
Quis a divina providência fosse o seu sorriso iluminado.

Seres de luz. Meninos-gigantes. Anjos em corpos humanos.
Traduzem com leveza e simplicidade a busca intangível
pela lucidez, continuidade, e liberdade da alma humana.
Quis a mensagem ser dita com ousadia e sensibilidade.

Bate a minha porta um apelo. E eu respondo o chamado.
Que eu grite contra uma época em que eram eles lançados
em masmorras, porões, celas, precipícios, e quartos
fechados.

E se há mistérios nesta vida, de nossa origem neste
universo,
são os excepcionais, anjos especiais, seres transcendentés
que iluminam a metáfora do tempo, merecendo o nosso
respeito.

ILHA DE ENCANTOS...

A ilha querida tem poesia musicada do mestre Zininho, sempre uma beleza sem par. A bela Floripa, que muitos assim chamam negando a alcunha da ilha de Floriano, é a antiga Desterro com seus casarios coloniais com mais de duzentos anos. Ruas, praças, becos estreitos. Gente feliz e descontraída, e um mergulho em sonhos futuros. Bem no centro há uma praça com árvores frondosas, onde se destaca uma centenária figueira. Bustos de pessoas que fizeram história, como o jornalista-engenheiro maçom Jerônimo Francisco Coelho. Há bancos onde repousam pombos, também anciãos em seus dominós lentos e falar desavisado. A praça guarda o vadio de bom coração, o casal de namorados, o executivo apressado, estudantes, e gazeadores. Nas noites a praça guarda outros mistérios nos dizeres arrastados e cantados dos manezinhos que cumprem ali e acolá o seu dia-mundo, sua odisséia na Ilha de Encantos.

